Nora Roberts

escrevendo como

J.D. ROBB



Nudez MORTAL

BERTRAND BRASIL



Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

NUDEZ

MORTAL

6ª EDIÇÃO

Tradução

Renato Motta

Copyright© 1995 by Nora Roberts

Título original: *Naked in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: DFL

2007

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Robb, J. D., 195 0-

R545n Nudez mortal / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb; 6a ed. tradução Renato Motta. – 64 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

350p.

Tradução de: Naked in death ISBN

978-85-286-1064-0

1. Ficção americana. I. Motta, Renato. II. Título.

CDD – 813

04-1249 CDU – 821.111(73)-3

6/393

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL

LTDA.

Rua Argentina, 171 – 1° andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (0XX21) 2585-2070 – Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra,

por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da

Editora.

O que passou é prólogo.

— WILLIAM SHAKESPEARE

A violência é tão americana

quanto a torta de cereja.

— RAP (HUBERT GEROLD) BROWN

CAPÍTULO UM

Ela acordou no escuro. Através das lâminas da persiana na janela os primeiros indícios turvos do amanhecer escorriam, lançando sombras oblíquas sobre a cama. Era como acordar dentro de uma cela.

Por um instante permaneceu deitada, simplesmente, estremecendo,

sentindo-se aprisionada, enquanto o sonho ia desaparecendo. Depois de dez anos na polícia, Eve ainda tinha pesadelos.

Seis horas antes, ela matara um homem, e assistira à morte penetrar em seus olhos. Não era a primeira vez que usara força extrema, ou tivera pesadelos. Aprendera a aceitar o ato e suas conseqüências.

Era a criança, porém, que a assombrava. A criança que ela não conseguira chegar a tempo de salvar. A criança cujos gritos haviam ecoado no sonho e se misturado com os dela mesma.

Todo aquele sangue, Eve pensou, limpando o suor do rosto com as

mãos. Uma menina pequena demais para ter tanto sangue dentro dela.

E Eve sabia que era vital descartar aquela lembrança.

Os procedimentos usuais do departamento exigiam que ela passasse a manhã fazendo testes. Qualquer policial que tivesse usado a arma em

uma ação que terminasse com morte era obrigado a passar por testes de limpeza

emocional e psiquiátrica antes de voltar às suas funções. Eve achava esses testes ligeiramente desagradáveis.

Ela passaria por eles, como já fizera antes.

Quando se levantou, as lâmpadas automaticamente se acenderam no

nível de luminosidade baixa, tornando claro o seu caminho em direção ao banheiro. Ao dar com o seu reflexo, recuou ligeiramente. Seus olhos estavam inchados devido à falta de sono, e a sua pele quase tão pálida quanto a dos cadáveres que ela encaminhava ao Instituto Médico

Legal.

Em vez de ficar apreciando aquilo, entrou no chuveiro, bocejando.

— Quero a água a 38 graus, em força máxima — disse em voz alta,

enquanto abria a torneira para sentir o jato atingi-la em cheio no rosto.

Deixou o vapor envolvê-la e a espuma escorrer indiferente enquanto revivia os acontecimentos da noite anterior. Não era esperada na Seção de Testes antes das nove, e usaria as próximas três horas para deixar o pesadelo se dissolver por completo.

Pequenas dúvidas e mínimas impressões de arrependimento eram

freqüentemente detectadas, e poderiam significar uma nova rodada de testes, ainda mais intensa, cercada pelas máquinas e pelos técnicos com olhos de coruja que as administravam.

Eve não pretendia ficar fora das ruas por mais de vinte e quatro horas.

Depois de colocar um robe, foi até a cozinha e programou o

AutoChef para fazer café bem forte e torrada tostada em nível médio.

Através da janela, já podia ouvir o zumbido pesado do tráfego no ar, carregando os viajantes madrugadores para os escritórios e trazendo os notívagos de volta para casa. Ela escolhera aquele apartamento, há alguns anos, pela boa

localização e o estilo leve, e gostava do barulho e das multidões. Dando mais um bocejo, olhou pela janela,

acompanhando o movimento chocalhante de uma antiga aeronave para transporte público que recolhia os trabalhadores que não tinha a sorte de ter um emprego na cidade ou em locais próximos de casa.

Colocando o *New York Times* no monitor, olhou rapidamente is manchetes enquanto sentia a cafeína artificial reforçar o seu sistema. O

AutoChef carbonizara a torrada novamente, mas ela a comeu assim

mesmo, com um vago plano de substituir o aparelho.

Estava com as sobrancelhas franzidas lendo o artigo sobre o *recall* em massa anunciado por uma fábrica de *cocker spaniels* robóticos quando seu *tele-link* apitou. Eve apertou o botão de comunicações e viu o seu oficial superior aparecer na tela.

— Comandante.

— Tenente. — Ele fez um aceno rápido com a cabeça, notando os

cabelos ainda molhados de Eve e seus olhos de sono. — Um incidente no número Vinte e Sete da Broadway Oeste, décimo oitavo andar.

Você é a policial que está mais próxima do local.

— Estou designada para prestar Testes — disse Eve, levantando a

sobrancelha. — Vítima morta às vinte e duas horas e trinta e cinco minutos.

— Nós a liberamos — explicou ele, sem inflexão na voz. — Pegue

seu distintivo e sua arma quando estiver a caminho do local. Código Cinco, tenente.

— Sim, senhor. — Seu rosto se preocupou quando Eve se afastou

da tela. Código Cinco significava que ela teria que se reportar diretamente ao comandante, e não haveria relatórios abertos inter-departa-mentais, e nenhuma cooperação com a imprensa.

Basicamente, significava que ela estava por conta própria.

A Broadway estava movimentada e barulhenta, como uma festa em

que os convidados brigões nunca iam embora. O tráfego de rua, tanto o de pedestres quanto o aéreo, estava horrível, sufocando o ar com o ex-cesso de corpos e veículos. Nos seus velhos dias de uniforme ela se lembrava daquele como um local de tumulto, com turistas se chocando uns contra os outros, ocupados demais em apreciar o espetáculo,

boquiabertos, em vez de sair do caminho.

Mesmo tão cedo já havia fumaça subindo dos quiosques de comida

que ofereciam de tudo, desde macarrão instantâneo até cachorro-

quente feito de soja, para a multidão que aumentava. Teve que dar um golpe de direção para não atropelar um ávido vendedor de espetinhos defumados, e seguiu na direção que o seu dedo médio apontava.

Estacionou em fila dupla e, desviando-se de um homem que fedia

mais que a garrafa de cerveja que segurava, chegou à calçada. Olhou o prédio com atenção, antes de entrar. Cinqüenta andares de metal brilhante que se lançavam como uma espada em direção ao céu, a partir de uma base feita de concreto. Recebeu duas propostas indecorosas antes de alcançar a porta.

Sabendo que aquela área, que abrangia cinco quarteirões da Broadway, era conhecida carinhosamente como Calçada das Prostitutas, Eve não se mostrou surpresa. Exibiu o distintivo para o policial uniformizado que guardava a entrada.

— Tenente Dallas — ela se apresentou.

— Pois não. — Ele olhou para o sensor computadorizado acima da

porta, instalado para manter os curiosos do lado de fora, e a acompan-hou até o *hall* dos elevadores. — Décimo Oitavo — anunciou com clareza quando as portas se fecharam atrás deles.

— Informe-me de tudo, policial. — Eve ligou o gravador e ficou

aguardando.

— Não fui o primeiro a chegar ao local, tenente. O que quer que

tenha acontecido lá em cima está sendo bem guardado. Há uma autorização especial esperando pela senhora. É um caso de homicídio com Código Cinco, no apartamento 1803.

— Quem requisitou este código?

— Não *sei* informar.

Ele permaneceu onde estava quando a porta do elevador se abriu.

Eve saiu e se viu sozinha em um corredor estreito. As câmeras de segurança se inclinaram na direção dela e seus passos eram quase inaudí-

veis sobre o surrado carpete, à medida que ela se aproximava do

apartamento 1803. Ignorando a placa com o nome do morador, ela se anunciou segurando o distintivo no nível dos olhos, para a câmera, até que a porta se abriu.

— Dallas.

— Feeney. — Ela sorriu, satisfeita por encontrar um rosto familiar.

Ryan Feeney era um velho amigo e ex-parceiro de ronda que trocara as ruas por uma mesa própria e um alto posto na Divisão de Detecção Eletrônica. — Então eles estão mandando os figurões da computação, agora?

— Queriam gente competente, e pegaram o melhor. — Seus lábios

se curvaram em um sorriso que espalhou pelo rosto enrugado, mas os olhos se mantiveram impassíveis. Ele era um homem atarracado, tinha mãos pequenas, roliças, e os cabelos com tom de ferrugem. — Você está abatida.

— Noite difícil.

— Sei, ouvi dizer. — Ofereceu-lhe uma noz coberta de chocolate,

retirada do saquinho que normalmente carregava, e ficou olhando para Eve, analisando-a para tentar descobrir se ela estava preparada para o que a esperava no quarto onde ocorrera o crime.

Eve era jovem para a posição que ocupava. Tinha perto de trinta

anos, e olhos castanhos amendoados que jamais haviam tido oportunidade de ser ingênuos. Seus cabelos castanho-claros estavam cortados bem curtos, mais por praticidade do que por estilo, mas ficavam bem no rosto triangular com maçãs proeminentes e uma pequena covinha no queixo.

Era alta e esbelta, com tendência a parecer magra, mas Feeney sabia que havia músculos sólidos por baixo do casaco de couro. Mais que isso, havia um cérebro, e um coração.

— Esse caso vai ser uma batata quente, Dallas.

— Já deu para perceber. Quem é a vítima?

— Sharon DeBlass, neta do Senador DeBlass.

Aqueles nomes não diziam nada para Eve.

— Política não é o meu forte, Feeney.

— Aquele cavalheiro da Virgínia, da extrema direita, com dinheiro antigo. A nem deu uma guinada inesperada na vida, há alguns anos, se mudou para Nova York e se tornou uma acompanhante autorizada.

— Uma prostituta. — Dallas olhou em volta, pelo apartamento. Era todo

decorado em um estilo obsessivamente moderno; tinha muito

vidro e cromados, hologramas assinados nas paredes e um bar em-

butido, em vermelho vivo. A tela panorâmica para dar clima, por trás do bar, parecia sangrar com a mistura de imagens e formas que se fun-diam com cores em tom pastel.

Pura como uma virgem, Eve avaliou, e fria como uma meretriz.

— Não é de surpreender — continuou —, considerando-se a

escolha do local para moradia.

— A política torna o caso delicado. A vítima tinha vinte e quatro anos, mulher, branca. Foi morta na cama.

— Parece poético, já que ficar na cama era a sua finalidade. — Eve simplesmente levantou uma sobrancelha. — Como ela morreu?

— Esse é o próximo problema. Quero que você veja por si mesma.

Ao atravessar a sala, cada um pegou uma lata comprida de *spray* e borrifou um líquido especial para isolar as impressões digitais e os óleos da pele. Ao chegar ao portal, Eve borrifou também a sola de suas botas, até deixá-las brilhantes. Desse modo, nenhuma fibra, fios de cabelo ou pele conseguiriam aderir a ela.

Eve já estava com mais cautela do que de costume. Sob circunstâncias normais, haveria mais outros dois investigadores em uma cena de crime como aquela, com gravadores e câmeras para documentar sons e imagens. Os homens do laboratório também estariam à espera com o seu mau humor habitual, prontos para vasculhar cada centímetro do local logo em seguida.

O fato de que apenas Feeney havia sido designado para acompanhá-

la significava que eles estavam pisando em ovos, ali.

— Havia câmeras de segurança no saguão do prédio, no elevador e

nos corredores — comentou Eve.

— Já recolhi todos os discos do sistema. —Feeney abriu a porta do quarto e deixou que ela entrasse na frente.

Não era uma imagem bonita. A morte raramente era uma experiên-

cia tranquila ou religiosa, na opinião de Eve. Era apenas o fim sórdido, indiferente aos santos ou pecadores. Só que aquela era uma cena

chocante, como um cenário deliberadamente montado para ser

ofensivo.

A cama era imensa, coberta pelo que pareciam ser genuínos lençóis de cetim da cor de pêssegos maduros. Pequenos refletores de luz suave estavam virados para a porção central da cama, onde o corpo da mulher nua estava como que repousando entre as dobras suaves do colchão macio.

O colchão se movia em leves ondulações com uma graça obscena,

em resposta ao ritmo programado da música que vinha da cabeceira.

Ela ainda estava linda, com um rosto de camafeu emoldurado por

uma cascata ruiva flamejante, e olhos da cor de esmeralda que contem-plavam, vidrados, o teto espelhado. As pernas e os braços muito longos e brancos como leite traziam à mente imagens do balé *Lago dos Cisnes*, enquanto o movimento contínuo da cama os embalava com delicadeza.

Os membros não estavam posicionados de forma artística, porém, e sim abertos e esparramados de forma grosseira, de modo que o corpo da mulher formava a letra X bem no centro da cama.

Havia um buraco em sua testa, um no peito e outro horrivelmente

marcado entre as coxas abertas. O sangue havia espirrado sobre os lençóis brilhantes, ficara empoçado, depois escorrera e deixara uma mancha.

Havia respingos dele nas paredes laqueadas, como pinturas letais feitas por uma criança diabólica.

Tanto sangue era uma coisa rara, e Eve já tinha visto muito daquilo na noite anterior para encarar a cena com a calma que teria preferido.

Teve que engolir em seco uma vez, com força, e se obrigou a blo-

quear em sua mente a imagem da criancinha.

— Você já gravou a cena do crime?

— Já.

— Então desligue esta droga de música. — Ela soprou com força

depois que Feeney conseguiu localizar os controles que silenciaram a melodia. A cama ficou imóvel. — Os ferimentos — murmurou Eve,

chegando mais perto para examiná-los melhor — são muito perfeitos para uma faca, e muito esgarçados para um *laser.* — Uma imagem piscou em sua cabeça. Antigos filmes de treinamento, velhos vídeos, velhas crueldades. — Meu Deus, Feeney, eles parecem ser buracos de

bala.

16/393

Feeney enfiou a mão no bolso e tirou lá de dentro um saco plástico com um objeto dentro.

— Quem fez isso deixou uma lembrança. — Entregou o saco a Eve.

— Uma antiguidade como essa deve valer entre oito e dez mil dólares para um colecionador legalizado, duas vezes mais no mercado negro.

Fascinada, Eve manuseou o plástico que continha o revólver e o revirou na mão.

— É pesado — disse, quase para si mesma. — E volumoso.

— Calibre trinta e oito — informou ele. — É o primeiro que encontro fora de

um museu. Este aqui é um Smith & Wesson, modelo Dez, de aço azulado. — Ele olhou para a arma com um pouco de carinho. —

É uma peça clássica, usada como equipamento padrão da polícia até fins do Século XX. Pararam de fabricá-la em 2022 ou 2023, quando a lei que bania as armas foi aprovada.

— Você é que é o especialista em História, aqui — o que explicava o fato de ele estar ali com ela. — Parece nova. — Aspirou o ar do interior do saco e notou o aroma de óleo e o cheiro de queimado. — Al-guém tomou muito cuidado com isso. O aço queimou a carne — ela

ficou pensando naquilo enquanto entregava o saco de volta para

Feeney. — Um jeito horrível de morrer, e a primeira morte desse tipo que vejo, em dez anos de polícia.

— Comigo, é a segunda. Há uns quinze anos, mais ou menos, na

parte baixa do Lado Leste, uma festa ficou fora de controle. Um sujeito atirou em cinco pessoas com uma arma calibre vinte e dois, antes de reparar que não era de brinquedo. Fez um estrago e Limo.

— Diversão e jogos — murmurou Eve. — Vamos pesquisar os col-

ecionadores, para ver quantos conseguimos localizar que possuam uma arma como esta. Algum deles pode ter registrado um roubo.

— Pode ser.

— Só que é mais provável que a arma tenha vindo do mercado

negro. — Eve olhou de volta para o corpo uma vez mais. — Se ela já estava atuando nesse negócio há alguns anos, deve ter discos e registros dos clientes, e diários secretos. — Franziu as sobrancelhas. —

Com o Código Cinco, vou ter que fazer todo o trabalho de porta em porta, eu mesma. Não é um simples crime sexual — disse, dando tini suspiro. — Quem

fez isso armou toda a cena. A arma antiga, os ferimentos específicos, colocados quase em linha reta no corpo, de cima a baixo. As luzes, a pose. Quem deu o alarme, Feeney?

— O assassino. — Ele esperou até que os olhos dela se encon-

trassem com os dele. — Bem daqui. Ligou para a delegacia. Você reparou como a câmera do telefone da cabeceira está voltada para o rosto dela? Foi o que apareceu para nós. Apenas a imagem, sem som.

— Ele gosta de se exibir. — Eve expirou mais uma vez. — Canalha

esperto, arrogante e metido. Fez sexo com ela antes, aposto o meu distintivo. Depois, simplesmente se levantou da cama e agiu. — Colocou o braço para cima, mirando e abaixando ritmicamente, enquanto contava. — Um, dois, três.

— Isso é que é frieza — murmurou Feeney.

— Ele é frio. Alisou os lençóis depois de tudo. Reparou como eles estão esticados? Depois a posicionou, abriu bem as pernas dela, para que não houvesse dúvidas de como ela ganhava a vida. E fez tudo com cuidado, praticamente medindo as coisas, para que tudo ficasse perfeitamente alinhado. Colocou-a bem no centro da cama, com os braços e as pernas igualmente afastados. Não desligou o dispositivo que movia a cama porque era parte do *show.* Deixou a arma para trás porque quer que a gente saiba logo de cara que ele não é um sujeito comum. Tem um ego imenso. Não quis deixar que o corpo fosse descoberto por

acaso. Queria tudo para agora. Aquela sensação de gratificação

instantânea.

— Ela tinha licença para receber homens e mulheres — lembrou

Feeney, mas Eve balançou a cabeça.

— Não foi uma mulher. Uma mulher não a teria deixado assim com

essa aparência mista de beleza e obscenidade. Não, não creio que tenha sido uma mulher. Vamos ver o que descobrimos. Já olhou no computador dela?

— Não. O caso é seu, Dallas. Tenho autorização apenas para dar

assistência.

— Veja se consegue acessar seu arquivo de clientes. — Eve foi até o armário e começou a vasculhar as gavetas com cuidado.

Gosto refinado, refletiu ela. Havia várias peças em seda pura, do tipo que nenhum material artificial conseguia imitar. O frasco de perfume na penteadeira era personalizado, e cheirava, como ela notou depois de inalar rapidamente, a sexo caro.

O conteúdo das gavetas estava cuidadosamente arrumado, a *lingerie* dobrada com precisão, os suéteres organizados de acordo com a cor e o material. No *closet*, a mesma coisa.

Obviamente a vítima tinha um caso de amor com as roupas e um

gosto especial pelo melhor, além de tomar um cuidado escrupuloso com todas as peças de vestuário que possuía.

E morrera nua.

— Ela mantinha registros completos — gritou Feeney. — Está tudo

aqui. Sua lista de clientes, encontros, inclusive dados do seu exame mensal obrigatório de saúde e da sua visita semanal ao salão de beleza.

Ela utilizava a Clínica Trident no primeiro caso e o Paradise no segundo.

— Ambos de alta classe. Tenho uma amiga que economizou dur-

ante um ano para poder tirar um dia inteiro para fazer o serviço completo de beleza no Paradise. Atendem todo tipo de gente.

— A irmã da minha mulher foi lá no seu aniversário de vinte e

cinco anos. Custou quase tão caro quanto o casamento de minha filha.

Olhe, achei a agenda pessoal de endereços.

— Muito bom. Tire cópia de tudo, ouviu, Feeney? — Ao ouvir o

seu assobio fino, ela olhou para ele por trás dos ombros e notou o pequeno *palm computer* com a borda em ouro que estava na mão

— O que foi?

— Tem um bocado de nomes poderosos aqui. Políticos, empresári-

os, artistas, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Interessante, nossa gaiola tem o número do telefone privativo do Roarke.

— Que Roarke?

— Que eu saiba, o nome é só Roarke. Ali tem um bocado de din-

heiro. É o tipo do sujeito que toca em estrume e o transforma em barras de ouro. Você precisa começar a ler mais do que a página esportes, Dallas.

— Ei, eu leio as manchetes. Você por acaso ouviu falar do *recall* da fábrica de *cocker spaniels?*

— Roarke é sempre notícia grande — Feeney explicou paciente-

mente. — Ele possui uma das maiores coleções de arte do mundo. Arte e antiguidades — continuou, notando quando Eve se ligou e voltou-se para ele. — É um colecionador de armas licenciado, e dizem que ele sabe como usá-las.

— Acho que vou lhe fazer uma visita.

— Terá sorte se conseguir chegar a menos de um quilômetro dele.

— Estou me sentindo com sorte, hoje. — Eve foi até o corpo e colocou a mão debaixo dos lençóis.

— O homem tem amigos muito poderosos, Dallas. Você não pode

se dar ao luxo sequer de insinuar que ele tem ligação com isso, até ter alguma coisa sólida.

— Feeney, você sabe que é um erro me dizer isso. — Mas no in-

stante em que começava a formar um sorriso, seus dedos encontraram algo entre a carne fria e os lençóis ensanguentados. — Tem alguma coisa aqui, debaixo dela. — Com cuidado, Eve levantou os ombros da morta e enfiou os dedos por trás. — É um pedaço de papel — murmurou. — Plastificado. — Com o dedo protegido pelo *spray,* limpou o sangue que estava espalhado pela superfície, até conseguir ler o que estava escrito no papel protegido.

UMA DE SEIS

— Parece que foi escrito a mão — disse ela a Feeney, estendendo o pedaço de papel. — Nosso rapaz é mais do que esperto, e mais do que arrogante. E ainda não terminou.

Eve passou o resto do dia fazendo o que normalmente era serviço de assistentes. Entrevistou os vizinhos da vítima pessoalmente, registrou declarações e impressões.

Conseguiu comer um sanduíche rápido no mesmo vendedor de es-

petinhos que quase atropelara mais cedo, quando vinha para o local do crime. Depois da noite e da manhã que enfrentara, não podia culpar a recepcionista do Paradise por olhá-la como se ela tivesse acabado de tropeçar e se ralar toda na calçada.

Cascatas jorravam com um som musical no meio da vegetação na

recepção do salão de beleza mais exclusivo da cidade. Pequenas xí-

caras de café e elegantes copos de água mineral gasosa ou champanhe eram servidos aos clientes que aguardavam nas cadeiras acolchoadas e nos sofás. Fones de ouvido e discos com as revistas da moda eram cortesia.

A recepcionista era magnificamente bem servida de seios, o que

funcionava como testemunho para as técnicas de escultura corporal do salão. Usava um *short* vermelho colante, com o logotipo da empresa, e uma incrível touca de cabelos cor de ébano, anelados e entrelaçados uns aos outros como cobras.

Eve não poderia estar mais deliciada com tudo aquilo.

— Desculpe — disse a mulher, com um tom de voz cuidadosamente

modulado e tão desprovido de expressão como o de um computador

—, mas nós atendemos apenas com hora mareada.

— Tudo bem. — Eve sorriu e quase se sentiu arrependida por re-

forçar o tom de desdém. Quase. —Nesse caso, talvez isto aqui consiga uma hora para mim. — Ela exibiu o distintivo. — Quem atende Sharon DeBlass?

Os olhos horrorizados da recepcionista voaram em direção à área de espera.

— As necessidades das nossas clientes são estritamente confidenciais — explicou ela.

— Aposto que sim. — Começando a se divertir com aquilo, Eve se

recostou no balcão em forma de "U", demonstrando camaradagem. —

Olhe, eu posso falar bem baixo e ser discreta, como estou sendo, para podermos nos entender bem... — e olhou depressa para a plaquinha de identificação com o nome da funcionária, pregada na altura do busto

— ...Denise. E eu também posso falar bem alto, para que todos aqui consigam me entender. Se você preferir a primeira opção, poderia me levar para uma pequena sala isolada e calma onde a nossa conversa não vai perturbar nenhuma das suas clientes, e então poderá chamar a profissional de beleza que atende Sharon DeBlass, ou sei lá que outro termo vocês usam por aqui.

— Chamamos de consultora — disse Denise, quase de forma

inaudível. — Acompanhe-me, por favor.

— Com todo o prazer.

E foi mesmo um prazer.

Fora de filmes e vídeos, Eve jamais vira algo assim tão exuberante.

O carpete vermelho, macio como uma almofada, era tão espesso que os pés afundavam deliciosamente nele. Gotas de cristal pendiam do teto e irradiavam luz. O ar tinha o perfume de flores e pele bem cuidada.

Eve não teria conseguido se imaginar em um lugar como aquele,

gastando horas do seu tempo para ser coberta de cremes e óleos, sendo massageada, espancada e esculpida. Se fosse perder tanto tempo com essas vaidades, no entanto, seria certamente muito mais interessante fazer isso sob condições tão civilizadas.

A recepcionista a levou até uma pequena sala onde o holograma de uma campina de verão cobria completamente uma das paredes.

O som suave de pássaros distantes enchia o ar, e uma leve brisa o adocicava.

Aguarde aqui, por favor.

— Tudo bem. — Eve esperou até que a porta se fechasse por com-

pleto e então, com um suspiro satisfeito, se acomodou em uma cadeira generosamente acolchoada. No exato instante em que se sentou, o

monitor ao lado dela emitiu o som de um "bip" e um rosto amigável e solícito, que só poderia pertencer a um androide, começou a distribuir sorrisos.

— Boa-tarde. Seja bem-vinda ao Paradise. Suas necessidades de

beleza e o seu conforto são as nossas únicas prioridades. Gostaria de algo para beber enquanto aguarda a chegada de sua consultora pessoal?

— Gostaria. Café, bem forte... Café.

— Claro. Qual o tipo de sua preferência? Aperte a tecla C no te-

clado para uma lista de opções.

Sufocando o riso, Eve seguiu as instruções. Gastou os dois minutos seguintes pensando com cuidado em todas as opções apresentadas, até que ficou dividida entre o Riviera Francesa e o Creme Caribenho.

A porta se abriu antes que conseguisse se decidir. Resignada, ela se levantou e deu de cara com um espantalho elaboradamente vestido.

Sobre a camisa em um tom berrante de cor-de-rosa e calças largas da cor de ameixas, ele usava um jaleco comprido no forte vermelho Paradise. Seus cabelos, flutuando loucamente para trás a partir de um rosto dolorosamente esquálido, ecoavam o tom arroxeado das calças.

Esticou a mão para Eve, apertou-a com delicadeza e lançou-lhe um olhar sofrido de corça assustada.

— Estou arrasado por fazê-la esperar, policial. Totalmente

desmoronado.

— Quero informações sobre Sharon DeBlass. — Mais uma vez,

Eve pegou o distintivo e o ofereceu para inspeção.

— Sim, claro ahn... Tenente Dallas. Foi o que eu imaginei... In-

formações. A senhora deve saber, é claro, que os dados das nossas clientes são estritamente confidenciais. O Paradise tem uma reputação baseada na discrição, tanto quanto na excelência dos serviços.

— E o senhor deve saber, é claro, que eu posso voltar aqui com III mandado, Senhor...

— Oh, Sebastian. Apenas Sebastian. — Ele acenou com a mão

magra, rebrilhante de anéis. — Não estou questionando a sua auto-Jade, tenente, mas se a senhora puder me auxiliar, qual é a causa para essa investigação?

— Estou pesquisando os motivos que levaram ao assassinato de

Sharon DeBlass. — E esperou um instante, analisando o choque que surgiu no rosto do atendente e drenou toda a cor de seu rosto. — Fora isso, meus outros dados são estritamente confidenciais.

— Assassinato. Meu bom Deus, nossa adorável Sharon está...

morta? Deve haver algum engano. — Deixou-se escorregar sobre unia cadeira, lançando a cabeça para trás e fechando os olhos. Quando o monitor ao seu lado começou a lhe oferecer bebidas, ele abanou com a mão. Reflexos foram lançados de seus dedos cobertos de joias. — Oh, Deus, sim. Preciso de um conhaque, querida. Uma dose de Trevalli.

Eve se sentou ao lado dele e pegou o gravador.

— Fale-me de Sharon.

— Uma criatura maravilhosa. Fisicamente estonteante, é claro, mas tinha algo mais profundo. — O conhaque chegou na sala, trazido por uma mesinha mecanizada. Sebastian pegou o copo e tomou um gole

generoso. — Tinha um bom gosto irrepreensível, um coração generoso e um raciocínio rápido.

Ele pousou os olhos de corça novamente em Eve.

— Estive com ela há apenas dois dias, tenente.

— Profissionalmente?

— Sharon tinha um horário fixo toda semana, metade de um ia. A

cada duas semanas a reserva era para o dia inteiro. — Desfraldando um lenço de pescoço amarelo-canário, tocou levemente a borda dos olhos.

— Sharon tomava conta de si mesma, se cuidava muito bem, acred-

itava firmemente na importância da boa apresentação.

— Isso deveria ser uma vantagem na sua área de atuação

profissional.

— Naturalmente. Trabalhava apenas para se divertir. Dinheiro não era uma necessidade importante, por causa da fortuna da família. Ela adorava sexo.

— Com você?

O rosto artístico do rapaz se contorceu, e os lábios rosados se repux-aram no que poderia ter sido um esgar de dor.

— Eu era consultor de beleza dela, seu confidente e amigo — ex-

plicou Sebastian, rigidamente, enquanto lançava o lenço de pescoço para trás com um trejeito casual, por sobre o ombro esquerdo. — Seria algo indiscreto e antiprofissional se tivéssemos nos tornado parceiros sexuais.

— Então você não tinha atração por ela, sexualmente?

— Era impossível para alguém não ser atraído sexualmente por

Sharon. Ela... — e esticou o braço em um gesto de grandeza — ela transpirava sexo, da mesma forma como outras talvez exalem um perfume caro. Meu Deus. — Tomou mais um gole trêmulo do conhaque.

— Já estou falando usando os verbos no passado. Não posso acreditar nisso. Morta. Assassinada. — Seu olhar voou de volta para Eve. — A senhora disse assassinada.

— Isso mesmo.

— A vizinhança onde ela morava — disse ele, de modo sombrio. —

Ninguém conseguia convencê-la a se mudar para uma região mais

aceitável. Ela gostava de viver na beira do abismo e jogar tudo isso bem debaixo do nariz sofisticado da família dela.

— Ela e o pessoal da família estavam brigados?

— Ah, definitivamente, sim. Ela adorava chocá-los. Tinha um es-

pírito tão livre, e eles eram tão... comuns. — Disse isso em um tom de voz que indicava que ser comum era um pecado mortal mais grave até do que assassinato. — O avô dela continuava a apresentar projetos de lei que transformariam a prostituição em algo ilegal. Como se todo o que vimos no século passado já não tivesse provado que tais assuntos devem ser controlados e regularizados, por questões de saúde e segurança contra o crime. E o velho também se coloca contra o controle de natalidade, ajustes e igualdades entre os sexos, equilíbrio no combate às drogas e proibição das armas.

— O senador se opõe à proibição das armas? — As orelhas de Eve

ficaram alertas.

— É uma de suas ideias preferidas. Sharon me contou que ele pos-

sui um monte de terríveis armas antigas, e vive falando para quem quiser ouvir a respeito do antiquado direito do cidadão ao porte de armas. Se as coisas fossem do jeito dele, estaríamos todos de volta ao Século XX, matando-nos uns aos outros a torto e a direito.

— Mas os assassinatos continuam acontecendo — Murmurou Eve.

— Ela alguma vez mencionou amigos ou clientes que pudessem estar insatisfeitos ou mais agressivos?

— Sharon tem dezenas de amigos. Ela atraía as pessoas para perto dela como... — ele procurou por uma metáfora adequada, enquanto

balançava a ponta do lenço novamente — ...como se fosse uma flor ex-

ótica com perfume maravilhoso. E os seus clientes, pelo que eu sei, estavam

todos muito satisfeitos com ela. Ela os selecionava com todo o cuidado. Todos os parceiros sexuais dela tinham que atender a certos padrões. Aparência, intelecto, uma boa família e muita competência.

Como disse, ela adorava sexo, em todas as suas muitas formas. Ela gostava da... aventura.

Isso combinava com os apetrechos que Eve desencavara no aparta-

mento. As algemas cobertas de veludo e os chicotes, os óleos de perfume forte e os alucinógenos. As opções que lhe foram oferecidas quando Eve colocou um dos dois capacetes de realidade virtual que eram ligados um ao outro a deixaram chocada, mesmo já sendo escol-ada em tudo aquilo.

— Sharon estava envolvida com alguém em nível pessoal?

— Havia homens, ocasionalmente, mas ela perdia o interesse neles com muita rapidez. Ultimamente falava de Roarke. Ela o conheceu em uma festa e se sentiu atraída. Para falar a verdade, estava com um jantar marcado com ele para a mesma noite em que esteve aqui na sua

última visita semanal. Queria preparar algo bem exótico, porque eles estavam indo jantar no México.

— No México. Então deve ter sido na noite de anteontem.

— Sim. Ela estava se gabando toda a respeito dele. Fizemos o ca-

belo dela em estilo cigano, colocamos um pouco mais de brilho

dourado em sua pele, um trabalho corporal completo. Vermelho escândalo nas unhas e uma charmosa tatuagem temporária de uma borboleta com as asas vermelhas, bem na nádega esquerda. Usamos maquiagem

especial para durar vinte e quatro horas sem borrar, e ela ficou espetacular — disse ele, se martirizando. — Deu-me um beijo quando saiu e afirmou que talvez estivesse apaixonada dessa vez. *Deseje-me sorte, Sebastian,* foram suas palavras quando saiu. Foi a última coisa que falou para mim em vida.

CAPÍTULO DOIS

Não havia esperma. Eve xingou, olhando o relatório da autópsia. Se ela fizera sexo com o assassino, o anticoncepcional da vítima matara os pequenos soldadinhos do sêmen por contato, eliminando todo traço deles em no máximo trinta minutos após a ejaculação.

A extensão dos ferimentos na pelve tornou os testes para atividades sexuais inconclusivos. Ele a partira ao meio, ou por simbolismo ou para sua própria proteção.

Sem esperma, sem sangue, a não ser o da vítima. Sem DNA.

A pesquisa do laboratório no local do assassinato não revelou digit-al alguma. Nem da vítima, nem da faxineira semanal, e certamente nem do assassino.

Todas as superfícies haviam sido meticulosamente limpas, in-

cluindo a arma do crime.

Mais revelador do que tudo, porém, na opinião de Eve, eram os discos da segurança. Mais uma vez, ela colocou as imagens da câmera do elevador para passar no seu monitor.

Os discos estavam com os dados iniciais intactos.

29/393

Complexo Gorham. Elevador A. Doze de fevereiro de 2058. Seis

horas da manhã.

Eve foi passando as imagens rapidamente, observando o mostrador

com as horas que giravam em disparada. As portas do elevador se abriram pela primeira vez ao meio-dia. Ela diminuiu a velocidade, jogou um beijo para o aparelho com a ponta dos dedos quando a imagem de alguém apareceu, e ficou estudando o homenzinho nervoso que entrou e pediu o quinto andar.

Alguém pulando a cerca, decidiu ela, se divertindo quando o viu enfiar um dedo

desconfortável no colarinho para a seguir jogar uma bala de hortelã na boca. Provavelmente tinha mulher e dois filhos, além de um emprego burocrático que lhe permitia dar uma escapada durante uma hora uma vez por semana para uma rapidinha ao meio-dia.

Ele saltou do elevador no quinto andar.

A atividade esteve bem leve durante várias horas, com uma ocasion-al prostituta que descia até o saguão, algumas retornando com sacolas de compras e uma expressão entediada. Alguns clientes entravam e saíam. O movimento começou a aumentar a partir das oito da noite.

Alguns moradores saíam, bem-vestidos e muito enfeitados, para jantar, enquanto outros chegavam para comparecer a seus encontros

marcados.

Às dez, um casal muito elegante entrou no elevador ao mesmo

tempo. A mulher permitiu que o homem abrisse seu casaco de peles, debaixo do qual ela não usava nada, a não ser um sapato com salto-agulha e a tatuagem de um botão de rosa entreaberto cuja haste

começava na virilha e subia, com a flor artisticamente tocando o mamilo esquerdo. Ele a acariciava, um ato tecnicamente ilegal, pois eles estavam em uma área vigiada. Quando o elevador parou no décimo

oitavo andar, a mulher fechou o casaco, e ambos saíram, conversando a respeito da peça que haviam acabado de assistir.

Eve fez uma anotação para interrogar o homem no dia seguinte. Ele era vizinho da vítima, e seu sócio.

A pequena falha na transmissão ocorreu precisamente à meia- noite e cinco. A imagem piscou, quase imperceptivelmente, fazendo apenas um *blip* discreto, e voltou no segundo seguinte com o relógio marcando 02:46.

Duas horas e quarenta e um minutos perdidos.

No disco com a gravação do décimo oitavo andar acontecia o

mesmo. Quase três horas apagadas. Eve pegou o café que já estava esfriando e pensou com cuidado a respeito daquilo. O homem entendia de segurança, avaliou, e tinha suficiente familiaridade com o prédio a ponto de saber onde e quando atuar para adulterar os discos. E ele não teve pressa, pensou. A autópsia determinou que a 'norte ocorrera às duas da manhã.

Ele passara quase duas horas com ela antes de assassiná-la, e quase uma hora depois, com ela já morta. E mesmo assim não deixara nem um vestígio.

Rapaz esperto.

Se Sharon DeBlass tinha registrado algum encontro, pessoal ou

profissional, para a meia-noite, aquilo, também, já teria sido apagado.

Então, ele a conhecia intimamente, o suficiente para saber ao certo o local em que ela guardava seus arquivos, e como ter acesso a eles.

Seguindo um palpite, Eve se inclinou para a frente mais uma vez, na direção da tela.

— Complexo Gorham, Broadway, Nova York. Proprietário. Seus

olhos se estreitaram enquanto os dados começaram a aparecer no

monitor.

Complexo

Gorham,

propriedade

das

Indústrias

Roarke,

com sede na Quinta Avenida, número 500. Presidente e

31/393

principal

executivo:

Roarke.

Residência

em

Nova

York:

Central Park West, número 222.

— Roarke — murmurou Eve. — Seu nome está sempre aparecendo,

não é, Roarke? — repetiu ela. — Quero todos os dados, na tela e na impressora.

Ignorando a chamada que estava piscando no comunicador ao lado,

Eve tomou mais um gole do café e leu.

Roarke, sem sobrenome conhecido. Nascido em seis de

outubro de 2023, em Dublin, na Irlanda. Identidade número

33492,

de

abril

de

2050.

Pais
desconhecidos.
Estado
civil,
solteiro.
Presidente
e
principal
executivo
das
Indústrias Roarke, fundadas em 2042. Principais filiais:
Nova York, Chicago, Nova Los Angeles, Dublin, Londres,
Bonn, Paris, Frankfurt, Tóquio, Milão, Sydney. Agências
fora do planeta na Estação Espacial 45, Colônia Bridge-
stone, Vogas II e Free Star One. Interesses em imóveis,
importação e exportação, transporte de encomendas, in-
dústria de diversão, fábricas, indústria farmacêutica,
transportes. Estimativa de faturamento: Três bilhões e
oitocentos milhões de dólares.

Rapaz ocupado, pensou Eve, levantando a sobrancelha enquanto uma lista com as companhias de sua propriedade apareciam na tela. —

Grau de instrução — pediu ela.

Desconhecido.

— Registros criminais.

32/393

Sem registros.

— Acesse Roarke, em Dublin.

Sem dados adicionais.

— Bem, que droga, Senhor Misterioso. Descrição e visual na tela.

Roarke. Cabelo preto, olhos azuis, um metro e oitenta

e oito de altura, setenta e oito quilos.

Eve soltou um gemido enquanto o computador apresentava a

descrição. Tinha que reconhecer que, no caso de Roarke, uma imagem valia muito mais do que mil palavras.

Seu rosto estava na tela olhando de volta para Eve. Ele era quase ri-diculamente bonito, com o rosto estreito e de aparência agradável, e maçãs do rosto bem talhadas e a boca esculpida. Sim, seu cabelo era preto, mas o computador não informara que também era cheio, pesado, e se lançava para trás a partir de uma testa forte, até chegar a poucos centímetros acima dos ombros largos. Seus olhos eram azuis, mas a palavra era simples demais para definir a intensidade da cor ou o poder que emanava deles.

Mesmo diante de uma imagem, apenas, Eve podia ver que aquele

era um homem que perseguia o que ou quem desejava, envolvia, usava e não se importava com frivolidades tais como troféus.

E sim, pensou ela, ali estava um homem que seria capaz de matar, caso isso fosse do seu interesse. E faria isso de forma fria e metódica, sem deixar pingar uma gota de suor.

Juntando os dados principais, decidiu que teria uma conversa com Roarke. Muito em breve.

33/393

No momento em que Eve deixou a Central de Polícia e se dirigiu para casa, o céu estava polvilhando neve, miseravelmente. Vasculhou Os bolsos sem esperança e descobriu que na verdade tinha deixado as luvas no seu apartamento. Sem gorro e sem luvas, apenas com o casaco de couro como proteção contra o vento cortante, saiu dirigindo pela cidade.

Pretendia levar o seu carro para a oficina. Só que simplesmente não tivera tempo. Agora, no entanto, havia tempo suficiente para arrependimentos, enquanto lutava contra o tráfego e tremia de frio, graças ao sistema de aquecimento enguiçado.

Jurou que, se conseguisse chegar em casa sem se transformar em

um bloco de gelo, marcaria uma hora com o mecânico.

Só que ao chegar em casa a sua preocupação principal era comida.

No exato momento em que destrancava a porta, já estava sonhando

com uma tigela bem quente de sopa, talvez acompanhada por um

monte de batatas fritas, se ela encontrasse alguma que tivesse sobrado, e um pouco de café que não parecesse ter sido feito com água de

esgoto.

Viu o pacote de imediato, uma caixa bem fina junto da porta, pelo lado de dentro. Sua arma já estava na mão antes de respirar outra vez.

Balançando a arma e os olhos para os lados, fechou a porta com o calcanhar, atrás dela. Deixou o pacote onde estava e se movimentou por toda a casa, indo de um cômodo a outro até se convencer de que estava realmente sozinha.

Depois de colocar a arma novamente no coldre, despiu o casaco de couro e o atirou para o lado. Curvando-se, pegou pelas pontas a caixinha fechada, que

tinha um disco dentro, e a manuseou com todo o cuidado. Não havia etiqueta, nem mensagens.

Levou o disco até a cozinha, abrindo a embalagem com cautela, e o colocou no computador.

E se esqueceu por completo da comida.

A imagem era da mais alta qualidade, e o som também. Eve se sen-

tou lentamente enquanto a cena se desenrolava no monitor.

Nua, Sharon DeBlass se espreguiçava sobre a cama, que parecia ter o tamanho de um lago, e se esfregava sobre os lençóis de cetim.

Levantou a mão e a deixou deslizar pela gloriosa juba vermelha e dourada enquanto o movimento da cama parecia fazê-la flutuar e a embalava.

— Quer que eu faça algo especial, querido? — Deu uma risada, se

colocando de joelhos e envolvendo os seios com as mãos em concha.

— Por que não vem até aqui?... A ponta de sua língua apareceu e circulou os lábios, molhando-os. — Podemos fazer tudo de novo. — Seu olhar baixou, e um sorriso de gata apareceu em seus lábios. — Parece que você já está mais do que preparado. — E riu novamente, lançando os cabelos para trás. — Ah, nós queremos fazer um jogo, então. —

Ainda sorrindo, Sharon colocou as mãos para cima. — Não me

machuque. — Ela choramingou, tremendo ao mesmo tempo que seus

olhos brilhavam de excitação. — Faço tudo o que você quiser. Qu-

alquer coisa. Venha até aqui e me force a fazer. Quero que faça isso.

— Abaixando as mãos, começou a se acariciar. —Aponte esse revólver grande e mau para mim enquanto me estupra. Quero que faça isso.

Quero que você...

A explosão fez Eve dar um pulo da cadeira. Seu estômago se em-

brulhou enquanto ela viu a mulher voar para trás como uma boneca quebrada, com o sangue esguichando da testa. O segundo tiro não provocou um susto tão grande, mas Eve teve que se obrigar a manter os olhos na tela. Depois do último estrondo tudo ficou quieto, a não ser

pela música suave ao fundo e a respiração entrecortada. A respiração do assassino.

A câmera se aproximou, fez uma panorâmica no corpo, mostrando

os detalhes mais horrendos. Então, através da mágica da edição, Sharon estava como Eve a tinha encontrado. Com as pernas e os braços abertos formando um perfeito X, sobre os lençóis ensanguentados. A imagem se encerrou com uma apresentação gráfica.

UMA DE SEIS

Era mais fácil assistir a tudo pela segunda vez. Ou pelo menos foi o que Eve disse a si mesma. Desta vez ela reparou uma ligeira tremida da câmera depois do primeiro tiro, e uma respiração ofegante e rápida.

Passou mais uma vez, ouvindo cada palavra, estudando cada movi-

mento, na esperança de conseguir alguma pista. Mas ele era esperto demais para aquilo. E ambos sabiam disso.

O assassino queria apenas que ela constatasse o quanto ele era bom naquilo. O quanto era frio.

E queria também que ela compreendesse que ele sabia exatamente

onde encontrá-la. Sempre que quisesse.

Furiosa ao ver que suas mãos não estavam muito firmes, ela se levantou. Em vez

do café que planejara, Eve pegou uma garrafa de vinho em uma pequena frigo-unidade, e se serviu de meio cálice.

Bebeu tudo muito depressa, prometendo a si mesma a outra metade

do cálice logo em seguida, e então teclou o código do seu comandante.

Foi a mulher dele que atendeu ao chamado, e pelo refulgente brinco em suas orelhas e o penteado perfeito, Eve imaginou que acabara de interromper um dos famosos jantares da *socialite*.

— Aqui é a Tenente Dallas, Senhora Whitney. Sinto muito por in-

terromper sua noite, mas preciso falar com o comandante. — Estamos com convidados, tenente.

— Sim, senhora, eu entendo e peço mil desculpas. — Droga de

política, Eve pensou enquanto forçava um sorriso. — É que se trata de algo realmente urgente.

— E não é sempre urgente?

O aparelho ficou emitindo um zumbido leve, felizmente sem as de-

testáveis melodias de fundo nem as últimas notícias. Passaram-se três minutos até que o comandante veio atender.

— Dallas.

— Comandante, preciso enviar um arquivo para o senhor através de uma linha codificada.

— É bom que seja urgente, Dallas. Minha mulher vai encher a

minha paciência por causa dessa interrupção.

— Sim, senhor. — Tiras, ela pensou, enquanto se preparava para

enviar as imagens para o monitor dele, deveriam permanecer solteiros.

Ficou esperando, torcendo as mãos inquietas em cima da mesa. En-

quanto as imagens iam sendo transmitidas, Dallas assistia a elas novamente, ignorando o aperto na barriga. Quando a transmissão acabou, o Comandante Whitney apareceu de novo na tela. Seu olhar estava

sombrio.

— Onde conseguiu isso?

— Ele enviou para mim. Encontrei o disco aqui no meu aparta-

mento, quando voltei da Central.

— Sua voz era calma e cuidadosa. — Ele sabe quem sou eu, onde

moro e o que estou fazendo.

Whitney ficou em silêncio por algum tempo.

— Amanhã cedo em minha sala, às sete em ponto. Leve o disco,

tenente.

— Sim, senhor.

Quando a transmissão acabou, Eve fez as duas coisas que seu in-

stinto sugeriu. Primeiro, preparou para si mesma uma cópia do disco, e a seguir se serviu de mais um cálice de vinho.

Acordou às três da manhã, tremendo, sentindo-se pegajosa, lutando para conseguir gritar. Pequenos ruídos de lamento eram emitidos por sua garganta quando ela pigarreou e ordenou para que as luzes fossem acesas. Os pesadelos sempre pareciam mais assustadores no escuro.

Tremendo, recostou-se na cama. Este sonho tinha sido pior, tilinto pior do que

qualquer outro que tivera até então.

Ela matara o homem. Que outra escolha havia? Ele estava drogado

demais para receber o efeito da arma de choque, e aquilo não o deixou sequer aturdido. Cristo, ela tentara, mas ele continuava vindo, e vindo, e vindo, com aquele olhar selvagem nos olhos e a faca ensanguentada na mão.

A garotinha já estava morta. Não houve nada que Eve pudesse ter

feito para evitar aquilo. Por favor, Deus, não permita que possa ter havido algo que ela pudesse ter feito e não fez.

O pequeno corpo retalhado, o homem frenético com a faca que

gotejava sangue. Então o brilho em seus olhos quando ela atirara em cheio, e a vida que saía de dentro deles.

Mas isso não tinha sido tudo. Não daquela vez. Naquela vez, ele

continuava vindo. E ela estava nua, ajoelhada em uma poça de cetim.

A faca se transformara em um revólver, e estava nas mãos do homem cujo rosto ela analisara horas antes. O homem chamado Roarke.

Ele sorrira, e ela o desejara. Seu corpo tinha vibrado de terror e desespero sexual, mesmo quando ele atirara nela. Na cabeça, no coração e entre as pernas.

E em algum lugar ao fundo, em meio a tudo aquilo, a garotinha, a pobre garotinha, gritava desesperada pedindo socorro.

Cansada demais para lutar contra aquilo, Eve simplesmente se virou de lado, apertou o rosto contra o travesseiro e chorou.

— Tenente. — Precisamente às sete horas da manhã, o Comandante

Whitney ofereceu uma das cadeiras de sua sala para Eve. Apesar do fato de já estar em cargos de comando há doze anos ou talvez precisamente por isso, Whitney possuía olhos penetrantes.

Podia ver que ela dormira mal e tentara disfarçar os sinais da noite maldormida. Em silêncio, estendeu-lhe a mão.

Eve colocara o disco e a embalagem na qual fora entregue em um

envelope plástico para provas. Whitney olhou para ele, e a seguir o colocou no centro da sua mesa.

— De acordo com o protocolo, sou obrigado a perguntai se você

deseja ser liberada deste caso. — Esperou um instante. — Vamos fingir que eu segui o protocolo.

— Sim, senhor.

— Sua casa é segura, Dallas?

— Eu achava que sim. — Pegou um relatório impresso na bolsa. —

Fui verificar as imagens dos discos de segurança do meu prédio, depois de entrar em contato com o senhor, ontem à noite. Há um lapso de tempo de dez minutos nas imagens. Como o senhor poderá ver em meu relatório, ele tem a capacidade técnica de minar os sistemas de segurança, possui conhecimento de técnica de vídeo, edição e, é claro, de armas antigas.

— Isso não ajuda a estreitar muito o campo de busca. — Whitney

pegou o relatório e o colocou de lado.

— Não, senhor. Tenho várias pessoas que preciso entrevistar. No

caso desse criminoso, a investigação eletrônica não é a chave principal, embora o auxílio do Capitão Feeney seja inestimável. Esse assassino cobre bem seus rastros. Não encontramos nenhuma outra evidência

física além da arma que ele decidiu deixar no local do crime. Somos obrigados a supor que ele a conseguiu no mercado negro. Comecei a pesquisar os livros pessoais da vítima e suas anotações, mas ela não era do tipo reservado. Vai levar

algum tempo.

— Tempo é uma parte do problema. Uma de seis, tenente. O que

isso diz a você?

— Que ele tem cinco outras em mente, é claro, mas quer que

saibamos disso. É alguém que gosta do seu trabalho e quer se transformar no foco da nossa atenção. — Soltou um suspiro profundo. —

Não *é* material suficiente para um perfil psiquiátrico completo. Não temos como dizer por quanto tempo ele ficará satisfeito com a excitação provocada por esse assassinato, nem quando ele vai precisar da próxima dose dessa droga. Pode ser hoje. Pode ser daqui a um ano.

Não podemos contar com um descuido dele.

— Sim. — Whitney acenou com a cabeça. — Você está tendo prob-

lemas com a medida extrema que teve de tomar na outra noite?

— Nada que não consiga controlar. — A faca coberta de sangue, o

pequeno corpo arruinado a seus pés.

— Quero que esteja bem certa disso, Dallas. Não preciso de uma

policial trabalhando em um caso tão delicado quanto este e que esteja preocupada sobre se deve ou não usar a arma.

— Tenho certeza que não.

Eve era a melhor que ele tinha, e Whitney não podia se dar ao luxo de duvidar das condições dela.

— Eve, está disposta a fazer um pouco de jogo político? — Os Lí-

bios dele se curvaram para os lados, quase rindo. — O Senador

DeBlass está vindo para cá. Voou para Nova York na noite passada.

— Diplomacia não é um dos meus pontos fortes.

— Sei disso. Mas você vai ter que trabalhar esse seu lado. O senador quer falar pessoalmente com o investigador encarregado, e passou por cima de mim para conseguir isso. As ordens vieram diretamente do Secretário de Segurança, lá de cima. Você vai ter que oferecer ao senador a sua total cooperação.

— Mas esta é uma investigação de Código Cinco — disse Eve, de

modo rígido. — Não quero saber se as ordens vieram do próprio Deus Todo-Poderoso. — Não vou divulgar dados confidenciais para um

civil.

O sorriso de Whitney se ampliou. Ele tinha um semblante

agradável, bem comum, provavelmente o mesmo com o qual nascera.

Mas quando ele sorria, e o fazia com vontade, o reflexo dos dentes brancos em contraste com a pele bronzeada transformava as feições comuns em algo especial.

— Eu não ouvi você dizer isso — disse ele. — E você não me ouviu dizer que deve oferecer a ele apenas os fatos óbvios. O que você deve se lembrar de ter me ouvido dizer, Tenente Dallas, é que o cavalheiro da Virgínia é um idiota pomposo e arrogante. Infelizmente, é um idiota que tem poder. Portanto, cuidado onde você pisa.

— Sim, senhor.

Ele olhou para o relógio, e então trancou o relatório e o disco em uma gaveta, a chave.

— Tenente, você ainda tem algum tempo para tomar um café e...

mais uma coisa — acrescentou enquanto se levantava. — Se estiver com dificuldades para dormir, pegue um tranquilizante autorizado.

Quero meus policiais alertas e em boa forma.

41/393

— Eu estou suficientemente alerta.

O Senador Gerald DeBlass era, sem dúvida, pomposo. Era também, inquestionavelmente, arrogante. Depois de um minuto inteiro em sua companhia, Eve concordou também que ele era inegavelmente um

idiota.

Parecia compacto, atarracado, com aproximadamente um metro e

oitenta de altura e mais de cem quilos. Seus cabelos brancos estavam cortados bem curtos, quase que a navalha, de modo que sua cabeça se parecia com a ponta polida de um imenso projétil. Seus olhos eram quase pretos, como as espessas sobrancelhas sobre eles. Eram também largos, assim como o nariz e a boca.

Suas mãos eram enormes e quando elas cumprimentaram Eve, logo

na chegada, ela notou que a pele delas era lisa e suave como a de um bebê.

Trouxe o assistente com ele. Derrick Rockman era um homem

magro como um graveto, com quarenta e poucos anos. Embora tivesse mais de um metro e noventa de altura, Eve avaliou que o senador

pesava pelo menos dez quilos a mais do que ele. Era aprumado, bem-apessoado, em um impecável terno risca de giz com gravata azul-

celeste que não exibia um vinco sequer. Seu semblante era solene, com feições quase atraentes, os movimentos restritos e controlados, enquanto dava assistência ao senador, bem mais exuberante, que naquele momento tirava o sobretudo de casimira.

— Que diabos você fez até agora para encontrar o monstro que as-

sassinou minha neta? — DeBlass exigiu saber.

— Tudo o que foi possível, senador. — O Comandante Whitney

permaneceu de pé. Embora tivesse oferecido uma poltrona ao senador,

o homem preferiu vagar pela sala, como costumava vagar pela Galeria do Novo Senado, em Washington.

— Você já teve mais de vinte e quatro horas — atirou DeBlass de

volta, com a voz grave e retumbante. — Pelo que entendi, comandante, você designou apenas dois policiais para conduzir as investigações.

— Por questões de segurança, é verdade. Dois dos meus melhores

policiais — acrescentou o comandante. A Tenente Dallas está no

comando da investigação e se reporta unicamente a mim.

— E que progressos conseguiu até agora? — DeBlass voltou os,

duros olhos negros para Eve.

— Identificamos a arma do crime, determinamos com precisão, a

hora da morte. Estamos recolhendo provas e entrevistando todos os moradores do prédio da Senhorita DeBlass, bem como rastreando todos os nomes, em escala profissional e pessoal. No momento, estou trabalhando na reconstrução das últimas vinte e quatro horas da vida dela.

— Deveria ser óbvio, até mesmo para a mais lerda das mentes, que ela foi assassinada por um dos clientes. — Disse a última palavra com um silvo de desaprovação.

— Não havia nenhum cliente marcado para as horas anterior à

morte. O cliente anterior tem um álibi para a hora crítica.

— Investigue-o! — exigiu DeBlass. — Um homem que é capaz de

pagar por serviços sexuais não deve ter escrúpulos com relação

assassinato.

Embora Eve não conseguisse estabelecer a relação entre os dois

fatos, lembrou-se do seu trabalho e concordou.

— Estou trabalhando nisso, senador.

— Quero cópias de todos os arquivos e agendas com os compromis-

sos dela.

— Isso não será possível, senador — disse Whitney, com tom

calmo. — Todas as provas de um crime capital são confidenciais.

DeBlass simplesmente bufou e fez um gesto em direção a

Rockman.

— Comandante — Rockman colocou a mão no bolso superior do

terno e fez surgir uma folha de papel com um selo holográfico afixado nela. — Este documento vem do Secretário de Segurança e autoriza o senador a ter acesso a toda e qualquer prova ou dado investigativo relacionado com o assassinato da Senhorita DeBlass.

Whitney mal olhou para o documento antes de colocá-lo de lado.

Sempre considerara a política um jogo de covardes, e detestava o fato de ser obrigado a jogá-lo.

— Vou conversar com o secretário pessoalmente. Se a autorização

se mantiver, teremos cópias de tudo à sua disposição, ainda esta tarde.

— Desviando o olhar de Rockman, encarou DeBlass. O sigilo de todas as provas

é a ferramenta principal do processo investigativo. Se o senhor insistir nessa exigência, senador, estará correndo o risco de minar todo o caso.

— O "caso", como o senhor chama, comandante, era minha carne, e tinha o meu sangue.

— Sendo assim, era de esperar que a sua prioridade principal seria nos oferecer toda a assistência possível para colocar o assassino dela nas mãos da Justiça.

— Eu serei à Justiça por mais de cinquenta anos. Quero o material até o meio-dia. — Pegou o sobretudo e o atirou sobre o braço roliço.

— Se eu não estiver convencido de que vocês estão fazendo tudo o que está ao seu alcance para encontrar esse maníaco, vou providenciar para que o senhor seja removido de seu cargo. — Ele se virou para Eve. —

E também que sua próxima investigação, tenente, seja correr atrás de

adolescentes de dedos leves atuando em páginas de compras pela

Internet.

Depois que saiu porta afora tempestuosamente, Rockman usou

seus olhos calmos e solenes para montar justificativas.

— Vocês devem desculpar o senador. Ele está sobrecarregado

com tudo isso. Por mais que houvesse alguns conflitos entre ele e a neta, ela era parte da família. Nada é mais importante para o

senador que a família. A morte dela, esse tipo de violência e a

morte sem sentido são coisas devastadoras para ele.

— Certo — murmurou Eve. — Reparei que ele parecia com-

pletamente arrasado.

Rockman sorriu. Conseguiu se mostrar divertido com a obser-

vação e pesaroso ao mesmo tempo.

— Homens orgulhosos, tenente, muitas vezes disfarçam sua

dor profunda mostrando-se agressivos. Temos toda a confiança

em suas habilidades e em sua tenacidade, tenente. Comandante —

e fez um cumprimento com a cabeça —, estamos à espera dos da-

dos esta tarde. Obrigado pelo seu tempo.

— Ele é escorregadio — murmurou Eve quando Rockman

fechou a porta silenciosamente atrás dele. — O senhor não vai

ceder comandante.

— Vou lhes dar o que tiver que dar. — A voz dele era áspera

e marcada com fúria suprimida. —Agora, vá me conseguir mais.

O trabalho da policia era muitas vezes penoso. Depois de ficar durante cinco horas diante do monitor, enquanto pesquisava os nomes que estavam na agenda de Sharon, Eve estava se sentindo mais exausta do que se tivesse corrido uma maratona.

Mesmo com o auxílio de Feeney, que pegou boa parte dos nomes

para analisar com sua perícia e um equipamento de qualidade de superior, havia ainda muitas pessoas para um grupo investigativo tão

pequeno conseguir dar conta em pouco tempo.

Sharon tinha sido uma garota muito popular.

Pressentindo que uma certa dose de discernimento lhe seria mais

vantajosa do que agressividade, Eve contatou os clientes pelo *tele-link*, se apresentou e explicou a situação. Aqueles que se recusaram termin-antemente à ideia de um interrogatório foram cordialmente convidados a comparecer até a Central de Polícia sob a acusação de obstrução da Justiça.

Pelo meio da tarde, ela já falara pessoalmente com os primeiros

doze clientes da lista, e fez um desvio para voltar ao Complexo

Gorham.

O vizinho de Sharon, o homem elegante no elevador, era Charles

Monroe. Eve o encontrou em casa, e notou que ele estava recebendo uma cliente.

Muito bonito, usando um robe preto de seda, e com um envolvente

aroma de sexo, Charles sorriu sedutoramente.

— Sinto terrivelmente, tenente, mas a pessoa que estou atendendo estava mareada para as três horas, e ainda tem direito a quinze minutos.

— Eu aguardo. — Sem esperar pelo convite, Eve entrou. Ao con-

trário do apartamento de Sharon, aquele ali era discreto, com cadeiras estofadas em couro e tapetes espessos.

— Ahn... — Obviamente achando aquilo interessante, Charles ol-

hou para trás, onde uma porta estava discretamente fechada, no final de um curto corredor. — A privacidade e o sigilo são vitais, como de-ve compreender, para a minha profissão. A pessoa que estou re-

cebendo poderá se sentir perturbada, caso descubra que a polícia anda batendo na minha porta.

— Tudo bem. O senhor tem uma cozinha por aqui?

— Claro. — Ele deu suspiro profundo. — Direto em frente, naquela porta. Sinta-

se em casa. Não vou demorar.

— Leve o tempo que precisar. — Eve caminhou em direção à co-

zinha. Em contraste com a elaborada sala de estar, aquele era um ambiente espartano. Parecia que Charles gastava muito pouco tempo

comendo em casa. Mesmo assim, tinha uma unidade de refrigeração

imensa em vez de uma pequena frigo-unidade, e foi ali que ela encontrou o tesouro representado por uma Pepsi quase congelada. Satisfeita por ora, sentou-se para saborear a bebida enquanto Charles terminava o encontro das três horas.

Pouco depois, ouviu o murmúrio de vozes, a voz de um homem, a

voz de uma mulher, alguns risos. Logo a seguir, ele entrou cozinha, com o mesmo sorriso fácil no rosto.

— Desculpe por fazê-la esperar.

— Tudo bem. O senhor está aguardando mais alguém?

— Não, pelo menos até à noite. — Pegou uma Pepsi para si mesmo,

quebrou o lacre de refrigeração instantânea da lata e a serviu em um copo duplo. Em seguida, esmagou a lata da bebida, formando uma bola com ela, e a atirou dentro do aparelho de reciclagem. — Mais tarde tenho um jantar marcado, com ópera e um *rendez-vous* romântico.

— O senhor gosta disso? Ópera? — perguntou ela, enquanto ele ab-

ria um sorriso.

— Detesto. Dá para imaginar algo mais chato do que uma mulher

gorda e peituda berrando em alemão por metade da noite?

— Não — disse Eve, analisando a pergunta.

— Mas aí é que está. Tem gosto para tudo. — Seu sorriso desapareceu quando ele se juntou a ela no pequeno nicho junto à janela da cozinha. — Ouvi sobre a

morte de Sharon no noticiário da manhã. Desde

aquele momento, estava esperando por alguém da polícia. É horrível.

Não consigo acreditar que ela esteja morta.

— O senhor a conhecia bem?

— Somos vizinhos há mais de três anos, e ocasionalmente trabal-

hamos juntos. De vez em quando, um de nossos clientes pedia um trio, e nós dividíamos o negócio.

— E quando não se tratava de negócios, vocês dois continuavam

dividindo?

— Ela era uma mulher linda, e me achava atraente. — Ele moveu os ombros cobertos de seda. Seus olhos se fixaram na janela com vidro fume, observando um bonde elétrico para turistas que passava. — Se um de nós tinha vontade de fazer por prazer o que fazia por profissão, o outro geralmente atendia. — Sorriu novamente. — Isso era raro. É

como trabalhar em uma loja de doces. Depois de um tempo, a gente perde a vontade de comer chocolate. Sharon era uma amiga, tenente. E

eu gostava muito dela.

— Pode me dizer onde você estava na noite de sua morte, entre

meia-noite e três da manhã?

Suas sobrancelhas se levantaram. Se não lhe havia acabado de ocorrer que ele poderia ser considerado um suspeito, era um excelente ator.

Também, pensou Eve, pessoas que trabalhavam naquele ramo eram

obrigadas a ser bons atores.

— Estava com uma cliente, aqui. Ela passou a noite comigo.

— Isso é comum?

— Essa cliente prefere as coisas desse modo, tenente. Vou lhe informar o nome dela, se for absolutamente necessário, mas preferia não fazer isso. Pelo menos até que eu tivesse a chance de explicar as circunstâncias a ela.

— Trata-se de um assassinato, Senhor Monroe, portanto é, sim, necessário. A que horas o senhor trouxe a sua cliente para cá?

— Por volta de dez horas. Jantamos no Restaurante Miranda, o café aéreo que fica sobre a Sexta Avenida.

— Dez horas. — Eve concordou, e notou o exato momento em que

ele se lembrou.

— Quanto à câmera do elevador... — seu sorriso era todo charme,

mais uma vez. — É uma lei antiquada. Suponho que a senhorita poderia me enquadrar, mas acho que não valeria o tempo perdido.

— Qualquer ato sexual em uma área vigiada é uma contravenção,

Senhor Monroe.

— Por favor, me chame de Charles.

— É uma falta pequena, Charles, mas eles poderiam suspender a

sua licença por seis meses. Agora, me informe o nome da cliente, e vamos esclarecer tudo da forma mais discreta possível.

— A senhorita vai me fazer perder uma das minhas melhores cli-

entes — disse ele, baixinho. — O nome dela é Darleen Howe. Vou lhe trazer o endereço. — Levantou-se para pegar a agenda eletrônica e deu a informação.

— Obrigada. Sharon conversava com você a respeito dos clientes

dela?

— Nós éramos amigos — disse ele, com ar cansado. — Sim, nós

falávamos a respeito dos clientes, embora isso não seja estritamente Sharon tinha algumas histórias muito engraçadas. Eu faço um estilo mais convencional. Ela era... aberta ao que era diferente. Algumas vezes nós saíamos juntos para tomar um drinque, e ela falava. Sem citar nomes. Sempre se referia aos clientes usando termos específicos.

O imperador, o fuinha, a leiteira, esse tipo de coisas.

— Havia alguém que ela tenha mencionado que a deixava preocu-

pada, ou a fazia se sentir desconfortável? Alguém que poderia se tornar violento?

— Ela não se importava com violência, mas... não, ninguém a pre-

ocupava com relação a isso. Uma coisa que era bem típica de Sharon, tenente, é que ela sempre se sentia no controle da situação. Era assim que ela queria, segundo me disse uma vez, porque havia estado sob o controle de outra pessoa durante a maior parte de sua vida. Tinha um bocado de amarguras com relação à família. Certa vez ela me contou que jamais planejara transformar o sexo em uma carreira profissional.

Só entrou no ramo para deixar a família louca. Então, depois que entrou no negócio, decidiu que gostava da coisa.

Ele movimentou os ombros novamente, tomou um pouco do líquido

que estava no copo e continuou:

— Foi assim que ela continuou nessa vida, e matou dois coelhos

com uma trepada. A frase é dela. — Charles levantou os olhos de

novo. — Parece que uma dessas trepadas a matou.

— Sim. — Eve se levantou e guardou o gravador. — Não faça via-

gens muito longas, Charles. Vou manter contato.

— É só isso?

— No momento, sim.

Ele se levantou também e sorriu mais uma vez.

— A senhorita é uma pessoa muito fácil para se conversar; para

uma mulher que é tira... Eve. — Como que para experimentá-la passou a ponta de um dos dedos pelo braço dela. Ao ver que suas sobrancelhas se levantaram, fez o dedo circundar-lhe o maxilar. — Está com pressa?

— Por quê?

— Bem, é que eu tenho algumas horas livres, e você é muito, at-

raente. Tem imensos olhos dourados — murmurou. — Essa covinha

bem no meio do queixo. Por que nós dois não fazemos um intervalo em nosso expediente, por algum tempo?

Ela aguardou enquanto ele se aproximava e abaixava a cabeça em

sua direção, com os lábios um pouco acima dos dela.

— Isto é um suborno, Charles? Porque se for, e se você for tão bom quanto eu imagino que seja...

— Sou melhor. — Roçou o lábio superior dela com os dele, e fez a mão descer em direção ao seu seio. — Sou muito melhor.

— Nesse caso eu vou ter que prender você por crime doloso. Ela

sorriu quando o viu dar um pulo para trás. — Isso é algo que faria nós dois ficarmos muito tristes. — Com ar de quem estava se divertindo com aquilo, Eve deu um tapinha na bochecha dele. — Mesmo assim,

obrigada pela ideia.

Ele coçou o queixo enquanto a acompanhava até a porta.

— Eve?

— Sim! — Ela parou, já com a mão na maçaneta, olhando de volta

para ele.

— Subornos à parte; se você mudar de ideia, estou interessado em conhecê-la melhor.

— Se eu mudar de ideia, pode deixar que eu o aviso. — Bateu a

porta e seguiu para o elevador.

Não seria muito difícil para Charles Monroe — analisou — escapu-

lir do apartamento, deixando a cliente dormindo, e entrar no apartamento de Sharon. Um pouco de sexo, e depois um pouco de

assassinato...

Pensativa, entrou no elevador.

Acesso aos discos de segurança. Como morador do edifício, seria

fácil para Charles conseguir acesso à área de segurança. Depois, pularia na cama de volta, para junto da cliente.

Era realmente uma pena que a possibilidade fosse tão plausível,

pensou Eve ao chegar ao saguão. Ela gostara dele. Mas até que conseguisse averiguar o álibi que apresentara, com todo o cuidado, Charles Monroe estava agora no topo da sua pequena lista.

CAPÍTULO TRÊS

Eve odiava funerais. Detestava a cerimônia que os seres humanos

insistiam em oferecer á morte. As flores, a música, os discursos que não acabavam nunca e o choro.

Era possível que existisse um Deus. Ela ainda não havia trabalhado completamente esta ideia na cabeça. E se existia, pensou, Ele deveria estar se divertindo muito, dando boas risadas por causa dos rituais e passagens inúteis inventados por suas criaturas.

Ainda assim, fizera a viagem até a Virgínia para assistir ao funeral de Sharon DeBlass. Queria ver a família da vítima e seus amigos todos reunidos, para observar, analisar e julgar.

O senador permaneceu com o semblante sombrio e os olhos secos,

com Rockman, à sua sombra, na fileira de trás. Ao lado do senador estavam seu filho e sua nora.

Os pais de Sharon eram jovens, atraentes, advogados de sucesso que tinham sua própria firma de advocacia.

Richard DeBlass permaneceu com a cabeça curvada e os olhos

fechados, uma versão mais arrumada e, de certo modo, menos

dinâmica do pai. Seria coincidência ou senso estético o motivo de ele estar posicionado exatamente à mesma distância do pai e da mulher?

Elizabeth Barrister estava discreta e elegante em seu vestido escuro, com o cabelo cor de mogno balançando, brilhante, e a postura rígida.

E, Eve notou, os olhos inchados, com lágrimas que nadavam

constantemente.

Como é que uma mãe se sentia, meditou Eve, como fizera por toda

a vida, quando perdia uma filha?

O Senador DeBlass tinha uma filha, também, e ela estava posicionada no seu lado direito. A Deputada Catherine DeBlass tinha seguido os mesmo passos do pai na política. Dolorosamente magra, se

mantinha militarmente ereta, com os braços parecendo gravetos

quebradiços que saíam do vestido preto. Ao lado dela o seu marido Justin Summit, olhava fixamente para o caixão luxuoso, drapeado e cheio de rosas, na frente do altar. Ao seu lado o filho Franklin, ainda preso no estágio desengonçado da adolescência, se mexia com

impaciência.

Na ponta do banco, de certo modo separada do resto da família, estava a mulher do Senador DeBlass, Anna.

Ela não se mexia nem chorava. Nem por uma vez Eve a viu lançar

um olhar sequer para o caixão transbordante de flores que protegia o que restara de sua única neta.

Havia outros, e claro. Os pais de Elizabeth estavam juntos, de mãos dadas, e choravam abertamente. Primos, conhecidos e amigos

enxugavam os olhos ou simplesmente ficavam olhando em torno dl'

fascinação e horror. O presidente enviara um representante, e a igreja estava lotada, com mais políticos do que o Senado na hora do almoço.

Embora houvesse mais de mil rostos, Eve não teve dificuldade ii avistar Roarke no meio da multidão. Estava sozinho. Havia outras pessoas alinhadas no mesmo banco onde ele estava, mas Eve reconhecia a

aura de solidão que o rodeava. Poderia haver dez mil pessoas no lugar, que mesmo assim ele teria se destacado delas.

Seu rosto marcante não deixava transparecer nada: nenhuma culpa, nem pesar, ou interesse. Era como se ele estivesse assistindo a uma peça teatral com poucas qualidades. Eve não conseguia pensar em melhor descrição para um funeral.

Mais de uma vez as cabeças se voltavam na direção dele, pala uma olhada rápida ou, no caso de alguma morena atraente, um flerte não tão sutil. Roarke respondia, nos dois casos, da mesma forma: ignorando-os.

Em uma primeira avaliação, ela o teria julgado frio, uma fortaleza gelada em forma de homem que se guardava contra tudo e contra todos. Mas ali devia haver calor. Era preciso mais do que disciplina e inteligência para subir tão alto na vida, e tão jovem. Era preciso ambição, e, na opinião de Eve, a ambição era um combustível poderosíssimo.

Ele olhava diretamente para a frente enquanto as lamentações

aumentavam de intensidade e então, sem aviso, virou a cabeça, olhou cinco fileiras para trás, para o outro lado do corredor entre bancos, e fitou com firmeza, de forma direta, os olhos de Eve.

Foi a surpresa que a fez lutar para não dar um pulo diante da súbita e inesperada prova de poder. Foi pura força de vontade o que a fez manter os olhos abertos sem piscar nem desviar a cabeça. Por um interminável minuto, eles ficaram olhando um para o outro. Então houve movimento, e pessoas enlutadas se interpuseram entre eles, enquanto saíam da igreja.

Quando Eve saiu da fileira em que estava e chegou ao corredor

central para procurá-lo de novo, ele já desaparecera.

Ela se juntou à longa fila de carros e limusines a caminho do cemitério.

Adiante, o ataúde e os veículos da família passavam solenemente.

Apenas as famílias obsessivamente tradicionais ainda sepultavam seus mortos na terra.

Franzindo as sobrancelhas, seus dedos tamborilaram o volante, e

Eve começou a relatar suas observações para o gravador. Quando

chegou a Roarke, hesitou, e sua testa se franziu um pouco mais.

— Por que motivo ele se daria ao trabalho de vir pessoalmente ao funeral alguém que conhecia apenas de vista? — murmurou ela,

falando para o gravador que estava em seu bolso. — De acordo com os dados coletados, eles só haviam se conhecido recentemente, e tiveram apenas um encontro. Tal comportamento parece inconsistente e

questionável.

Sentiu um tremor, e ficou feliz por estar sozinha enquanto dirigia através dos portões em forma de arco do cemitério. No que dizia respeito a Eve, deveria haver uma lei que proibisse colocar alguém dentro de um buraco.

Mais palavras, mais choradeira, mais flores. O sol estava brilhando como nunca, mas o ar tinha um aspecto de criança levada. Próximo do túmulo, ela colocou as mãos nos bolsos. Havia esquecido de levar as luvas, novamente. O casaco comprido e escuro que , estava usando era emprestado. Por baixo dele, o único terninho cinza que ela possuía estava com um botão soltando que parecia suplicar desesperadamente para ser pregado. Dentro das botas de couro fino, seus dedos pareciam pequenas pedras de gelo.

O desconforto a ajudou a se distrair do sofrimento das lápides e do cheiro de terra fresca, recém-revolvida. Esperou algum tempo, aguardando até que a última palavra de pesar sobre a vida eterna ecoasse para longe, e só então se aproximou do senador.

— Meus sentimentos, Senador DeBlass, para o senhor e toda a sua

família.

Os olhos dele estavam duros, penetrantes e pretos, como a ponta talhada de uma pedra.

— Economize seus pêsames, tenente. Eu quero justiça.

— Eu também. Senhora DeBlass. Eve estendeu a mão para a mulh-

er do senador e lhe pareceu que estava cumprimentando um feixe de gravetos frágeis.

— Obrigada por comparecer.

Eve balançou a cabeça para a frente. Uma olhada mais de perto lhe mostrou que Anna DeBlass estava deslizando sob a borda das

emoções devido a uma camada protetora de tranquilizantes. Seus olhos passaram por sobre o rosto de Eve e foram pousar exatamente por cima de seu ombro, ao mesmo tempo que recolhia a mão.

— Obrigada por comparecer — repetiu ela, exatamente no mesmo

tom sem vida, diante da oferta seguinte de condolências.

Antes que Eve pudesse falar novamente, seu braço foi puxado por

uma mão firme. Rockman sorria solenemente olhando para baixo, na direção dela.

— Tenente Dallas, o senador e sua família apreciam a compaixão e o interesse que a senhorita mostrou ao comparecer aos serviços. —

Com a sua maneira quieta, ele a foi levando para longe do grupo. —

Estou certo de que a senhorita conseguirá compreender que, diante das circunstâncias, seria muito penoso para os pais de Sharon se eles en-contrassem a policial encarregada da investigação do assassinato da filha na beira de seu túmulo.

Eve deixou que ele a carregasse por mais dois metros antes de puxar o braço com força para liberá-lo.

— Você está no ramo certo, Rockman. Esta é uma maneira muito

delicada e diplomática de me mandar cair fora daqui.

— De modo algum. — Ele continuava a sorrir, quase escorregadio

de tão educado. — Simplesmente, há um tempo e um lugar certo para tudo. A senhorita terá a nossa completa cooperação, tenente. Se desejar marcar um encontro com a família do senador, ficarei mais do que feliz em conseguir isso.

— Eu consigo meus próprios encontros, na hora e lugar que desejar.

— E, pelo fato de que o sorriso plácido dele a deixava profundamente irritada, decidiu ver se conseguia arrancá-lo do seu rosto. — E quanto a você, Rockman? Tem algum álibi para a noite em questão?

O sorriso falhou, e isso lhe trouxe satisfação. Ele, porém, o recuperou com rapidez.

— Tenente, eu não gosto da palavra álibi.

— Eu também não. — Eve retornou para ele um sorriso próprio. —

É por causa disso que, para mim, não existe nada melhor do que desmontar um álibi. Você não respondeu à minha pergunta, Rockman.

— Estava na parte leste de Washington na noite em que Sharon foi assassinada. O senador e eu tínhamos trabalhado até tarde, repassando um projeto de lei que ele pretende apresentar no Senado no mês que vem.

— É uma viagem bem rápida de Washington para Nova York, —

contentou ela.

— Realmente. Entretanto, não fiz essa viagem naquela noite particular. Estivemos trabalhando até quase meia-noite, e depois eu me re-tirei para o quarto de hóspedes do senador. Tomamos café juntos, às sete horas da manhã seguinte. Como Sharon, de acordo com o seu relatório, foi morta às duas horas, isso me dá uma janela de tempo muito estreita.

Janelas estreitas também dão passagem. — Mas ela disse isso 'penas para irritá-lo, e se virou. Ela não colocara as informações sobre os discos de segurança adulterados no relatório que entregara a DeBlass. O

assassino tinha estado no Complexo Gorham à meia noite. Rockman

dificilmente usaria o avô da vítima como álibi, a não ser que fosse verdade. O fato de que Rockman estava trabalhando em Washington à

meia-noite fechava até mesmo aquela janela estreita.

Eve avistou Roarke novamente, e observou com interesse quando

Elizabeth Barrister se agarrou a ele, e ele inclinou a cabeça para sussurrar-lhe algo ao ouvido. Aquela não era uma troca de condolências e agradecimentos entre estranhos, Eve decidiu.

Sua sobrancelha se elevou ao ver que Roarke colocou a mão no

rosto de Elizabeth e a beijou antes de dar um passo para trás e falar em sussurros com Richard DeBlass.

A seguir, se dirigiu 'ao senador, mas não houve contato entre eles, e a conversa foi breve. Sozinho, como Eve havia suspeitado, Roarke começou a caminhar pela grama ressecada, por entre os frios monumentos que os vivos erigiam para os mortos.

— Roarke.

Ele parou, e da mesma forma que fizera durante o serviço, se virou e a encarou com firmeza. Eve pensou ter visto um lampejo de alguma coisa em seu olhar: raiva, pesar, impaciência. Então tudo passou e eles estavam simplesmente frios, azuis e impenetráveis.

Ela não demonstrou pressa ao caminhar em sua direção. Algo lhe

dizia que ele era um homem muito acostumado a ter as pessoas, ou pelo menos as mulheres, certamente, correndo para ele. Assim continuou andando bem devagar, com passos largos, lentos, e as pernas geladas batendo contra as pontas do casaco emprestado.

— Gostaria de falar com o senhor — disse ela quando chegou junto dele. Pegou

o distintivo e o viu dar uma rápida olhada nele antes de tornar a levantar os olhos para ela. — Estou investigando o assassinato de Sharon DeBlass.

— A senhorita tem o hábito de participar do funeral das vítimas de assassinato, Tenente Dallas?

A voz dele era suave, com um distante e charmoso sotaque da Ir-

landa, como creme batido acompanhado de uísque.

— E o senhor tem o hábito de participar de funerais de mulheres

que mal conhecia, Senhor Roarke?

— Sou amigo da família — disse ele, simplesmente. — A senhorita

está congelando, tenente.

Ela enfiou os dedos enregelados dentro dos bolsos do casaco. —

E qual a sua proximidade com a família da vítima?

— Somos bem próximos. — Ele olhou para ela, com a cabeça para

o lado. Em menos de um minuto, pensou, os dentes dela iriam começar a tremer. O vento cruel estava soprando o cabelo com um corte pobre e espalhando-o em torno de um rosto muito interessante. Inteligente, teimoso, *sexy.* Três boas razões, na opinião dele, para olhar mais de uma vez para uma mulher. — Não seria mais conveniente se fôssemos conversar em algum lugar mais quente?

— Não tenho conseguido entrar em contato com o senhor —

começou ela.

— Ando viajando. Agora me encontrou. Suponho que esteja para

retornar a Nova York ainda hoje, tenente.

— Sim. Mas ainda tenho alguns minutos antes de ir para o aero-

porto. Sendo assim...

— Sendo assim, podemos voltar juntos. Isso vai lhe dar bastante

tempo para me interrogar.

— Pedir informações — replicou ela entre dentes, aborrecida ao vê-

lo se virar e se afastar dela. Apertou o passo para alcançá-lo.

Apenas Algumas perguntas agora, Roarke, e poderemos marcar um

encontro mais formal em Nova York.

— Detesto perder tempo — disse ele, com naturalidade. — Você

me parece ser uma pessoa que pensa da mesma forma. Está um carro alugado?

— Sim.

— Vou providenciar para que alguém o devolva para a senhorita. —

Ele estendeu a mão, pedindo as chaves do carro.

— Não é preciso.

— É mais simples. Gosto de complicações, tenente, mas também

gosto de simplicidade. A senhorita e eu estamos indo para o mesmo destino, aproximadamente na mesma hora. Está querendo conversar

comigo, e eu estou disposto a colaborar. — Parou ao lado de uma

limusine preta onde um motorista uniformizado estava à espera, segurando a porta traseira aberta. — O meu avião particular vai para Nova York. A senhorita pode, é claro, me acompanhar até o aeroporto, pegar um transporte público e depois se comunicar com o meu escritório para marcar um encontro. Ou podemos ir juntos no carro até o aeroporto, e depois aproveitamos a privacidade do meu jato. A senhorita terá toda a minha atenção durante a viagem.

Eve hesitou apenas por um momento, e então pegou a chave do

carro alugado no bolso e a entregou na mão de Roarke. Sorrindo, ele esticou o braço para que ela entrasse na limusine, onde ela se acomodou enquanto ele dava instruções ao motorista sobre como proceder com relação à devolução do carro à locadora.

— Muito bem, então. — Roarke se instalou ao lado dela, e pegou

uma garrafa. — Quer um pouco de conhaque para combater o frio?

— Não. — Eve começou a sentir o calor do carro envolver-lhe os

pés e ficou temerosa de começar a tremer como reação a isso.

— Ah, sei... a senhorita está de serviço. Café, talvez.

— Seria ótimo.

— Com creme? — Ouro rebrilhou em seu pulso quando ele aper-

tou o botão de opções para dois cafés, no AutoChef embutido no

painel lateral.

— Não, creme não. Puro.

— Ah, uma mulher do meu feitio. — Momentos depois, abriu a

porta de um pequeno armário e lhe entregou uma xícara de porcelana colocada sobre um pires delicado. — No avião teremos outras opções

— explicou ele, e então se recostou, segurando o café.

— Aposto que sim. — O aroma que vinha no vapor do café, tinha o

perfume do paraíso. Eve experimentou a bebida e quase, gemeu de

prazer.

Aquilo era café de verdade. Não era uma simulação feita com con-

centrado vegetal aromático, tão comum depois da destruição das

florestas tropicais, no século passado. Aquilo era o produto real, tor-rado e moído a partir de deliciosos grãos colombianos, onde cafeína cantava.

Ela tomou mais um gole e quase chorou.

— Algum problema? — Ele gostou imensamente da reação dela, do

tremular das pestanas, do rubor discreto e da sombra de prazer que viu em seus olhos, uma resposta muito similar, notou, à de uma mulher ronronando sob o comando das mãos de um homem.

— Você sabe há quanto tempo eu não sei o que é tomar café de

verdade?

— Não. — Ele sorriu.

— Nem eu. — Já sem sentir vergonha, ela fechou os olhos, en-

quanto levantava a xícara mais uma vez. — Você vai ter que me desculpar. Este é um momento íntimo. Deixaremos para conversar no

avião.

— Como quiser.

Roarke ofereceu a si mesmo o prazer de observá-la enquanto o carro deslizava suavemente sobre a estrada.

Estranho, pensou, ele não imaginava que ela fosse uma policial.

Seus instintos eram geralmente muito apurados quando se tratava dessas coisas. No funeral, estivera pensando apenas que era um terrível desperdício alguém tão jovem, tola e cheia de vida como Sharon estar morta.

Então sentiu algo, alguma coisa que envolveu seus músculos, e lhe apertou a barriga. Sentira o olhar dela, tão físico como se fosse um golpe. Ao virar os olhos e vê-la, sentiu outro golpe. Um golpe duplo em câmera lenta do qual ele não conseguira se esquivar.

Era fascinante.

Mis o sinal de alarme não disparou. Pelo menos não o sinal de

alarme que teria indicado *tira*. O que ele viu foi uma morena alta, de porte esbelto, com cabelos curtos em desalinho, olhos da cor de favos de mel e uma boca moldada para o sexo.

Se ela não o tivesse procurado, ele estava com a intenção de

procurá-la.

Era realmente uma pena que ela fosse uma policial.

Eve não falou novamente até o momento em que eles chegaram ao

aeroporto e entraram na cabine do JetStar 6000 de Roarke.

Ela detestava se mostrar impressionada, mais uma vez. Café era

uma coisa, e pequenas fraquezas eram aceitáveis, mas ela acabou não se importando por exibir a clássica reação dos olhos esbugalhados ao ver o luxo da cabine, com suas poltronas profundas, sofás, o carpete antigo e os jarros de cristal cheios de flores.

Havia uma tela com imagens, embutida na parede do fundo, e uma

comissária de voo uniformizada, que não demonstrou surpresas alguma ao ver Roarke embarcar em companhia de uma desconhecida.

— Conhaque, senhor?

— Minha acompanhante prefere café, Diana, puro. — Ele levantou

a sobrancelha até que Eve concordou. — Para mim, um conhaque.

— Já ouvi falar do JetStar — comentou Eve enquanto tirava o

casaco e era encaminhada para a frente, junto com Roarke, pela comissária. — É um belo meio de transporte.

— Obrigado. Levamos dois anos projetando este modelo.

— As Indústrias Roarke? — perguntou ela, enquanto se sentava.

— Exato. Prefiro usar meus próprios produtos, sempre que possível.

A senhorita precisa apertar o cinto para a decolagem avisou ele, e en-tão se inclinou para ligar um intercomunicador. Estamos prontos.

— Acabamos de ser liberados — uma voz avisou. — Trinta

segundos.

Antes mesmo de Eve piscar, eles já estavam no ar, em uma decol-

agem tão suave que ela quase não sentiu a aceleração. Aquilo batia de longe qualquer avião comercial daqueles que deixavam o corpo colado no encosto durante os primeiros cinco minutos de voo.

A comissária serviu drinques e um pequeno prato de frutas e queijo, que deixaram Eve com água na boca. Era hora, decidiu, de passar ao trabalho.

— Há quanto tempo o senhor conhecia Sharon DeBlass?

— Fui apresentado a ela recentemente, na casa de um conhecido

comum.

— O senhor disse que era amigo da família.

— Amigo dos pais dela — explicou Roarke, com descontração. —

Conheço Beth e Richard há vários anos. De início, em um nível de negócios, e mais tarde em um nível pessoal. Sharon estava estudando, depois foi para a

Europa, e nossos caminhos jamais se cruzaram.

Encontrei-a pela primeira vez há poucos dias, e a levei para jantar.

Logo depois, ela morreu. — Pegou uma estreita cigarreira de ouro no

bolso interno do paletó. Os olhos de Eve se apertaram ao vê-lo acender um cigarro.

— Tabaco é ilegal, Senhor Roarke.

— Não no espaço aéreo, águas internacionais ou propriedade

privada. — Ele sorriu para ela através de uma bruma esfumaçada. —

Você não acha, tenente, que a polícia já tem suficientes problemas para resolver sem ter que ficar tentando legislar a moral e o nosso estilo de vida pessoal?

— É por causa disso que você coleciona armas de fogo? — Eve de-

testava admitir, mas o aroma do tabaco era envolvente. — É parte do seu estilo de vida?

— Eu as acho fascinantes. O seu avô e o meu consideravam o porte de arma um direito constitucional. Brincamos muito com direitos con-stitucionais, enquanto íamos nos tornando civilizados.

— E assassinar ou ferir alguém com esse tipo particular de arma

agora é uma aberração em vez da regra normal.

— Você gosta de regras, tenente?

A pergunta era leve, como o insulto por trás dela. Os ombros de Eve ficaram rígidos.

— Sem regras, temos o caos.

— E do caos, surge a vida.

Dane-se filosofia, pensou ela, perturbada.

— Senhor Roarke, o senhor possui um revólver Smith & Wesson, calibre trinta e oito, modelo Dez, fabricado em torno de 1990?

Ele deu mais uma tragada lenta, considerando a pergunta. O tabaco queimava rápido e dispendioso, entre seus dedos longos e elegantes.

— Acredito que possuo um modelo desses, sim. Foi a arma que a

matou?

— Estaria disposto a exibi-la para mim?

— Claro, quando a senhorita quiser.

Fácil demais, ela pensou. Eve suspeitava de qualquer coisa que v,se fácil demais.

— O senhor jantou com a vítima na noite anterior à da morte dela.

No México.

— Isso mesmo. — Roarke apagou o cigarro e se recostou, segur-

ando o conhaque. — Possuo uma pequena *villa* na costa oeste. Imaginei que ela fosse apreciar. E ela gostou.

— Houve algum relacionamento físico com Sharon DeBlass?

Os olhos dele cintilaram por um momento, mas, se era um brilho de satisfação ou de raiva, ela não tinha certeza.

— Com isso, imagino que queira saber se eu fiz sexo com ela.

Não, tenente, embora isso me pareça irrelevante. Apenas jantamos.

— O senhor levou uma mulher linda, uma acompanhante profis-

sional, à sua *villa* no México, e tudo o que aproveitou do passeio com ela foi um

jantar?

Roarke levou algum tempo antes de responder, enquanto escolhia

uma uva verde e brilhante.

— Aprecio mulheres lindas por uma variedade de motivos, gosto

muito de passar algum tempo com elas. Porém, não contrato serviço de profissionais por dois motivos. Primeiro, não acho que seja necessário pagar para ter sexo. — Ele tomou um gole do conhaque,

observando-a por sobre a borda do cálice. — Em segundo lugar, prefiro não compartilhá-lo. — Ele fez uma pausa rápida. E quanto à

senhorita?

— Não estamos aqui falando de mim. — O estômago dela agit-

ou, mas isso foi ignorado.

— Pois eu estou. Você é uma mulher maravilhosa, e estamos soz-

inhos aqui, e ficaremos assim por pelo menos mais quinze minutos.

No entanto, tudo o que aproveitamos até agora foi café e o conhaque.

— Ele sorriu ao notar a raiva que transparecia no olhar dela. — Não é heroico, de minha parte, este autocontrole que possuo?

— Eu então diria que seu relacionamento com Sharon DeBlass

tinha uma conotação diferente.

— Bem, com isso eu certamente concordo. — Escolheu outra uva e

ofereceu a ela.

Apetite exagerado era uma fraqueza, Eve se forçou a lembrar en-

quanto aceitava a uva e dava uma mordida na pele fina e ácida.

— O senhor tornou a vê-la depois do jantar no México?

— Não. Deixei-a em casa mais ou menos às três da manhã e fui em-

bora. Sozinho.

— Consegue me informar seu paradeiro nas quarenta e oito horas

seguintes, após ter ido embora... sozinho?

— Estive na cama nas primeiras cinco horas desse período. Depois participei de uma teleconferência enquanto tomava café, por volta de oito e quinze. Pode confirmar os registros.

— Eu vou confirmar.

Desta vez ele sorriu, com um rápido clarão de charme em estado

puro que fez a pulsação dela acelerar.

— Não tenho dúvidas quanto a isso. Sabe, Tenente Dallas, você me deixa fascinado.

— E depois da teleconferência?

— Ela acabou por volta de nove horas. Trabalhei até as dez, e passei as horas seguintes no meu escritório do centro da cidade,

atendendo a vários compromissos. — Ele pegou um pequeno e fino

cartão que ela reconheceu como uma agenda diária. — Quer que eu

descreva a minha agenda?

— Preferia que o senhor enviasse uma cópia em papel para a minha sala.

— Vou providenciar. Voltei para casa às sete. Jantei com diversos representantes

de minha fábrica no Japão, em minha casa. O jantar foi às oito. Quer que eu lhe mande uma cópia em papel com o menu?

— Não seja cretino, Roarke.

— Apenas meticuloso, tenente. Acabamos cedo. Às onze da noite e

eu já estava sozinho, acompanhado por um livro e um conhaque, até aproximadamente as sete da manhã, quando tomei minha primeira xí-

cara de café. E você, aceita outra xícara?

Ela estava doida para tomar mais uma xícara de café, mas balançou a cabeça.

— Ficou sozinho por oito horas, Roarke. Falou com alguém, ou es-

teve com alguém durante esse tempo?

— Não. Ninguém. Como tinha que estar em Paris no dia seguinte,

quis ter uma noite sossegada. Calculei mal o tempo. Por outro lado, se fosse assassinar uma pessoa, seria alguém muito descuidado para me deixar desprotegido, sem um álibi.

— Ou muito arrogante para se incomodar com isso — retrucou ela.

— Você apenas coleciona armas antigas, Roarke, ou as usa?

Tenho excelente pontaria. — Colocou o cálice para o lado. Ficarei feliz de lhe demonstrar isso, quando vier conhecer a minha coleção.

Amanhã está bem, para você?

— Está.

— Sete horas? Imagino que já saiba o endereço. — Quando se in-

clinou, ela ficou rígida e quase sibilou quando o braço dele esbarrou no dela. Ele simplesmente sorriu, com o rosto junto do dela e os olhos no mesmo nível. — Você vai ter que apertar o cinto. — disse, com calma.

— Vamos aterrissar.

Ela apertou o fecho, sozinha, querendo descobrir se ele a deixava nervosa como homem ou como suspeito de assassinato, ou como uma

67/393

combinação de ambos. Naquele momento, qualquer uma das opções

tinha um interesse próprio, além das suas próprias possibilidades.

— Eve — murmurou ele. — Que nome mais feminino e simples.

Fico imaginando se combina com você.

Ela não disse nada, enquanto a comissária voltava para recolher os pratos.

— Você alguma vez esteve no apartamento de Sharon

Roarke?

Ela era durona, ele avaliou, embora tivesse certeza de que havia algo macio e quente por baixo daquilo. Ficou pensando se, ou melhor, quando ele teria a oportunidade de descobrir.

— Jamais estive lá durante o tempo em que ela foi inquilina —

disse Roarke enquanto se recostava novamente. — E creio que também nunca estive antes disso, não que eu me lembre, embora seja, certamente, possível que eu tenha estado. — Sorriu mais uma vez e apertou o próprio cinto. — Sou o dono do Complexo Gorham, como estou

certo de que já é do seu conhecimento. — Distraidamente, olhou pela janela enquanto o solo parecia crescer sob eles. — Você consegue transporte no aeroporto, tenente, ou aceita uma carona?

CAPÍTULO QUATRO

Eve estava se sentindo mais do que exausta quando acabou de pre-

parar o relatório para Whitney e voltou para casa. Estava furiosa. Queria muito

ter conseguido pegar Roarke de surpresa com o trunfo de já saber que ele era o dono do Gorham. O fato de ter sido ele a comentar isso com aquele tom cuidadosamente educado que usara para lhe oferecer café tinha feito a primeira entrevista entre eles terminar com vantagem para ele.

Ela não gostou do placar.

Estava na hora de empatar o jogo. Sozinha na sala de estar, e tecnicamente fora do horário de serviço, ela se sentou diante do

computador.

— Conexão para Dallas, acesso a Código Cinco, senha 53478Q.

Abrir o arquivo DeBlass.

Pesquisa

de

voz

e

senha

reconhecidas,

Dallas.

Pode

prosseguir.

— Abra o subarquivo Roarke. Suspeito Roarke, conhecido da ví-

tima. De acordo com a fonte C, Sebastian, a vítima alimentava desejos pelo suspeito. O suspeito atingia as suas exigências para parceiro sexual. Possibilidade de envolvimento emocional elevada.

“Oportunidade para cometer o crime — continuou. — O suspeito é

proprietário do prédio onde fica o apartamento da vítima, o que lhe fornece acesso e provavelmente conhecimento da estrutura de segurança no local do crime. O suspeito não apresentou álibi para um per-

íodo de oito horas na noite do assassinato, período que inclui o intervalo de tempo necessário para apagar os discos com as imagens da segurança. O suspeito possui uma grande coleção de armas antigas, incluindo a que foi utilizada para matar a vítima. O suspeito admite ser um exímio atirador.

“Fatores da personalidade do suspeito — disse em seguida. — Ele é altivo, arredio, confiante, auto-indulgente e muito inteligente. Possui um interessante equilíbrio entre agressividade e charme.

“Motivo...

E aqui, ela esbarrou em um problema. Com ar calculista, levantou-se e deu uma volta pela sala enquanto o computador aguardava por mais dados. Por que motivo um homem como Roarke mataria alguém?

Por lucro, em um ato passional? Ela achava que não. Riqueza e *status* ele conseguiria obter por outros meios. Mulheres, para sexo ou o que quer que fosse, também poderia conseguir sem esforço. Eve suspeitava que ele fosse capaz de atos violentos, e que os executaria de modo frio.

O assassinato de Sharon DeBlass tinha sido carregado de sexo.

Havia uma camada de crueldade em torno dele. Eve não conseguia as-sociar isso com o homem elegante com quem compartilhara o café.

Talvez estivesse aí a questão.

— O suspeito considera a moralidade uma questão mais pessoal do

que legislativa — ela continuou, ainda caminhando pela sala. — Sexo,

restrição ao porte de armas, drogas, restrições ao uso de tabaco e bebidas,

assassinato, tudo isso tem a ver com posturas morais que foram consideradas criminais ou regulamentadas. O assassinato de uma

acompanhante licenciada, filha única de amigos, única neta de um dos mais conservadores e atuantes legisladores do país, um assassinato cometido por uma arma banida da sociedade. Será isso um exemplo

elaborado das falhas que o suspeito considera inerentes ao sistema legal estabelecido?

“Motivo — ela concluiu, acomodando-se na cadeira novamente.

Autoindulgência. — Deu um profundo e satisfeito suspiro. — Favor computar a probabilidade.

O sistema fez um ruído agudo, de algo girando velozmente,

fazendo-a lembrar que aquela era uma das coisas em sua casa que pre-cisavam de reposição. Finalmente, o ruído se transformou em um zumbido estremecido.

Probabilidade de Roarke ser o autor do crime, consid-

erando os dados e as suposições apresentados: 82.6%.

Ora, então era possível, pensou Eve, recostando-se na cadeira.

Houve um tempo, em um passado nem tão distante, em que uma cri-

ança poderia ser alvejada por outra criança com uma arma de fogo por causa dos tênis novos.

O que era isso, senão uma forma obscena de auto-indulgência?

Ele teve a oportunidade. Tinha os meios. E, se sua arrogância era para ser levada em consideração, tinha o motivo.

Então por que razão, meditou Eve enquanto observava as próprias

palavras piscando no monitor e estudava a análise impessoal computador, ela não estava conseguindo fazer toda aquela história funcionar dentro da sua cabeça?

Simplesmente não conseguia ver o fato acontecer, admitiu. Não

conseguia visualizar Roarke em pé, atrás da câmera, apontando a arma para a mulher indefesa, nua, sorridente, e cravando uma bala dentro dela, talvez poucos momentos depois de ter colocado a si próprio dentro dela.

Mesmo assim, certas coisas não podiam ser desprezadas. Se ela

conseguisse reunir fatos em número suficiente, poderia conseguir uma permissão para reunir fatos em número suficiente, poderia conseguir lima permissão para promover uma avaliação psiquiátrica dele.

Não seria interessante?, pensou, quase sorrindo. Viajar por dentro da cabeça de Roarke seria uma jornada fascinante.

Ela daria o próximo passo às sete horas da noite seguinte.

A campainha da porta trouxe um franzir de aborrecimento aos seus olhos.

— Arquivar e desligar por comando de voz, Dallas. Código Cinco.

Desconectar.

O monitor apagou com um *blip* curto enquanto ela se levantava para ver quem viera interrompê-la. Uma olhada na tela de segurança apagou seu aborrecimento.

— Oi, Mavis.

— Você se esqueceu, não foi? — Mavis Freestone irrompeu no

apartamento, envolvida por um emaranhado de braceletes e una nuvem de perfume. Seus cabelos estavam com um tom brilhante de prata

naquela noite, um tom que certamente iria se modificar conforme o seu estado de espírito. Ela os atirou para trás, e os fios brilharam como estrelas pelas costas abaixo, até a altura da sua cintura, inacreditavelmente estreita.

— Não, não esqueci. — Eve fechou a porta e colocou todas as

trancas. — Esqueci o que mesmo?

— Jantar, dançar, badalar. — Com um suspiro pesado, Mavis atirou seus quarenta e cinco quilos cobertos por uma roupa colante sobre o sofá, e olhou com desdém para o *tailleur* cinza de Eve. — Você não pode sair vestida com isso.

Sentindo-se pobre e apagada, como era comum se sentir quando

Mavis estava por perto, Eve olhou para a própria roupa, concordando.

— Não, acho que não posso.

— Então — Mavis esticou um dos dedos pintados com esmalte cor

de esmeralda —, você se esqueceu.

Ela se esquecera, mas estava se lembrando naquele momento. Elas

haviam feito planos de conhecer o novo clube noturno que Mavis

descobrira nas docas espaciais em New Jersey. Segundo Mavis, os

gatões ali viviam em estado de excitação constante. Algo a ver com sua forma física.

— Desculpe, Mavis. Você está espetacular.

Era verdade, sem dúvida. Oito anos antes, quando Eve tinha levado Mavis para a prisão por causa de um pequeno furto, ela já parecia ótima. Uma malandra de rua coberta de seda, com dedos ágeis e um sorriso brilhante.

Nos anos que se passaram, acabaram se tornando amigas. Para Eve, que podia contar nos dedos os amigos que não eram tiras, aquela era uma amizade preciosa.

— Você parece cansada — disse Mavis, com um tom mais de acus-

ação do que de pena —, e está faltando um botão na sua roupa.

Os dedos de Eve voaram automaticamente para o paletó e sentiu as pontas soltas da linha.

— Droga! Eu sabia. — Desgostosa, tirou o paletó e o jogou longe.

— Olhe, me desculpe. Eu esqueci, realmente. Estive com cabeça cheia, hoje.

— Isso tem a ver com os motivos de você ter precisado do meu cas-acão preto?

— Tem, sim. Obrigada. Quebrou um galhão.

Mavis se sentou por um minuto, tamborilando com as unhas verdes

no braço do sofá.

— Assuntos da polícia. E eu toda crente, na esperança de que você tinha um encontro. Sabe, Eve, você precisa começar a se encontrar com homens que não sejam criminosos.

— Eu me encontrei com aquele consultor de imagens que você me

arrumou. Ele não era criminoso. Era apenas idiota.

— Você é que é muito exigente, e isso aconteceu há mais de seis

meses.

Considerando-se que ele tentara fazer com que ela perdesse o

emprego ao sugerir uma tatuagem labial, de graça, Eve achou que seis meses eram até pouco tempo, mas guardou a opinião para si mesma, e disse:

— Vou trocar de roupa.

— Já vi que você não está a fim de sair esta noite e ficar dançando e batendo a bunda com os garotos espaciais. — Mavis se levantou de novo, e os compridos brincos de cristal que batiam nos ombros espar-giram raios de luz. — Vá em frente e tire essa saia horrorosa. Vou pedir um pouco de comida chinesa.

Uma onda de alívio fez os ombros de Eve relaxarem. Por Mavis, ela teria tolerado uma noite em um clube noturno apinhado e detestável, com música alta, pilotos calouros e técnicos espaciais sedentos de sexo se atirando em cima dela. A ideia de saborear comida chinesa em casa, com os pés para cima, era uma visão do paraíso.

— Você não se importa, Mavis?

A amiga dispensou a ideia com um aceno, enquanto digitava no te-

clado do computador o nome do restaurante que queria, dizendo:

— Eu passo todas as minhas noites em um clube desses.

— Que trabalheira! — gritou Eve do quarto, já entrando no

banheiro.

— Nem me conte. — Com a língua entre os dentes, Mavis analisava

o menu na tela. — Há alguns anos, eu saberia que essa história de can-tar em troca de comida era a maior enganação, a maior furada em que eu poderia me meter. No final, estou trabalhando mais do que nunca, enganando os turistas. Você vai querer enroladinhos de ovo?

— Vou. Mas você não está pensando em desistir, está?

Mavis ficou em silêncio por um instante, enquanto escolhia os

pratos.

— Não. Sou ligada demais nos aplausos. — Sentindo-se generosa,

pagou pelo jantar com o seu World Card. — E desde que renegociei o contrato com a boate, estou ganhando dez por cento do preço da entrada. Virei uma mulher de negócios, como qualquer pessoa normal.

— Não há nada de normal em você — discordou Eve. E voltou,

usando uma confortável calça jeans e uma camiseta do Departamento de Polícia de Nova York.

— É verdade. Ainda tem daquele vinho que eu trouxe da outra vez

em que estive aqui?

— A segunda garrafa quase toda. — E por lhe parecer que aquela

era a melhor ideia que surgira o dia inteiro, Eve se desviou em direção à cozinha para servir o vinho. — E você, continua saindo com o

dentista?

— Não. — De modo preguiçoso, Mavis foi até a unidade de laser e

a programou para música. — Aquilo estava ficando sério demais. Não me incomodo com o fato de ele ter se apaixonado pelos meus dentes, mas de repente ele estava a fim do pacote completo. Queria se casar.

— Que cretino!

— Não se pode confiar em ninguém — concordou Mavis. — E

como andam as coisas na área de proteção à lei e à ordem?

— No momento, um pouco pesadas. — Olhou por sobre o vinho

que estava servindo quando ouviu a campainha tocar. — Não pode ser o jantar, assim tão depressa. — Enquanto dizia isso, ouviu Mavis caminhando alegremente, fazendo barulho no piso da sala com os sapatos de salto quinze. — Olhe quem é pelo monitor de segurança, Mavis —

disse depressa, e já estava a meio caminho da entrada quando a amiga abriu a porta de uma vez só.

Teve apenas um momento para xingar e outro para tentar pegar a

arma que na verdade não estava usando. Então, o riso de flerte agudo e rápido de

Mavis fez sua adrenalina disparar novamente.

Eve reconheceu o uniforme da companhia de entregas, e não viu

mais nada, a não ser a cara de satisfação e um pouco de embaraço do jovem que entregava um pacote para Mavis.

— Adoro presentes — dizia ela, balançando as pestanas pintadas de prata em direção ao rapaz, que já recuava, envergonhado. — Você

também veio de brinde?

— Deixe o garoto em paz. — Balançando a cabeça, Eve pegou o

pacote das mãos de Mavis e fechou a porta.

— Ah, eles são tão engraçadinhos nessa idade. Jogou um beijo em

direção ao monitor de segurança antes de se virar para Eve. — Nossa, por que você está tão nervosa hoje, Dallas?

— O caso em que estou trabalhando está me deixando abalada, eu

acho. — Ela olhou o papel laminado dourado e o laço elaborado sobre o pacote que segurava, com mais suspeitas do que prazer. — Não

tenho ideia de quem poderia estar me mandando um presente.

— Tem um cartão aí — observou Mavis, secamente. — Você bem

que poderia ler o que está escrito. Pode haver alguma pista.

— Agora veja quem é que é a engraçadinha. — Eve puxou o cartão

do envelope dourado.

Roarke

Ao ler o nome por cima do ombro de Eve, Mavis assobiou baixinho.

— Não pode ser o Roarke! O incrivelmente rico, maravilhosamente

lindo de se olhar, o misterioso e *sexy* Roarke, que possui aproximadamente vinte e oito por cento de tudo o que há no mundo e em seus satélites?

— Ele é o único que eu conheço. — Tudo o que Eve sentia era

irritação.

— Você o conhece? — Mavis revirou os olhos pintados com som-

bra verde. — Dallas, eu subestimei você de uma forma inaceitável.

Conte-me tudo. Como, quando, por quê? Você já dormiu com ele?

Diga-me que dormiu com ele e depois me descreva tudo nos mínimos detalhes.

— Temos um caso secreto e ardente há uns três anos, e nesse per-

íodo eu tive um filho dele, que no momento está sendo criado em um lugar afastado, na superfície da Lua, por monges budistas. — Com as sobrancelhas franzidas, Eve sacudiu a caixa. — Controle-se, Mavis!

Isso tem a ver com um caso em que estou trabalhando e — acrescentou antes de dar à amiga a chance de abrir a boca trata-se de um assunto confidencial.

Mavis não se deu ao trabalho de revirar os olhos de novo. Quando Eve falava a palavra *confidencial,* não havia lisonja que resolvesse, e não adiantava implorar nem choramingar, que ela não cederia um

centímetro.

— Tudo bem, mas pelo menos me conte se ele parece tão bonito

pessoalmente quanto nas fotos.

— Mais bonito — balbuciou Eve.

— Meu Deus, sério? Mavis gemeu e se deixou cair sobre o sofá. —

Ai, acho que acabei de ter um orgasmo!

— Bem, você deve saber. — Eve colocou a caixa sobre a mesa e

ficou olhando de cara feia. — Como é que ele sabe onde é que eu

moro? Você não pode pegar o endereço de uma policial no catálogo.

Como foi que ele descobriu? — repetiu, baixinho. — E o que está

planejando?

— Pelo amor de Deus, Dallas, abra logo. Ele provavelmente sim-

patizou com você. Alguns homens acham que as mulheres frias, desin-teressadas e reticentes são as mais atraentes. Faz com que pensem que elas são profundas. Aposto que são diamantes — disse Mavis, batendo com o dedo na caixa, a paciência por um fio. — Uma gargantilha. Uma gargantilha de diamantes. Talvez rubis. Você iria ficar sensacional usando rubis.

E rasgou o papel caríssimo sem dó nem piedade, atirando longe a

tampa da caixa e enfiando a mão dentro da embalagem com borda

dourada.

— Mas que diabo é isso?

Eve já havia sentido o aroma e, sem conseguir evitar, começou a

sorrir.

— É café — explicou ela, em um murmúrio, sem notar a forma

como sua voz se tornou mais macia enquanto esticava o braço para pegar o saco marrom que Mavis segurava.

— É café? — Com as ilusões despedaçadas, Mavis ficou com o ol-

har parado. — O sujeito tem mais dinheiro do que Deus e lhe manda presente um saco de café?

— É café de verdade.

— Ah, bom. — Desgostosa, Mavis balançou a mão. — Olhe,

nãoquero saber quanto custa um quilo dessa porcaria, Dallas. O que uma mulher quer é brilho.

— Não esta mulher aqui. — Eve levou o saco até perto e cheirou

profundamente. — O filho da mãe sabia direitinho como poderia me impressionar. — Ela suspirou. — E de mais de uma maneira.

Eve se deleitou com uma xícara do líquido precioso logo na manhã seguinte. Nem mesmo o seu temperamental AutoChef conseguira estragar o sabor rico e denso. Foi dirigindo até o Departamento d. Polí-

cia, com o seu aquecedor enguiçado, sob um céu cheio de chuva mis-turada com neve, enfrentando um vento gelado que fazia temperatura ficar a quinze graus abaixo de zero, e mesmo assim exibia um sorriso no rosto.

O sorriso ainda estava lá quando ela entrou no escritório encontrou Feeney esperando por ela.

— Ora, ora. — Ele a analisou. — O que tomou no café, parceira?

— Café. Simplesmente café. Tem alguma coisa para mim?

— Fiz uma pesquisa completa em Richard DeBlass, Elizabeth Bar-

rister e o resto do clã. — Ele lhe entregou um disco marcado Código Cinco em grandes letras vermelhas. — Não há grandes surpresas. Não consegui nada de extraordinário em Rockman, também. Quando tinha vinte e poucos anos, ele pertencia a um grupo paramilitar denominado Rede de Segurança.

— Rede de Segurança — repetiu Eve, com o cenho franzido.

— Você devia ter uns oito anos quando o grupo foi desmantelado,

garota — disse Feeney com um riso forçado. — Mas deve ter ouvido falar dele

nas aulas de História.

79/393

— Estou me lembrando vagamente. Não foi um daqueles grupos

que surgiram quando estivemos em conflito com a China?

— Foi; e, se eles tivessem conseguido que as coisas corressem do jeito que queriam, a crise teria sido bem mais do que um conflito. Com um desentendimento causado pela posse de espaço internacional, a coisa poderia ter ficado feia. Mas os diplomatas conseguiram ganhar a guerra antes que eles a começassem de verdade. Poucos anos depois, a organização foi desmontada, embora ainda surjam boatos de vez em quando a respeito de uma facção da Rede de Segurança que continua agindo secretamente.

— Já ouvi falar deles. Ainda ouço, até hoje. Você acha que Rock-

man está envolvido com um grupo fanático e desarticulado como este?

— Acho que ele sabe onde pisa — disse Feeney, levando apenas

um momento antes de balançar a cabeça. — Poder reflete poder, e isso DeBlass tem de sobra. Se acabar conseguindo chegar na Casa Branca, Rockman vai estar bem ao lado dele.

— Por favor. — Eve apertou a mão sobre o estômago. — Assim vo-

cê vai me causar pesadelos.

— É um longo caminho, mas ele já está com bastante apoio para as próximas eleições. — Feeney moveu os ombros.

— Rockman tem um álibi, de qualquer modo. Do próprio DeBlass.

Os dois estavam em Washington. — Eve se sentou. — Tem mais al-

guma coisa?

— Charles Monroe. Ele tem levado uma vida interessante, mas não

apareceu nada de sombrio. Estou trabalhando nas anotações da vítima.

Você sabe, às vezes se você não toma todo o cuidado na hora de adulterar arquivos, deixa pontas à mostra. A mim, parece que uma pessoa que acabou de matar uma mulher pode cometer um descuido desses.

— Então encontre essa ponta, Feeney, puxe-a para fora e eu lhe

compro uma caixa daquele uísque horroroso que você adora.

— Combinado. Ainda estou trabalhando em Roarke — acrescentou.

— Ali está um homem que não é descuidado. Todas as vezes que eu

acho que consegui ultrapassar uma barreira de segurança, dou de cara com outra. Quaisquer que sejam os dados a respeito dele, estão muito bem guardados.

— Continue tentando ultrapassar essas barreiras. Enquanto isso, eu vou cavando por baixo delas.

Quando Feeney saiu, Eve se virou para o monitor. Não quis fazer a pesquisa na frente de Mavis, e preferiu, nesse caso, usar o computador do escritório. A pergunta era simples.

Eve digitou o nome e o endereço de seu prédio. A seguir perguntou quem era o proprietário.

E a resposta era simples: Roarke.

A licença de Lola Starr para trabalhar com sexo tinha sido emitida há apenas três meses. Ela entrara com o pedido no dia do seu décimo oitavo aniversário, a data mais prematura que a lei permitia. Gostava de dizer aos amigos que até então havia sido apenas uma amadora.

Foi este o mesmo dia em que ela deixou sua casa em Toledo, e o

mesmo dia em que trocou de nome, abandonando o antigo, Alice Wil-liams. Tanto a velha casa quanto o antigo nome haviam sido muito maçantes para Lola.

Tinha um rosto bonito, de fada. Perturbara, implorara e

choramingara até que seus pais concordaram em lhe dar um queixo

mais afilado e um nariz arrebitado como presente, aos dezesseis anos.

Lota pretendia ter a aparência de um elfo muito *sexy,* e pensou ter conseguido. Seus cabelos eram pretos como carvão, bem curtos, e com pontas audaciosas. Sua pele tinha a brancura do leite e era firme.

Estava economizando dinheiro para ter a cor dos olhos alterada de

castanho para verde-esmeralda, cor que imaginava que ia combinar melhor com a sua imagem. E tinha tido a sorte de ter nascido com um suculento corpinho que não precisava de mais nada, senão manutenção básica.

Sonhara em ser uma acompanhante autorizada por toda a vida. Out-

ras garotas sonhavam em seguir carreiras em Direito ou Finanças, e estudavam muito para entrar na área médica ou na indústria. Lola, porém, sempre soube que havia nascido para o sexo.

Por que não ganhar a vida usando o que sabia fazer de melhor?

Queria ser rica, desejada e mimada. A parte do desejo ela achava fá-

cil. Os homens, particularmente os mais velhos, estavam dispostos a pagar bem por alguém com os atributos de Lola. As despesas da sua profissão, porém, haviam se mostrado muito mais elevadas do que ela previra quando sonhava em seu lindo quarto, ainda em Toledo.

As taxas para conseguir a licença, os exames médicos regulares

obrigatórios, o aluguel e o imposto sobre atividades pecaminosas de-voravam todo o lucro. Depois de ter acabado de pagar pelo

treinamento**,** sobrara-lhe apenas o suficiente para manter um pequeno conjugado com quitinete, nas imediações da Calçada das Prostitutas.

Mesmo assim, era melhor do que trabalhar nas ruas, como muitas

ainda faziam. E Lola tinha planos para alcançar coisas maiores e melhores.

Um dia ela ainda iria morar em uma cobertura, e aceitar apenas a nata dos clientes. Seria levada para jantar e tomar vinho nos melhores restaurantes, e voaria para lugares exóticos para satisfazer à realeza e aos ricos.

Era boa o bastante no que fazia, e não pretendia ficar no pé da escada por muito tempo.

As gorjetas ajudavam. Uma profissional não deveria aceitar din-

heiro extra ou bônus. Pelo menos, não tecnicamente. Mas todas faziam

isso. Ela ainda era jovem o suficiente para aceitar os presentinhos que alguns dos clientes lhe ofereciam. Mas guardava o dinheiro religiosamente e sonhava com a cobertura.

Naquela noite ia receber um cliente novo, um homem que pedira especificamente para ser chamado de “Papai”. Ela concordou e esperou até que todos os arranjos fossem feitos, antes de se permitir um sorriso afetado. O sujeito provavelmente estava achando que era o primeiro a querer que ela fosse a filhinha dele. O fato é que, naqueles poucos meses em que já estava trabalhando, a pedofilia começava rapidamente a se transformar na sua especialidade.

Assim, de forma adequada, ela se sentaria no colo dele e deixaria que ele a espancasse. Depois, ia ficar repetindo que precisava ser castigada. Na verdade, era mais ou menos como fazer uma brincadeira, e quase todos os homens eram bem delicados com ela.

Com tudo isso em mente, escolheu uma saia plissada curta e uma

blusa branca, com gola colegial. Por baixo não usava mais nada, a não ser as meias brancas. Raspara os pêlos pubianos, e era lisa e macia como uma menina de dez anos.

Depois de examinar o próprio reflexo, adicionou um pouco mais de cor nas

bochechas e mais brilho nos lábios, fazendo um beicinho.

Ao ouvir a batida na porta, sorriu, e seu rosto ainda sem muita malí-

cia lhe sorriu de volta do outro lado do espelho.

Ela ainda não tinha dinheiro para instalar uma câmera de segurança, e usou o olho mágico para avaliar o visitante.

Ele era bonito, o que a deixou satisfeita. E tinha idade suficiente para ser pai dela, o que o deixaria igualmente satisfeito. Abriu a porta, e lançou um sorriso tímido e recatado, dizendo:

— Oi, papai.

Ele não queria perder tempo. Era a única coisa que tinha de pouco naquele momento. Sorriu para ela. Para uma prostituta, até que ela era

uma gracinha. Quando a porta se fechou em suas costas, apalpou por baixo da saia dela, e ficou feliz ao ver que ela estava nua. As coisas seriam mais rápidas se ele ficasse logo excitado.

— Papai! — fazendo o papel dela, Lola soltou um gritinho entre-

meado de risos. — Isso e feio!

— Ouvi dizer que você se comportou mal. — Tirou o casaco e o

colocou cuidadosamente de lado, enquanto ela fazia cara de zanga para ele. Embora ele fosse precavido e tivesse selado as mãos, não tocaria em nada no quarto, a não ser nela.

— Mas eu tenho sido uma boa menina, papai. Muito boa.

— Você tem se comportado muito mal, filhinha. — Colocando a

mão no bolso, pegou uma pequena câmera de vídeo, que ligou e apontou na direção da estreita cama que ela havia enchido de travesseiros e bichos de pelúcia.

— Você vai tirar fotos?

— Isso mesmo.

Ela deveria avisar a ele que isso ia lhe custar um dinheiro extra, mas resolveu esperar até que tudo tivesse terminado. Os clientes não gostavam de ver suas fantasias interrompidas pela realidade. Ela aprendera isso no treinamento.

— Vá se deitar na cama.

— Sim, papai. — Ela se aninhou entre os travesseiros e os animais sorridentes.

— Ouvi dizer que você andou tocando em si mesma.

— Não papai.

— Não é bonito contar mentiras para o papai. Vou ter que castigar você, mas depois vou dar um beijinho ali e tudo vai ficar bem. —

Quando ela sorriu, ele caminhou em direção à cama. — Levante a saia garotinha, e me mostre como foi que você tocou em si mesma.

Lola não ligava muito para essa parte. Gostava de ser tocada, mas o contato das próprias mãos a deixava pouco excitada. Mesmo assim, levantou a saia e se acariciou, mantendo os movimentos envergonhados e hesitantes, como imaginou que ele quisesse.

Aquilo o excitou, ver o deslizar de seus dedos miúdos. Afinal, era para aquilo que uma mulher era feita. Para se usar, e para usar os homens que a queriam.

— Como é a sensação?

— Macia — murmurou ela. — Venha tocar, papai. Veja como é

macia.

Ele colocou a mão sobre a dela e se sentiu enrijecer de modo satisfatório ao colocar um dos dedos dentro dela. Aquilo seria rápido para ambos.

— Desabotoe a blusa — ordenou ele, enquanto continuava a

manipulá-la e ela abria a própria roupa, da gola para baixo. — Agora, vire-se.

Quando ela fez isso, ele levou a mão até a sua agitada região na parte de baixo do corpo, e deu tapinhas rápidos em suas nádegas que fizeram a carne macia ficar um pouco vermelha, enquanto ela gemia em resposta.

Não lhe importava se ele a estava machucando ou não. Ela se

vendera para ele.

— Isso, boa menina... — Ele estava totalmente ereto agora e,

começando a latejar. Mesmo assim, seus movimentos eram cuidados e precisos enquanto tirava a roupa. Nu, ele a colocou de pernas abertas e deixou suas mãos deslizarem por trás de suas costas e para a parte da frente, até poder apertar-lhe os seios. Tão nova, pensou, e se permitiu tremer com o prazer de uma carne que ainda precisava ser refinada.

— Papai agora vai lhe mostrar como faz para premiar as bom

meninas.

Ele queria que ela o tomasse na boca, mas não podia se arriscar. O

método de anticoncepção que o registro dela citava iria destruir, o esperma vaginal, mas não o oral.

Em vez disso, ele se agarrou aos quadris dela, levando algum tempo para passar a mão por todo aquele corpo com carne jovem, enquanto se impulsionava para dentro dela.

Ele foi mais violento do que ambos esperavam. Após a primeira e

violenta estocada, diminuiu o ritmo. Não queria machucá-la a ponto de fazê-la gritar. Embora, em um lugar como aquele,duvidava de que al-guém fosse reparar, ou se importar.

Mesmo assim, ela ainda tinha pouca experiência, e era char-

mosamente ingênua. Ele assumiu um ritmo mais lento, mais gentil, e descobriu que isso também lhe dava mais prazer.

Ela se movia bem, no ritmo dele, acompanhando-o. A não ser que

ele estivesse muito enganado, nem todos aqueles gemidos e pequenos gritos eram simulados. Ele a sentiu ficar tensa e tremer por dentro. Sorriu então, satisfeito por ter sido capaz de levar uma prostituta a um clímax genuíno.

Fechou os olhos e se deixou transbordar dentro dela.

Ela suspirou e acariciou uma das almofadas. Tinha sido bom, mel-

hor, muito melhor do que ela esperava. E achou que tinha conseguido um novo cliente regular.

— Fui uma boa menina, papai?

— Muito. Uma menina muito boa. Mas ainda não acabamos Vire-se

de novo.

Enquanto ela se girava na cama, ele se levantou e saiu do campo de alcance da câmera.

— Agora nós vamos assistir ao vídeo, papai?

Ele simplesmente balançou a cabeça para os lados.

Lembrando-se do seu papel, ela fez um biquinho.

— Mas eu gosto de ver vídeos. Podemos assistir, e depois você

pode me mostrar como ser uma boa menina novamente. — Ela sorriu

para ele, na esperança de um extra. — Eu poderia tocar em você dessa vez. Gostaria de tocar em você.

Ele sorriu e pegou a SIG 210 com silenciador, no bolso do casaco., Viu quando ela piscou com curiosidade, enquanto ele apontava a arma.

— O que é isso? É de mentirinha, para eu brincar com ele?

Ele atirou primeiro na cabeça dela, a arma fazendo pouco mais do que um leve espocar enquanto ela era lançada para trás. Friamente, ele atirou de novo, no espaço entre os seios jovens e firmes, e por fim, com o silenciador já meio gasto, no seu púbis, macio e liso.

Desligando a câmera, arrumou o corpo dela com cuidado, entre os

travesseiros empapados de sangue e os animais de pelúcia sorridentes e cheios de respingos, enquanto ela continuava com os olhos voltados para ele, arregalados de surpresa.

— Isso não era vida para uma mulher jovem — disse-lhe com gen-

tileza, e então voltou para a câmera, a fim de gravar a última cena.

CAPÍTULO CINCO

Tudo o que Eve queria era uma barra de chocolate. Passara a maior parte do dia testemunhando no tribunal, e seu horário de almoço tinha sido devorado pelo telefonema de um informante, que lhe custara cinquenta dólares, mas a colocara na dianteira em um caso de contrabando que resultara em dois homicídios, e no qual ela já vinha quebrando a cabeça há dois meses.

Tudo o que queria era uma dose rápida de qualquer substituto de

açúcar, antes de voltar para casa a fim de se preparar para o encontro com Roarke, marcado para as sete horas.

Poderia ter passado em qualquer uma das inúmeras *InstaStores drive-through*, mas preferiu a pequena *delicatessen* na esquina de Setenta e Oito Oeste, apesar, ou talvez pelo fato de que ela pertencia e era gerenciada por François, um rude refugiado com olhos de cobra que escapara rumo aos Estados Unidos depois que a Reforma Social Armada provocara a queda do governo francês, uns quarenta anos

antes.

88/393

François detestava o país e os americanos, mas a Reforma Armada

o tinha despachado para lá mais ou menos uns seis meses depois do golpe, e o francês foi ficando, se maldizendo e reclamando atrás do balcão da loja da Rua Setenta e Oito, onde ele adorava despejar insultos e absurdos políticos.

Eve o chamava de Frank, para irritá-lo, e passava por ali pelo

menos vez por semana para ver que novo esquema ele tinha inventado para explorá-la e deixá-la sem dinheiro.

Com a cabeça na barra de chocolate, entrou pela porta automática.

O vidro ainda nem tinha começado a se fechar atrás dela quando seu instinto bateu.

O homem que estava no balcão, de costas para ela, usava um casaco grosso com um capuz que cobria tudo, menos o tamanho do seu corpo que era considerável.

Um metro e noventa e dois, ela avaliou, e uns cento e vinte quilos.

Nem precisava ver o rosto magro e aterrorizado de François para saber que havia problemas. Dava para sentir o cheiro, tão forte e amargo quanto o da carne vegetal picada que estava na promoção do dia.

Nos segundos que se passaram até a porta se fechar, ela considerou e em seguida rejeitou a ideia de sacar a arma.

— Para cá, vagabunda. Anda logo!

O homem se virou para ela. Eve notou a cor da pele, dourada clara, típica de uma herança multirracial, com os olhos de um homem muito desesperado. E enquanto guardava na memória sua descrição, olhou para o pequeno objeto redondo que ele tinha na mão.

O explosivo caseiro era preocupante. O fato de que ele estava bal-ançando a mão

que o segurava e tremia de nervoso tornava tudo ainda pior.

Homens com bombas caseiras eram notoriamente instáveis. O idiota era capaz de matar a todos, só por suar em demasia.

89/393

Eve lançou um rápido olhar de alerta para François. Se ele a

chamasse de tenente, todos ali iam virar carne moída bem depressa.

mantendo as mãos à vista, foi até o balcão.

— E-Escute... Não quero problemas — disse ela, fazendo a voz tremer de nervoso, tanto quanto a mão do ladrão. — Por favor, eu tenho filhos em casa.

— Cale a boca. Simplesmente cale essa boca. No chão. Deite-se na porcaria desse chão.

Eve se ajoelhou, deixando a mão sob o casaco escorrer onde a arma aguardava.

— Quero tudo — ordenou o homem, fazendo gestos com a pequena

bola mortal. — Pode me dar tudo. Dinheiro, fichas crédito, e ande rápido!

— Foi um dia fraco — gemeu François. — Você precisa entender

que os negócios não andam tão bem como antes. Vocês, americanos...

— Quer engolir isso? — ofereceu o homem, empurrando explosivo

na direção do rosto de François.

— Não, não. — Em pânico total, François digitou a senha de segur-ança da gaveta do caixa com dedos trêmulos. Quando o compartimento se abriu, Eve viu o ladrão olhar para o dinheiro que tava lá dentro, e logo a seguir para a câmera de segurança, que estava gravando toda a cena.

Então viu a ideia se estampar em seu rosto. Ele sabia que sua imagem estava guardada ali, e que nem todo o dinheiro de Nova York poderia apagá-la. O explosivo sim, poderia fazer isso, se fosse atirado displicentemente por sobre os

ombros quando ele saísse correndo para a rua, para logo ser engolido pela multidão.

Eve prendeu a respiração, como um mergulhador pronto para saltar.

Chegou com força, por baixo do braço dele. O inesperado golpe fez a bomba saltar para o ar. Gritos, xingamentos e preces se misturaram.

90/393

Ela pegou o explosivo com a ponta dos dedos, em um voo que parecia um lance de beisebol, com dois homens fora e as bases ocupadas. No momento em que apertou as mãos em volta do explosivo, o ladrão

girou o braço e a atingiu.

Foi com as costas da mão, em vez dos punhos, e Eve se considerou com sorte por isso. Viu estrelas ao atingir o balcão de grãos de soja, mas segurou a bomba na mão, com firmeza.

Peguei com a mão errada, droga, com a mão errada, ela teve tempo de pensar enquanto o balcão desabava sob o peso dela. Tentou usar a mão esquerda para pegar a arma, mas os cento e vinte quilos de fúria e desespero se jogaram sobre ela.

— Aparte o alarme, idiota — gritou, enquanto François continuava parado como uma estátua, abrindo e fechando a boca. — Aperte a

droga do alarme. — Ela gemeu de dor quando o soco em suas costelas roubou-lhe o ar. Desta vez ele usou o punho.

Ele chorava, agora, arranhando e apertando o braço dela em uma

tentativa de reaver o explosivo.

— Preciso do dinheiro. Tenho que pegá-lo. Vou matar você. Vou

matar vocês todos.

Ela conseguiu dobrar o joelho e atingi-lo. A velha tática de defesa lhe deu alguns

segundos, mas não teve o poder de colocá-lo fora de combate.

Ela viu estrelas mais uma vez quando a cabeça bateu com força na lateral do balcão. Dezenas das barras de chocolate que ela tanto queria choveram em sua cabeça.

— Seu filho da mãe. Seu filho da mãe. — Ela só ouvia a si própria repetir isto, sem parar, enquanto atingia o rosto e o nariz dele com três socos curtos. Sangue começou a espirrar do nariz atingido, e ele agarrou o braço dela.

Eve sabia que o braço ia quebrar. Sabia que ia sentir a qualquer momento a dor aguda e fina, e ouvir o estalo do osso fraturando.

Mas no exato instante em que tentava tomar ar para gritar e sua

visão começou a se embaçar com a agonia, sentiu que o peso era retirado de cima dela.

Com a bola ainda apertada entre os dedos, rolou de lado e ficou

sobre o quadril, tentando respirar e lutando contra a vontade de vomit-ar. Daquela posição, ela viu os sapatos pretos e brilhantes que sempre indicavam um policial.

— Pode levá-lo. — Ela tossiu uma vez, com dor. — Por tentativa de roubo. Estava armado, carregava um explosivo, e me agrediu. — Ela gostaria de ter acrescentado que tinha sido uma agressão a uma policial, com resistência à prisão, mas, como não havia se identificado para o ladrão, estaria ultrapassando um limite.

— Está se sentindo bem, senhora? Quer que eu chame os

paramédicos?

Eve não queria os paramédicos. Queria a porcaria de uma barra de chocolate.

— Eu sou tenente — corrigiu ela, levantando-se e exibindo a identificação. Viu que o criminoso já estava bem preso, e que um dos dois policiais tinha sido

esperto o suficiente para usar a sua arma de choque para imobilizá-lo.

— Precisamos de uma caixa de segurança, depressa. — Ela viu os

policiais empalidecerem ao ver o que ela carregava na mão. — Este explosivo já foi sacudido demais. Temos que neutralizá-lo.

— Sim, senhora. — O primeiro policial já estava fora da loja em

um instante. Durante os noventa segundos que levou para voltar com a caixa preta usada para transportar e desativar explosivos, ninguém deu uma palavra.

Nem respiraram.

— Levem-no — repetiu Eve. No momento em que o explosivo foi

isolado, os músculos de sua barriga começaram a tremer. — Deixem que eu faço o relatório. Vocês estão com a Unidade Cento e Vinte e Três, não é?

— Estamos, tenente.

— Foi um bom trabalho. — Esticou o braço com cuidado, para não

forçar o braço machucado, e pegou uma das barras de Galaxy que não tinham ficado esmagadas na luta. — Vou para casa.

— Você não pagou pelo chocolate — berrou François, para ela.

— Vá à merda, Frank — gritou ela de volta, e continuou indo

embora.

O incidente atrasou a sua programação. Quando chegou na mansão de Roarke, já eram sete e dez da noite. Eve usara a medicação que tinha em casa para aliviar as dores no braço e no ombro. Se não estivesse melhor em dois dias, ia ter que *se* apresentar para fazer exames. Ela detestava médicos.

Estacionou o carro e ficou um instante analisando a casa de Roarke.

Parecia mais uma fortaleza, pensou. Seus quatro andares se elevavam acima das árvores cobertas de geada do Central Park. Era uma

daquelas construções antigas, com quase duzentos anos de idade, construídas com pedra de verdade, se seus olhos não a estavam

enganando.

Havia muitas vidraças e luzes brilhando, douradas, por trás das

janelas. Havia também um portão de segurança, atrás do qual arbustos, pinheiros e árvores elegantes estavam artisticamente plantados.

Ainda mais impressionante do que a magnífica arquitetura e o tratamento paisagístico era a quietude. Não se ouviam os barulhos da c idade, ali. Nenhum ruído de trânsito, nem o caos dos pedestres. Até

mesmo o céu acima deles estava sutilmente diferente do que ela estava acostumada, no centro da cidade. Ali, dava para ver estrelas de verdade, em vez do brilho e do clarão dos meios de transporte.

Vida boa para quem pode, meditou, e entrou com o carro.

Aproximou-se do portão e se preparou para mostrar a identificação.

Viu a pequena luz vermelha de um *scanner* piscar, para a seguir se manter acesa. Os portões se abriram silenciosamente.

Então, ele havia programado o sistema para recebê-la, pensou, sem saber se devia se sentir satisfeita ou desconfortável. Entrou pelo portão, subiu pelo pequeno aclive de acesso, e deixou o carro ao pé da escadaria de granito.

Um mordomo abriu a porta para ela. Eve jamais vira um mordomo

de verdade, a não ser em filmes antigos, mas aquele ali não desapontava a ideia formada pela fantasia. Tinha cabelos brancos, olhos impassíveis, e vestia um fraque preto com gravata bem apertada em um nó antiquado.

— Tenente Dallas.

Havia nele um sotaque muito leve, que soava britânico e eslavo ao mesmo tempo.

— Tenho um encontro marcado com Roarke.

— Ele a espera. — O mordomo a conduziu até um saguão largo

com pé-direito alto, que mais parecia a entrada de um museu do que o hall de uma residência.

Havia um imenso lustre de cristal com pingentes em forma de es-

trelas, que espargia luz sobre um piso de madeira brilhante coberto por um tapete em padrões vibrantes de vermelho e azul-petróleo. Uma escadaria em curva elevava-se para a esquerda, e um grifo mitológico en-talhado, com cabeça de águia, servia de coluna na base dos degraus.

Havia pinturas nas paredes, do tipo que ela vira uma vez em uma

excursão da escola ao Museu Metropolitan. Impressionistas franceses

de um século que ela não lembrava qual. O Período da Revisitação, movimento artístico que surgira no início do século vinte e um, a cumprimentava também, com suas cenas pastorais e cores gloriosamente suaves.

Nenhum holograma ou escultura viva. Só pintura e telas.

— Posso pegar seu casaco?

Ela colocou os ombros para trás e pensou ter percebido um clarão de presunção condescendente naqueles olhos inescrutáveis. Liberada do casaco, Eve observou o mordomo enquanto ele carregava o agasalho de couro de forma excessivamente cuidadosa, entre os dedos com unhas bem tratadas.

Diabos, ela conseguira tirar a maior parte das manchas de sangue dele.

— Por aqui, Tenente Dallas. Se a senhorita não se incomoda de

aguardar na sala de visitas, Roarke está atendendo a uma chamada transoceânica, neste instante.

—Tudo bem.

O clima de museu continuava, ali. A lareira estava acesa, de forma tranquila. O fogo formado por genuínas toras de madeira crepitava em uma base entalhada em lápis-lazúli e malaquita. Duas lâmpadas estavam acesas, com cores de pedras preciosas. Os dois sofás idênticos tinham encostos curvados e um exuberante estofamento, que comple-mentava os tons de safira que havia em todo o ambiente. A mobília era em madeira, polida quase a ponto de estar espelhada. Aqui e ali, objetos de arte estavam dispostos. Esculturas, tigelas e peças de cristal facetado.

As botas dela fizeram ruídos secos sobre a madeira, e depois abafa-dos, quando ela chegou ao tapete.

— Gostaria de beber alguma coisa, tenente?

Ela olhou para trás e notou, com certo divertimento, que ele continuava a segurar o casaco entre os dedos como se fosse um pano de chão sujo.

— Aceito, sim. O que tem para me oferecer, Senhor...?

— Summerset, tenente. Apenas Summerset, e estou certo de que

consigo providenciar qualquer coisa que deseje.

— Ela adora café — disse Roarke, da porta —, mas acredito que

gostaria de experimentar o Montcart, da safra quarenta e nove.

Os olhos de Summerset piscaram rápidos com horror, pelo que Eve

percebeu.

— O da safra quarenta e nove, senhor?

— Isso mesmo. Obrigado, Summerset.

— Sim, senhor. — Balançando o casaco, retirou-se, ereto como

uma tábua.

— Desculpe-me por deixá-la esperando — Roarke começou, e en-

tão seus olhos se apertaram, sombrios.

— Não há problema — disse Eve enquanto ele se aproximava dela

— Eu estava só... Ei!

Ela afastou o queixo enquanto a mão de Roarke tentava tocá-la, mas os dedos dele a seguraram com firmeza e viraram o seu rosto na

direção da luz.

— Seu rosto está machucado. — A voz dele estava fria ao afirmar

isso, quase gélida. Seus olhos, enquanto ele avaliava a área machucada, não demonstravam nada.

Seus dedos, porém, eram quentes, tensos, e fizeram alguma coisa se agitar em seu estômago.

— Foi numa briga por causa de uma barra de chocolate — explicou

ela, encolhendo os ombros.

Seus olhos se encontraram com os dela, e ficaram parados por um

instante a mais do que seria confortável, até que ele perguntou:

— Quem ganhou?

— Eu. É um erro tentar me impedir de alcançar comida.

— Vou me lembrar disso. — Ele a soltou e enfiou a mão que tocara o rosto dela dentro do bolso, porque queria tocá-la novamente. Ficou preocupado pela

intensidade com que queria apagar aquela marca roxa que manchava o rosto dela. — Creio que você vai aprovar o cardápio dessa noite.

— Cardápio? Eu não vim aqui para comer, Roarke. Vim aqui para

analisar a sua coleção.

— Você fará as duas coisas. — Ele se virou quando Summerset

chegou com uma bandeja que exibia uma garrafa de vinho da cor de trigo e dois cálices de cristal.

— O quarenta e nove, senhor.

— Obrigado. Pode deixar que eu sirvo. — Ele se virou para Eve enquanto falava isso. — Imagino que a safra deste vinho vai lhe agradar.

O que lhe falta em sutileza... — e se virou, oferecendo um dos cálices

—é compensado pela sensualidade. — Brindou batendo o copo contra o dela, fazendo o cristal tinir. Em seguida, ficou observando enquanto ela bebia.

Deus, que rosto, pensou ele. Todos aqueles ângulos e expressões, toda aquela emoção e controle. Naquele exato momento ela tentava evitar uma exibição de surpresa e prazer, enquanto o sabor do vinho se acomodava à sua língua. Ele mal podia esperar pelo momento em que o sabor dela se acomodaria à língua dele.

— Aprovou? Perguntou ele.

— É bom. — Aquilo era o equivalente a sentir ouro líquido escor-

rendo pela garganta.

— Fico feliz. O Montcart foi minha primeira, incursão no ramo das vindimas. Podemos nos sentar e aproveitar o calor do fogo?

Era tentador. Ela quase podia se imaginar sentada ali, com as pernas colocadas em um ângulo certo para receber o calor perfumado bebendo vinho enquanto as luzes em tons de joias preciosas dançavam.

— Esta não é uma visita social, Roarke. É uma investigação de

assassinato.

— Então você pode me investigar enquanto jantamos. — Ele

tomou-a pelo braço, levantando uma sobrancelha quando ela ficou rí-

gida. — É de se imaginar que uma mulher que luta por uma barra de chocolate poderá apreciar devidamente um filé com cinco centímetros de altura, ao ponto.

— Filé? — Ela fez força para não babar. — Filé de verdade, vindo de uma vaca?

— Acabou de chegar de Montana. — Um sorriso apareceu em seus

lábios. — O filé, não a vaca. —Ao ver que ela ainda hesitava, tombou a cabeça para o lado. — Ora vamos, tenente. Eu não acredito que um pouco de carne vermelha vá embotar os seus consideráveis dotes

investigativos.

— Uma pessoa tentou me subornar um dia desses — murmurou ela,

lembrando-se de Charles Monroe e seu robe preto de seda.

— Com o quê?

— Nada tão interessante quanto um filé. — Lançou um longo olhar

de igual para igual. — Se as evidências apontarem na sua direção, Roarke, saiba que vou derrubar você.

— Não esperava menos que isso. Vamos comer.

Ele a conduziu até a sala de jantar. Mais cristais, mais madeira polida, outra lareira crepitante, desta vez cercada de mármore com veios cor-de-rosa. Uma mulher vestida com um uniforme preto os serviu

com aperitivos de camarão, mergulhados em molho cremoso. O vinho foi trazido, e seus cálices, completados.

Eve, que raramente se preocupava com a aparência, sentiu que

deveria estar usando algo mais adequado para a ocasião, em vez de calça jeans e um suéter.

— E então, como foi que você ficou rico? — perguntou a ele.

— De várias formas. — Ele gostava de vê-la comer, conforme

acabara de descobrir. Havia uma certa obstinação naquilo.

— Cite uma.

— Desejo — respondeu, e deixou a palavra flutuar entre eles.

— Só isso não adianta. — Ela pegou o vinho de novo, olhando

diretamente para os olhos dele. — A maioria das pessoas tem o desejo de ser rica.

— Elas não querem o suficiente. Não lutam por isso. Não correm

riscos por isso.

— Mas você correu.

— Corri. Ser pobre é, digamos, desconfortável. Eu gosto de

conforto. — Ofereceu-lhe um enroladinho retirado de uma bandeja de prata, enquanto a salada era servida. Uma salada verde bem fresca mis-turada com ervas delicadas. — Nós dois não somos muito diferentes, Eve.

— Sim... sei.

— Você queria ser uma policial. Queria o bastante para lutar por isso. O bastante para correr riscos por isso. Acha que quebrar as leis é algo desconfortável. Eu faço dinheiro, você faz justiça. Nenhuma dessas duas coisas é algo simples. — Ele esperou um momento. — Você sabe o que Sharon DeBlass queria?

O garfo de Eve ficou parado no ar, e então pegou uma porção macia de chicória que acabara de ser colhida, há menos de uma hora.

— O que você acha que ela queria, Roarke?

— Poder. Sexo é muitas vezes uma forma de obter isso. Ela tinha

dinheiro suficiente para estar confortável, mas queria mais. Porque

dinheiro também é poder. Mas ela queria poder sobre os clientes dela, sobre si mesma, e, acima de tudo, queria ter poder sobre a família dela.

Eve pousou o garfo. Sob a luz do fogo, na dança do brilho das velas com o dos cristais, ele parecia perigoso. Não no sentido de uma mulher ter medo dele, mas porque ela mesma poderia desejá-lo. Sombras brin-caram em seus olhos, tornando-os ilegíveis.

— Essa é uma análise e tanto de uma mulher que você afirma que

mal conhecia.

— Não leva muito tempo para se formar uma opinião sobre alguém,

especialmente se a pessoa é óbvia. Ela não tinha a sua profundidade, Eve, nem o seu controle, e nem o seu foco tão invejável.

— Não estamos falando de mim. — Não, ela não queria que ele

falasse dela, nem que ficasse olhando para ela daquele jeito. — Na sua opinião, ela estava sedenta de poder. Sedenta o suficiente para ser morta antes de conseguir dar uma mordida muito grande?

— Uma teoria interessante. A pergunta seria, uma mordida muito

grande do quê? Ou em quem?

A mesma atendente silenciosa levou a salada e trouxe imensos

pratos de porcelana, cheios de pedaços de carne ainda chiando e fatias finas e

douradas de batatas grelhadas.

Eve esperou até que eles estivessem novamente sozinhos e então

começou a cortar seu filé.

— Quando um homem acumula uma grande quantidade de din-

heiro, posses e *status*, passa a ter muito a perder.

— Agora estamos falando de mim. Outra teoria interessante. — Ele ficou parado ali, com um olhar de curiosidade e ao mesmo tempo divertido. — Ela me ameaçou com algum tipo de chantagem em vez de

pagar algum dinheiro a ela ou desprezá-la como se fosse ridícula, eu a matei. Será que dormi com ela antes?

— Você é quem tem que me contar — disse ela, impassível.

— Combinaria com o enredo, considerando-se a escolha da profis-

são dela. Pode haver alguma pressão sobre a imprensa nesse caso em particular, mas não precisamos ter um poder de dedução tão grande assim para concluir que a chave de tudo é o sexo. Eu a tive, e depois a matei.., se é que vamos aceitar essa teoria. — Ele pegou um pedaço de carne, saboreando-o e a seguir engolindo-o. — Há um problema,

porém.

— E qual é?

— Eu tenho o que talvez você considere uma peculiaridade fora de moda. Desprezo todo tipo de violência contra as mulheres, sob

qualquer forma.

— O que torna o que disse fora de moda é que seria mais adequado falar que você despreza violência contra pessoas em geral, sob

qualquer forma.

— Como eu disse, é uma peculiaridade. — Ele moveu os ombros,

com elegância. — Acho desagradável olhar para você e ver a luz das velas se desviar ao atingir a marca roxa em seu rosto. — Surpreendeu-a, esticando a mão e passando o dedo sobre a mancha, muito delicadamente. — Acredito que teria achado ainda mais desagradável matar Sharon DeBlass. — Recolheu a mão e voltou à refeição. — Embora as pessoas saibam que eu, ocasionalmente, faça algumas coisas que não me agradam. Quando é necessário. Como está a comida?

— Está ótima! — O ambiente, a luz, a comida, tudo estava mais que ótimo. Era como estar sentada em um outro mundo, em um outro

tempo. — Quem, afinal de contas, é você, Roarke?

— Você é que é a tira, aqui — sorriu ele, completando os cálices.

— Descubra.

Ela ia descobrir, prometeu a si mesma. Por Deus, ela ia descobrir, antes de aquilo acabar.

— Que outras teorias você tem a respeito de Sharon DeBlass? —

perguntou a ele.

— Nada de especial. Ela gostava do que era excitante, e gostava, do risco, e não hesitava em criar embaraços para os que a amavam. No entanto ela era...

— O quê? — Intrigada, Eve se inclinou para junto dele. — Vamos,

termine.

— Digna de pena — respondeu Roarke, em um tom que fez Eve

acreditar que ele não queria dizer nem mais nem menos do que aquilo.

— Havia algo de triste por baixo de toda aquela camada espessa de brilho. Seu

corpo era a única coisa em si mesma que respeitava. Assim, ela o utilizava para dar prazer e causar dor.

— E ela o ofereceu para você?

— Naturalmente, e supôs que eu aceitaria o convite.

— E por que não aceitou?

—Já expliquei isso. Posso me estender mais e acrescentar que prefiro um tipo diferente de mulher para levar para a cama, e também que prefiro tomar minhas próprias iniciativas.

Havia outros motivos, mas ele preferiu guardá-los para si.

— Quer mais filé, tenente?

— Não, obrigada. — Eve olhou para baixo e notou que comera

tudo , só faltara raspar os desenhos gravados no fundo do prato. —

Sobremesa?

— Não. — Ela detestava dispensar a sobremesa, mas já havia con-

cedido coisas demais a si mesma. — Quero apenas ver a sua coleão.

— Então, vamos deixar o café e a sobremesa para mais tarde. —

Eve se levantou, oferecendo-lhe a mão.

Eve simplesmente franziu os olhos ao ver aquilo e afastou a cadeira da mesa. Deliciado, Roarke fez um gesto em direção à porta,

conduzindo-a de volta ao *hall* e subindo as escadas.

— É muita casa para um homem só.

— Você acha? Já eu sou da opinião que o seu apartamento é que é

pequeno demais para uma mulher só. — Ao parar de repente no fim da escadaria, sorriu. — Eve, você já sabe que eu sou o dono do prédio em que mora. É claro que foi verificar isso assim que recebeu minha pequena lembrança.

— Devia mandar alguém até lá para fazer uma revisão nos encana-

mentos — disse a ele. — Não consigo manter a água do 1niveiro

quente por mais de dez minutos.

— Vou providenciar isso. Mais um lance de escadas.

Estou surpresa por ver que você não tem elevadores — comentou

ela, enquanto continuavam a subir.

— Mas eu tenho. Pelo fato de preferir as escadas, não significa que a minha equipe de empregados não possa ter escolha.

— E por falar em equipe de empregados — continuou ela —, ainda

não vi nenhum empregado eletrônico na casa, nem um androide.

— Tenho alguns. Mas prefiro pessoas em vez de máquinas, na

maior parte do tempo. Chegamos.

Colocou a palma da mão em um *scanner,* digitou um código, e as portas duplas entalhadas se abriram. Um sensor fez as luzes se acend-erem ao cruzarem o portal. O que quer que ela estivesse esperando, não era o que estava à sua frente.

Aquilo era um museu de armas: revólveres, facas, espadas, peças de arco e flecha. Armaduras diversas estavam expostas, desde alguma da era medieval até os recentes uniformes impenetráveis que eram de uso corrente nas forças armadas. Cabos de armas cromados, alguns com aço e outros com pedrarias, cintilavam por trás de portas de vidro, brilhando ao longo das paredes.

Se o resto da casa parecia ser um outro mundo, talvez mais civilizado do que o exterior lá fora, que ela conhecia, aquele aposento a

remetia, com grande contraste, na direção oposta. Era uma celebração da violência.

— Por quê? — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— É uma coisa que me interessa, estudar o que os seres humanos

usaram para ferir e destruir outros seres humanos através da História.

— Atravessou a sala, tocando uma bola dentada que vinha presa a uma corrente. — Cavaleiros anteriores ao período do Rei Arthur car-regavam armas como esta em disputas e batalhas, há mais de mil anos.

— Apertou uma série de botões em um armário envidraçado e tirou lá de dentro uma arma lisa que cabia na palma da mão, a ferramenta para matar, preferida das gangues de rua, durante a Revolta Urbana em princípios do Século XXI. — Temos aqui algo menos elaborado, mas igualmente letal. Um avanço sem progresso. — Colocou a arma de

volta, fechou e trancou o armário. — Mas você está interessada em algo mais novo que o primeiro e mais antigo que o segundo. Você

mencionou uma Smith & Wesson, modelo Dez.

Era uma sala terrível, foi o que Eve achou. Terrível e fascinante. Olhou para ele do outro lado do aposento, compreendendo que aquele tipo de violência elegante combinava com o dono, de modo perfeito.

— você deve ter levado anos para reunir todas essas peças.

— Quinze — confirmou ele, enquanto caminhava sobre o piso liso,

sem carpete, até outra seção. — Quase dezesseis, na verdade.

Adquiri meu primeiro revólver quando tinha dezenove anos.

Comprei-o do homem que o estava apontando para a minha cabeça.

Ele franziu a testa. Não pretendia contar aquilo a ela.

— Pelo jeito, ele errou o tiro — comentou Eve, enquanto se juntava a ele.

— Felizmente se distraiu com o chute que dei em sua genitália. A arma era uma Baretta nove milímetros semi-automática, que ele con-trabandeara da Alemanha. E assim as Indústrias Roarke nasceram, a

partir do erro de julgamento de um ladrão. Aqui está a arma que interessa a você — acrescentou, apontando com o dedo enquanto abria a porta de outro armário expositor, na parede. — Imagino que você vai querer pegar nela, para ver se foi disparada recentemente, analisá-la à procura de impressões digitais, e assim por diante.

Ela concordou lentamente, enquanto sua mente trabalhava. Apenas

quatro pessoas sabiam que a arma do crime tinha sido deixada cena do crime. Ela mesma, Feeney, o comandante e o assassino. Ou Roarke

não era culpado ou era muito, muito esperto.

Ficou imaginando se ele poderia ser as duas coisas.

— Obrigada pela sua cooperação. — Pegou um saco para guardar

provas na bolsa que trazia pendurada no ombro e esticou a mão para pegar a arma, que era idêntica à que já estava em posse da polícia. Levou apenas um segundo para reparar que não era a mesma que Roarke havia apontado.

Seus olhos se viraram para ele e o encararam. Ah, ele estava

observando-a, sem dúvida, cuidadosamente. Embora ela deixasse a

mão vagar hesitante diante da seleção de armas, ela sabia que eles tinham se compreendido.

— Qual é, mesmo? — perguntou ela.

— Esta. — Ele bateu no quadro bem abaixo da arma de calibre 38.

Depois que ela já a tinha selado dentro do saco e colocado bolsa, ele fechou a porta de vidro. — Não está carregada, é claro, mas eu tenho munição, se você

quiser levar uma bala para amostra.

— Obrigada. Seu espírito de cooperação será ressaltado em meu

relatório.

— Será mesmo? — Ele sorriu, pegando uma pequena caixa em uma

gaveta e oferecendo-a a ela. — O que mais será ressaltado, tenente?

— Tudo o que for adequado. — Colocando a caixa da munição den-

tro da bolsa, também, pegou um *notebook*, teclou seu número de

identificação, a data e a descrição de tudo o que estava levando. —

Aqui está seu recibo — disse-lhe, entregando-lhe um pedaço de papel que o *notebook* imprimira e liberara. — Este material lhe será de-volvido o mais rápido possível, a não ser que seja analisado e considerado como prova. Você será notificado, de uma forma ou de outra.

Ele enfiou o papel no bolso, e mexeu com os dedos em mais alguma coisa que estava lá dentro.

— A sala de música é a nossa próxima parada. Podemos tomar café

e conhaque lá.

— Provavelmente não temos um gosto em comum para música,

Roarke.

— Posso surpreendê-la — murmurou ele —, com relação às coisas

que temos em comum. — Tocou-lhe o rosto de novo, desta vez deslizando os dedos em torno dele, até acariciar-lhe a nuca. — Ou com re-lação ao que vamos compartilhar.

Ela ficou rígida e levantou a mão para afastar o braço dele, mas ele simplesmente apertou os dedos em volta de seu pulso. Ela poderia tê-lo

derrubado de costas no chão em um piscar de olhos, foi o que disse a si mesma. Apesar disso, deixou-se ficar ali, com a respiração suspensa e o pulso disparado.

Ele já não estava rindo.

— Você não é covarde, Eve. — Ele disse com suavidade quando

seus lábios se colocaram a poucos centímetros dos dela. O beijo estava pairando no ar, apenas a um sopro de distância, até que a mão que ela levantara contra ele perdeu a força. E ela se inclinou em sua direção.

Eve não pensou. Se tivesse pensado, nem que fosse por um instante, saberia que estava quebrando todas as regras. Mas queria ver, saber.

Queria sentir.

A sua boca era macia de encontro à dela, mais persuasiva que pos-sessiva. Seus lábios mordiscaram levemente os dela para abri-los, a fim

de permitir a passagem da língua através deles, entre eles, e enevoar-lhe os sentidos com o seu sabor.

Um calor começou a se concentrar em seus pulmões como uma bola

de fogo, antes mesmo que ele a tocasse com aquelas mãos destras que a moldaram, pousadas sobre o brim macio que envolvia os seus quadris, e deslizando sedutoramente por baixo do suéter para alcançar a pele.

Com a sensação deliciosa de chegar à beira do abismo, ela sentiu que estava ficando úmida.

Era a boca de Eve, aquela boca generosa e tentadora que ele pensou que quisesse. No momento, porém, em que a provara, compreendeu

que desejava tudo nela.

Eve estava grudada nele; aquele corpo firme e anguloso começou a vibrar. Seu seio pequeno e firme estava gloriosamente envolvido pela mão dele. Ele parecia

ouvir o zumbido de paixão que vinha do fundo de sua garganta e o saboreava, enquanto os lábios dela se moviam ar-dentemente sobre os dele.

Ele queria jogar para o alto toda a paciência e o controle que ensin-ara a si próprio como forma de vida, e simplesmente devastar.

Ali. A violência de suas necessidades pareceu entrar em erupção

dentro dele. Ali e naquele instante.

Ele a teria puxado para o chão naquela hora, se ela não tivesse de repente lutado contra aquilo e se afastado, pálida e ofegante.

— Isso não vai acontecer.

— Ao diabo que não vai — replicou ele, de volta.

O perigo estava tremulando em volta dele naquele instante. Ela viu isto tão claramente quanto os instrumentos de violência e morte que os rodeavam.

Havia homens que sabiam negociar, quando queriam algo. E havia

outros que simplesmente tomavam posse.

— A alguns de nós não é permitido se entregar por completo.

— Danem-se as regras, Eve.

Ele deu um passo na direção dela. Se Eve tivesse recuado, ele a teria perseguido, como qualquer caçador atrás da presa. Mas ela resolveu encará-lo com firmeza, e balançou a cabeça.

— Não posso comprometer a investigação de um crime por estar at-

raída fisicamente por um suspeito.

— Mas que droga, eu não a matei!

Foi um choque ver o controle dele desaparecer. Ouvir a fúria e a frustração em

sua voz, testemunhar essa raiva passar vividamente pelo seu rosto. E era aterrorizante compreender que ela acreditava nele, sem ter certeza, sem estar completamente certa se acreditava porque precisava acreditar.

— Não é tão simples assim aceitar a sua palavra. Tenho um trabalho a fazer, uma responsabilidade com a vítima, com o sistema. Tenho que me manter objetiva, e eu...

Não posso, ela compreendeu. *Não consigo.*

Eles continuaram a se olhar fixamente, e de repente o comunicador em sua bolsa começou a tocar.

As mãos dela não estavam completamente firmes quando ela se

virou de costas e pegou o pequeno aparelho. Reconhecendo o código do Departamento de Polícia no *display,* digitou sua identificação. Depois de inspirar profundamente, respondeu ao chamado para ter sua voz reconhecida.

— Dallas, Tenente Eve. Sem som, por favor, apenas imagem.

Roarke só estava conseguindo vê-la de perfil, enquanto ela lia a transmissão. Foi o suficiente, porém, para avaliar a mudança brusca em seus olhos, a forma com que se tornaram sombrios, e a seguir voltaram a ficar neutros e frios.

Ela desligou o comunicador, e ao se virai para ele havia muito pouco da mulher que acabara de vibrar em seus braços.

— Tenho que ir. Vamos manter contato a respeito de seus

pertences.

— Você faz isso muito bem — murmurou Roarke. — Veste a pele

de tira com muita rapidez, e ela encaixa certinho em você.

— É melhor assim. Não se dê ao trabalho de me acompanhar. En-

contro a saída.

Ela parou na porta e olhou para trás. Ali estava ele, uma figura vestida de preto e rodeada por séculos de violência. Dentro da pele da policial, o seu coração de mulher estremeceu.

— Nós nos veremos novamente — afirmou ele.

— Pode contar que sim — concordou ela.

Ele a deixou ir, sabendo que Summerset iria se materializar por trás de alguma sombra para devolver o casaco de couro e lhe desejar uma boa noite.

Sozinho, Roarke pegou no bolso o pequeno botão revestido com te-

cido cinza que encontrara no chão da limusine. O mesmo botão que se despregara do paletó daquele horrível conjunto cinza que ela usara na primeira vez em que ele a vira.

Estudando-o com atenção, e sabendo que não tinha nenhuma in-

tenção de devolvê-lo, sentiu-se tolo.

CAPÍTULO SEIS

Um recruta estava de guarda na porta do apartamento de Lola Starr.

Eve viu logo que era um novato, pois ele mal parecia ter idade para tomar uma bebida alcoólica, seu uniforme parecia ter acabado de sair da Seção de Suprimentos e sua pele tinha um leve tom esverdeado.

Só alguns meses depois de começar a trabalhar naquela vizinhança é que um policial parava de ter ânsias de vômito diante de um cadáver.

Viciados, prostitutas de rua e bandidos em geral gostavam de retalhar uns aos outros naqueles quarteirões asquerosos, só por diversão, ou por algum tipo de lucro. Pelo cheiro que sentiu do lado de fora do apartamento, Eve sabia que alguém positivamente tinha sido morto ali recentemente, ou então o caminhão de reciclagem de lixo não passava desde a semana anterior.

— Policial. — Cumprimentou ela, fazendo uma pausa e exibindo o

distintivo. O rapaz se colocara em posição de alerta no momento em que ela colocara o pé fora da lamentável imitação de elevador. O instinto a avisara, corretamente, de que se não mostrasse a identidade

bem depressa, receberia uma carga da arma de choque que o rapaz segurava com as mãos trêmulas.

— Sim, senhora!... Oficial, corrigiu. — Os olhos dele estavam assustados não conseguiam parar sobre um lugar fixo.

— Explique a situação.

— Oficial — repetiu ele, e inspirou lenta e profundamente —, o

proprietário do prédio parou nossa unidade na rua, dizendo que havia uma mulher morta no apartamento.

— E está morta mesmo... — O olhar de Eve baixou até o nome do

rapaz, pregado no bolso do uniforme. — ...Policial Prosky?

— Sim, oficial, ela está. — Engoliu em seco, com força, e Eve viu o horror se instalar em seus olhos mais uma vez.

— E como foi que você determinou que a vítima estava realmente

morta, Prosky? Tomou-lhe o pulso?

Um ligeiro rubor, de aparência pouco mais saudável que o verde anterior, fez suas bochechas corarem.

— Não, oficial. Segui todos os procedimentos, preservei a cena do crime e notifiquei a Central. A confirmação da morte foi feita visualmente, e a cena não foi tocada.

— O dono do apartamento entrou lá dentro? — Tudo aquilo ela po-

deria descobrir mais tarde, mas Eve reparou que o rapaz estava ficando mais confiante enquanto ela o forçava a descrever as providências que tomara.

— Não, oficial, ele afirmou que não. Depois que um dos clientes da vítima reclamou que tinha um encontro marcado para as nove da noite, o senhorio foi verificar o local. Destrancou o apartamento e a viu. Há apenas um cômodo, Tenente Dallas, e ela está...

A oficial vai vê-la assim que abrir a porta. Depois da descoberta do corpo, o senhorio, em estado de pânico, desceu para a rua e parou o

nosso carro de patrulha. Imediatamente eu o acompanhei de volta ao local, confirmei visualmente a morte suspeita e informei à Central.

— Em algum momento você abandonou seu posto, policial? Mesmo

que por alguns instantes?

— Não senhora, digo, tenente. — Os olhos do rapaz finalmente se

acalmaram e ele olhou para Eve. — Por um instante, achei que ia precisar abandonar o posto. É a minha primeira vez, e tive um pouco de dificuldade para me manter impassível.

— Pois para mim, parece que conseguiu magnificamente, Prosky.

— Na sacola da criminalística que trouxera consigo, Eve pegou o

spray protetor e o usou. — Chame o laboratório e o legista. O lugar precisa ser limpo, e ela vai ter que ser embalada e etiquetada.

— Sim, oficial. Devo permanecer em meu posto?

— Até que o primeiro grupo chegue. Então, poderá fazer seu re-

latório. — Terminou de cobrir as botas com o líquido e olhou para ele.

— Você é casado, Prosky? — perguntou, enquanto pegava o gravador no bolso da blusa.

— Não, oficial. Estou assim, tipo... noivo.

— Depois que fizer seu relatório, vá se encontrar com a sua noiva.

Aqueles que correm para o bar não duram tanto neste trabalho quanto os que procuram alguém quentinho e generoso para se refugiar. Onde está o senhorio? — perguntou, já girando a maçaneta da porta

destrancada.

— Está lá embaixo, no apartamento 1-A.

— Peça-lhe para ficar aguardando. Vou pegar o depoimento dele

quando acabar aqui.

Entrou e fechou a porta. Eve, que já não era uma novata, não sentiu o estômago embrulhado diante da visão do corpo, da carne dilacerada ou dos bichinhos de pelúcia respingados de sangue.

Seu coração, no entanto, doeu.

A seguir, veio a raiva, uma lança vermelha e afiada que a atravessou quando avistou a arma antiga colocada entre os dedos de um ursinho peludo.

— Ela ainda era uma criança.

Eram sete da manhã e Eve ainda não tinha ido para casa. Con-

seguira tirar um cochilo desconfortável sobre a mesa de sua sala, em meio a pesquisas de computador e relatórios. Sem ter o Código Cinco associado à morte de Lola Starr, estava livre para acessar os bancos de dados do Centro Internacional de Pesquisas Criminalísticas. Até aquele instante, o CIPC não encontrara nenhum padrão.

Pálida, exausta e tensa devido à energia falsa induzida pela cafeína falsa, ela encarava Feeney.

— Ela era uma profissional, Dallas.

— Tinha licença há menos de três meses. Havia bonecas em sua

cama. Refrigerantes na geladeira. — Eve não conseguia aceitar todas aquelas coisas ingênuas e infantis nas quais teve que remexer enquanto o corpo da vítima, em estado lamentável, continuava deitado sobre lençóis baratos, travesseiros embolados e bonecas. Furiosa, Eve atirou uma foto sobre a mesa. — Parece até que ela era líder de torcida em alguma escola. Em vez disso, estava atendendo clientes e colecionando fotos de apartamentos caros e roupas ainda mais caras. Você acha que ela sabia no que estava se metendo, Feeney?

— Acho que não imaginou que pudesse acabar morta — respondeu

ele, no mesmo tom. — Você vai querer agora debater os códigos legais sobre sexo comigo, Dallas?

— Não. — Esgotada, olhou novamente para a foto. — Não, mas

isto me arrasa, Feeney. Uma menina, como esta.

— Você já sabe como essas coisas são, Dallas.

— Sei, eu já sei. — Ela se forçou a ser objetiva. — A autópsia deverá acabar agora de manhã, mas o exame preliminar determinou que a morte ocorreu pelo menos vinte e quatro horas antes da descoberta do corpo. Você já identificou a arma?

— Uma SIG 2-10, um verdadeiro Rolls-Royce entre os revolveres.

Fabricado na década de 1980 e importado da Suíça. Com silenciador.

Os silenciadores daquela época só funcionavam bem para abafar dois ou três tiros. O assassino precisou dele porque o apartamento da vítima não era à prova de som, como o de Sharon DeBlass.

— E ele não nos telefonou, o que mostra que não queria que desta vez ela fosse encontrada tão depressa. Talvez precisasse ir a algum outro lugar — avaliou. Pensativa, pegou um pequeno oitavado, oficialmente selado em um plástico.

— Uma por semana — disse, baixinho. — Puxa vida, Feeney, ele

não está nos dando muito tempo.

— Estou analisando os arquivos dela, e sua agenda de clientes.

Havia um cliente novo marcado para as oito da noite, anteontem. Se a hora da autópsia for confirmada, achamos o nosso cara. — Feeney sorriu, com ironia. — O nome dele é John Smith.

— Dar esse nome tão comum é um golpe mais velho do que a arma

do crime. — Esfregou as mãos com força sobre o rosto. — CIPC vai tentar descobrir o nome verdadeiro do nosso rapaz.

— Bem, já estão trabalhando nisso — Feeney murmurou. Era um

pouco protetor, quase sentimental a respeito do trabalho do CIPC.

— Não vão encontrar nada. O que temos aqui é um viajante do

tempo, Feeney.

— É... — ele bufou —, um verdadeiro Júlio Verne.

— O que temos aqui é um crime típico do Século XX — disse Eve,

esticando as mãos. — As armas, a violência excessiva, a notinha es-crita a mão e deixada na cena do crime. Talvez o nosso assassino seja

um tipo de historiador, ou pesquisador, enfim. Alguém que gostaria de que as coisas fossem do jeito que eram no passado.

— Muita gente acha que as coisas poderiam ser melhores se fossem de algum outro jeito. É por isso que o mundo está cheio de parques temáticos de baixo nível.

— O Centro Internacional de Pesquisas Criminalísticas não vai nos ajudar a entrar na cabeça desse cara. — Pensando, deixou cair as mãos.

— É preciso ter uma mente humana para encarar esse jogo. O que é que ele está

fazendo, Feeney? Por que está fazendo isso?

— Está matando acompanhantes sexuais licenciadas.

— Prostitutas sempre foram um alvo fácil, desde Jack, o Estripador, certo? É uma profissão vulnerável, mesmo hoje em dia. Apesar de todos os aparatos de segurança, ainda estamos às voltas com clientes que batem nelas e as matam.

— Mas também não acontece com tanta frequência — Feeney argu-

mentou. — Às vezes, com alguns sadomasoquistas, a gente encontra agente encontra um grupo que se entusiasma demais com a brincadeira. Mas a maioria das acompanhantes está em mais segurança do que as professoras.

— Ainda correm riscos. A profissão mais antiga com o crime mas

antigo. Mas as coisas mudaram, pelo menos algumas coisas. As pessoas geralmente não matam mais com armas de fogo, hoje em dia. Elas são muito caras, e difíceis de conseguir. O sexo, por sua vez, não é o motivo forte que costumava ser. É barato e muito fácil de conseguir.

Temos métodos diferentes de investigação e uma batelada de novos motivos. Depois que você limpa tudo isso, o fato que sobra é que as pessoas continuam a matar outras pessoas. Continue cavando, Feeney.

Preciso falar com algumas figuras.

— O que você precisa é de algumas horas de sono, garota.

— Deixe que ele durma — disse Eve, baixinho. — Deixe este

canalha dormir. — Levantando-se com decisão, ela se virou para o *tele-link.* Estava na hora de entrar em contato com os pais da vítima.

No momento em que Eve se dirigia à suntuosa entrada do prédio do escritório de Roarke no centro da cidade, já estava acordada há mais de trinta e duas horas. Passara pela tortura de ter que contar a pais chocados e chorosos que sua filha única estava morta. Depois, ficara olhando para o monitor até que os dados

começaram a se embaralhar diante de seus olhos.

O encontro com o senhorio de Lola havia sido outra tortura. Depois que o homem conseguiu se recobrar, gastou mais de meia hora se lasti-mando e reclamando da publicidade negativa e da possibilidade de queda no valor dos aluguéis.

As pessoas não estavam nem aí, pensou Eve, para a empatia

humana.

As Indústrias Roarke em Nova York eram exatamente o que Eve es-

perava. Arrojado, brilhante e imponente, o edifício em si se lançava cento e cinquenta andares para cima, em direção ao céu de Manhattan.

Um arpão de ébano, cintilante como pedra molhada, cercado por

acessos subterrâneos e plataformas para transporte aéreo, brilhantes como diamantes.

Por aquelas esquinas não havia vendedores ambulantes de

churrasquinho, reparou. Nem camelôs fugindo do rapa com seus computadores de bolso, expostos em coloridas bandejas flutuantes. Vendedores ambulantes não eram permitidos naquele pedaço da Quinta

Avenida. Tal divisão em zonas fazia com que as coisas fossem mais calmas por ali, ainda que menos emocionantes.

Do lado de dentro, o saguão principal ocupava um quarteirão inteiro da cidade, exibindo três restaurantes da moda, uma butique caríssima, algumas lojas exclusivas e um pequeno cinema para filmes de arte.

As lajotas brancas do piso tinham um metro quadrado cada uma, e

brilhavam como a superfície da lua. Elevadores transparentes zuniam para cima e para baixo, lotados; esteiras rolantes ziguezagueavam à esquerda e à direita,

enquanto vozes sem rosto guiavam os visitantes para os vários pontos de interesse ou, no caso de negócios a tratar, para o escritório designado.

Para aqueles que queriam circular por ali por conta própria, havia mais de uma dezena de mapas móveis.

Eve se dirigiu a um monitor e recebeu uma educada oferta de ajuda.

— Roarke — pediu ela, aborrecida por ver que o nome dele não

aparecia na listagem do diretório principal do edifício.

— Desculpe. — A voz computadorizada tinha aquele tom de gen-

tileza exagerada que pretendia ser tranquilizadora, mas ao invés disso irritou ainda mais os nervos de Eve, já à flor da pele. — Não tenho autorização para acessar esta informação.

— Roarke — repetiu Eve, segurando o distintivo na linha do *scanner* do computador. Aguardou com impaciência enquanto computador zumbia, sem dúvida conferindo e verificando sua identificação, além de estar notificando o homem pessoalmente.

— Por favor, prossiga para a ala leste, Tenente Dallas. A senhorita será recebida.

— Que bom.

Eve virou em uma esquina e passou por um corredor todo revestido de mármore que apresentava uma floresta de flores brancas como a neve, e que ela reconheceu como não-me-toques.

— Tenente. — Uma mulher usando um *tailleur* vermelho de arrasar e um cabelo tão branco quanto as não-me-toques sorriu friamente. —

Acompanhe-me, por favor.

A recepcionista enfiou um fino cartão de segurança em uma fenda e colocou a palma da mão de encontro a uma superfície de preto, para reconhecimento de

sua impressão. A parede se abriu, revelando um elevador privativo.

Entraram na cabine, e Eve não se surpreendeu quando ela pediu o

último andar, em voz alta.

Tinha certeza de que Roarke não se contentaria com nada que não

fosse o melhor.

Sua guia estava calada, e emitia um perfume discreto e sensível que combinava com os sapatos igualmente discretos e a insinuante boina.

Eve admirava em segredo as mulheres que conseguiam se arrumar im-pecavelmente, dos pés à cabeça, sem esforço aparente.

Diante de tal magnificência serena, Eve se encolheu constrangida dentro de seu casaco de couro surrado, e ficou pensando se já não estava na hora de gastar algum dinheiro com um bom corte de cabelo, em vez de picotar as pontas ela mesma, como fazia.

Antes de conseguir decidir sobre essas questões tão fundamentais duas portas se abriram dando para um calmo e silencioso *hall acar-petado,* tamanho de um pequeno apartamento. Havia luxuriantes plantas verdes ali. Plantas de verdade: fícus, palmeiras, e o que pareceu ser um arbusto de corniso com pequenas flores que brotaram ali, embora estivessem fora de época. Havia também um forte e penetrante aroma de um apanhado de cravos-da-índia, que floriam em tons de rosa e roxo vivo.

O jardim circundava uma confortável área de espera, com sofás em um tom arroxeado, mesinhas de madeira envernizadas e abajures que eram certamente feitos de bronze maciço, com cúpulas coloridas.

No centro da sala havia um balcão circular, equipado tão eficientemente quanto a cabine de um piloto, cheio de monitores, teclados, me-didores e *tele-links.* Dois homens e uma mulher trabalhavam ali frenet-icamente, em um balé sincronizado aparentemente sem interrupção.

Eve foi levada direto em frente, por um corredor lateral en-

vidraçado. Uma olhada para baixo, e ela podia ver toda Manhattan.

Ouvia-se música no ar, que ela não reconheceu que era Mozart. Para Eve, música era algo que havia sido inventado pouco depois do seu décimo aniversário.

A mulher com o *tailleur* arrasador parou mais uma vez, ofereceu uma amostra fugaz de seu sorriso frio e perfeito, e então falou a um microfone invisível.

— Tenente Dallas, senhor.

— Pode mandá-la entrar, Caro. Obrigado.

Mais uma vez, Caro colocou a mão sobre uma superfície de vidro.

— Pode entrar, tenente — convidou, quando o painel se abriu.

— Obrigada. — Apenas por curiosidade, Eve ficou observando en-

quanto ela ia embora, tentando compreender como era possível alguém caminhar tão graciosamente sobre saltos finos com quase dez centímetros de altura. Finalmente, entrou na sala de Roarke.

O ambiente era, como esperava, tão impressionante quanto o resto do seu quartel-general em Nova York. Apesar da deslumbrante vista de Manhattan, que se descortinava de três das quatro paredes, do teto imponente, pontilhado de focos de luz, e dos brilhantes tons de topázio e esmeralda dos estofados macios, era o homem por trás da mesa em

ébano polido que dominava tudo.

Que diabo existe nesse homem?, pensou Eve mais uma vez, en-

quanto Roarke se levantava e lhe lançava um sorriso.

— Tenente Dallas — disse ele, com aquele distante e fascinante

sotaque irlandês. — É um prazer, como sempre.

— Pode ser que você não pense assim quando eu terminar.

— Por que não vem até aqui e começamos a conversar? — Ele le-

vantou uma sobrancelha. — Depois, então, veremos. Aceita café?

— Não tente me distrair, Roarke. — Ela caminhou mais devagar.

Então, para satisfazer a sua curiosidade, girou o corpo, olhando em volta de toda a sala. Era tão grande quanto um heliporto, e tinha todas as amenidades de um hotel de primeira classe: serviço de bar automat-izado, uma poltrona de relaxamento muito bem acolchoada e completa, com equipamento de realidade virtual, indutores de bem-estar, uma tela gigantesca, naquele momento apagada. À esquerda, um banheiro completo, incluindo banheira de hidromassagem e tubo de secagem.

Todo o equipamento padrão de escritório, com a mais alta tecnologia, estava instalado.

Roarke ficou olhando para ela com uma expressão afável. Ad-

mirava o modo com que ela se movia, o jeito que aqueles olhos frios e rápidos tinham de captar tudo em volta.

— Quer que eu lhe mostre o prédio, Eve?

— Não. Como é que você consegue trabalhar com tudo isso assim...

— usando ambas as mãos, ela fez um gesto amplo em direção às

paredes de vidro tratado — completamente aberto.

— Não gosto de me sentir confinado. Você vai se sentar ou vai ficar vagando pela sala?

— Vou ficar em pé. Tenho algumas perguntas para lhe fazer,

Roarke. Você tem direito a um advogado presente, neste momento.

— Vou ser preso?

— Não agora.

— Então, vamos reservar os advogados para quando eu for preso.

Pergunte.

120/393

Embora ela mantivesse os olhos no mesmo nível dos dele, sabia

onde as mãos de Roarke estavam, enfiadas casualmente nos bolsos da calça. Mãos revelavam emoções.

— Na noite de anteontem — começou ela—, entre oito e dez horas

da noite. Você poderia verificar onde estava?

— Creio que fiquei aqui até pouco depois das oito. — Com a mão

firme, consultou sua agenda de mesa. — Desliguei o monitor às 8:17, deixei o prédio e fui de carro para casa.

— Foi de carro — interrompeu ela —, dirigindo, ou foi levado pelo motorista?

— Eu mesmo dirigi. Mantenho um carro aqui. Não gosto de deixar

meus empregados esperando até o horário que me dá na telha.

— Tremendamente democrático de sua parte. — E, pensou, tremen-

damente inconveniente também. Ela queria que ele tivesse um álibi. —

E depois?

— Quando cheguei, me servi de um conhaque, fui tomar um banho

e troquei de roupa. Tinha um jantar marcado com uma pessoa amiga.

— A que horas, e quem era essa pessoa amiga?

— Acredito que cheguei lá por volta de dez horas. Gosto de ser

pontual. Fui à casa de Madeline Montmart.

— Madeline Montmart, a atriz? — Eve teve uma rápida visão de

uma loura cheia de curvas com uma boca ardente e olhos amendoados.

— Sim, ela mesma. Creio que comemos borracho, um tipo de

pombo jovem, se essa informação ajudar.

Eve ignorou o sarcasmo.

— Ninguém pode confirmar suas atividades entre oito e dezessete e dez da noite?

— Algum dos empregados poderia ter notado minha passagem, mas

lembre que eu os pago muito bem e eles estão dispostos a dizer o que

eu mandar que digam. — Sua voz ficou mais cortante. — Aconteceu

outro assassinato.

— Lola Starr, acompanhante licenciada. Alguns detalhes vão ser

liberados para a mídia dentro de uma hora.

— E outros detalhes, não.

— Você possui um silenciador, Roarke?

— Vários. — Sua expressão não mudou. — Você parece exausta,

Eve. Passou a noite toda acordada?

— Faz parte do trabalho. Você possui um revólver suíço, um SIG

2-10, fabricado em 1980?

— Adquiri um, há cerca de seis semanas. Sente-se.

— Conhecia Lola Starr? — Procurando em sua pasta, Eve puxou

uma foto que encontrara no apartamento de Lola. A linda garota com jeito travesso estava sorrindo, ousada e cheia de vida.

Roarke abaixou o olhar para a foto quando Eve a pousou em sua

mesa, e seus olhos piscaram. Desta vez a sua voz estava com um traço de alguma coisa que pareceu a Eve ser pena.

— Ela não tinha idade suficiente para ter licença de acompanhante.

— Fez dezoito anos há quatro meses. Requisitou a licença no dia do aiversário.

— Nem teve tempo de mudar de ideia, não é? — Os olhos dele se

levantaram para se encontrar com os de Eve. Sim, ele estava com pena.

— Eu não a conhecia. Não saio com prostitutas. Nem com crianças.

— Pegou a foto, deu a volta na mesa, e a devolveu a Eve. — Sente-se.

— Alguma vez você...

— Droga, sente-se aqui! — Com súbita fúria, ele a pegou pelos ombros e a empurrou sobre uma poltrona. A pasta se abriu, espalhando outras fotos de Lola que não tinham nada a ver com jeito maroto.

Ela poderia tê-las alcançado primeiro. Seus reflexos eram tão bons quanto os dele. Mas talvez Eve quisesse que ele as visse. Talvez precisasse disso.

Agachado, Roarke pegou uma das fotos que havia sido tirada na

cena do crime, e olhou com atenção.

— Meu Deus, Jesus! — disse ele, baixinho. — Você acredita que

eu possa ser capaz de fazer isso?

— O que eu acredito não vem ao caso. Investigar... — parou de

falar quando sentiu que os olhos dele a estavam açoitando.

— Você acredita que eu seja capaz disso? — repetiu ele, mais

baixo, em um tom que era cortante como uma lâmina.

— Não, mas tenho um trabalho a fazer.

— Seu trabalho é podre.

Ela pegou as fotos de volta, e as guardou, respondendo:

— Sim, de vez em quando, é.

— Como consegue dormir à noite depois de olhar de perto para algo assim?

Ela hesitou. Embora conseguisse se recuperar em um piscar de ol-

hos, Roarke notou. Apesar de ficar intrigado pela reação instintiva e emocional de Eve, lamentava ter sido a causa disso.

— Consigo dormir sabendo que vou pegar o canalha que fez isso.

Saia do meu caminho.

Ele ficou onde estava e colocou a mão em seu braço, que estava

rígido.

— Um homem que tem a minha posição sabe ler as pessoas de

modo rápido e certeiro, Eve. No momento, estou lendo que você está chegando ao seu limite.

— Já disse, saia da minha frente.

Ele se levantou, mas, apertando mais o braço dela, colocou-a de pé.

Continuava no caminho dela.

123/393

—Ele vai fazer isso de novo — disse, com calma. — E o que está

consumindo você é não saber quando, nem onde, nem com quem.

— Não me analise. Temos um departamento inteiro de psiquiatras

na folha de pagamento da polícia para isso.

— E por que já não foi se consultar com um deles? Anda tentando

escapar pela tangente para não ir ao Departamento de Testes. Os olhos dela se estreitaram.

Ele riu, mas não havia nenhum traço de divertimento no sorriso.

— Tenho contatos, tenente. Você foi convocada para fazer testes há vários dias, um procedimento padrão após a ocorrência de uma morte justificada, o homem que você executou na mesma noite em que Sharon foi morta.

— Fique fora dos meus assuntos — disse ela, furiosa. — E dane-se os seus contatos.

— Do que tem medo? O que receia que eles possam encontrar, se

derem uma boa olhada dentro dessa cabeça? Dentro desse coração?

— Não tenho medo de nada. — Puxou o braço com força para se

livrar, mas ele simplesmente colocou a mão em seu rosto. Um gesto tão inesperado e tão gentil que seu estômago estremeceu.

— Deixe-me ajudá-la.

— Eu... — Algo quase transbordou e se espalhou, como acontecera

com as fotos. Só que dessa vez seus reflexos mantiveram tudo

guardado. — Estou conseguindo lidar com isso. — Ela se virou. —

Você pode apanhar os objetos que lhe pertencem a qualquer hora que queira depois das nove, a partir de amanhã.

— Eve.

— O que?

Ela mantinha os olhos focados na porta e continuava andando.

— Quero vê-la esta noite.

— Não.

Ele se sentiu tentado, muito tentado, a sair correndo atrás dela. Em vez disso, porém, permaneceu onde estava.

— Eu posso ajudar você nesse caso, Eve.

Cautelosa, ela parou e se virou. Se Roarke não estivesse sentindo naquele momento uma desconfortável sensação de frustração sexual, era possível que caísse na gargalhada diante da mistura de desconfiança e zombaria que viu nos olhos dela.

— De que modo?

— Conheço as pessoas que Sharon conhecia. — Enquanto falava,

sentiu o escárnio virar interesse. A desconfiança, no entanto, permaneceu. — Não é preciso um malabarismo mental muito grande para

descobrir que você está à procura de uma conexão entre Sharon e a garota cujas fotos está carregando. Vou ver se consigo achar alguma.

— Informações vindas de um suspeito não têm muito peso em uma

investigação. Mas... — acrescentou, antes que ele pudesse falar —, vo-cê pode me avisar.

Ele sorriu, afinal.

— É de se estranhar que eu a queira nua em minha cama? Pode

deixar que eu aviso, tenente — e voltou para trás da mesa. Nesse meio tempo, procure dormir um pouco.

Quando a porta se fechou atrás dela, o sorriso desapareceu de seus olhos. Por um longo momento, ele ficou sentado, em silêncio.

Apalpando o botão perdido que ainda carregava no bolso, ativou a sua linha privativa e segura.

Não queria que aquele telefonema aparecesse nos registros.

CAPÍTULO SETE

Eve ficou na frente da tela de segurança, diante do apartamento de Charles Monroe, e já se preparava para se anunciar quando a porta se abriu. Ele estava de *smoking,* com uma capa de casimira atirada de modo negligente sobre os ombros para contrabalançar a textura cre-mosa de uma echarpe de seda. Seu sorriso estava tão meticulosamente ajustado quanto a roupa.

— Tenente Dallas, como é agradável vê-la novamente. — Seus ol-

hos, cheios de elogios que ela sabia que não merecia, analisavam-na de cima a baixo. — E que pena que eu esteja de saída.

— Não vou levar muito tempo. — Ela deu um passo para a frente e

ele deu um passo para trás. — Algumas perguntas apenas, Monroe,

aqui, de modo bem informal, ou formalmente, na Central de Polícia, na companhia de um representante seu, ou um advogado.

— Entendo. — Suas sobrancelhas bem delineadas se levantaram. —

Pensei que tivéssemos superado essa fase. Muito bem, tenente, pode perguntar — Ele fechou a porta novamente. — Vamos ficar no

informal.

— Onde estava na noite de anteontem, entre oito e dez da noite?

— Anteontem à noite? — Pegando uma pequena agenda no bolso,

teclou alguns dados. — Ah, sim. Apanhei uma cliente às sete e meia para a apresentação das oito horas no Teatro Monumental. Estão

fazendo a remontagem de uma peça de Ibsen, uma coisa depressiva.

Sentamos na terceira fileira, no centro. A peça acabou pouco antes das onze, e degustamos um jantar tardio, que pedimos para ser entregue aqui mesmo. Fiquei envolvido com ela até as três da manhã. — O sorriso cintilou novamente enquanto ele guardava a agenda. — Isso me livra?

— Se a sua cliente confirmar tudo.

— Tenente, você está acabando comigo. — O sorriso se transfor-

mou em uma máscara de dor.

— Alguém está matando pessoas que têm a sua profissão — atirou

ela de volta. — Nome e número, Monroe. — Eve ficou aguardando,

até que ele forneceu os dados, desolado. — Você conhecia uma mulher chamada Lola Starr?

— Lola, Lola Starr... não me soa familiar. — Pegou a agenda de

novo, procurando na seção de endereços. — Aparentemente, não. Por quê?

— Você vai ouvir sobre ela- nos noticiários da manhã — foi tudo o que Eve lhe contou enquanto abria a porta novamente. — Até agora, foram só mulheres, Charles, mas se eu fosse você, teria muito cuidado ao aceitar clientes novos.

Com uma dor de cabeça martelando o cérebro, ela seguiu até o el-

evador. Sem conseguir resistir, deu uma olhada na direção da porta do apartamento de Sharon DeBlass, onde a luz vermelha do lacre de segurança da

polícia estava piscando.

127/393

Precisava dormir, disse a si mesma. Precisava ir para casa e esvaziar a cabeça por uma hora. Mas estava teclando a sua identificação para destravar o lacre e entrar na casa de uma mulher morta.

Tudo estava em silêncio, e não havia ninguém. Ela não esperara,

outra coisa. De algum modo, tinha a esperança de que surgisse um clarão de intuição, mas tudo o que sentiu foi o pulsar constante em suas têmporas. Ignorando-o entrou no quarto.

As janelas haviam sido seladas também, com *spray* opaco, para impedir a mídia ou algum curioso mórbido de passar voando em baixa velocidade por ali para bisbilhotar a cena do crime. Ordenou ás luzes que se acendessem, e as sombras desapareceram, para revelar a cama.

Os lençóis haviam sido retirados e levados para o laboratório. Fluidos corporais, cabelos e amostras de pele já haviam sido analisados e cadastrados. Havia uma mancha sobre o colchão, onde o sangue havia passado através do cetim.

A cabeceira em relevo acolchoado estava toda respingada com

sangue. Eve se perguntou se alguém se daria ao trabalho de limpar aquilo.

Olhou para a mesa. Feeney levara o *notebook* para poder procurar pistas nos discos e na memória interna. Todo o quarto havia sido vas-culhado e limpo. Não restava nada a fazer.

Mesmo assim, Eve foi até o armário, procurando metodicamente em

todas as gavetas, mais uma vez. Quem será que viria pegar todas

aquelas roupas? Perguntou a si mesma. As sedas, as rendas, as roupas de casimira e cetim de uma mulher que gostava de sentir a textura dos tecidos caros sobre a pele.

A mãe, ela imaginava. Por que ela não preenchera um formulário

solicitando a devolução das coisas da filha?

Era algo para se pensar.

128/393

Entrou no *closet*, novamente passando por saias, vestidos, calças, capas que estavam na moda, além de cafetãs, jaquetas e blusas, sempre olhando dentro dos bolsos e forros. Passou então para os bapaios, todos guardados com capricho dentro de caixas de acrílico.

Ela tinha apenas dois pés, pensou, com um pouco de irritação. Nin-guém precisava de sessenta pares de sapatos. Com cara feia, enfiou a mão no fundo dos sapatos, no cano das botas e na maciez do interior de plataformas de salto alto.

Lola não tinha tantos sapatos, pensava naquele momento. Dois

pares de sapatos de salto alto ridículos, um par de sandálias de vinil e um par de tênis com amortecedores traseiros, tudo empilhado em seu estreito *closet.*

Sharon, porém, tinha sido tão organizada quanto fútil. Seus sapatos estavam todos cuidadosamente organizados em fileiras de...

Aquilo estava errado. Com a pele arrepiada, Eve deu um passo para trás. Algo ali estava errado. O *closet* era tão grande quanto um quarto, e cada centímetro do espaço tinha sido meticulosamente utilizado.

Agora, havia um buraco de quase trinta centímetros nas prateleiras.

Porque os sapatos estavam empilhados agora em seis pilhas, em fileiras de oito.

Não era essa a maneira que Eve os tinha encontrado quando estivera ali, nem a forma com que os havia deixado. Eles estavam perfeitamente organizados de acordo com a cor e o estilo. Em pilhas, ela se lembrava perfeitamente, de quatro, e em doze fileiras.

Um pequeno erro, pensou, com um leve sorriso. Mas um homem

que cometia um erro estava predisposto a cometer outro.

— Dá para repetir, tenente?

129/393

— Ele recolocou as caixas dos sapatos de maneira errada, comand-

ante. — Tentando enfrentar o tráfego, tremendo de frio enquanto o aquecedor do carro lhe oferecia um tépido sopro de ar quente em volta dos dedos dos pés, Eve já estava chegando. Um pequeno dirigível para turistas deslizava a baixa altitude, com a voz do guia berrando dicas para fazer compras na calçada aérea, enquanto atravessavam a Quinta Avenida. Uma equipe idiota de operários, com licença especial para trabalhar durante o dia, estava abrindo um túnel de acesso na esquina da Sexta Avenida com a Rua Setenta e Oito. Eve falou mais alto, para vencer o barulho.

— O senhor pode verificar nos discos de gravação da cena do

crime. Eu sei como o *closet* estava arrumado. Fiquei impressionada pelo fato de que uma pessoa pudesse ter tantas roupas e conseguir mantê-las tão organizadas. Ele voltou lá.

— O criminoso voltou à cena do crime? — A voz de Whitney es-

tava seca como poeira.

— Os clichês são baseados em fatos. — Na esperança de pegar um

caminho mais tranquilo, ela virou para oeste, em uma rua transversal, e acabou empacada atrás de um lento micro-ônibus. Será que ninguém ficava dentro de casa em Nova York? — Se não fosse assim, comandante, não seriam clichês — terminou ela, e colocou o carro no piloto automático para poder esquentar um pouco as mãos colocando-as nos bolsos. — Há ainda outras coisas. Ela mantinha a bijuteria em urra gaveta separada. Anéis em uma seção, braceletes em outra, e assim por diante. Alguns colares estavam embaraçados quando eu os vi de novo.

— Mas o pessoal que limpou o lugar...

— Senhor, eu vasculhei todo o lugar mais uma vez, depois da

limpeza. Tenho certeza de que ele voltou lá. — Eve mordeu os lábios de

frustração, e se lembrou de que Whitney era um homem cauteloso.

Todo administrador tinha que ser. — Ele conseguiu passar pelo lacre

130/393

da segurança e entrou. Procurava algo, algo que esqueceu no local.

Algo que ela possuía. Alguma coisa que a gente deixou passar.

— Você quer que o local seja vistoriado mais uma vez?

— Quero. E quero que Feeney volte aos arquivos de Sharon. Tem

alguma coisa lá, em algum lugar. E é alguma coisa importante o

bastante para ele se arriscar a voltar.

— Vou assinar uma autorização, mas o secretário não vai gostar

milito disso. — O comandante ficou em silêncio por um instante.

Então, como se tivesse acabado de lembrar que estavam conversando em uma linha totalmente segura, soltou: — Dane-se o secretario. Muito bom olho o seu, Eve.

— Obrigada... — mas ele já tinha desligado antes que ela pudesse acabar de agradecer.

Duas de seis, pensou, e, na privacidade do seu carro, estremeceu mais do que apenas pela ação do frio. Havia outras quatro pessoas lá fora cujas vidas estavam nas mãos dela.

Depois de entrar na garagem, jurou que ia telefonar para o maldito mecânico no dia seguinte. Se acontecesse como sempre, isso significava que ele ficaria com o caro dela por uma semana, levando uma surra de algum *chip* idiota do sistema de aquecimento do veículo. A ideia da papelada necessária para solicitar um carro substituto através do departamento era terrível demais para se considerar.

Além do mais, ela já estava acostumada com aquele, apesar das suas pequenas maluquices. Todos sabiam que os policiais uniformizados é que recebiam os

melhores veículos de terra e ar. Detetives tinham que se virar com as carroças.

Ela ia ter que se contentar com transporte público, ou então pegar um carro qualquer na garagem da polícia e pagar o preço da burocracia mais tarde.

131/393

Ainda pensando na confusão que ia armar e se lembrando de entrar em contato com Feeney pessoalmente para fazê-lo rever todos os discos de segurança da semana no Gorham, subiu de elevador até o seu andar. Mal tinha acabado de destrancar a porta e sua mão já estava no coldre da arma, empunhando-a.

O silêncio dentro do apartamento estava errado. Soube na mesma

hora que não estava sozinha. O arrepio ao longo de sua pele a fez olhar de um lado para o outro, mexendo os olhos e os braços nas duas

direções, para a esquerda e para a direita.

Na quase inexistente luminosidade da sala, viu que as sombras se mantinham imóveis e o silêncio se mantinha. Então, sentiu um movimento que fez seus músculos se retesarem e seu dedo se posicionar no gatilho.

— Reflexos excelentes, tenente. — Roarke se levantou da cadeira

de onde estivera descansando. De onde a estivera observando. — Tão excelentes — continuou, com o mesmo tom calmo, enquanto acendia

uma lâmpada —, que tenho certeza de que você não vai usar a arma em mim.

Ela poderia ter usado. Ela bem que poderia ter lhe dado um bom

susto. Teria servido para arrancar aquele sorriso complacente da cara dele. Mas qualquer arma que fosse disparada significava uma papelada imensa que ela não estava disposta a encarar só por vingança.

— Mas que diabos você está fazendo aqui?

— Esperando por você. — Seus olhos permaneceram nela enquanto

levantava as mãos. — Estou desarmado. Pode vir verificar, se não acreditar na

minha palavra.

Com muito cuidado e alguma relutância, ela recolocou a arma no

coldre.

— Imagino que esteja com um batalhão de advogados muito caros e

muito espertos, Roarke, que possam conseguir livrar você antes que eu

acabe de fichá-lo por invasão de domicílio e tentativa de roubo. Por que você não tenta me oferecer um bom motivo para eu não me dar ao trabalho de jogar você em uma cela por pelo menos duas horas, à custa dos contribuintes?

Roarke ficou se perguntando se era algum tipo de perversão gostar tanto da maneira com que ela arrasava com ele.

— Não seria produtivo, tenente. E você está cansada, Eve. Por que não se senta?

— Não vou me dar o trabalho de perguntar como entrou aqui. —

Ela podia sentir que estava tremendo toda de raiva, e imaginava o quanto de satisfação teria se conseguisse colocar os elegantes pulsos dele dentro de algemas. — Você é dono do prédio, então esta pergunta responde a si mesma.

— Uma das coisas que admiro é que você não perde tempo com o

óbvio.

— Minha pergunta é por quê?

— De repente, me vi pensando em você, tanto em nível profissional quanto pessoal, depois que saiu do meu escritório. — Ele sorriu, rápido e charmoso. — Você comeu?

— Por quê? — repetiu.

Ele se encaminhou na direção dela, de modo que o facho de luz que vinha da lâmpada ficou brincando por trás dele.

— Profissionalmente, dei alguns telefonemas que podem ser do seu interesse. Pessoalmente... — levou a mão até o rosto dela, dedos não mais do que roçando seu queixo, o polegar se demorando sobre a

pequena covinha. — Por algum motivo, tenho a compulsão de aliment-ar você.

— Que telefonemas? — Embora soubesse que era o gesto de uma

criança malcriada, puxou o rosto para trás.

— Você me permite? — perguntou ele no mesmo tom, e simples-

mente sorriu novamente, pegando o *tele-link* e teclando o número que queria. — Aqui fala Roarke. Pode mandar subir a comida agora

mesmo. — Desligou e sorriu para ela. — Você não faz objeções a

massa, não é?

— Em principio, não. Mas faço objeções quanto a ser manipulada.

— Isso é outra coisa de que gosto muito em você. — E já que ela

não ia querer se sentar, ele o fez, ignorando o franzir de olhos dela, e pegou a cigarreira. — Gosto de relaxar depois de uma refeição quente.

Você não relaxa o suficiente, Eve.

— Você não me conhece o bastante para julgar o que eu faço e o

que eu não faço. E eu não disse que você tinha permissão para fumar aqui.

Ele acendeu o cigarro, olhando-a através da névoa leve e

perfumada.

— Se você não me prendeu por invasão de domicílio, não vai me

prender por fumar. Trouxe uma garrafa de vinho. Coloquei-a sobre a bancada da

cozinha, para respirar. Quer beber um pouco?

— O que eu quero... — Ela teve um súbito lampejo, e a fúria veio tão depressa que mal conseguiu enxergar através dela. De um salto, ela se colocou na frente do computador, pedindo acesso.

Isso o aborreceu, o suficiente para transparecer em sua voz.

— Se eu tivesse vindo xeretar seus arquivos, não teria ficado por aqui esperando pela sua volta.

— Uma ova que não teria. Esse tipo de arrogância tem a sua cara.

— Mas seus arquivos de segurança estavam intactos. Ela não tinha certeza se ficou aliviada ou desapontada. Até ver o pequeno pacote ao lado do monitor. — O que é isto aqui?

— Não faço ideia. — Ele soprou mais uma nuvem de fumaça. —

Estava no chão, do lado de dentro da sua porta. Eu o peguei.

— Eve já sabia o que era. O tamanho, o formato, o peso. E sabia

que se fosse assistir àquele disco presenciaria a morte de Lola Starr.

Alguma coisa no jeito que os olhos dela mudaram o fez se levantar novamente, com a voz mais gentil.

— O que é isso, Eve?

— Assunto oficial. Desculpe-me.

Foi direto até o quarto, fechou e trancou a porta.

Foi a vez de Roarke franzir os olhos. Foi até a cozinha, localizou os copos e serviu um pouco do Borgonha. Ela vivia de modo simples, reparou. Poucos objetos. Muito pouco ali falava do seu passado, ou da sua família. Nenhum *souvenir.* Teve a tentação de andar pelo quarto de Eve enquanto estava no apartamento, sozinho, para ver o que mais poderia descobrir a respeito dela, mas

resistira à ideia.

Não tanto por respeito à privacidade da dona do apartamento, mas sim pelo desafio que ela representava. Aquilo o provocava a tentar descobrir coisas a partir dela mesma, em vez de se informar através de seus objetos pessoais.

Mesmo assim, achou tanto as cores simples quanto a falta de

enfeites muito elucidativas. Ela não vivia ali, pelo que ele podia ver; simplesmente existia naquele local. Ela vivia, deduziu, no seu trabalho.

Experimentou o vinho e o aprovou. Depois de apagar o cigarro, levou os dois cálices de volta para a sala de estar. Decifrar o enigma Eve Dallas prometia ser mais do que interessante.

Quando ela voltou para a sala, quase vinte minutos depois, um

garçom todo vestido de branco estava acabando de preparar os pratos em uma pequena mesa ao lado da janela. Por mais gloriosos que

fossem os aromas, não conseguiram abrir o apetite de Eve. Sua cabeça estava latejando novamente, e ela esquecera de tomar um remédio para dor.

— Com um murmúrio, Roarke dispensou o garçom. Não disse nada

até que a porta de saída se fechasse e ele se visse a sós com Eve mais uma vez.

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Pelo que está afetando você. — Com exceção daquela explosão

de fúria, ela estava pálida quando chegou no apartamento. Agora, porém, suas bochechas estavam completamente sem cor, e seus olhos muito sombrios. Quando ele foi em sua direção, ela simplesmente balançou a cabeça uma vez, com força.

— Vá embora, Roarke.

— Ir embora é fácil. Muito fácil. — Deliberadamente, colocou os

braços em volta dela, e a sentiu ficar rígida. — Dê um minuto a si mesma. — A voz dele era suave e convincente. — Será que importaria, realmente importaria a qualquer pessoa que não você mesma, se você tirasse apenas um minuto para deixar isso de lado?

Ela balançou a cabeça de novo, mas desta vez havia cansaço em seu gesto. Ele ouviu o suspiro escapar, e, tirando vantagem disso, chegou-a mais para perto. — Você não pode me contar?

— Não.

Ele concordou, mas seus olhos brilharam com impaciência. Ele de-

via saber; nada daquilo deveria ter importância para ele. Ela própria não devia ter importância. Mas muita coisa a respeito dela lhe

interessava.

— Pode contar para mais alguém, então? — murmurou.

— Não há mais ninguém. — Reparando então o que poderia ser de-

duzido disso, ela se afastou. — Eu não quis dizer...

— Eu sei que não. — O sorriso dele era irônico e não muito divertido. — Mas não vai haver ninguém mais, para nós dois. Não por algum tempo.

O passo que ela deu para trás não era uma fuga, mas uma de-

claração de distanciamento.

— Você está contando com muitas coisas como certas, Roarke.

— De modo algum. Nada é garantido. Você é trabalho, tenente,

uma grande quantidade de trabalho. Seu jantar está esfriando.

Ela estava cansada demais para discutir, cansada demais para

argumentar. Sentou-se e pegou o garfo.

— Você esteve no apartamento de Sharon DeBlass durante a última

semana?

— Não, por que faria isso?

— Por que alguém faria? — Ela o estudou demoradamente.

— Ele Fez uma pausa, e então compreendeu que a pergunta não era

gratuita.

— Para reviver o evento — sugeriu ele. — Para ter certeza de que nada incriminador havia sido deixado para trás.

— E como dono do prédio, você poderia entrar lá tão facilmente

quanto entrou aqui.

Sua boca se apertou ligeiramente. Irritação, ela avaliou, a irritação de um homem que já estava farto de responder às mesmas perguntas.

Era algo pequeno, mas uma boa indicação da sua inocência.

— É verdade — respondeu ele. — Eu não creio que tivesse di-

ficuldade para fazer isso. Minha chave mestra me colocaria lá dentro.

Não, pensou ela, a chave mestra não teria passado pelo lacre de segurança da polícia. Isso ia requerer um nível diferente de autoridade ou um especialista em segurança.

— Imagino, tenente, que você suspeita que alguém fora do seu de-

partamento esteve no apartamento depois do assassinato.

— Pode crer que sim — concordou ela. — Quem lida com o seu

sistema de segurança, Roarke?

— Utilizo os serviços da Lorimar, tanto para negócios quanto em

minha casa. — Levantou o cálice. — É mais simples assim, porque eu sou o dono da companhia.

— Claro que é. Suponho que você conheça muita coisa a respeito

de segurança, também.

— Podemos dizer que eu tenho um interesse antigo por questões de segurança. Foi por isso que comprei a companhia. — Pegou um pouco da massa com ervas, levou o garfo até os lábios dela e ficou satisfeito quando a viu aceitar a porção oferecida. — Eve, eu estou com a

tentação de confessar tudo, só para tirar esse olhar infeliz de seu rosto e vê-la comer com tanto entusiasmo quanto da outra vez. No entanto, quaisquer que sejam os meus crimes, e eles são muitos, sem dúvida, nenhum deles inclui assassinato.

Eve olhou para o prato e começou a comer. O fato de ele conseguir ver o quanto ela estava infeliz a incomodava.

— O que quis dizer ainda há pouco quando falou que eu era

trabalho?

— Você analisa as coisas com muita precisão e controle, com muito cuidado; pesa as possibilidades, as opções. Não é uma criatura movida por impulso, e, embora eu acredite que você possa ser seduzida, com o método apropriado e o toque certo, isso não seria um fato corriqueiro.

— É isso o que pretende fazer, Roarke? — Ela levantou os olhos de novo. — Tentar me seduzir?

— Eu vou seduzir você — rebateu ele. — Infelizmente, não esta

noite. Além disso, quero descobrir o que a faz ser como é. E quero ajudá-la a conseguir o que deseja. Neste exato momento, o que você precisa é encontrar um assassino. Você culpa a si mesma — acrescentou. — Isso é tolo e irritante.

— Então me culpo.

— Então se olhe no espelho — Roarke falou, baixinho.

— Não havia nada que eu pudesse fazer — Eve explodiu. — Nada

que eu pudesse fazer para impedir coisa alguma do que aconteceu.

— E você acha que deve ser capaz de parar isso agora, alguma coisa disso? Tudo?

— Isso é exatamente o que se espera que eu faça.

— Como? — Ele fez a cabeça pender para o lado.

— Sendo esperta. — Ela empurrou a mesa. — Sendo precisa.

Fazendo meu trabalho.

Havia algo mais ali, ele sentiu. Algo mais profundo. Juntou as mãos sobre a mesa.

— E não é o que você está fazendo agora?

As imagens invadiram-lhe o cérebro. Todas as mortes. Todo o

sangue. Todo o desperdício.

— Agora elas estão mortas. — O gosto das palavras era amargo em

sua boca. — Deveria haver algo que eu pudesse ter feito para impedir isso.

— Para impedir um assassinato antes que ele tivesse acontecido,

você teria que estar dentro da cabeça do assassino — disse ele, com calma. —

Quem conseguiria conviver com isso?

— Eu posso conviver com isso — atirou ela de volta. E era a pura verdade. Ela poderia viver com qualquer coisa, menos com o fracasso.

— Servir e proteger, isso não é apenas um lema, é uma promessa. Se não consigo cumprir com a minha palavra, não sou nada. E eu não as protegi, nenhuma delas. Posso servir, mas apenas depois que elas já es-tão mortas. Que droga, ela era pouco mais do que um bebê. Apenas um bebê, e ele a explodiu em pedaços. Não cheguei a tempo. Não estava lá a tempo de impedir, e deveria estar. — Sua respiração foi cortada por um soluço, causando-lhe surpresa. Apertando a boca com a mão, ela se deixou cair no sofá. — Ah, Deus... — era tudo o que conseguia dizer.

— Deus, Deus!

139/393

Ele foi até ela. Por instinto, agarrou-lhe os braços com firmeza, em vez de abraçá-la.

— Se não puder ou não quiser conversar a respeito do assunto

comigo, vai ter que fazer isso com alguém. Você sabe disso.

— Eu consigo lidar com o problema. Eu... — Mas o resto das pa-

lavras ficou em sua garganta quando ele a sacudiu.

— E o que isso está custando a você? — ele quis saber. — E o

quanto ia fazer diferença para alguém se você deixasse o segredo de lado? Por apenas um minuto, deixasse de lado?

— Não sei. — E talvez esse fosse o seu medo, ela compreendeu.

Talvez não fosse mais capaz de mostrar o distintivo, ou empunhar a arma, ou manter a própria vida, caso se permitisse pensar muito profundamente, ou sentir em demasia. — Eu a vejo — disse Eve, soltando um suspiro profundo. — Eu a vejo sempre que fecho meus olhos ou

paro de me concentrar no que precisa ser feito.

— Conte-me.

Ela se levantou, pegou o seu cálice de vinho e o dele, e voltou para o sofá. Alguns longos goles ajudaram a sua garganta seca, e acalmaram a parte pior dos seus nervos. Era fadiga, avisou a si mesma, que a deixava tão fraca a ponto de não conseguir se segurar.

— A chamada veio quando eu estava a meio quarteirão de distância.

Tinha acabado de encerrar um outro caso, e terminara de registrar os dados. A Central convocou a unidade mais próxima. Violência

doméstica. Isso é sempre complicado, mas eu estava praticamente na porta. Então, fui até lá. Alguns vizinhos estavam do lado de fora, todos falando ao mesmo tempo.

A cena voltou em sua mente, com nitidez, como um vídeo que já estivesse no ponto exato da cena.

— Havia uma mulher de camisola, e estava gritando. Seu rosto es-

tava machucado, e um dos vizinhos estava tentando colocar uma

atadura em seu braço. Ela estava sangrando muito, então eu pedi para chamarem uma ambulância. Ela só ficava dizendo: “Ele a pegou. Ele pegou minha filhinha.”

Eve tomou mais um gole.

— Ela me agarrou, me sujou toda de sangue, gritando, chorando e

me dizendo que eu tinha que impedi-lo, tinha que salvar a sua filhinha.

Eu deveria ter pedido um reforço, mas achei que não podia esperar.

Subi as escadas, e já conseguia ouvi-lo antes de chegar ao terceiro andar, onde ele havia se trancado. Estava possesso. Acho que ouvi a garotinha gritar, mas

não tenho certeza.

Fechou os olhos então, rezando para que estivesse errada. Ela queria acreditar que a criança já estava morta, já estava além da dor. Ter estado tão perto, apenas a alguns passos... Não, ela não poderia viver com aquilo.

— Ao chegar à porta, agi pelo procedimento padrão. Soube o nome

dele pelos vizinhos, e assim o chamei pelo nome e falei também o nome da criança. Normalmente, o contato fica mais pessoal, mais real, se você usa os nomes das pessoas. Então eu me identifiquei e avisei que estava entrando. Mas ele continuava esbravejando. Dava para

ouvir as coisas se quebrando lá dentro, mas já não se conseguia ouvir a criança. Acho que eu pressenti. Antes de arrombar a porta, eu pressenti. Ele usara a faca de cozinha para retalhá-la por completo.

As mãos de Eve tremiam enquanto ela levantava o copo novamente.

— Havia tanto sangue! Ela era tão pequena, mas havia tanto

sangue! No chão, pelas paredes, em volta dele. Pude ver que o sangue ainda estava pingando da faca. O rosto da menina estava virado para mim. Um rostinho com grandes olhos azuis, como os de uma boneca.

Ela ficou em silêncio por um instante e então colocou o cálice de lado.

— Ele estava drogado demais para a arma de choque fazer efeito.

Continuou vindo na minha direção. Havia sangue pingando da faca, e respingado em volta dele todo, e ele continuava vindo. Então, eu o olhei bem nos olhos, direto nos olhos. E o matei.

— E logo no dia seguinte — Roarke disse, com a voz calma —

mergulhou de cabeça em uma investigação de assassinato.

— A bateria de testes foi adiada. Vou fazê-la dentro de um ou dois dias. — Ela

balançou os ombros. — Os psiquiatras vão achar que eu fiquei abalada por ter matado o homem. Posso fazê-los acreditai nisso, se for preciso. Mas não foi esse o caso. Eu tinha que matá-lo, e consigo aceitar isso. — Olhou direto para os olhos de Roarke e soube que podia falar para ele o que não tinha sido capaz de falar para si mesma. — Eu queria matá-lo. Talvez até precisasse daquilo. Quando o vi morrer, pensei, ele nunca mais vai fazer isso com outra criança. E fiquei feliz por ter sido eu a eliminá-lo.

— E você acha que pensar isso é errado.

— Tenho certeza de que é errado. Sei que quando uma policial

sente prazer por ter matado alguém, ou está envolvida em qualquer tipo de morte, ela ultrapassou um limite.

— Qual era o nome da menina? — Ele se inclinou de modo que

seus rostos quase se tocaram.

— Mandy. — E soltou um soluço antes que conseguisse impedir.

— Tinha três anos.

— Você acha que ficaria assim arrasada se o tivesse matado antes de ele a ter alcançado?

— Acho que jamais vou saber, não é? — perguntou ela, abrindo e

fechando a boca em seguida.

— Sim, você sabe. — Ele colocou uma das mãos sobre a dela,

vendo-a franzir a testa e olhar para baixo, para o contato dele. — Sabe, passei a maior parte da vida tendo uma antipatia básica pela polícia,

por uma razão ou por outra. Acho muito estranho que eu tenha encontrado, sob circunstâncias tão extraordinárias, uma policial pela qual consigo sentir respeito e atração ao mesmo tempo.

Eve levantou os olhos de novo, e, embora a testa continuasse franzida, ela não afastou a sua mão da dele.

— Esse é um elogio estranho.

— Aparentemente, nós dois temos um relacionamento estranho. —

Ele se levantou, colocando-a de pé. — Agora, você precisa dormir. —

Olhou para o jantar que ela mal tocara. — Mais tarde voa pode esquentar o resto, quando estiver com o seu apetite de volta.

— Obrigada. Da próxima vez, agradeceria muito se você esperasse

até eu voltar, antes de entrar na minha casa.

— Que progresso! — murmurou ele enquanto se encaminhava para

a porta. — Você então aceita o fato de que haverá uma próxima vez.

— E, com a sombra de um sorriso, levou a mão que ainda segurava até os lábios. Notou espanto, desconforto e, pensou, um traço de embaraço em seus olhos quando pousou um leve beijo em seus dedos. — Até a próxima, então — disse ele, e saiu.

Ainda franzindo o rosto, Eve esfregou os dedos nos jeans, enquanto ia para o quarto. Despiu-se, deixando as roupas ficarem onde tinham caído. Atirou-se na cama, fechou os olhos e se dispôs a dormir.

Estava quase cochilando quando se lembrou de que Roarke acabou

não lhe contando para quem telefonara e o que descobrira.

CAPÍTULO OITO

Em seu escritório, com a porta trancada, Eve reviu o disco do assassinato de Lola Starr com Feeney. Não piscou ao ouvir o leve espocar da arma com silenciador. Seu sistema já não recuou naquele momento, diante do estrago que a bala provocou na carne.

A tela ficou parda nas letras finais: Duas de Seis. Então, a tela ficou vazia. Sem

dizer uma palavra, Eve pegou o disco do primeiro assassinato, e eles assistiram Sharon DeBlass morrer, mais uma vez.

— O que você tem a me dizer? — perguntou Eve quando acabou.

— As gravações foram feitas com uma MicroCam Trident, aquele

modelo de cinco mil dólares. Foi lançada há uns seis meses, é

caríssima. Mais de dez mil delas foram vendidas em Manhattan, só na última temporada, sem contar as que entraram pelo mercado paralelo, ou vieram de outros lugares. Não é um número tão grande quanto se fosse o caso de um modelo mais barato, mas mesmo assim são câmeras demais para tentarmos rastrear. — Ele olhou para Eve, baixando os olhos logo em seguida. — Adivinhe quem é o dono da Fábrica das

Câmeras Trident.

— As Indústrias Roarke.

— Adivinhona! Aposto que as chances de o próprio chefão possuir

uma dessas são bem altas.

— Bem, certamente ele tem a facilidade de conseguir uma delas. —

Eve guardou esse detalhe na cabeça e resistiu à lembrança da sensação que sentira quando os lábios dele roçaram seus dedos. — O assassino usa um equipamento bem caro, de elite, ao qual poucos têm acesso, e que ele próprio fabricou. Arrogância ou burrice?

— Burrice não combina com esse rapaz.

— Não, não combina. E a arma?

— Localizamos umas duas mil por aí, em coleções particulares —

começou Feeney, mordiscando uma castanha de caju. — Três mil no

total, em toda a cidade. Isso, contando apenas as que foram registradas

— acrescentou, com um sorriso discreto. — O silencia dor não precisa de registro, pois não se qualifica como mortal, por si só. Impossível rastrear. — Recostando-se, começou a tamborilar com os dedos no

monitor. — Quanto ao primeiro disco, andei examinando. Descobri algumas sombras. Tenho certeza de que ele gravou mais do que o assassinato. Só que não consegui recuperar nenhuma imagem. Quem quer

que tenha editado o disco conhecia todos os recursos, ou tinha acesso a equipamento de edição automática sofisticado.

— E quanto ao pessoal do laboratório?

— O comandante ordenou que eles voltassem lá para vasculhar

tudo, mais uma vez, a seu pedido. — Feeney olhou para o relógio. —

Devem estar no apartamento neste instante. Apanhei todos os discos recentes do sistema de segurança do prédio e os analisei. Temos um buraco de vinte minutos, começando às três e dez da manhã, na noite de anteontem.

— O canalha voltou lá valsando, com a maior cara-de-pau — mur-

murou Eve. — A vizinhança é podre, Feeney, mas é um prédio de alto

padrão. E ninguém reparou nele, em nenhuma das vezes; isso significa que é um sujeito comum, que se mistura com facilidade em uma

multidão.

— Ou então todos estão muito acostumados a vê-lo por lá.

— Porque talvez fosse um dos clientes regulares de Sharon. Agora me explique por que um homem que é cliente regular de uma prostituta cara, sofisticada e experiente escolhe uma outra, novata, baixo nível, poderíamos dizer até ingênua como Lola Starr, para ser sua segunda vítima?

— Ele gosta de variar? — Feeney apertou os lábios.

— Não. — Eve balançou a cabeça. — Talvez tenha gostado tanto

da primeira experiência que agora resolveu não ser tão seletivo. Ainda faltam quatro, Feeney. Ele nos contou logo de cara que era um assassino em série. Anunciou isso para nos mostrar que Sharon não tinha nenhuma importância em particular. Era apenas a primeira de seis. —

Nesse ponto, ela soltou o ar com força, insatisfeita. — Então, por que foi que ele voltou lá? — perguntou baixinho a si mesma. — O que

procurava?

— Talvez a equipe que foi fazer a nova busca nos diga.

— Talvez. — Pegou uma lista da mesa. — Vou pesquisar mais uma

vez a lista de clientes de Sharon, e depois vou ver a de Lola.

— Detesto ter que lhe dizer isso, Dallas. — Feeney limpou a

garganta e pegou mais uma castanha de caju. — O senador está exigindo para ser colocado a par dos nossos avanços.

— Não tenho nada de novo para ele.

— Você vai ter que lhe dizer isso pessoalmente, esta tarde. Em

Washington.

— Você está brincando! — Ela parou a um passo da porta.

— O comandante acabou de me dizer. Você está marcada para o

ônibus aéreo que sai às duas da tarde. — Feeney pensou

resignadamente em como seu estômago reagia a viagens aéreas. —

Detesto política.

Eve ainda estava rangendo os dentes por causa das instruções que rece-bera de Whitney quando entrou apressada na área de segurança do

Senador DeBlass, do lado de fora do seu gabinete no novo prédio do Senado, em Washington.

Depois de apresentar as identificações, tanto Eve quanto Feeney foram revistados eletronicamente, e, de acordo com a nova Lei Federal de 2022, foram obrigados a deixar as armas.

— Como se a gente estivesse planejando eliminar o sujeito bem

aqui, enquanto ele está sentado em sua mesa — sussurrou Feeney, enquanto eram encaminhados pelo carpete vermelho, branco e azul.

— Não me importaria de dar um susto de leve em várias dessas

figuras aqui da Segurança. — Rodeada de ternos e sapatos envernizados, Eve parou com uma postura ligeiramente torta na frente da porta brilhante do gabinete do senador, aguardando enquanto a câmera interna os liberava.

— Se você quer saber, acho que toda Washington ficou completa-

mente paranóica desde os grandes atentados terroristas. Feeney olhou com desprezo para a câmera. — Duas dúzias de políticos morreram, e eles jamais se esqueceram daquilo.

A porta se abriu, e Rockman, imaculado em seu bem cortado terno

de risca-de-giz, acenou com a cabeça.

— Ter uma boa memória é sempre vantajoso em política, Capitão

Feeney. Tenente Dallas — acrescentou com outro aceno, —

Agradecemos a sua presteza em nos atender.

— Não fazia ideia de que o senador e o meu chefe eram assim tão

próximos — disse Eve enquanto entrava. — Ou que ambos estivessem assim tão ansiosos por desperdiçar o dinheiro dos contribuintes.

— Talvez ambos considerem a Justiça algo que possui um valor in-

calculável. — Rockman fez um gesto na direção da polida mesa de

cerejeira maciça, certamente de valor incalculável, onde DeBlass os aguardava.

O senador, pelo que Eve notou, havia se beneficiado da mudança de temperatura que ocorrera no país, muito quente na opinião dela, e também da revogação da Lei dos Dois Mandatos. De acordo com a legis-lação atual, um político poderia manter seu cargo por toda a vida. Tudo o que tinha a fazer era convencer seus eleitores a reelegê-lo

indefinidamente.

DeBlass certamente parecia estar em casa. Seu gabinete de parede revestidas em madeira era tão silencioso quanto uma catedral e tão reverente quanto sua imensa mesa, que se assemelhava a um altar, como as cadeiras dos visitantes colocadas de modo tão subserviente como banco de igreja.

— Sentem-se — rugiu DeBlass, e cruzou suas mãos com nós dos

dedos grossos sobre a mesa. — Minhas informações mais recentes são de que vocês não estão mais próximos de encontrar o monstro que assassinou minha neta do que estavam há uma semana. — Suas so-

brancelhas pareceram cobrir os olhos. — Para mim, isso é algo difícil de compreender, considerando os recursos do Departamento de Polícia de Nova York.

— Senador... — Eve se forçou a manter em mente as resumidas in-

struções do Comandante Whitney: ser respeitosa, usar de tato, e não lhe contar nada que ele já não soubesse. — Estamos usando todos estes recursos para investigar e recolher provas. Embora o departamento ainda não esteja, neste instante, em condições de efetuar uma prisão,

todos os esforços possíveis estão sendo feitos para trazer o assassino de sua neta diante da Justiça. O caso dela é nossa prioridade mais importante, e o senhor tem a minha palavra de que vai continuar a ser, até que o caso possa ser encerrado de modo satisfatório.

O senador ouviu o pequeno discurso, aparentemente, com todo o interesse. Então se inclinou, dizendo:

— Estou no ramo de enrolar as pessoas há duas vezes mais anos do que você tem de idade, tenente. Assim, não me venha com seu número de sapateado ensaiado. Vocês não descobriram nada.

Dane-se o tato, Eve decidiu, na mesma hora.

— O que nós temos, Senador DeBlass, é uma investigação com-

plicada e delicada. Complicada devido à natureza do crime; delicada devido à árvore genealógica da vítima. Na opinião do meu comandante, eu sou a melhor escolha para conduzir as investigações. O senhor está no seu direito de discordar. No entanto, arrancar do trabalho para vir até aqui defendê-lo é uma perda de tempo. No caso, do meu tempo.

— Ela se levantou. — Não tenho nada de novo para lhe relatar.

Com a visão de si mesmo e de Eve na marca do pênalti, Feeney se

levantou também com todo o respeito, dizendo:

— Tenho certeza de que o senhor compreende, senador, que a del-

icadeza de uma investigação dessa natureza muitas vezes implica um avanço lento. É difícil pedir para que seja objetivo, já que estamos falando da sua neta, mas tanto a Tenente Dallas quanto eu não temos outra escolha, a não ser a de sermos objetivos.

Com um gesto de impaciência, DeBlass balançou a mão,

convidando-os a sentarem-se novamente.

— Obviamente as minhas emoções estão envolvidas, aqui. Sharon

era uma porção importante da minha vida. Apesar do que ela se tornou, e por mais que eu tenha ficado desapontado com suas escolhas, ela era

149/393

sangue do meu sangue. — Sugou o ar com força e expirou lentamente.

— Não posso me contentar com pedaços, fragmentos de informações.

— Mas não há mais nada de novo que possamos dizer ao senhor —

repetiu Eve.

— Vocês podem me contar a respeito da prostituta que foi assassinada há duas noites. — Seus olhos voaram na direção de Rockman.

— Lola Starr — ele informou.

— Imagino que as suas fontes de informação sobre Lola Starr sejam tão completas quanto as nossas. — Eve preferiu falar olhando diretamente para Rockman. — Sim, nós acreditamos que existe uma con-

exão entre os dois assassinatos.

— Minha neta pode ter sido desencaminhada — interrompeu

DeBlass —, mas não mantinha laços sociais com gente como Lola

Starr.

Ora, então as prostitutas também tinham o seu sistema de classes, pensou Eve, com olhar cansado. Que novidade!

— Ainda não determinamos se elas se conheciam. Mas há poucas

dúvidas de que ambas conheceram o mesmo homem. E que este

homem as matou. Cada um dos dois assassinatos seguiu um padrão específico. Usaremos esse padrão para encontrar o assassino. Antes, es-peramos, que ele

volte a matar.

— Vocês acreditam que ele o fará. — afirmou Rockman.

— Estou certa que sim.

— A arma do segundo crime — quis saber DeBlass — era do

mesmo tipo?

— É parte do padrão — contou Eve. Não queria revelar mais do que isso. — Existem básicas e inegáveis similaridades entre os homicídios.

Não há dúvida de que o mesmo homem é o responsável. — Mais

calma, Eve tornou a se levantar. — Senador, eu jamais conheci a sua neta, não tinha nenhum laço pessoal com ela, mas me sinto

pessoalmente ofendida por um assassinato. Vou atrás dele até pegá-lo.

É tudo o que posso lhe dizer.

— Muito bem, tenente. — Ele a estudou por um momento e viu

mais do que esperava ver. — Obrigado por ter vindo.

Liberados, Eve caminhou com Feeney até a porta. Pelo espelho ela viu DeBlass fazer um sinal para Rockman, e viu quando o auxiliar concordou. Ela esperou até se ver fora do prédio antes de falar.

— O filho da mãe vai nos seguir.

— Hein?

— O cão de guarda de DeBlass. Vai virar nossa sombra. — Mas,

para quê?

— Para ver o que a gente faz, aonde a gente vai. Por que você

manda seguir alguém? Vamos despistá-lo no caminho — disse a

Feeney, enquanto acenava para um táxi. — Fique de olho para ver se ele vai seguir você até Nova York.

— Seguir a mim? E para onde é que você vai?

— Vou seguir o meu faro.

* * *

Não foi uma manobra das mais difíceis. A ala leste do terminal de embarque da National Transport estava sempre tumultuada. Ficava ainda pior na hora do *rush*, quando todos os passageiros que se dirigiam para o norte ficavam esmagados uns contra os outros andando pela linha de segurança e seguiam, como em rebanho, conduzidos por vozes computadorizadas. Tanto o transporte público quanto as aeronaves e

veículos terra-ar pertencentes a particulares iam formar um grande engarrafamento.

Eve simplesmente se perdeu na multidão, ficou espremida em um

terminal de transferência que ia para a ala sul, e pegou uma linha do metrô que ia para a Virgínia.

Após se acomodar no vagão, ignorando a massa que saía às quatro

horas e seguia para casa, no paraíso dos bairros elegantes, pegou o diretório de bolso. Pediu o endereço de Elizabeth Barrister, e depois instruções de como chegar lá.

Até agora seu nariz tinha funcionado. Estava na linha certa do

metrô, e teria que fazer apenas uma baldeação em Richmond. Se continuasse com sorte, talvez conseguisse encerrar a pequena viagem e estar de volta ao seu apartamento antes do jantar.

Com o queixo apoiado no punho, brincava com os controles da tela do vídeo. Normalmente teria passado direto pelas manchetes, algo que costumava fazer, mas, quando um rosto muito familiar apareceu na tela, parou para olhar.

Roarke, pensou ela, estreitando os olhos. Esse cara realmente vive surgindo. Com os lábios apertados, ligou o áudio e colocou o fone de ouvido.

“... e neste projeto internacional e multibilionário, as Indústrias Roarke, Tokayamo e Europa vão juntar as mãos”, anunciava o locutor.

“Levou mais de três anos, mas parece que o tão esperado e discutido Olympus Resort vai finalmente começar a ser construído.”

Olympus Resort. Eve ficou pensando naquilo, pesquisando em seus

arquivos mentais. Uma espécie de paraíso de férias para os muito ricos e poderosos, lembrou. Uma estação espacial construída e voltada totalmente para o prazer e entretenimento.

Torceu o nariz. Não era a cara dele enterrar tanto tempo e dinheiro em ostentações?

Se não perdesse a sua última camisa de seda feita sob medida na-

quilo, provavelmente ia fazer outra fortuna.

“Roarke, uma pergunta, por favor”, pedia uma repórter.

Eve observou Roarke fazer uma pausa durante a descida de um

comprido lance de escadas e levantar apenas uma sobrancelha, exatamente do jeito que ela se lembrava que ele fazia, diante da interrupção da repórter.

“Poderia dizer-nos, senhor, por que gastou tanto tempo, esforço

considerável quantidade de seu próprio capital neste projeto, que muitos acham que jamais vai decolar?”

“Mas decolar é exatamente o que ele vai fazer, de certa forma”, replicou Roarke.

“Quanto ao porquê, o Olympus Resort vai ser um refúgio dedicado ao prazer. Não consigo encontrar nada que valha miais a pena do que isso para investir o meu tempo, esforço e capital.”

Você não conseguiria encontrar mesmo, Eve decidiu, e olhou para

cima bem a tempo de perceber que estava quase perdendo sua parada.

Saiu correndo na direção da porta do vagão, xingou o computador que a repreendeu por ter corrido, e fez a mudança de trem pata Fort Royal.

Quando chegou novamente à superfície, nevava. Flocos suaves va-

cilantes pousavam em seus cabelos e ombros. Os pedestres pisavam com força, remexendo toda a neve que já se acumulava nas calçadas, mas quando ela conseguiu um táxi e lhe informou o destino, achou o redemoinho de neve mais pitoresco.

Ainda havia paisagens rurais para se apreciar, se a pessoa tivesse muito dinheiro e prestígio. Elizabeth Barrister e Richard DeBlass possuíam ambos, e sua casa era uma imponente residência de dois andares revestida com tijolos rosados, postada no alto de uma elevação e rodeada de árvores.

A neve estava pura e intocada sobre o extenso gramado cercado,

pelo que pareceu a Eve serem cerejeiras com galhos nus guarnecidos por uma pesada camada branca. O portão de segurança era uma

sinfonia artística de ferro encaracolado. Por mais decorativo e leve que parecesse, Eve tinha certeza de que era seguro como um cofre.

Inclinando-se para fora da janela do táxi, Eve exibiu o distintivo para o *scanner.*

— Tenente Dallas. Departamento de Polícia do Estado de Nova

York.

— A senhorita não está registrada na lista de pessoas que estão

sendo aguardadas, Tenente Dallas.

— Sou a policial encarregada do caso DeBlass, e preciso fazer algumas perguntas à Senhora Barrister ou ao Senhor Richard DeBlass.

Houve uma pausa, durante a qual Eve começou a tremer de frio.

— Por favor, salte do veículo, Tenente Dallas, e aproxime-se do

scanner para uma identificação mais apurada.

— Lugar difícil de entrar — o motorista do táxi resmungou, mas

Eve simplesmente encolheu os ombros e obedeceu.

— Identificação confirmada. Por favor, libere seu transporte, Tenente Dallas. A senhorita será recebida no portão.

— Ouvi dizer que apagaram a filha deles em Nova York — disse o

motorista enquanto Eve pagava a corrida. — Aposto que eles não estão querendo se arriscar. Quer que eu vá um pouco para trás e fique esperando a senhora sair?

— Não, obrigada. Mas vou anotar o seu número e pedir para que

venha me pegar quando estiver pronta para ir embora.

Com uma pequena saudação, o motorista deu ré e foi embora. O

nariz de Eve já estava começando a ficar dormente quando ela avistou o pequeno carro elétrico que se aproximava do portão. As volumosas grades de ferro trabalhado começaram a se abrir.

— Por favor, aproxime-se e entre no carro — um computador con-

vidou. — A senhorita será levada até a casa. A Senhora Barrister vai recebê-la.

— Estupendo. — Eve entrou no carro e se deixou ser levada silen-

ciosamente até os degraus da frente da casa de tijolos. No momento em que começava a subir a escada, a porta se abriu.

Ou os criados eram obrigados a usar roupas pretas, ou a família

ainda estava de luto. Eve foi educadamente encaminhada para uma sala ao lado do saguão.

Enquanto a casa de Roarke havia simplesmente sussurrado osten-

tação, aquela ali exibia uma fortuna antiga. Os carpetes eram espessos, as paredes todas revestidas de seda. As largas janelas ofereciam uma estonteante visão de montes que se sucediam e neve que caía. E

solidão, pensou Eve. O arquiteto deveria ter compreendido que as pessoas que iriam morar ali preferiam se sentir isoladas.

— Tenente Dallas. — Elizabeth se levantou. Havia um traço de

nervosismo no movimento estudado, na postura rígida e, Eve notou, nos olhos tristes e sombrios que mostravam pesar.

— Obrigada por me receber, Senhora Barrister.

— Meu marido está em uma reunião lá dentro. Posso interrompê-lo, se houver necessidade.

— Não creio que haja.

— A senhorita veio por causa de Sharon.

— Sim.

— Por favor, sente-se. — Elizabeth indicou uma poltrona estofada com um tecido em tom de marfim. — Posso lhe oferecer alguma

coisa?

— Não, obrigada. Vou tentar não tomar muito do seu tempo. Não

sei quanto do meu relatório a senhora teve a chance de ler...

— Li tudo — interrompeu Elizabeth. — Eu acho. Pareceu-me bem

completo. Como advogada, tenho toda a certeza de que, quando a senhorita encontrar a pessoa que matou minha filha, terá construído um caso bem sólido.

— É o que pretendo. — Os nervos dela estão à flor da pele, reparou Eve, observando a forma com que Elizabeth retorcia os dedos. — Sei que este é um momento muito difícil para a senhora.

— Ela era minha única filha — disse Elizabeth, simplesmente. —

Meu marido e eu éramos... somos... partidários da política de ajuste da natalidade. Dois pais — explicou com um sorriso fino. — Um só her-deiro. A. senhorita tem alguma informação nova para me oferecer?

— Não, no momento. A profissão de sua filha, Senhora Barrister,

provocava algum atrito na família?

Com outro dos seus gestos lentos e estudados, Elizabeth alisou a saia longa e respondeu:

— Não era a profissão que eu sonhei que a minha filha seguisse.

Evidentemente, a escolha foi dela.

— Seu sogro deve ter se oposto a isso. Com certeza, sendo um

político, ele era contra.

— As ideias do senador sobre a legislação sexual em vigor são bem conhecidas. Como líder do Partido Conservador, ele está, é claro, trabalhando para mudar as atuais leis referentes ao que popularmente se chama de Questões Sociais.

— A senhora compartilha das ideias dele?

— Não, não compartilho, embora não consiga compreender a

relevância deste fato.

Eve balançou a cabeça. Ah, havia atritos ali, sem dúvida. Eve ficou se perguntando se a advogada fluente e despojada concordava em alguma coisa com o sogro falastrão.

— Sua filha foi morta possivelmente por um cliente, ou possivel-

mente por um amigo pessoal. Já que a senhora e sua filha tinham

desentendimentos causados por seu estilo de vida, seria bastante improvável que ela tivesse confidenciado à senhora alguma coisa a respeito das pessoas que conhecia em nível profissional ou pessoal.

— Entendo. — Elizabeth cruzou as mãos e se forçou a pensar como

advogada. — A senhorita está supondo que, como mãe dela, como uma mulher que poderia ter compartilhado alguns pontos de vista semelhantes, Sharon poderia ter me procurado, talvez para dividir comigo alguns dos detalhes mais íntimos de sua vida. — Apesar de seus es-

forços, os olhos de Elizabeth se encheram de lágrimas. — Lamento, tenente, mas não foi o caso. Sharon raramente me contava alguma

coisa. Certamente jamais a respeito de seus assuntos. Ela estava...

afastada de mim e do pai dela. Na verdade, afastada da família inteira.

— Então, a senhora não saberia, caso ela tivesse um amante em particular, de alguém com quem estivesse envolvida em um nível mais pessoal? Um homem que talvez pudesse ter um acesso de ciúmes?

— Não. Posso lhe dizer que não acredito que ela tivesse alguém assim. Sharon tinha... — Elizabeth respirou profundamente para se acalmar antes de continuar — desprezo pelos homens. Sabia que podia traí-los. Desde muito novinha, ela sempre soube. E os achava tolos.

— Acompanhantes profissionais são rigidamente avaliadas. Uma

antipatia, ou um desprezo, como a senhora colocou, é geralmente uma das razões

para ter a licença negada.

— Mas ela também era muito esperta. Não havia coisa alguma em

sua vida que desejasse e não encontrasse um meio de conseguir. Exceto a felicidade. Sharon não era uma mulher feliz. — Elizabeth continuou, e engoliu o bolo que parecia estar preso na garganta. — Eu a mimei, é verdade. Não posso culpar ninguém por isso, exceto a mim mesma. Queria ter mais filhos. — Ela apertou a mão sobre os lábios até lhe parecer que eles haviam parado de tremer. — Filosoficamente, eu era contra ter outros filhos, e meu marido tinha uma posição muito clara a respeito disso. Mas nada disso impedia a ânsia de querer mais crianças para amar. Eu amava Sharon, demais. O senador vai lhe dizer

que eu a estraguei, eu a mimei demais, fui indulgente com ela. E ele tem razão.

— Eu diria que desempenhar o papel de mãe era um direito seu, não dele.

Essas palavras trouxeram a sombra de um sorriso aos olhos de

Elizabeth.

— O mesmo podemos dizer dos erros, e eu os cometi muitos.

Richard também, embora a amasse tanto quanto eu. Quando Sharon se mudou para Nova York, tivemos atritos com ela por causa disso.

Richard chegou a implorar para que ela não fosse. Eu a ameacei. E

acabei afastando-a, tenente. Ela me disse que eu não a compreendia, jamais a tinha compreendido e nunca conseguiria isso, e que eu

enxergava apenas o que queria, a não ser que estivesse em um tribunal; o que ocorria em minha própria casa, era invisível para mim.

— O que ela estava querendo dizer?

Que eu era melhor como advogada do que como mãe, suponho. De-

pois que ela partiu, eu me senti magoada, zangada. Recuei, certa de que ela me

procuraria. Mas ela não o fez, é claro.

Parou de falar por um momento, como se estivesse recolhendo os

arrependimentos.

— Richard foi visitá-la uma ou duas vezes, mas não adiantou nada, e serviu apenas para aborrecê-lo. Acabamos deixando o assunto de lado, deixamos Sharon para lá. Até recentemente, quando, senti que precisávamos fazer uma nova tentativa.

— E por que, recentemente?

— Os anos passam — murmurou Elizabeth. — Eu imaginava que

ela fosse ficar cansada do seu estilo de vida, com o tempo, e que talvez começasse a lamentar o rompimento com a família. Fui vê-la pessoalmente, há coisa de um ano. Mas ela apenas se mostrou hostil, na defen-siva, e finalmente me insultou quando tentei convencê-la a voltar para

casa. Richard, embora já tivesse desistido, se ofereceu para ir até lá conversar com Sharon. Mas ela se recusou a recebê-lo. Até mesmo

Catherine tentou — murmurou ela, e massageou de forma distraída

para aplacar a dor entre os olhos. — Ela foi visitar Sharon há poucas semanas.

— A Deputada DeBlass foi até Nova York para ver Sharon?

— Não especificamente. Catherine estava na cidade para uma cam-

panha de arrecadação de fundos, e fez questão de ver Sharon e tentar conversar com ela. — Elizabeth apertou os lábios. — Fui eu que pedi isto a ela. É que, quando eu tentei reabrir um canal de comunicação com Sharon, ela não estava interessada. Eu a tinha perdido — continuou Elizabeth, baixinho — e, quando percebi, era tarde demais para recuperá-la. Já não sabia sequer como trazê-la de volta. Tinha esperança de que Catherine pudesse ajudar, sendo da família, mas sem ser mãe dela.

Olhou para Eve novamente.

—Tenente, a senhorita deve estar achando que era eu que deveria

ter ido mais uma vez, em pessoa. Que era meu dever ir.

— Senhora Barrister...

— A senhorita tem razão, é claro. — Elizabeth balançou a cabeça.

— Mas Sharon se recusou a confiar em mim. Achei que deveria re-

speitar sua privacidade, como sempre fizera. Nunca fui uma daquelas mães que ficam espionando o diário da filha.

— Diário? — Eve ligou as antenas. — Ela mantinha um diário?

— Sim, ela sempre teve um diário, desde menina. Mudava a senha

de acesso a ele, regularmente.

— E depois de adulta?

Também. Ela se referia a ele de vez em quando, e soltava piadinhas a respeito dos segredos que só ela sabia e sobre as várias pessoas que

conhecia e que ficariam apavoradas ao ver o que ela havia escrito sobre elas.

Não havia nenhum diário no inventário, Eve lembrou. Essas coisas podiam ser tão pequenas quanto um batom. Se o pessoal do laboratório que vasculhara tudo não o encontrara da primeira vez...

— A senhora por acaso tem um desses diários?

— Não. — Repentinamente alerta, Elizabeth olhou para cima. —

Sharon os guardava em um cofre bancário, me parece. Ela os mantinha lá, todos eles.

— Ela usava algum banco aqui da Virgínia?

— Não que eu saiba. Vou verificar e ver o que consigo encontrar.

Posso procurar nas coisas que ela deixou aqui.

— Agradeceria muito. Se a senhora se lembrar de alguma coisa,

qualquer coisa, um nome, um comentário, não importa que pareça casual, por favor, entre em contato comigo.

— Certo. Ela nunca me falava dos amigos, tenente. Eu me preocu-

pava com isso, ao mesmo tempo que costumava ter esperanças de que a falta de amigos pudesse trazê-la de volta para casa e tirá-la da vida que escolhera. Cheguei até mesmo a usar um dos meus amigos pessoais, imaginando que ele pudesse ser mais persuasivo que eu.

— E quem era esse amigo?

— Roarke. — Elizabeth ficou novamente com lágrimas nos olhos e

lutou para evitá-las. — Poucos dias antes de ela ser assassina da, eu o chamei aqui. Conhecemo-nos há anos. Perguntei-lhe se poderia conseguir que ela fosse convidada para uma festa a qual eu já sabia que ele ia comparecer; e se ele poderia abordá-la. Ele se mostrou relutante.

Roarke não e o tipo de homem que se mete em problemas familiares.

Mas apelei para a nossa amizade. Pedi que ele encontrasse um meio de fazer amizade com ela, e que mostrasse a Sharon que uma mulher

atraente não precisa usar apenas a sua aparência para se sentir valorizada. Ele fez isso por mim, e por meu marido.

— A senhora pediu a ele que desenvolvesse um relacionamento

com Sharon? — perguntou Eve, com cautela.

— Pedi que ele se tornasse amigo dela — corrigiu Elizabeth. —

Para se mostrar presente quando ela precisasse. Pedi isso a ele porque não há ninguém em quem eu confie mais. Sharon havia se isolado

completamente de todos nós, e eu precisava de alguém em quem

pudesse confiar. Ele jamais a magoaria, entenda. Jamais magoaria al-guém que eu amasse.

— Porque ele ama a senhora?

— Porque se importa com ela. — Richard DeBlass falou, da porta.

— Roarke se importa muito com Beth e comigo, além de algumas outras pessoas selecionadas. Amar? Não acredito que ele fosse correr o risco de sentir uma emoção tão instável.

— Richard! — O controle de Elizabeth oscilou quando ela se colo-

cou de pé. — Eu não o esperava tão cedo.

— Acabamos antes do previsto. — Foi até a mulher e fechou as

mãos sobre as dela. — Você deveria ter me chamado, Beth.

— Eu não quis... — Ela parou de falar, olhando para ele, sem resposta. — Pensei que pudesse lidar com isso sozinha.

— Você não tem que lidar com nada sozinha. — Manteve a mão

fechada sobre a da mulher enquanto se voltava para Eve. — A senhorita deve ser a Tenente Dallas.

— Sim, Senhor DeBlass. Eu tinha algumas perguntas e achei que

seria mais fácil se viesse fazê-las pessoalmente.

— Eu e minha mulher estamos dispostos a cooperar em tudo o que

pudermos. — E continuou de pé, uma posição que pareceu a Eve uma mistura de

poder e distanciamento.

161/393

Não havia vestígios dos nervos de Elizabeth ou de sua fragilidade no homem que estava diante dela. Ele estava assumindo o controle, Eve decidiu, protegendo a mulher e guardando as próprias emoções com igual cuidado.

— A senhorita estava fazendo perguntas a respeito de Roarke —

continuou. — Posso perguntar por quê?

— Eu contei à tenente que eu tinha pedido a Roarke para se encontrar com Sharon. Para tentar...

— Ah, Beth! — Ele, com um gesto que mostrava tanto cansaço

quanto resignação, balançou a cabeça. — O que poderia ele conseguir?

Por que trouxe o nome dele para dentro desta história?

Elizabeth deu um passo para se afastar dele, com o rosto tão cheio de desespero que o coração de Eve se comoveu.

— Eu sei que você me disse para deixar isso para lá, que nós tínhamos que esquecê-la. Mas eu precisava tentar mais uma vez. Ela poderia ter se conectado com ele, Richard. Ele tem jeito para essas coisas.

— Ela começou a falar mais depressa, com as palavras se atropelando.

— Roarke poderia tê-la ajudado, se eu tivesse pedido isso a ele mais cedo. Quando ele dispõe de tempo, não há quase nada que não consiga.

Mas ele não teve tempo suficiente. Nem a minha menina.

— Tudo bem — murmurou Richard, e colocou a mão no braço dela.

— Tudo bem.

Ela conseguiu se controlar novamente, retrocedeu e voltou a se

aproximar, perguntando:

— O que posso fazer agora, tenente, a não ser pedir por justiça?

— Eu vou lhe conseguir justiça, Senhora Barrister.

— Acredito que vá. — Fechou os olhos e se agarrou a isto. —

Antes, não tinha tanta certeza, mesmo depois de Roarke ter me ligado para falar a seu respeito.

— Ele ligou para a senhora... para discutir o caso?

— Ligou para saber como estávamos, e para me dizer que achava

que a senhorita viria me ver pessoalmente em breve. — Ela quase sorriu. — Ele raramente se engana. Disse-me que eu ia achá-la competente, organizada e dedicada. A senhorita é. Estou grata por ter tido a chance de constatar isso por mim mesma e saber que a senhorita está encarregada das investigações sobre o assassinato de minha filha.

— Senhora Barrister — Eve hesitou apenas por um momento antes

de assumir o risco. — E se eu lhe dissesse que Roarke é um dos

suspeitos?

Os olhos de Elizabeth se arregalaram, mas voltaram a se acalmar

quase de imediato.

— Eu lhe diria, tenente, que a senhorita está tomando um caminho totalmente errado.

— Porque Roarke é incapaz de cometer um assassinato?

— Não, não diria isso. — Para Elizabeth era um alívio pensar,

apenas por um momento, em termos objetivos. — Incapaz de um ato

insensato, sim. Ele poderia matar a sangue frio, mas jamais alguém indefeso. Poderia matar, e não me surpreenderia se o fizesse. Mas faria a alguém o que fizeram com Sharon? Antes, durante e depois? Não. Não Roarke.

— Não. — Richard fez eco à voz da mulher, e sua mão buscou a

dela mais uma vez. — Não Roarke.

Não Roarke, Eve pensou novamente quando já estava no táxi a cam-

inho do metrô. Mas por que, afinal, ele não lhe contou que se encontrara com Sharon DeBlass para prestar um favor pessoal à sua mãe? E

o que mais ele não lhe havia contado?

Chantagem. De algum modo, ela não conseguia vê-lo como vítima

de chantagem. Ele não daria a mínima para o que fosse dito ou

divulgado a seu respeito. Mas o diário mudava as coisas, e tornava a chantagem um novo e intrigante motivo.

O que será que Sharon registrara naqueles diários, e a respeito de quem? E onde, afinal, estavam os malditos diários?

CAPÍTULO NOVE

—Foi fácil despistá-lo — disse Feeney, enquanto empurrava para o lado algo que passava por café da manhã na lanchonete da Central de Polícia. — Eu vi que ele estava me marcando. Depois, ficou procurando em toda parte por você, mas havia gente demais. Então, entrei correndo no avião.

Feeney encarava os ovos irradiados acompanhados de café forte e

puro sem torcer o nariz, e continuou:

— Ele entrou no avião também, mas viajou na Primeira Classe.

Quando saímos, ele já estava esperando, e foi só aí que reparou que vo-cê não

estava lá. — Feeney apontou para Eve com o garfo. — Ficou revoltado e deu um telefonema. Então fui eu que fiquei atrás dele e o segui até o Hotel Regente. Eles não gostam muito de contar nada sobre os hóspedes, no Regente. Quando a gente mostra o distintivo, ficam muito ofendidos.

— Então você explicou, com todo o tato, a respeito de deveres

cívicos.

— Certo. — Feeney empurrou seu prato vazio para a fenda de re-

ciclagem, esmagou a xícara vazia com a mão e a colocou no mesmo

buraco. — Ele deu dois telefonemas. Um para Washington e um para a Virgínia. Depois fez uma ligação local, para o nosso chefão, o

Secretário de Segurança.

— Merda

— Sim. O Secretário Simpson anda mexendo os pauzinhos, para

DeBlass, não há dúvida. Faz a gente pensar que pauzinho são esses.

Antes que Eve tivesse chance de fazer algum comentário, seu comunicador tocou. Ela atendeu à chamada, que vinha do seu comandante.

— Dallas, esteja na Seção de Testes, em vinte minutos.

— Senhor, tenho um encontro com um informante a respeito do

caso Colby, às nove horas.

— Marque isso para outra hora. — Sua voz estava sem emoção. —

Vinte minutos.

— Acho que nós conhecemos um daqueles pauzinhos — disse Dal-

las, enquanto guardava lentamente o comunicador.

— Parece que DeBlass está desenvolvendo um interesse pessoal por você. — Feeney estudou o rosto dela. Não havia um tira em toda a força que não detestasse a Seção de Testes. — Você vai conseguir passar por isso, numa boa?

— Sim, claro. Só que vai me tomar a maior parte do dia, Feeney.

Faça um favor para mim. Pesquise os bancos de Manhattan. Preciso saber se Sharon DeBlass mantinha um cofre em algum deles. Se não encontrar nada, estenda a pesquisa para as regiões vizinhas.

— Certo.

A Seção de Testes era um labirinto de corredores compridos, alguns deles envidraçados e outros pintados em um tom de verde-claro, que

supostamente era calmante. Médicos e técnicos usavam branco. A cor da inocência e, é claro, do poder. Quando Eve entrou na primeira ala de vidros reforçados, o computador, educadamente, ordenou que ela retirasse a arma. Eve a tirou do coldre, colocou-a na bandeja e ficou observando enquanto era levada para longe por uma correia deslizante.

Aquilo a fez se sentir nua antes mesmo de ser encaminhada à Sala de Teste 1-C, onde mandaram que ela se despisse.

Colocando as roupas no banco designado para isso, tentou não

pensar nos técnicos que a estavam observando em seus monitores ou através das máquinas cruelmente silenciosas que deslizavam ao redor dela com suas luzes piscantes e impessoais.

O exame físico foi fácil. Tudo o que ela tinha que fazer era ficar de pé sobre a marca no chão, no centro de um cilindro, e ficar olhando as luzes apitarem e piscarem enquanto seus órgãos internos e ossos eram avaliados em busca de possíveis falhas.

Então, era permitido que ela vestisse um macacão azul e se sentasse enquanto

uma máquina se aproximava em ângulo, diante dela, para examinar os olhos e ouvidos. Outra, que saía de uma das fendas na

parede, fazia um teste padrão para medir reflexos. Para dar um toque pessoal, um técnico entrava para tirar uma amostra de sangue.

Por favor, saia pela porta marcada Testes 2-C. A Fase

Um está completa, Dallas, Tenente Eve.

Na sala adjacente, Eve recebeu instruções para se deitar sobre uma mesa acolchoada para a varredura do cérebro. Ninguém queria nenhum tira com um tumor no cérebro incitando-os a sair por aí explodindo civis, pensou, entediada.

Eve conseguia ver os técnicos através da parede de vidro, enquanto o capacete era abaixado sobre sua cabeça.

Então os jogos começaram.

A mesa em que estava se ajustou para a posição de sentada e ela foi brindada com uma sessão de realidade virtual. O simulador a colocou em um veículo em meio a uma perseguição em alta velocidade. Sons explodiam em seus ouvidos: o barulho das sirenes, gritos de ordens conflitantes que vinham do comunicador do painel. Ela conseguiu ver que se tratava de uma unidade padrão da polícia, totalmente armada.

Ela estava com o controle do veículo, e tinha que desviar e fazer manobras bruscas para evitar passar por cima de uma variedade de pedestres que o computador colocava em seu caminho.

Com uma parte do cérebro, tinha consciência de que os seus sinais vitais estavam sendo monitorados: pressão sanguínea, pulsação, até mesmo a quantidade de suor que saía de seus poros e a saliva que era formada e logo secava em sua boca. Estava quente, quase insuportavelmente quente. Eve tirou um fino de um veículo que transportava comida e que surgiu fazendo barulho na sua frente.

Ela reconheceu o local. Era a antiga zona portuária do lado leste.

Conseguia sentir o cheiro: água, peixe podre e suor. Trabalhadores temporários, usando seus macacões azuis, estavam em busca de um

donativo ou de um dia de trabalho. Passou voando baixo por um grupo deles que se acotovelavam, tentando um posto de trabalho em frente a um centro de alocação de operários.

Suspeito armado com facho direcional e explosivo de

mão. Procurado por roubo com homicídio.

Que ótimo, pensou Eve enquanto continuava ziguezagueando de um

lado para o outro atrás dele. Realmente ótimo. Pisou fundo no acel-erador, deu um golpe de direção e arrancou o pára-lama do veículo em fuga, provocando uma chuva de fagulhas. Um jorro de chamas passou

zunindo ao lado de suas orelhas quando ele atirou nela. O dono de um dos vagões de carga do porto mergulhou para escapar do carro, junto com vários clientes. Fardos de arroz voaram para todos os lados, junto com palavrões.

Ela golpeou mais uma vez o alvo com o próprio carro, ordenando

ao seu grupo de apoio que se colocasse mais adiante em posição de barricada.

Desta vez, o carro perseguido estremeceu e se inclinou. Enquanto ele lutava para manter o controle do veículo, ela usou o próprio carro para golpeá-lo e obrigá-lo a parar. Fez a sua identificação padrão aos gritos e o avisou enquanto se projetava do carro. Ele saiu atirando e ela o alvejou, fazendo-o cair.

O choque que recebeu da arma fez o sistema nervoso do suspeito se alterar. Eve o observou enquanto ele tremia no chão e se urinava todo, para a seguir desmaiar.

Mal tinha tido tempo de respirar e se reajustar ao mundo real, e os cretinos dos técnicos a jogaram em uma nova cena. Os gritos, os gritos da garotinha; o rugir furioso do homem que era pai da menina.

Tinham conseguido reconstruir a cena quase à perfeição, utilizando o próprio relatório que ela fizera, imagens do local e o espelho de sua memória, cujo levantamento tinham acabado de fazer com o *scanner.*

Eve não se importava de xingá-los, mas segurou seu ódio e sua dor, e se viu sendo atirada novamente no passado, subindo as escadas e de volta ao seu pesadelo.

Não havia mais gritos da garotinha. Ela bateu na porta, anunciando o seu nome e informando o seu posto. Avisando o homem no outro

lado da porta, tentando acalmá-lo.

— Putas! Vocês são todas putas! Entre, sua piranha. Vou matá-la. A porta se rompeu como se fosse de papelão, quando Eve a arrombou

com o ombro.

— Ela era igual à mãe, igual à maldita mãe dela. Pensou que po-

diam escapar de mim. Pensou que podiam. Eu resolvi o problema.

Acabei com as duas. E agora vou acabar com você, sua tira piranha.

A garotinha estava olhando para ela com os olhos vidrados,

imensos, mortos. Olhos de boneca. Seu indefeso corpinho estava mutil-ado, com o sangue se espalhando, formando uma poça, e pingando da faca.

Ela o mandou parar. “Seu filho da mãe, abaixe a arma. Abaixe a

droga da faca!” Mas ele continuava vindo. Ela o atingiu com a arma de atordoamento, mas ele continuava vindo.

A sala cheirava a sangue, a urina, a comida queimada. As luzes estavam fortes demais, não havia cortinas, e a luminosidade era

ofuscante, e tudo adquiria um relevo berrante. Uma boneca com o

braço faltando estava sobre o sofá rasgado, uma janela torta deixava entrar na sala um brilho vermelho vivo de um anúncio luminoso em néon do outro lado da rua, a mesa barata de plástico estava revirada, e havia a tela rachada de um *tele-link* quebrado.

A garotinha com olhos mortos. A poça de sangue que se espalhava.

E o brilho agudo e gosmento de sangue que vinha da faca.

— Vou enfiar isso dentro da sua xereca, como acabei de fizer com ela.

Ela o atordoou mais uma vez. Seus olhos ficaram mais arregalados e furiosos, cheios de Zeus caseiro, a maravilhosa droga que transformava homens em deuses, com todo o poder e insanidade que acompan-

havam os delírios de imortalidade.

A faca com a lâmina vermelha e encharcada veio com um golpe de

cima para baixo, zunindo no ar.

E ela o abateu.

O choque penetrou primeiro em seu sistema nervoso. Seu cérebro

morreu antes, de modo que seu corpo começou a sofrer convulsões e

tremia sem parar, enquanto os olhos se transformavam em vidro. Res-istindo à necessidade de gritar, ela chutou a faca para longe da sua mão ainda trêmula e olhou para a criança.

Os imensos olhos de boneca olhavam fixamente para ela, e diziam, uma vez mais, que ela chegara tarde demais.

Forçando o corpo a relaxar, ela não deixou que nada mais penet-

rasse em sua mente, a não ser o relatório que tinha que fazer.

A sessão de simulação com o uso de realidade virtual estava terminada. Seus

sinais vitais foram registrados novamente, antes de Eve ser levada para a fase final dos testes. A entrevista com a psiquiatra.

Eve não tinha nada contra a Doutora Mira. Era uma profissional

dedicada à sua vocação. Se trabalhasse em um consultório particular, ganharia o triplo do salário que conseguia no Departamento de Segurança da Polícia.

Tinha uma voz calma, com um leve sotaque da classe alta da Nova

Inglaterra. Seus olhos azul-claros eram gentis e penetrantes. Aos sessenta anos, parecia confortável com a meia-idade, e muito longe de parecer uma pessoa idosa.

Seus cabelos tinham um tom de mel escuro, e viviam presos na

parte de trás da cabeça em um coque muito elaborado e impecável.

Usava paletó em tom de rosa, absolutamente limpo e sem rugas, com um tranquilizador alfinete circular, de ouro, na lapela.

Não, Eve não tinha nada contra ela, pessoalmente. Simplesmente

detestava psiquiatras.

— Tenente Dallas. — Mira se levantou de uma poltrona azul

quando Eve entrou na sala.

Não havia nenhuma mesa, nenhum computador à vista. Aquele era

um dos truques, Eve sabia. Fazer com que os avaliados se sentissem re-laxados e esquecessem que estavam sob intensa observação.

— Doutora. — Eve se sentou na poltrona que Mira indicara.

— Estava para me servir de um pouco de chá. Você me

acompanha?

— Claro.

Mira se moveu com graça até o aparelho, ordenou dois chás, e levou as xícaras até as poltronas.

— Foi uma pena que o seu teste tenha sido adiado, tenente. —Com

um sorriso, ela se sentou e provou o chá. — As conclusões do processo são mais apuradas e certamente mais benéficas quando as observações são feitas nas vinte e quatro horas seguintes ao incidente.

— Foi algo que não pudemos evitar.

— Estou ciente. Seus resultados preliminares são satisfatórios.

— Que bom!

— Você continua a recusar a auto-hipnose?

— É opcional. — Eve detestou o tom defensivo de sua voz.

— Sim, é verdade. — Mira cruzou as pernas. — Você passou por

uma experiência muito difícil, tenente. Existem alguns sinais de fadiga física e emocional.

— É que estou trabalhando em outro caso, que está exigindo muito de mim e me tomando muito tempo.

— Sim, também tenho essa informação. Está tomando o medica-

mento padrão para indução de sono?

Eve experimentou o chá. Era, como ela suspeitara, floral, no aroma e no sabor.

— Não. Não estou tornando. Já passamos por isso antes. As pílulas para dormir à noite são opcionais, e eu opto por não ingeri-las.

— Porque elas limitam o seu controle.

— Isso mesmo. — Eve olhou para a psiquiatra. — Não gosto de ser

colocada para dormir, e também não gosto de estar aqui. Não aprecio estupro cerebral.

— Você considera nossos testes um tipo de estupro?

Não havia um só tira em toda a Força que não achasse isso. Eve

respondeu:

— Não é algo que se faz por escolha, certo?

Mira suspirou, intimamente.

— Tenente, a eliminação de um suspeito, não importam as circun-

stâncias, é uma experiência traumática para um policial. Se o trauma afetar as emoções, as reações e a atitude, o desempenho do policial vai diminuir. Se o uso de força terminal foi provocado por um problema físico, tal problema deve ser localizado e reparado.

— Conheço as regras, doutora. Estou cooperando por completo.

Apenas não sou obrigada a gostar disso.

— Não, não é. — Mira, de modo elegante, equilibrou a sua xícara sobre o joelho. — Tenente, esta é a sua segunda eliminação terminal.

Embora isso não seja fora do comum para uma policial com o seu

tempo de serviço, há muitos outros que jamais precisaram tomar tal decisão. Gostaria de saber como se sente a respeito da escolha que fez, e dos resultados.

Gostaria de ter sido mais rápida, Eve pensou. Gostaria de que

aquela criança estivesse brincando com suas bonecas agora, em vez de estar sendo cremada.

— Considerando que a minha única escolha era deixá-lo me retalhar em pedaços ou impedi-lo, me sinto bem com a decisão que tomei. Minhas advertências

foram feitas, e ignoradas. A arma de atordoamento não teve efeito. A prova de que ele ia, realmente, matar, estava bem no chão entre nós, em uma poça de sangue. Portanto, também não tive problemas com os resultados.

— Você se sentiu perturbada pela morte da criança?

— Acredito que qualquer pessoa se sentiria perturbada pela morte de uma criança. Especialmente em se tratando do assassinato monstru-oso de alguém indefeso.

— E você nota algum paralelo entre a criança e você? — perguntou Mira, baixinho, e viu que Eve se retraiu e se fechou. — Tenente, nós duas sabemos que estou perfeitamente ciente das suas experiências de infância. Você sofreu abusos, fisicamente, sexualmente e emocional-mente. Foi abandonada quando tinha oito anos.

— Isso não tem nada a ver com...

— Acho que tem muito a ver com o seu estado mental e emocional

— Mira interrompeu. — Durante dois anos, entre os seus oito e dez anos, você viveu em um abrigo, enquanto seus pais eram procurados.

Não tem lembrança dos primeiros oito anos de sua vida, nem do seu nome, nem das circunstâncias ou do local de nascimento.

Embora os olhos de Mira fossem suaves, eram agudos e astutos.

— Você recebeu o nome de Eve Dallas e foi finalmente colocada

para adoção. Não teve controle sobre nada disso. Foi uma criança sofrida e dependente do sistema, que de muitas maneiras falhou com re-lação a você.

Foi necessária toda a força de vontade de Eve para manter os olhos e a voz firmes quando disse:

— Da mesma forma que eu, parte do sistema, falhei em meu dever

de proteger a criança. A senhora quer saber como me sinto a respeito, Doutora Mira?

Deprimida. Doente. Arrasada.

—Eu sinto que fiz tudo o que poderia fazer. Passei novamente pelo problema através da simulação em realidade virtual, e tomei a mesma atitude , mais uma vez. Porque não há como mudar aquilo. Se eu

pudesse ter evitado que a criança morresse, teria feito isso. Se pudesse ter prendido o suspeito, eu o teria feito.

— Mas essas questões estavam fora do seu controle.

Megera esperta, Eve pensou.

— Estava sob meu controle a ação terminal de matar o suspeito.

Após utilizar todas as opções padronizadas, fiz uso do meu controle sobre a situação. A senhora leu o meu relatório. Foi uma ação terminal válida e justificável.

Mira ficou calada por um momento. Suas habilidades, ela sabia, jamais haviam sido capazes sequer de arranhar a muralha de defesa ex-terna de Eve.

— Muito bem, tenente. Você está liberada para reassumir suas fun-

ções, sem restrições. Mira estendeu a mão antes mesmo de Eve poder se levantar. — Agora, cá entre nós e extra-oficialmente...

— Há alguma coisa?

Mira simplesmente sorriu.

— É verdade que com muita freqüência a mente protege a si

mesma. A sua se recusa a trazer à tona os primeiros oito anos de sua vida. Mas aqueles anos fazem parte de você. Posso ajudar a trazê-los de volta, quando estiver pronta. E, Eve... — acrescentou com aquela voz calma e controlada —,

posso ajudá-la a lidar com eles.

— Eu transformei a mim mesma no que sou, e posso viver com

isso. Talvez não queira me arriscar a viver com o resto que ficou para trás. — Eve se levantou e caminhou em direção à porta. Quando se virou para trás, Mira continuava sentada da mesma forma que tinha estado, com as pernas cruzadas e uma das mãos segurando a linda xícara.

O aroma da infusão de flores continuava no ar. — Agora, um caso hi-potético, doutora — começou Eve, e ficou aguardando pela concordância de Mira. — Uma mulher que possui consideráveis privilégios financeiros e sociais escolhe se transformar em uma prostituta. — Diante da sobrancelha levantada de Mira, Eve xingou baixinho, com impaciência. — Não precisamos enfeitar a terminologia, doutora. Ela

escolhe ganhar a vida fazendo sexo. Esfrega isso na cara de sua família bem-posicionada, incluindo o seu avô ultraconservador. Por quê?

— É difícil descobrir um motivo específico através de informações tão genéricas e pouco delineadas. A razão mais óbvia seria a que essa mulher só consegue descobrir valor em si mesma e desenvolver a auto-estima através de suas habilidades sexuais. Ela adora ou detesta o ato.

Intrigada com a resposta, Eve se afastou um pouco da porta.

— Se detestasse o ato, por que se tornaria uma profissional nisso?

— Para punir.

— A si mesma?

— Certamente, e a todos aqueles próximos dela.

Para punir, Eve ficou analisando. O diário. Chantagem.

— Se um homem mata, doutora — continuou ela —, de forma cruel

e brutal. Se o assassinato está vinculado a sexo, e é executado de uma maneira única e bem específica. Ele grava tudo, depois de ter enganado um sofisticado sistema de segurança. Uma cópia da gravação do assassinato é enviada à pessoa responsável pela investigação. Uma

mensagem é deixada na cena do crime, uma mensagem que vangloria o ato. O que é esse homem?

— Você não está me dando muitas informações — Mira reclamou,

mas Eve conseguiu ver que conseguira captar a sua atenção. — Diria que ele é inventivo, começou ela. — Uma pessoa que planeja tudo, e um *voyeur*. Confiante, talvez convencido e arrogante. Você disse que o ato teve detalhes específicos, então mostra que ele quer deixar a sua marca, e quer também exibir as suas habilidades, o seu cérebro.

Usando a sua experiência, observação e talentos de dedução, tenente, acha que ele gostou do ato de assassinar?

— Sim. Acho que ele se deleitou, adorou tudo.

— Então ele certamente vai querer se deleitar novamente — Mira

acenou com a cabeça.

— Já o fez. Dois assassinatos, com menos de uma semana entre

eles. Ele não vai esperar muito, antes de cometer o terceiro, vai?

— É duvidoso. — Mira tomou mais um pouco de chá, como se est-

ivessem discutindo as últimas tendências da moda. — Os dois assassinatos estão conectados de alguma forma, há algo mais em comum, além do executante e do método?

— Sexo — respondeu Eve.

— Mira colocou a cabeça para o lado. — Com toda a nossa tecnolo-

gia, com os surpreendentes avanços que foram alcançados no campo da genética, nós ainda somos incapazes de controlar as virtudes humanas e suas falhas. Talvez sejamos humanos de mais para nos per-mitirmos essa interferência. As paixões são necessárias para o espírito humano. Aprendemos isso no começo deste século, quando a engenharia genética quase ficou fora de controle. É uma pena que algumas paixões se distorçam. Sexo e violência. Para alguns, isso ainda é um casamento natural.

Levantou-se para pegar as xícaras e colocá-las ao lado da máquina, e disse:

— Estou interessada em saber mais a respeito desse homem, ten-

ente. Se e quando você decidir que quer um perfil completo dele, espero que me procure.

— É um caso com Código Cinco.

— Entendo — disse Mira, olhando para trás.

— Se nós não conseguirmos pegá-lo antes do próximo ataque, pode

ser que eu mude de ideia e venha vê-la.

— Estarei disponível.

— Obrigada.

— Eve, lembre-se de que mesmo as mulheres fortes e que fizeram a si mesmas possuem pontos fracos. Não tenha medo deles.

Eve sustentou o olhar de Mira por mais um instante.

— Tenho trabalho a fazer — disse, por fim.

* * *

A sessão de testes a deixou tremendo. Eve compensou isso, mostrando-se grosseira e criando um clima de antagonismo com seu informante, o que quase a fez perder uma dica importante em um caso envolvendo contrabando de

produtos químicos. Seu estado de espírito continuava longe de estar elevado quando se apresentou de volta na Central de Polícia. Não havia mensagem alguma de Feeney.

Os outros policiais de sua seção sabiam exatamente onde Eve pas-

sara o dia, fizeram o possível para ficar fora do caminho dela.

Como resultado disso, ela trabalhou sozinha e contrariada, por uma hora.

Seu último esforço foi tentar uma ligação para Roarke. Não ficou surpresa nem particularmente desapontada quando foi informada de que ele não estava disponível.

Deixou um *e-mail* para ele, pedindo um encontro, e depois deu o dia por encerrado.

Pretendia afogar as mágoas em alguma bebida barata, ouvindo

música medíocre enquanto assistia à apresentação de Mavis no Esquilo Azul.

O lugar tinha um nível baixíssimo, e ficava muito próximo de uma espelunca. A luz era fraca, a clientela facilmente irritável, e o serviço, deplorável. Exatamente tudo o que Eve procurava para ai aquela noite.

A música alta a atingiu como uma onda violenta, assim que entrou.

Mavis estava conseguindo manter sua curiosa voz esganiçada acima do som da banda, que consistia em um único rapaz, todo tatuado, que pi-lotava um instrumento eletrônico.

Eve dispensou a oferta de um sujeito de casaco com capuz, que lhe propôs um drinque em uma das cabines privativas para fumantes. Conseguiu passar através da multidão até chegar a uma mesa, apertou um

botão para pedir uma dose dupla de nocaute e se recostou para apreciar a apresentação de Mavis.

Ela não era tão má assim, Eve decidiu. Nem tão boa, também, mas

os clientes não eram muito exigentes. Mavis estava usando tin**ta** sobre o corpo naquela noite, com seu pequeno e curvilíneo corpo servindo de tela para respingos e listras em laranja e violeta, com manchas estra-tegicamente colocadas em um tom de esmeraldas. O som dos brace-

letes e correntes que usava se misturava enquanto ela tremulava o corpo em volta do palco elevado e apertado. Um passo abaixo, a massa humana girava, acompanhando-a.

Eve observou um pequeno pacote fechado que passava de mão em

mão em volta da pista de dança. Drogas, é claro. O governo havia feito uma guerra contra elas, depois as legalizara, a seguir as ignorava. Finalmente, tentou regulamentar seu uso. Nada parecia ter funcionado.

Eve não conseguiu se empolgar com a ideia de fazer uma batida

policial, e em vez disso levantou a mão e acenou para Mavis.

A parte vocal da canção acabou assim, de repente. Mavis pulou para fora do palco, apertou-se entre a multidão e encostou o quadril pintado na beira da mesa de Eve.

— Oi, estranhas

— Estou bem, Mavis. Quem é o artista?

— Ah, um cara que eu conheço. — Mavis virou de costas e bateu

na nádega esquerda com a unha de três centímetros de comprimento.

— Caruso, é o nome dele. Veja aqui, ele me autografou. Está tocando de graça, só para tornar seu nome conhecido. — Seus olhos reviraram quando viu uma garçonete colocar um copo comprido, cheio de um

líquido espumante azul, na frente de Eve. — Você pediu um nocaute?

Era melhor pegar logo um martelo e se colocar desmaiada.

— É que hoje o dia foi um cocô — murmurou Eve, tomando o

primeiro e terrível gole. — Nossa! Isto aqui não podia estar pior.

179/393

— Posso dar uma parada no *show* por um tempinho e ficar aqui com você. — Preocupada, Mavis chegou mais perto.

— Não, estou legal. — Eve arriscou a vida tomando mais um gole.

— Só passei para dar uma olhada no seu número, e deixar a cabeça es-friar um pouco. Mavis, você não está usando esse troço que está rolando por aqui, está?

Ei, qual é? — Mais preocupada do que insultada, Mavis sacudiu o

ombro de Eve. — Estou careta, limpa. Você sabe disso. Tem sempre algum bagulho diferente passando por aqui, mas é tudo coisa leve.

Umas pílulas de felicidade, alguns calmantes, uns adesivos para deixar ligado. — Ela cutucou Eve. — Se você está a fim de dar uma dura por aqui, bem que podia pelo menos esperar pelo meu dia de folga.

— Desculpe. — Aborrecida consigo mesma, Eve esfregou as mãos

sobre o rosto. — Não estou pronta para consumo humano, no, mo-

mento. Volte para lá e cante. Gosto de ouvir você.

— Tá bem. Mas se quiser companhia na hora de cair fora, me de um sinal. Acho que dá para eu sair.

— Obrigada. — Eve se recostou e fechou os olhos. Foi uma sur-

presa quando a música ficou mais calma, quase melodiosa. Se você não abrisse os olhos e visse o ambiente, até que não era tão mau.

Por vinte créditos Eve poderia ter colocado os óculos especiais para aumentar o bem-estar e relaxar um pouco com as luzes e fornias que combinavam e acompanhavam a música. Naquele momento, porém,

preferia o breu total em seus olhos.

— Isto aqui não se parece muito com o seu gabinete de trabalho

contra a injustiça, tenente.

Eve levantou os olhos e deu de cara com Roarke.

— Para todo lado que eu me viro, você aparece.

Ele se sentou diante dela. A mesa era tão pequena que seus joelhos batiam um no outro. Sua forma de se ajustar ao pequeno espaço foi deixar as coxas escorregarem por entre as dela.

— Foi você que me chamou, lembra? E deixou este endereço na

Central quando saiu.

— Eu queria um encontro, não um companheiro de bebida.

Olhando para o drinque sobre a mesa, ele se inclinou e deu uma

cheirada.

— Nem vai conseguir, com esse veneno.

— Esta espelunca não serve vinhos finos nem *scotch* envelhecido.

— Por que não vamos, então, a algum lugar que sirva? — Ele colo-

cou a mão sobre a dela com o simples objetivo de vê-la olhar com cara feia e puxar a mão.

— Estou com um mau humor terrível, Roarke. Marque um encontro

para quando for bom para você, e depois caia fora.

— Um encontro para quê? — A cantora chamou sua atenção, Ele

levantou uma sobrancelha, vendo-a rolar os olhos e fazer gestos. —

Olhe, Eve, a não ser que a cantora esteja tendo algum tipo de ataque, me parece que ela está fazendo sinais para você.

Resignada, Eve olhou para cima e balançou a cabeça.

— É uma amiga minha. — Ela balançou a cabeça mais enfatica-

mente quando Mavis sorriu e levantou os dois polegares. — Ela acha que eu me dei bem.

— E está certa. — Roarke pegou o drinque e o colocou sobre uma

mesa ao lado, onde mãos vorazes lutaram para pegá-lo. — Acabei de salvar a sua vida.

— Mas que droga...

— Se quer ficar bêbada, Eve, pelo menos escolha alguma coisa que vai deixar o seu estômago bem revestido. — Ele procurou no cardápio,

contraindo os olhos. — Não há nada desse tipo que possa ser adquirido aqui. — Levantando-se, pegou-a pela mão. — Venha comigo.

— Estou muito bem aqui.

Com toda a paciência, ele se abaixou até que seu rosto ficou a poucos centímetros do dela.

— Você está com a esperança de ficar bêbada o suficiente para dar alguns socos em alguém, sem se preocupar muito com as conseqüências. Comigo, você não precisa ficar bêbada, nem tem que se preocupar. Pode me dar quantos socos quiser.

— Por quê?

— Porque há algo de muito triste em seus olhos. E isso me inco-

moda. — Enquanto ela estava tentando lidar com a surpresa dessa declaração, ele a colocou de pé e já estava se encaminhando com ela para a porta.

— Vou para casa — ela decidiu.

— Não, não vai.

— Escute, meu chapa...

Isso foi tudo o que ela conseguiu dizer antes de perceber que suas costas foram atiradas de encontro à parede e sentiu que sua boca estava sendo esmagada dele. Eve não lutou. Sua respiração tinha sido sugada pelo inesperado do gesto, pela tempestade que sentiu nele e pelo choque de uma carência súbita que a atingiu por dentro como um

punho cerrado.

Foi muito rápido, segundos apenas, antes de ela conseguir liberar a boca.

— Pare com isso — ela exigiu, e se odiou ao perceber que a sua voz não era mais do que um suspiro trêmulo.

— Não importa o que pense — começou ele, lutando para manter

própria compostura —; existem momentos em que você precisa de

alguém. — Com a impaciência tremendo em torno dele, Roarke

puxou-a para fora . — Onde está o seu carro?

Ela fez um gesto em direção à ponta do quarteirão e o deixou

empurrá-la pela calçada, dizendo:

— Eu não sei qual é o problema com você.

— Parece que o meu problema é você. Sabe com que estava pare-

cendo? — ele reclamou, enquanto escancarava a porta do carro. —

Sentada naquele lugar com os olhos fechados cheios de olheiras? —

Descrever a cena serviu apenas para aumentar sua raiva. Ele a empurrou para o banco do carona e deu a volta no carro para tomar ele mesmo o lugar do motorista. — Qual é a porcaria do seu código?

Fascinada com o açoite de sua explosão temperamental, ela se virou para digitar o código pessoalmente. Com a tranca desativada, ele apertou a ignição e se afastou com rapidez dali.

— Eu estava tentando relaxar — disse Eve, com cuidado.

— Mas você não sabe como — atirou ele de volta. — Guardou tudo

aí dentro e depois não conseguiu se livrar da carga. Está caminhando sobre uma linha totalmente reta, Eve, mas ela é muito estreita.

— É para fazer isso que eu fui treinada.

— Você não sabe contra o que está lutando, desta vez.

— E você sabe. — Seus dedos, ao lado, apertaram a ponta do

banco.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde. — Ele ficou em silêncio por alguns instantes, tentando recompor suas emoções.

— Prefiro conversar agora. Fui visitar Elizabeth Barrister ontem.

— Eu sei. — Mais calmo, ele já estava se ajustando melhor ao

ritmo sacolejante do carro. — Você está gelada. Ligue o aquecedor.

— Está quebrado. Por que não me contou que ela tinha pedido a vo-cê para se encontrar com Sharon e conversar com ela?

— Porque Beth me pediu isso em sigilo.

— Qual é o seu relacionamento com Elizabeth Barrister?

— Somos amigos. — Roarke lançou um olhar de lado para Eve. —

Tenho poucos amigos. Ela e Richard estão entre eles. — E o senador?

— Detesto profundamente o seu ar podre, pomposo e hipócrita —

disse Roarke com toda a calma. — Se ele conseguir ser nomeado por seu partido para concorrer à presidência, vou colocar tudo o que possuo na campanha do seu oponente. Mesmo que seja o demônio em

pessoa.

— Você devia aprender a falar com franqueza, Roarke — disse ela, com a sombra de um sorriso irônico. — Sabia que Sharon mantinha

um diário?

— É uma suposição natural. Ela era uma mulher de negócios.

— Não estou falando de registros profissionais. Era um diário. Um diário pessoal. Segredos, Roarke. Chantagem.

— Ora, ora... — Ele não disse mais nada enquanto trabalhava a informação. — Você encontrou o seu motivo.

— Isso ainda precisa ser definido. Você tem muitos segredos,

Roarke.

Ele soltou uma meia gargalhada ao parar diante do portão de casa.

— Você realmente acha que eu poderia ser a vítima de uma chant-

agem, Eve? Imagina que alguma mulher sem rumo e patética como

Sharon ia desenterrar alguma informação sobre mim que você, por exemplo não conseguisse, e usá-la para me prejudicar?

— Seria muito simples. Eve colocou a mão em seu braço. — Não

vou entrar com você, Roarke. — Aquilo não era assim tão simples.

— Se eu estivesse trazendo você aqui para fazermos sexo, nós ter-

íamos sexo. Ambos sabemos disso. Você queria me ver. Está querendo experimentar o tipo de arma que foi usada para matar Sharon e a outra vítima, não está?

— Sim. — Eve soltou um breve suspiro.

— Esta é a sua oportunidade.

Os portões se abriram, e ele entrou com o carro.

CAPÍTULO DEZ

O mesmo mordomo com rosto de pedra estava de guarda na porta.

Pegou o casaco de Eve, com o mesmo ar de leve desaprovação.

— Mande servir café na sala de tiro, por favor — Roarke ordenou, enquanto encaminhava Eve escada acima.

Ele estava segurando sua mão novamente, mas Eve decidiu que não

se tratava de um gesto sentimental, mas uma garantia de que ela não se recusaria ir em frente. Poderia ter dito a ele que estava muito confusa para ir a qualquer lugar, mas descobriu que apreciava a pequena

demonstração de desagrado por baixo das maneiras impecáveis do

homem ao seu lado.

Ao chegarem no terceiro andar, ele passou pela coleção rapida-

mente, escolhendo as armas sem afobação nem hesitação. Manipulava aquelas antiguidades com a competência da experiência e, notou Eve, a descontração do uso habitual.

Não era um homem que simplesmente comprava as armas para

possuí-las, mas alguém que fazia uso delas. Ela ficou imaginando se isso contava pontos contra ele. Ou se ele se importava.

Depois de colocar as armas que selecionara em uma mala de couro, foi até a parede.

Tanto o console de segurança quanto a porta em si estavam tão bem camuflados em meio a um mural que retratava uma floresta, que ela jamais os teria descoberto. A imensa ilusão visual se abriu para o lado, revelando um elevador.

— Este carro é especial — explicou, enquanto Eve entrava na cab-

ine com ele. — Leva a alguns lugares restritos. Raramente desço convidados até a área de treinamento de tiro.

— Por quê?

— Minha coleção, e o uso que faço dela, são reservados para os

poucos que conseguem apreciá-la.

— Quantas dessas peças você compra no mercado negro?

— Sempre no papel de tira, não é? — Lançou aquele olhar especial para Eve, e ela teve certeza de que ao falar isso ele estava prendendo o riso. — Compro apenas através de fontes legais, naturalmente. — Seus olhos desceram até a bolsa que Eve trazia pendurada no ombro. —

Pelo menos enquanto você continuar com o seu gravador ligado.

Ela não pôde deixar de sorrir de volta. É claro que seu gravador estava ligado. E é claro que ele sabia disso. Foi uma prova do interesse dela o fato de ter aberto a bolsa e desligado o gravador manualmente.

— E o outro, de reserva? — perguntou ele, suavemente.

— Você é espertinho demais para o seu próprio bem, sabia? — Dis-

posta a se arriscar, enfiou a mão no bolso. O gravador adicional era quase tão fino como uma folha de papel. Eve usou a ponta da unha para desativá-lo. — E quanto a você, agora, Roarke? — Olhou em

volta do elevador quando as portas se abriram. — Existem câmeras e microfones espalhados em cada centímetro deste lugar.

— É claro. — Esticou o braço de novo para conduzi-la para fora da cabine.

O teto era alto. O ambiente tinha um pé-direito elevado e era surpreendentemente espartano, considerando-se o amor que Roarke devo-tava ao conforto. As luzes se acenderam no instante em que ele colocaram os pés na sala, iluminando paredes lisas pintadas em um tom de areia, um conjunto de cadeiras de espaldar alto mesas onde uma

bandeja contendo um bule de prata e xícaras de porcelana estava

pronta.

Ignorando aquilo, Eve foi direto até um console preto brilhante e perguntou:

— Para que serve isto?

— Para uma série de coisas. — Roarke pousou a mala que car-

regava sobre uma área plana e apertou a palma da mão sobre uma tela de identificação. Surgiu um brilho suave por baixo dela, eu quanto suas impressões eram lidas e aceitas, e então as luzes e mostradores do painel se acenderam. — Mantenho um grande suprimento de munição

aqui. — Ele apertou uma série de botões. Uma bandeja na base do console foi ejetada. — Tome, você vai precisai. disso. — De uma segunda bandeja, ele pegou protetores de ouvido e óculos de segurança.

— O que é tudo isso, uma espécie de *hobby?* — perguntou Eve, enquanto ajustava os óculos. As lentes pequenas e claras envolve ram suas órbitas e os plugues para proteção de ouvido se adaptaram confortavelmente à sua anatomia.

— Sim, é como um *hobby.*

Sua voz parecia um eco distante, e chegava através dos plugues do ouvido, ligando-os e isolando todos os outros sons. Roarke escolheu um revólver de calibre 38 e o carregou.

— Isto aqui era o equipamento padrão da polícia em meados do

Século XX. A partir do novo milênio, as armas de nove milímetros passaram a ser usadas.

— As RS-50 foram as armas preferidas durante a Revolução Urb-

ana — acrescentou Eve. — E também durante toda a década de 30 do Século XXI.

— Você estudou a lição. — Ele levantou a sobrancelha, satisfeito.

— Pode crer que sim. — Ela olhou para a arma na mão dele. —

Aprendi, entrando na mente de um assassino.

— Então você deve estar sabendo que o *laser* manual que está dentro do seu coldre não tinha muito apelo popular até uns vinte e cinco ano atrás.

— O *laser* NS, com modificações, tem sido a arma padrão da policia desde 2023. — Ela olhou para a arma, franzindo os olhos quando ele fechou o cilindro. — Não vi nenhuma arma a *laser* em sua coleção.

— São brinquedos para tiras, tenente. — Seu olhar se encontrou

com o dela, e havia um traço de riso nele. — São armas ilegais, mesmo para colecionadores. — Apertou um botão. Na parede ao fundo apareceu um holograma, tão surpreendentemente real que Eve piscou e tremeu ligeiramente, mas logo a seguir se refez.

— Excelente qualidade de imagem — murmurou ela, observando o

homem imenso, com ombros largos como os de um touro, que se-

gurava uma arma que ela não conseguiu identificar.

— Ele é uma réplica perfeita de um daqueles criminosos bruta-

montes, típicos do Século XX. Está com uma AK-47 nas mãos.

— Certo. — Ela apertou os olhos para ver melhor. Era mais

dramático do que as fotos e os vídeos nos quais ela estudara. — Uma arma muito popular entre as gangues urbanas e os traficantes de droga da época.

— Uma arma de ataque — murmurou Roarke. — Feita para matar.

Depois que eu o ativar, se ele conseguir atingir o alvo, você vai sentir um ligeiro tremor. Choque elétrico de baixa intensidade, bem melhor

do que a agressão mais dramática de uma bala de verdade. Quer

experimentar?

— Vá você primeiro.

— Tudo bem. — Roarke ativou a tela. O holograma ganhou vida e

veio vindo, balançando a arma. Os efeitos sonoros entraram em ação, de imediato.

A onda repentina de sons ambientais foi tão repentina que fez Eve recuar um passo. Depois, ouviu obscenidades sendo gritadas, barulhos de rua e a explosão rápida e muito forte do disparo.

Eve observou, de queixo caído, enquanto a imagem esguichou algo

que se parecia demais com sangue. O peito amplo do homem parecia explodir com o impacto, enquanto seu corpo era lançado para trás. A arma voou em espiral para o ar, e então tudo sumiu.

— Meu Deus.

Roarke abaixou a arma, ligeiramente surpreso consigo mesmo por

estar se exibindo, como um menino campeão de jogos eletrônicos e disse:

— Não dá para mostrar o que uma arma como esta pode fazer ao

penetrar em carne e osso, a não ser que a imagem seja bem realística.

— É, acho que não. — Ela engoliu em seco. — Ele atingiu você?

— Não desta vez. É claro que, quando é apenas um contra um, e

quando você consegue adivinhar os movimentos do oponente, não é

muito difícil vencer a disputa.

Roarke apertou mais botões, e o atirador morto lá estava de volta, inteiro e pronto para atacar. Roarke tomou sua posição com facilidade e de modo automático, Eve pensou, como se fosse um tira veterano.

Ou, para usar sua própria expressão, como se fosse um criminoso

brutamontes.

Abruptamente, a imagem começou a se mexer, e, enquanto Roarke

atirava, outros hologramas começaram a aparecer, em rápida sucessão.

Um homem com um tipo de arma comprida e de aparência cruel, uma

mulher com cara de deboche apontando uma arma de cano longo, uma Magnum 44, Eve reconheceu, e um menino pequeno e aterrorizado

carregando uma bola.

Eles atacaram e atiraram, xingando, gritando e sangrando. Quando tudo acabou, o menino estava sozinho no chão, chorando.

— Uma rodada aleatória como esta é mais difícil — disse-lhe

Roarke. — Meu ombro foi atingido.

— O quê? — Eve piscou e focou os olhos nele novamente. — Seu

ombro?

— Não se preocupe, querida. — Ele riu para ela. — Foi só de

raspão.

O coração de Eve estava martelando em seus ouvidos, não im-

portava o quanto ela dissesse a si mesma que sua reação tinha sido ridícula.

— Um tremendo brinquedo, Roarke. Diversão garantida. Você joga

sempre?

— De vez em quando. Pronta para experimentar?

Se ela podia encarar uma sessão de realidade virtual, decidiu, podia lidar com aquilo.

— Eu topo. Escolha outro padrão aleatório.

— É isso que admiro em você, tenente. — Roarke selecionou a mu-

nição e carregou a arma. — Sempre encara de frente. Vamos fazer uma rodada de treino primeiro.

Ele fez aparecer um alvo tradicional simples, com círculos e um

ponto no meio. Ficou atrás dela, colocando o revólver calibre 38 em suas mãos, com as dele por cima. Apertou sua face de encontro à dela.

— Você tem que mirar, porque esta arma não tem sensor de calor e movimento, como a sua. — Ajustou os braços dela até ficar satisfeito.

— Quando estiver pronta para atirar, deve apertar o gatilho, e não

bombeá-lo. Vai dar um pequeno coice. Não é tão suave ou silenciosa quanto o seu *laser.*

— Entendi — ela assentiu, baixinho. Era tolice se sentir sensível às suas mãos sobre as dela, à pressão de seu corpo, e ao cheiro dele. —

Você está me apertando.

Ele virou a cabeça, apenas o suficiente para fazer seus lábios roçar-em a ponta de sua orelha. Era uma orelha inocente, com lóbulo não furado, quase doce, como a de uma criança.

— Eu sei. Tenho que apertar você mais do que está acostumada.

Pode ser que você se sinta intimidada. Não sinta.

— Eu não me intimido. — E, para provar, apertou o gatilho. Os

braços dela foram arremessados para trás, deixando-a aborrecida. Ela atirou de novo, e depois uma terceira vez, deixando de atingir o centro, bem na mosca, por menos de dois centímetros. — Caramba, dá para

sentir o baque, não é? — Ela girou os ombros para os lados, fascinada pelo modo com que eles respondiam ao movimento da arma em sua

mão.

— Isso torna o ato mais pessoal. Você tem uma boa mira. — Estava impressionado, mas falava com um tom suave. — É claro que uma

coisa é atirar em um alvo circular, e outra é atirar em um corpo.

Mesmo sendo uma simulação.

Aquilo era um desafio?, ela se perguntou. Bem, já estava preparada.

— Tem mais quantas balas aqui?

—Vamos recarregar a arma totalmente. — Ele programou uma

nova série. A curiosidade e, ele tinha que admitir, o ego, o fizeram escolher uma

bem difícil. — Está pronta?

— Estou. — Lançou um olhar de relance para ele e ajustou a

postura.

A primeira imagem foi a de uma velhinha agarrada a uma sacola de compras com as duas mãos. Eve quase arrancou fora a cabeça de um

pedestre, mas firmou o dedo a tempo. Um pequeno movi mento surgiu à esquerda, e ela atirou em um assaltante antes que ele pudesse atingir a velhinha com o cano de ferro que tinha nas mãos. Uma pequena fisgada no quadril esquerdo a fez desviar o olhar de novo, e eliminar um homem careca que apontava uma arma semelhante à dela.

Eles vieram depressa e em grande quantidade, então.

Roarke a observava, sem piscar. Não, ela realmente não se intimidava, ele avaliou. Seus olhos permaneciam focados e frios. Olhos de policial. Ele sabia que a adrenalina de Eve estava em nível elevado, e que sua pulsação estava martelando. Seus movimentos, no entanto, eram rápidos e suaves, tão estudados como os de um balé. Seu queixo estava levantado, e a mão, firme.

E ele a desejava, compreendeu então, sentindo uma pressão no

peito. Ele a desejava desesperadamente.

— Conseguiram me atingir duas vezes — disse, quase para si

mesma. Abriu o tambor, sozinha, e o recarregou, como vira Roarke fazer. — Um tiro no quadril, outro na barriga. Isso me torna uma tira morta ou em péssimas condições. Coloque outra série.

Roarke atendeu, e então colocou as mãos nos bolsos e ficou observando o trabalho dela.

Quando acabou, Eve pediu para experimentar o modelo suíço.

Preferiu o peso e o desempenho deste. Havia definitivamente uma

vantagem sobre um revólver, ela refletiu. Era mais rápido, a resposta era mais precisa, tinha maior poder de fogo e dava para recarregar em segundos.

— Nenhuma das duas armas se adaptou tão confortavelmente à sua

mão quanto o *laser,* embora ela tivesse achado ambas eficientes, uma forma primitiva e horrível.

E os estragos que causavam, a carne dilacerada, o sangue que espir-rava, tudo tornava a morte algo terrivelmente nojento.

— Você foi atingida desta vez? — perguntou Roarke.

—Não, estou limpa. — Embora as imagens já tivessem ido embora,

ela continuava a olhar fixamente para a parede, e os reflexos mentais do que vira brincavam em sua cabeça. — O que elas podem fazer com um corpo... — comentou baixinho enquanto abaixava a arma. — Ter

utilizado uma destas, ter que enfrentar o uso delas dia após dia, sabendo que elas também poderiam ser usadas contra você. Quem seria capaz de enfrentar isso — ponderou —, sem ser um pouco insano?

— Você seria. — Ele removeu os protetores auriculares e os óculos do rosto dela. — A consciência e a dedicação ao dever não devem ser comparadas a nenhum grau de fraqueza. Você passou pela bateria de testes. Foi difícil, mas você conseguiu.

— Como é que você soube disso? — Com cuidado, colocou os pro-

tetores ao lado dos dele.

— Como é que eu soube que você andou fazendo testes hoje?

Tenho contatos. Como é que eu sei que foi difícil para você? — Ele envolveu-lhe o queixo com a mão em concha. — Porque posso ver

isso— disse, suavemente. — Seu coração luta com sua cabeça. Não sei se você tem a percepção de que é isto que a torna tão boa no seu trabalho. Ou tão fascinante para mim.

— Não estou tentando deixar você fascinado. Estou à procura do

homem que usou as armas que acabei de experimentar; não para sua defesa, mas para seu prazer. — Ela olhou diretamente nos olhos dele.

— Não foi você.

— Não, não fui eu.

— Mas você sabe de algo.

Ele passou com carinho a ponta de seu polegar sobre a covinha do queixo de Eve antes de abaixar a mão.

— Não estou tão certo de que sei de alguma coisa. — Foi até a

mesa e serviu um pouco de café. — Armas do Século XX para cometer

crimes típicos do Século XX, por motivos comuns no Século XX? —

Ele olhou para ela de relance. — Esse seria o meu palpite.

— É uma dedução simples demais.

— Mas diga-me, tenente, você consegue brincar de jogos de de-

dução em História, ou é uma pessoa por demais entrincheirada no

agora?

Ela já havia feito a mesma pergunta a si mesma, e estava

aprendendo.

— Sou uma pessoa flexível.

— Não, não é. Mas é esperta. Quem quer que tenha assassinado

Sharon, tinha um conhecimento, talvez uma afinidade, ou até mesmo uma obsessão pelo passado. — Sua sobrancelha se levantou,

zombeteira. Eu tenho um bom conhecimento de certos acontecimentos do passado, e sem dúvida uma afinidade por eles. Obsessão?

— Ele deu de ombros. — Isso você terá que julgar por si mesma.

— Estou trabalhando nisso.

— Estou certo que sim. Vamos fazer um apanhado com o antiquado

raciocínio dedutivo, sem computadores nem análises técnicas. Vamos estudar a vítima. Você acredita que Sharon era uma chantagista, e isso encaixa. Era uma mulher brava e desafiadora que precisava de poder. E

queria ser amada.

— Você descobriu tudo isso depois de se encontrar com ela apenas duas vezes?

— Descobri pelos encontros — ofereceu o café a ela — e por con-

versas com pessoas que a conheciam. Amigos e pessoas chegadas

achavam que ela era uma mulher impressionante e enérgica, embora muito reservada. Uma mulher que desprezou a família, ainda que

pensasse neles com frequência. Alguém que adorava viver, embora

gostasse de remoer os problemas. Imagino que nós dois já analisamos muita coisa dessa mesma área.

— eu não sabia que você estava analisando alguma área relacionada com uma investigação da polícia, Roarke. — A irritação tomou conta de Eve.

— Beth e Richard são meus amigos, e eu levo as minhas amizades,

muito a sério. Eles estão sofrendo, Eve. E não gosto de saber que Beth está se culpando pelo que aconteceu.

Ela se lembrou dos olhos assustados e dos nervos à flor da pele, e suspirou.

— Tudo bem, eu aceito esse argumento. Com quem você andou

conversando?

— Amigos, como disse, conhecidos, sócios. — Ele colocou o café

de lado enquanto Eve tomava o dela com vagar e circulava pela sala.

— É estranho, não é, quantas opiniões diferentes e percepções distintas você pode ouvir a respeito de uma mesma mulher. Pergunte a um, e vai ouvir que Sharon era leal e generosa. Pergunte a outro e saberá que ela era vingativa e calculista. Um terceiro a via como uma pessoa viciada em festas, e que jamais conseguia encontrar suficiente excitação na vida. A pessoa a seguir lhe dirá que ela gostava de passar noites calmas, sozinha. Tinha vários rostos, a nossa Sharon.

— Usava um rosto diferente para cada pessoa. É bem comum.

— E qual rosto, ou qual papel, a matou? — Roarke pegou um cigar-

ro e o acendeu. — Chantagem. — Pensativo, soprou uma perfumada

nuvem de fumaça. — Ela poderia ser boa nisso. Gostava de escavar a vida das pessoas e podia apresentar muito charme enquanto fazia isso.

— E ela usou esse charme em você.

— Descaradamente. — O sorriso descontraído surgiu de novo. —

Eu não estava disposto a trocar informações por um pouco de sexo.

Mesmo que ela não fosse a filha de um amigo e uma profissional, não teria conseguido me atrair usando essas armas. Prefiro um tipo diferente de mulher. — Seus olhos se encontraram com os de Eve

novamente, de modo meditativo. — Ou pensei que preferisse. Ainda não consegui descobrir por que o tipo de mulher intensa, decidida e cheia de espinhos de repente me atrai, de forma tão inesperada.

— Isso não é lisonjeiro. — Eve se serviu de mais café e ficou olhando para ele por sobre a borda da xícara.

— Não era para ser. Embora para alguém que tem um cabeleireiro

míope e incompetente, e não faz uso dos produtos de beleza padrão, você é uma mulher surpreendentemente agradável de se olhar.

— Não tenho tempo para ir a cabeleireiros, nem tempo para

produtos de beleza. — Nem, ela decidiu, a disposição de discutir esse assunto. — Continuando a dedução. Se aceitarmos que Sharon

DeBlass foi morta por uma de suas vítimas de chantagem, onde é que entra Lola Starr?

— Um problema, não é? — Roarke deu uma tragada forte e contem-plativa. — Elas não parecem ter mais nada em comum além da escolha da profissão. É muito duvidoso que sequer se conhecessem ou com-partilhassem o mesmo gosto para a escolha de clientes. No entanto houve um deles que, pelo menos por pouco tempo, conheceu as duas.

— Um que escolheu as duas.

— Sim, você colocou melhor a questão — concordou Roarke, le-

vantando a sobrancelha.

— O que você quis dizer quando falou que eu não sabia em que es-

tava me metendo?

A hesitação dele foi tão leve, tão bem disfarçada, que quase não deu para perceber.

— É que eu não estou bem certo se você compreende o poder que

DeBlass possui ou pode usar. O escândalo do assassinato de sua neta poderia lhe trazer mais poder. Ele quer a presidência, e quer ditar a moral e os costumes do país e do exterior.

197/393

— Você está querendo dizer que ele poderia usar a morte de Sharon politicamente? Como?

— Poderia retratar a neta como uma vítima da sociedade — Roarke

apagou o cigarro — e a atividade de sexo para obter lucro como a arma do crime. Como pode um mundo que permite a prostituição legalizada, o completo controle da natalidade, dos ajustes sexuais, e assim por diante, não assumir a responsabilidade pelos resultados?

Eve poderia apreciar essa discussão, mas balançou a cabeça.

— DeBlass também quer eliminar o banimento das armas. Sharon

foi morta por uma arma que na verdade não está disponível, sob as leis atuais.

O que torna tudo mais traiçoeiro. Será que Sharon não teria sido capaz de se defender se ela também estivesse armada? — Quando Eve começou a discordar, ele balançou a cabeça. — Não importa muito

qual é a resposta, apenas a pergunta em si. Será que nos esquecemos dos fundadores deste país, e dos princípios básicos do projeto de nossa nação? O nosso direito de portar armas. Uma mulher é assassinada em sua própria casa, em sua própria cama, vítima da liberdade sexual, e indefesa. E vítima, sim, muito mais, de seu declínio moral.

Ele deu a volta para desmontar o console e continuou:

— É claro que você vai argumentar que assassinato por arma de

fogo era a regra e não a exceção no tempo em que qualquer pessoa que tivesse o dinheiro e a vontade podia comprar uma arma, mas ele vai abafar isso. O Partido Conservador está ganhando terreno, e ele é o ponta-de-lança. — Roarke ficou observando enquanto ela se servia de mais café. — Já ocorreu a você que pode

ser que ele não queira que o criminoso seja pego?

— Por que motivo? — com a guarda baixa, ela o olhou admirada.

— Além do nível pessoal, isso não daria a ele ainda mais munição?

198/393

“Vejam, aqui está o lixo humano imoral, a escória que assassinou a minha pobre e desencaminhada neta.”

— Mas isso é um risco, você não acha? Talvez o assassino seja al-guém respeitável e importante, um pilar da sua comunidade, e igualmente desencaminhado. — Ele esperou um momento, aguardando que

ela analisasse as ideias por completo. — Quem você imagina que quis ter certeza de que você passaria por aquela bateria de testes no meio deste caso? Quem é que está vigiando cada passo que você dá, monit-orando cada etapa de sua investigação? Quem será que está cavando o seu passado e a sua vida pessoal, tanto quanto seu desempenho

profissional?

— Eu suspeito que DeBlass fez um pouco de pressão no caso da ba-

teria de testes. — Abalada, ela pousou a xícara. — Ele não confia em mim, ou então ainda não conseguiu decidir se eu sou competente o suficiente para comandar a investigação. E ele fez com que Feeney e eu fôssemos seguidos desde que saímos de Washington. — Ela soltou um longo suspiro. — Como é que você sabe que ele anda pesquisando a minha vida? Só porque você também está fazendo isso?

Ele não se importou com a raiva nos olhos dela, ou a acusação. Ele preferia aquilo ao olhar de preocupação que outra mulher teria

mostrado.

— Não, porque eu o estou vigiando, enquanto ele vigia você.

Resolvi que ia ser muito mais satisfatório aprender sobre você através da própria

fonte, com o tempo, do que lendo relatórios. — Ele se aproximou, passando os dedos pelos cabelos picados dela. — Respeito a privacidade das pessoas com quem me importo. E eu me importo

muito com você, Eve. Não sei por quê, exatamente, mas você faz

brotar alguma coisa em mim.

Quando ela começou a recuar, ele apertou mais os dedos, e

completou:

— Estou cansado de todas as vezes que temos um momento a sós

você colocar um assassinato no meio.

— Existe um assassinato entre nós.

— Não. No máximo, ele foi apenas o que nos trouxe até aqui. É

esse o problema? Você não consegue se livrar da Tenente Dallas por tempo suficiente para se deixar sentir?

— É quem eu sou.

— Então, é quem eu quero. — Seus olhos tinham escurecido ainda

mais com o desejo impaciente. A frustração que sentia era consigo mesmo, por ser tão inacreditavelmente levado a um ponto em que poderia, a qualquer momento, implorar. — A Tenente Dallas não teria medo de mim, mesmo que Eve tivesse.

O café a tinha ligado. Era aquilo que estava deixando seus nervos tão tensos.

— Não tenho medo de você, Roarke.

— Não tem? — Ele chegou mais perto, enfiando as mãos por baixo

da lapela de sua blusa. — O que acha que vai acontecer se você passar por cima

da linha?

— Muita coisa — murmurou. — Mas não o suficiente. Sexo não é o

ponto alto da minha lista de prioridades. É uma distração.

— Certamente que é! — A raiva em seus olhos se acendeu e se

transformou em um sorriso. — Quando bem executado. Já não está na hora de você me deixar mostrar isso a você?

Ela apertou os braços dele, sem ter certeza se queria chegar mais perto ou se afastar.

— Isso é um erro.

— Então temos que fazer com que valha a pena — ele balbuciou

antes que sua boca capturasse a dela.

Eve se colou nele.

Os braços dela envolveram-no, com os dedos se perdendo em seus

cabelos. O corpo dela batia de encontro ao dele, vibrando, enquanto o beijo foi ficando mais intenso, e a seguir quase brutal. Ele tinha uma boca quente, beirando o cruel. O choque daquele calor enviou chamas internas de reação direto ao centro dela.

Ao mesmo tempo, as mãos rápidas e impacientes dele já estavam

puxando sua blusa para fora dos jeans, apalpando sua pele. Em resposta, ela se arrastava em direção a ele, desesperada para passar pela seda e alcançar-lhe a carne.

Ele teve uma visão de si mesmo empurrando-a lentamente para o

chão, e dando fortes estocadas dentro dela até que seus gritos ecoassem pela sala como disparos, e ele se aliviasse, jorrando como sangue. Seria rápido e feroz. E

tudo acabaria.

Com a respiração causando-lhe tremores internos dentro do pulmão, ele recuou de repente. O rosto dela estava afogueado, sua boca já intu-mescida. Ele rasgara a blusa dela na altura do ombro.

Uma sala cheia de violência, com o cheiro de pólvora ainda impreg-nando o ar, e várias armas ao alcance da mão.

— Aqui, não. — Ele a carregou, quase à força, até o elevador. No instante em que a porta se abriu, ele já havia arrancado fora a manga rasgada. Atirou-a contra a parede do fundo enquanto portas se

fechavam, e ficou tateando o seu coldre. — Tire essa droga. Tire logo isso.

Ela alcançou o fecho e deixou o coldre ficar pendurado em uma

mão, enquanto lutava para abrir os botões da roupa dele com a

outra.

— Por que você usa tantas roupas? — perguntou ela.

— Da próxima vez, não vou usar. — Ele acabou de rasgar a

blusa dela, jogando-a para o lado. Por baixo, ela usava uma combinação colante fina, quase transparente, que revelava seios pequenos e

firmes. E mamilos endurecidos. Ele fechou a mão sobre eles, e

observou os olhos dela ficarem vidrados. — Onde gosta de ser

tocada?

— Você está indo muito bem. — Ela teve que espalmar a mão na

parede lateral para não perder o equilíbrio.

Quando as portas se abriram novamente, eles estavam fundidos, um contra o

outro. Saíram formando círculos, e os dentes dele estavam enterrados, arranhando a lateral da garganta dela. Eve deixou a bolsa e o coldre caírem no chão.

Deu uma rápida olhada no quarto: janelas amplas, espelhos, cores neutras. Conseguia sentir o cheiro de flores e sentiu a textura de um carpete sob seus pés. Enquanto lutava para livrá-lo das calças, conseguiu avistar a cama.

— Minha Nossa!

Era gigantesca, e parecia um lago pintado de azul-marinho, encap-sulado entre colunas altas de madeira entalhada. Ficava sobre uma plataforma e embaixo de uma clarabóia em forma de domo. Em frente havia uma lareira de pedra verde-claro, onde madeira perfumada

crepitava.

— Você dorme aqui?

— Esta noite eu não pretendo dormir.

Ele interrompeu o olhar de admiração dela levantando-a e levando-a pelos dois degraus acima, até a plataforma, atirando-a na cama.

— Tenho que me apresentar na Central às sete horas.

— Cale a boca, tenente.

— Está bem.

Com um semi-sorriso, ela rolou por cima dele e apertou a boca de encontro à de Roarke. Uma energia selvagem e incontrolável estava surgindo dentro dela. Eve não conseguia se mover rápido demais, suas mãos não eram tão velozes a ponto de satisfazer seu desejo.

Chutando as botas, deixou que ele abaixasse os jeans ao longo dos quadris. Uma onda de prazer atravessou-a quando o ouviu gemer.

Muito tempo se passara desde que ela sentira a tensão e o calor do corpo de um homem pela última vez. Muito tempo desde que desejara isso.

A necessidade de libertação daquela força era compulsiva e feroz.

No momento em que ambos ficaram nus, ela poderia ter se sentado de pernas abertas sobre ele e tê-lo satisfeito. Mas ele trocou suas posições, e abafou seus protestos com um longo e violento beijo.

— Para que a pressa? — murmurou ele, fazendo a mão deslizar até

envolver-lhe o seio. Ficou olhando para o rosto dela enquanto o polegar calmamente lhe torturava o mamilo. — Eu ainda nem consegui olhar para você.

— Eu quero você.

— Eu sei. — Ele se ajeitou, ainda por cima, e deixou a mão escorrer lentamente do ombro dela até a coxa, enquanto seu olhar acompanhava o próprio movimento. Sentiu o sangue bombear em toda a sua região púbica. — Você tem um corpo comprido, magro... — A mão dele

apertou levemente o seio. — Pequeno, muito delicado. Quem poderia imaginar?

— Quero você dentro de mim.

— Você quer apenas uma parte de mim dentro de você .

— Droga! — começou ela, e a seguir gemeu quando ele enterrou a cabeça e tomou-lhe um dos seios na boca.

Ela se retorceu toda de encontro a ele, e de encontro àquela boca que a sugava, tão gentilmente a princípio que era uma tortura, para a seguir ficar mais forte e mais rápida, até que ela mesma teve que morder os lábios para não gritar. As mãos dele continuavam

explorando-a por toda parte, acendendo pequenas fogueiras de carência em locais exóticos.

Não era aquilo que ela costumava obter. Sexo, quando Eve resolvia aproveitar, era rápido, simples, e satisfazia uma necessidade básica.

Mas aquilo era um dedilhar de emoções, uma guerra completa em seu sistema, uma batalha entre os sentidos.

Ela tentou colocar uma das mãos entre eles, para alcançá-lo, quando o sentiu duro e pesado de encontro a ela. Puro pânico se instalou quando ele a agarrou pelos pulsos e levantou suas duas mãos acima da cabeça.

— Não faça isso! — disse ela.

Ele quase a liberou por reflexo, antes de olhar bem para seus olhos.

Viu pânico, até mesmo medo, mas desejo também.

— Você não pode estar sempre no controle, Eve. — Enquanto fa-

lava, roçou lentamente a mão livre pela sua coxa. Ela tremeu, e seus olhos perderam o foco por um momento quando os dedos dele acari-

ciaram a parte de trás dos seus joelhos.

— Não! — repetiu ela, lutando por um pouco de ar.

— Não, o quê? Não encontre um ponto fraco, não o explore? — Ex-

perimentalmente, ele acariciou aquela pele sensível, tracejando com os dedos uma trilha em direção ao ponto mais quente dela, e depois para trás novamente. A respiração dela vinha em golpes ofegantes naquele instante, enquanto lutava para girar o corpo e rolar para o lado dele.

Parece que é tarde demais — murmurou ele. — Você quer o gozo

sem a intimidade? — Ele começou uma trilha de beijos lentos, com a boca aberta, até a base da garganta. Trabalhava com os quadris por cima dela enquanto o corpo dela trepidava como um fio desencapado, por baixo dele. — Você não precisa de um parceiro para isso. E esta noite você tem um. Pretendo lhe dar tanto prazer quanto obter.

— Não posso. — Ela se esfregava contra ele, empinava o corpo,

mas cada movimento frenético trazia novas e devastadoras sensações maravilhosas.

— Solte-se. — Ele estava louco para tê-la, mas a luta dela para segurar era um desafio, e o deixava enfurecido.

— Não posso.

— Eu vou fazer você se soltar, e vou observar o momento em que

isso acontecer. — Ele deslizou para cima dela novamente, sentindo cada tremor e cada frêmito, até que seu rosto estava junto do dela mais uma vez. Apertou a palma da mão com firmeza entre o pequeno monte que ficava entre as suas pernas.

— Seu canalha! — A respiração dela era sibilante. — Eu não

consigo.

— Mentira! — disse ele, com calma, e então fez deslizar um dos dedos para baixo, sobre ela, para dentro dela. O gemido dele se misturou com o dela quando ele encontrou o seu ponto mais apertado, quente e molhado. Colando o corpo no dela para ter mais controle, focalizou o seu rosto e viu a mudança do pânico para o choque, e a seguir a transformação do choque em um olhar vítreo e indefeso.

Ela se sentiu escorregando, lutou de volta, mas a força que a empurrava era forte demais. Alguém gritou quando ela caiu, e então seu corpo implodiu. Em um momento, a tensão era cruel, mas então uma lança de prazer a atravessou, aguda e quente. Ofuscada, desorientada, ela se sentiu ficar mole.

Ele enlouqueceu com aquilo.

Puxou-a para cima, na direção dele, de forma que ela estava quase de joelhos, ainda com a cabeça pesando em seu ombro.

— Mais uma vez — exigiu ele. Puxando-lhe a cabeça para trás, ele invadiu sua

boca com a dele. — Agora, mais uma vez.

— Sim. — A sensação estava ressurgindo depressa. Eram suas ne-

cessidades, como dentes que a apertavam por dentro. Livres, suas mãos deslizaram sobre ele, e seu corpo arqueou para trás de modo fluido e

205/393

solto, de modo que os lábios dele pudessem saborear onde e o que desejassem.

O clímax seguinte dela o fez estremecer por dentro como se fossem

garras. Com um som que parecia um grunhido, ele a empurrou para trás, colocou-a de costas, levantou-lhe os quadris bem para o alto, ajeitou-a e se lançou dentro dela. Ela o apertou como se fosse um punho quente e insaciável.

Suas unhas arranharam as costas dele, e seus quadris subiam e desciam enquanto ele dava constantes estocadas. Quando sentiu que as mãos dela escorregavam sem vida, pendendo dos ombros suados dele, finalmente ele se esvaziou por completo dentro dela.

CAPÍTULO ONZE

Ela não falou nada, por um longo tempo. Não havia nada realmente a dizer. Ela dera um passo inapropriado, com os olhos bem abertos. Se houvesse consequências, pagaria por elas.

Agora, precisava recolher toda a dignidade que conseguisse, para ir embora.

— Tenho que ir. — Com o rosto voltado para o lado, ela se sentou, pensando em como conseguiria encontrar suas roupas.

— Acho que não. — A voz de Roarke era preguiçosa, confiante, e

provocava raiva. No instante em que ela tentou sair da cama, ele agarrou seu braço, desequilibrou-a e a fez cair de costas na cama

novamente.

— Olhe, diversão é diversão.

— Claro que é. Mas eu não sei se qualificaria o que acabou de

acontecer aqui como diversão. Acho que foi muito intenso para isso. E

eu ainda não terminei com você, tenente. — Quando viu os olhos dela se apertarem, sorriu. — Bem, era isso o que eu queria que...

207/393

Ele perdeu a respiração e com ela as palavras quando o cotovelo

dela atingiu-lhe o estômago. Com um piscar de olhos, ela reverteu suas posições. O bem posicionado cotovelo estava agora lhe apertando a traquéia, perigosamente.

— Escute aqui, meu chapa, eu venho e vou, à hora que eu quiser;

portanto, verifique bem o seu ego.

Ele levantou as mãos pedindo paz, como se fossem bandeiras bran-

cas. O cotovelo dela se levantou alguns centímetros, e então ele se des-locou e pulou.

Ela era violenta, forte e esperta. Isso foi mais uma razão para, depois de uma briga suada, ela se sentir enfurecida ao se ver por baixo dele, mais uma vez.

— Atacar uma policial vai lhe custar de um a cinco anos, Roarke. E

vai ser em uma cela, não em uma casa de detenção com salas

acolchoadas.

— Você não está usando seu distintivo. Não está usando nada, por falar nisso. — Ele deu-lhe um pequeno beliscão no queixo. — Não se esqueça de colocar isso no relatório.

Pronto, foi-se a dignidade, ela decidiu.

— Não quero lutar com você. — Ficou satisfeita por sua voz estar saindo calma, até mesmo razoável. — Simplesmente preciso ir.

Ele se ajeitou por cima dela, e notou quando seus olhos se abriram e depois se

colocaram semicerrados quando ele a penetrou novamente.

— Não, não feche os olhos. —A voz dele era um sussurro rouco.

Então ela ficou olhando para ele, incapaz de resistir à nova onda de prazer. Ele mantinha o ritmo lento, agora, com estocadas longas e profundas que remexiam com a sua alma.

A respiração dela ficou mais acelerada, mais densa. Tudo o que

conseguia enxergar era o rosto dele, tudo o que conseguia sentir era aquele maravilhoso deslizar do corpo dele dentro do dela, a incansável

fricção de seu membro que lhe provocou um orgasmo que a fez es-

tremecer por dentro com uma sensação dourada.

Seus dedos se uniram aos dela, e seus lábios se curvaram sobre os dela. Eve sentiu o corpo sobre ela enrijecer, e um instante depois ele enterrou o rosto em seus cabelos. Depois ficaram imóveis, com os corpos ainda unidos, mas sem fazer movimento. Ele virou a cabeça e pousou um beijo em sua têmpora.

— Fique — pediu ele. — Por favor.

— Sim. — Ela fechou os olhos então. — Tudo bem eu fico.

Eles não dormiram. Não foi fadiga, e sim uma sensação de embaraço o que a atingiu no momento em que Eve entrou no chuveiro de Roarke, nas primeiras horas da manhã.

Ela não passava a noite com homens. Sempre tomara todo o cuid-

ado para manter sua vida sexual simples, direta e, claro, impessoal. No entanto, ali estava ela, na manhã seguinte, deixando-se ser golpeada pelos jatos fortes e quentes do chuveiro dele. Roarke havia conquistado e a seguir invadido partes de seu corpo que ela julgara inexpugnáveis.

Estava tentando se arrepender de tudo. Parecia-lhe importante que ela percebesse

e reconhecesse o seu erro e seguisse em frente. Mas era difícil se arrepender de algo que fizera com que seu corpo se sentisse tão vivo e real, mantendo os sonhos a distância.

— Você parece ótima assim toda molhada, tenente.

Eve virou a cabeça quando Roarke entrou por entre os jatos que vinham de todos os lados.

— Vou precisar de uma camisa emprestada.

— Vamos achar alguma. — Apertou um botão de controle na

parede azulejada e colocou a mão em concha sob um bico, para pegar um punhado de líquido claro e cremoso.

— O que você está fazendo?

— Lavando o seu cabelo — murmurou ele, e começou a espalhar

massagear a sua pouca quantidade de cabelo ensopado com xampu.

Vai ser gostoso sentir o cheiro do meu sabonete em você. — Ele

sorriu. — Você é uma mulher fascinante, Eve. Aqui estamos nós, molhados, nus, ambos quase mortos depois de uma noite memorável, e vo-cê continua me vendo com olhos muito frios e desconfiados.

— Você é um personagem que causa desconfiança, Roarke.

—Acho que isso é um elogio. — Abaixou a cabeça para morder o

lábio dela enquanto o vapor os envolvia, e o jato do chuveiro começou a martelar como se fosse o pulso de um coração. — Diga-me o que

quis dizer da primeira vez em que fizemos amor, quando você falou

“Eu não posso!”.

Ele colocou a cabeça dela para trás, e Eve fechou os olhos em sinal de defesa, enquanto a água fazia escorrer o resquício de xampu,

— Não me lembro de todas as coisas que falei.

— Lembra, sim. — De outro bico, ele bombeou um sabão liquido

verde que cheirava a floresta silvestre. Observando-a, ele esfregou o líquido sobre os ombros dela, depois pelas costas abaixo, e então em volta de sua cintura, voltando pela frente até alcançar e envolver os seios. — Você nunca tinha tido um orgasmo antes?

— Claro que já. — É verdade que ela sempre comparara o orgasmo

a um sutil espocar da rolha de uma garrafa de *stress,* e não uma violenta explosão que destruiu toda uma vida de contenção. — Você está querendo se exibir, Roarke.

— Estou? — Será que ela não sabia que aqueles olhos frios, aquela muralha de resistência que lutava por reconstruir em torno dela era um desafio irresistível? Obviamente não, ele decidiu. Apertando levemente seus mamilos escorregadios por causa do sabonete, ele sorriu quando a viu sugar a respiração. — Acho que vou me exibir de novo.

— Não tenho mais tempo para isso — disse ela depressa, e se viu

comprimida contra a parede azulejada. — Foi tudo um erro, para

começar. Tenho que ir.

— Não vai levar muito tempo. — Ele sentiu uma violenta explosão

de luxúria ao agarrá-la pelos quadris e suspendê-la. — Não foi um erro antes, não vai ser um erro agora. Preciso ter você, neste instante.

A respiração dele estava ficando mais acelerada. Deixava-o es-

pantado notar o quanto ainda era capaz de desejá-la. Ficava desconcertado por

ela ser tão cega e não notar o quanto ele estava se sentindo de-samparado, dominado pela necessidade que tinha dela. E o enfurecia saber que ela podia, simplesmente por existir, ser a causa dessa fraqueza.

— Segure-se em mim — ele exigiu, com a voz rouca e com um tom

de irritação. — Droga, agarre-se com força em mim.

Ela já estava agarrada. Ele a penetrou com tanta força que a deixou pregada na parede com a força de uma ereção que a preenchia a ponto de explodir. Seus gemidos frenéticos e indefesos ecoavam pelas

paredes. Ela queria odiá-lo por aquilo, por fazer dela uma vítima das próprias paixões reprimidas e agora desenfreadas. Mas se agarrou com força a ele, e deixou sua cabeça girar, tonta e sem controle.

Ele atingiu o clímax com violência e espalmou a mão sobre a

parede, mantendo o braço rígido para conseguir manter o equilíbrio, enquanto as pernas dela escorregavam lentamente para fora dos quadris dele. De repente ele parecia zangado, furioso por ela ter conseguido arrancar toda a sua capa de *finesse,* até o ponto em que ele não se sentiu mais do que um animal no cio.

— Vou lhe arranjar uma camisa — disse ele, bruscamente, e então

saiu, pegando uma toalha em uma prateleira e a deixando sozinha sob os jatos que pareciam vir em ondas.

Quando ela havia acabado de se vestir, franzindo os olhos por causa da sensação de seda pura sobre a pele, já havia uma bandeja de café na mesa da pequena área íntima do quarto.

As notícias da manhã eram despejadas em baixo volume, vindas da

tela, enquanto no canto inferior da tela corriam números e estimativas.

Cotações da Bolsa. O monitor, instalado em um console, estava aberto na primeira página de um dos jornais do dia. Não o *Times,* ou um dos tablóides de

Nova York, Eve notou. Parecia japonês.

— Você tem tempo para o café da manhã? — Roarke se sentou,

provando o café. Ele não estava conseguindo dar toda a atenção às notícias da manhã. Gostou de vê-la enquanto ela se vestia: o jeito com que suas mãos hesitaram ao vestir a camisa dele, para então encolher os ombros; o modo como seus dedos fecharam os botões

com rapidez; o rápido rebolar dos quadris enquanto entrava no

jeans.

— Não, obrigada. — Eve não estava certa de sua atitude naquele

momento. Ele havia transado loucamente com ela no chuveiro, até

fazê-la revirar os olhos; então saiu e voltou, reencarnado em seu papel de anfitrião cortês. Ela prendeu o cinturão com o coldre antes de atravessar a sala e aceitar o café puro que ele já lhe havia servido.

— Sabe, tenente, você usa sua arma do mesmo jeito que outras mulheres usam um colar de pérolas.

— Só que isso não é um acessório de moda.

— Você entendeu mal. Para algumas mulheres, joias são tão vitais quanto um membro do corpo. — Entortou a cabeça, para analisá-la

melhor. — A camisa é grande para você, mas ficou bem.

— Vou devolvê-la para você. — Eve ficou imaginando se alguma

coisa que usasse e que custasse mais do que uma semana do seu salário poderia não lhe ficar bem.

— Tenho muitas outras. — Ele se levantou, deixando-a novamente

nervosa ao traçar uma linha ao longo de seu queixo com a ponta do dedo. — Fui

grosso e rude, ainda há pouco. Sinto muito.

O pedido de desculpas, tão calmo e inesperado, a deixou

embaraçada.

— Esqueça. — Afastando-se, ela terminou de tomar o café e colo-

cou a xícara de lado.

— Não vou esquecer. Nem você. — Tomou-lhe a mão e a levou aos

lábios. Nada poderia tê-lo agradado mais do que o rápido ar de desconfiança em seu rosto. — Você não vai me esquecer, Eve. Vai pensar em mim, talvez não com carinho, mas vai pensar em mim.

— Estou no meio de uma investigação de assassinato. Você é parte dela. É claro que vou pensar em você.

Querida — começou ele, e notou, satisfeito, o jeito com que o uso da palavra carinhosa a fez franzir a testa —, você vai estar pensando no que poderei fazer *para* você. Infelizmente não vou poder fazer mais nada, a não ser ficar imaginando, por alguns dias.

Ela soltou a mão e pegou a bolsa, da maneira mais casual que

conseguiu.

— Vai a algum lugar, Roarke?

— Os trabalhos preliminares do projeto do *resort* requerem a minha atenção e a minha presença na Estação Espacial FreeStar One, para algumas reuniões com a diretoria. Vou ficar preso por lá, a várias centenas de milhares de quilômetros de distância, por alguns dias.

Uma emoção a atingiu, embora ela não estivesse pronta para admitir que fosse desapontamento.

— Sei, ouvi que você está coordenando os contratos para esse gi-

gantesco projeto de mordomia para os ricos entediados.

— Quando o *resort* ficar pronto — sorriu ele —, vou levá-la até lá.

Pode ser que você mude de opinião. Nesse meio tempo, gostaria de

contar com a sua discrição. Essas reuniões são confidenciais. Há ainda algumas pontas soltas para acertar, e não seria bom se meus concor-rentes descobrissem que nós estamos tão perto de dar início à construção. Muito poucas pessoas saberão que eu não vou estar em Nova York.

— E por que me contou? — Ela estava penteando os cabelos com

os dedos.

— Aparentemente, cheguei à conclusão de que você é uma peça-

chave. — Tão desconcertado pela afirmação quanto ela, Roarke a encaminhou até a porta. — Se precisar entrar em contato comigo, avise Summerset. Ele pode conectá-la comigo.

— O mordomo?

Roarke sorriu enquanto desciam as escadas.

— Sim, ele vai providenciar tudo. Devo ficar fora por cinco dias, no máximo uma semana. Quero vê-la novamente. — Parou e tomou o

rosto dela em suas mãos. — Preciso vê-la novamente.

A pulsação dela deu um salto, como se não tivesse nada a ver com o resto do seu corpo.

— Roarke, o que está acontecendo aqui?

— Tenente — ele se inclinou e tocou os lábios dela com os dele —, há indícios de que estamos tendo um romance. — E caiu na

gargalhada, beijando-a em seguida novamente, com força e urgência.

— Acho que se eu tivesse encostado uma arma na sua cabeça você não teria

ficado tão aterrorizada. Bem, há vários dias pela frente para você analisar esse assunto com cuidado, não é?

Eve tinha a sensação de que vários dias não iam ser suficientes.

Ao chegarem ao pé da escada, lá estava Summerset, com o rosto de pedra e o pescoço duro, segurando o casaco de Eve. Ela pegou o

casaco e olhou de relance para trás na direção de Roarke, enquanto levantava os ombros e dizia:

— Boa viagem!

— Obrigado. — Roarke colocou uma das mãos sobre o ombro dela

antes que ela começasse a caminhar em direção à porta. — Eve, tenha cuidado. — E, aborrecido consigo mesmo, deixou cair as mãos. —

Manterei contato.

— Certo. — Saiu apressada, e quando olhou para trás a porta já estava fechada. Assim que abriu a porta do carro, reparou em um

aparelho de recados eletrônicos que estava no banco do motorista.

Recolhendo-o, colocou-se atrás do volante. Enquanto dirigia em

direção ao portão, apertou o botão para ouvir a mensagem. Foi a voz de Roarke que saiu do aparelho.

— Não gosto da ideia de você tremer, a não ser que eu seja a causa disso. Permaneça aquecida.

Franzindo os olhos, ela enfiou o aparelho no bolso antes de ligar o aquecimento do carro. A onda forte de calor a fez dar um grito de surpresa.

Foi sorrindo por todo o caminho, até a Central de Polícia.

Eve se trancou em sua sala. Ainda faltavam duas horas para seu turno começar, e

ela pretendia usar cada minuto daquele tempo analisando os homicídios DeBlass-Starr. Quando o turno começasse oficialmente, suas tarefas iriam diversificar-se em outros casos, nos estágios mais variados, que também estavam sendo investigados.

Por uma questão de rotina, ela se conectou com o Centro Inter-

nacional de Pesquisas Criminalísticas, para que lhe fossem transmitidos todos os dados disponíveis até o momento, e pediu uma cópia impressa para rever mais tarde. As informações eram deprimentes, de tão reduzidas, e não acrescentavam nada de sólido ao caso.

Temos que voltar, pensou ela, aos jogos de dedução. Sobre a mesa ela colocara fotos das vítimas. Já conhecia intimamente aquelas duas mulheres. Talvez agora, depois da noite que passara com Roarke, ela conseguisse compreender melhor o que as havia impulsionado.

Sexo era uma ferramenta poderosa para você usar contra alguém, ou para alguém usar contra você. Aquelas duas mulheres quiseram utilizar o sexo com destreza, e controlá-lo. Por fim, foi isso que as matou.

Uma bala no cérebro tinha sido a causa oficial das mortes, mas Eve via o sexo como o gatilho.

Era a única conexão que havia entre as duas, e a única coisa que as ligava ao assassino.

Pensativa, pegou no revólver calibre 38. Ele já parecia familiar em sua mão. Agora, ela sabia exatamente qual era a sensação no momento em que ele era disparado, a forma com que o impacto violento subia em ondas pelo braço. O som que fazia quando o dispositivo mecânico e as leis da física faziam a bala sair voando.

Ainda segurando a arma, colocou para reproduzir o disco que havia confiscado e viu a morte de Sharon DeBlass mais uma vez.

O que você sentiu, seu canalha? Ela se perguntou. O que sentiu ao apertar o gatilho e enviar aquele projétil de chumbo para dentro dela, quando o sangue

espirrou para todo lado, quando os olhos dela reviraram, mortos?

— que você sentiu?

Com os olhos apertados, recolocou o disco. Já estava quase imune ao horror de tudo aquilo. Havia, ela notou, uma trepidação quase imperceptível na imagem, como se ele tivesse esbarrado na câmera.

Você sentiu o golpe no braço?, perguntava a si mesma. Isso deixou você chocado, a maneira com que o corpo dela voou para trás, a distância enorme até onde seu sangue respingou?

Será que era por isso que ela podia ouvir o fraco sugar da respiração dele, e sua lenta expiração, antes de a imagem mudar?

O que você sentiu?, perguntou ela de novo. Náusea, prazer, ou satisfação pura e fria?

Ela chegou mais perto do monitor. Sharon já estava cuidadosamente arrumada e toda a cena preparada enquanto a câmera a filmava com objetividade e, também, decidiu Eve, com frieza.

Então por que o esbarrão? Por que o suspiro curto na hora do

disparo?

E a nota. Pegou o plástico selado e o leu mais uma vez. Como é que você sabia que ficaria satisfeito para parar na sexta vítima? Você já as escolheu? Já as selecionou?

Sem ficar satisfeita, ejetou o disco, guardou-o no lugar, junto com o 38. Colocou o disco de Lola Starr, pegou na segunda arma e repetiu to-do o processo.

Não houve sobressalto no disparo, desta vez. Não houve um sugar

súbito de respiração. Tudo ocorreu de modo estável, preciso, exato.

Desta vez ele já sabia, pensou Eve, o que ia sentir, como o corpo dela reagiria,

qual seria o cheiro do sangue.

Mas você não a conhecia. Ou ela não conhecia você. Em sua agenda você estava marcado apenas como John Smith, um novo cliente.

Como foi que a escolheu? E como vai escolher a próxima?

Pouco antes das nove, quando Feeney bateu na porta, ela estava

estudando um mapa de Manhattan. Ele parou bem atrás dela,

debruçou-se sobre seus ombros e exalou um hálito de hortelã.

— Está pensando em se mudar?

— Não, estou estudando Geografia. Aumente a imagem em cinco

por cento — ela ordenou ao computador. A imagem se ajustou. —

Primeiro assassinato, segundo assassinato — disse, apontando com a cabeça para os pequenos pontos vermelhos na Broadway e no lado

oeste do Village. E aqui é a minha casa. — Havia um ponto verde puls-ando junto da Nona Avenida.

— Sua casa?

Ele sabe onde eu moro. Esteve lá duas vezes. Estes são os lugares onde podemos colocá-lo. Estava com a esperança de conseguir delimit-ar uma área, mas ele se espalha para onde quer, e faz o mesmo com a segurança. — Permitindo-se emitir um pequeno suspiro, ela se recostou na cadeira. — Três sistemas diferentes de segurança. O de Lola Starr era quase inexistente. Porteiro eletrônico, que não funcionava.

Segundo outros moradores, já estava quebrado há duas semanas. O de Sharon DeBlass era sofisticado. Chave com código para entrar, placa para impressão da mão, segurança completa em todo o prédio, com áudio e vídeo. Teve que ser violada no local. O pulo no tempo da

gravação ocorreu apenas em um dos elevadores, e no corredor da ví-

tima. A segurança do meu edifício não é tão moderna. Até eu podia violar a entrada, qualquer arrombador decente também poderia. Só que eu tenho uma fechadura especial da polícia na porta, Sistema Cinco Mil. Você tem que ser realmente um profissional para invadir, sem precisar do código mestre.

Batendo com as pontas dos dedos na mesa, ela olhou para o mapa

com cara feia, e continuou:

— Ele é um especialista em sistemas de segurança e conhece as

suas armas... armas antigas, Feeney. Está enturmado com o departamento de procedimentos da polícia, o suficiente para conseguir me indicar como investigadora principal poucas horas depois do primeiro crime. Não deixa impressões digitais nem fluidos corpóreos. Nem sequer uma droga de um pêlo pubiano. O que tudo isso significa para você?

Feeney sugou o ar através dos dentes e se balançou para a frente e para trás sobre os calcanhares.

— Acho que é tira. Ou militar. Talvez paramilitar, ou da segurança do governo. Pode ser alguém que tenha como *hobby* brincar com sistemas de segurança. Existe um monte por aí. Possivelmente um criminoso profissional, mais isso é improvável.

— Por que improvável?

— Se o cara anda ganhando a vida cometendo crimes, por que um

assassinato? Não houve lucro algum em nenhuma dessas duas mortes.

— Tudo bem, então ele pode estar de férias — disse Eve, mas sem

conseguir convencer nem a si mesma.

— Talvez. Levantei todos os criminosos sexuais conhecidos, cruzei os dados no

CIPC. Não apareceu ninguém que se encaixe nesse *modus operandi.* Você já viu o relatório? — perguntou ele, apontando para a tela do CIPC.

— Não. Por quê?

— Eu já vasculhei, agora de manhã. Você ficaria surpresa de saber que aconteceram quase cem ataques com armas de fogo no ano passado, em todo o país. E outros tantos casos acidentais, também. — Ele levantou os ombros. — Tinha de tudo. Armas contrabandeadas, caseiras, do mercado negro, de colecionadores.

— Mas nada que se encaixe no nosso perfil.

— Não. — Ele mexeu a boca, contemplativo. — Havia pervertidos,

também, embora seja mais difícil rastrear os dados. Tem um que é o meu favorito. Um sujeito de Detroit que matou quatro, antes de ser achado. Gostava de fisgar mulheres com o coração solitário e ia até a casa delas. Ao chegar lá, dava um sonífero para a vítima, tirava toda a roupa dela e lhe cobria o corpo inteiro, dos pés à cabeça, com tinta vermelha que brilha no escuro.

— Esquisito.

— Letal. A pele tem que respirar. Assim, ela começava a sufocar, e enquanto a pobre se asfixiava em direção à morte, ele brincava com

ela. Mas não transava, não. Não havia esperma, nem penetração. Ele ficava só alisando o corpo dela com as mãozinhas sedentas.

— Cristo, isso é doença!

— É... Bem, enfim. De repente ele ficou um pouco apressado com

uma delas e começou a esfregá-la antes que a tinta secasse por completo. Aí, já viu, um pouco da tinta saiu, e ela começou a acordar e se mexer. Ele entrou em pânico e fugiu. Então, nossa garota nua, quase toda coberta de tinta, ainda zonza por causa do tranqüilizante, mas muito revoltada, saiu correndo pela rua e começou a gritar. A polícia chegou e a encontrou bem depressa, porque ela

brilhava mais que um anúncio luminoso. Começaram então a dar uma busca padrão. Encontraram o nosso rapaz a apenas alguns quarteirões dali, e o pegaram com a mão na massa, porque ele estava com a mão vermelha por ter passado...

— Já sei, não me diga.

— Por ter passado a mão na moça — Feeney completou, com um

sorriso cruel. — Vamos lá, reconheça, essa foi boa... Mão na massa, mão na moça... — Quando Dallas simplesmente rolou os olhos para

cima, Feeney decidiu que os amigos da sua seção iam apreciar a

história e o trocadilho muito mais do que ela. — Enfim, Eve, a gente talvez tenha um pervertido nas mãos. Vou dar uma olhada nos arquivos dos tarados e das profissionais. Talvez a gente tenha sorte. Prefiro essa ideia a achar que foi um policial.

— Eu também. — Com os lábios apertados, Eve girou a cabeça

para olhar para ele. — Feeney, você possui uma coleção pequena, conhece um pouco sobre armas de fogo antigas.

Ele levantou as mãos e depois juntou os pulsos.

— Eu confesso. Pode me prender.

Ela quase riu.

— Conhece algum outro policial que colecione armas?

— Claro, alguns. É um *hobby* meio caro, mas a maioria dos que eu conheço coleciona réplicas. E por falar em coisas caras — acrescentou ele, passando o dedo na manga da camisa de Eve —, bonita roupa, essa sua. Teve algum aumento?

— É emprestada — respondeu baixinho, e ficou surpresa ao notar

que precisou se controlar para não ficar vermelha. — Verifique esses

colecionadores para mim, Feeney. Aqueles que têm armas genuínas.

— Ahn, Dallas... — Seu sorriso desapareceu quando Feeney pensou

na perspectiva de ter que investigar os próprios colegas. — Detesto fazer isso.

— Eu também. Verifique-os, mesmo assim. Por enquanto, só os que

trabalham aqui na cidade.

— Certo. — Ele soltou um suspiro, perguntando-se se ela com-

preendia que o seu próprio nome teria que aparecer na lista. — Que porcaria de maneira de começar o dia. Agora, tenho um presente para você, garota. Havia um memorando em cima da minha mesa quando

eu cheguei. O Secretário de Segurança está a caminho da sala do nosso comandante. Quer ver nós dois.

— Ah, dane-se!

— Vou para lá em cinco minutos — disse Feeney, olhando para o

relógio. — Talvez seja melhor você colocar uma suéter ou algo assim por cima dessa roupa, senão o Simpson vai dar uma olhada em você e chegar à conclusão de que o nosso salário está alto demais.

— Ah, dane-se você, também.

O Secretário Edward Simpson era uma figura imponente. Com mais de um metro e oitenta e todo arrumado, gostava de usar ternos escuros e gravatas de cores berrantes. Seus cabelos castanhos, ondulados, exi-biam alguns fios brancos.

Era um fato bem conhecido por todo o Departamento que alguns

detalhes especiais foram acrescentados pelo seu esteticista pessoal.

Seus olhos eram de um azul-claro, quase metálico, uma cor que, segundo

pesquisas, inspirava a confiança dos eleitores. Todos sabiam que ele raramente demonstrava algum humor, e a sua boca parecia uma vírgula fina que mostrava comando. Olhando para ele, qualquer um via uma imagem de poder e autoridade.

Era decepcionante saber o quanto ele usava ambos para alcançar

pontos no intoxicante jogo da política.

Ele se sentou, unindo as mãos em um V invertido. Eram mãos ma-

cias, que rebrilhavam com um trio de anéis de ouro. Sua voz, quando ele abriu a boca, tinha a ressonância e a impostação da fala de um ator.

— Comandante, capitão, tenente... Nós temos aqui uma situação

muito delicada.

Tinha também o senso de tempo de um ator. Fez uma pausa e deix-

ou aqueles olhos duros e azuis olharem demoradamente para cada um dos rostos.

— Todos vocês sabem o quanto a mídia aprecia o sensacionalismo

— continuou ele. — Nossa cidade conseguiu, durante os cinco anos sob a minha jurisdição, diminuir a taxa de criminalidade em cinco por cento. Isso dá uma média de um por cento ao ano. Entretanto, diante dos recentes eventos, não é este avanço que será alardeado pela imprensa. Já há manchetes a respeito desses dois assassinatos. Matérias que questionam a investigação e exigem respostas.

Whitney, que detestava Simpson até a raiz dos cabelos, respondeu com calma.

— Faltam detalhes às histórias, secretário. O Código Cinco no caso DeBlass torna impossível que cooperemos com a imprensa ou

forneçamos notícias.

— Por não fornecermos notícias — respondeu Simpson de volta —,

estamos permitindo que eles especulem. Vou fazer uma declaração oficial esta tarde. — Ele levantou a mão quando Whitney começou a prot-estar. — É necessário oferecer ao público algo palpável, para fazê-lo ter confiança de que o Departamento está com o problema sob controle. Mesmo não sendo o caso. — Seus olhos se focaram em Eve. —

Como principal investigadora, tenente, você também participará da entrevista coletiva. Meu gabinete está preparando uma declaração para você fazer.

— Com todo o respeito, Secretário Sirnpson, não posso divulgar

para a imprensa nenhum detalhe do caso que possa prejudicar as

investigações.

— Tenente, eu tenho trinta anos de experiência. — Ele puxou um

fiapo de linha grudado na manga do paletó. — Acho que sei conduzir uma entrevista coletiva. Em segundo lugar — continuou, dispensando-a ao desviar o olhar de volta para o Comandante Whitney —, é fundamental que as ligações que a mídia anda fazendo entre os crimes

DeBlass e Starr sejam quebradas. O Departamento não pode ser re-

sponsável por provocar algum embaraço pessoal ao Senador DeBlass, ou causar danos à sua posição, ao colocar os dois casos no mesmo nível.

— O assassino já fez isso por nós — disse Eve, por entre os dentes.

Simpson dignou-se olhar para ela mais uma vez.

— Oficialmente, tenente, não existe conexão alguma. Se alguém lhe perguntar se há alguma ligação, negue.

Se alguém lhe perguntar — corrigiu Eve —, minta.

— Guarde a ética pessoal para você mesma. Isto é realidade. A

brisa de um escândalo que começa aqui e reverbera em Washington

acaba voltando para nós como um vendaval. Sharon DeBlass está

morta há mais de uma semana, e você não achou nada até agora.

— Temos a arma — discordou ela. — Temos um motivo possível,

como chantagem, e uma lista de suspeitos.

— Sou o Secretário de Segurança do Estado, tenente. — Seu rosto

ficou vermelho, e ele se levantou da cadeira. — A bagunça que vocês fizerem sou eu que vou ter de consertar. Já está na hora de parar de escavar a lama e fechar o caso.

— Senhor — Feeney deu um passo à frente —, a Tenente Dallas e

eu...

— ...Podem estar no Setor de Controle de Tráfego em um estalar de dedos. — Simpson completou.

— Não ameace meus policiais, Simpson. — Com os punhos cerra-

dos, Whitney se colocou de pé. — Você faz o seu jogo, sorri para as câmeras, e baba ovo em Washington, mas não venha invadir a minha praia e ameaçar o meu pessoal. Eles estão no caso e vão continuar. Se quiser mudar isso, terá que passar por cima de mim.

O vermelho do rosto de Simpson virou roxo. Fascinada, Eve obser-

vou uma veia latejar em sua têmpora.

— Se o seu pessoal apertar algum botão errado, é a sua bunda que vai estar na reta, Whitney. Por enquanto, estou com o Senador DeBlass sob controle, mas ele não está satisfeito de ver a investigadora do caso ir correndo pressionar a nora dele, invadindo a privacidade do seu luto para lhe fazer perguntas embaraçosas e irrelevantes. O Senador

DeBlass e sua família são vítimas, e não suspeitos, e lhes devem ser concedidos respeito e dignidade, durante a investigação.

— Pois eu tratei Elizabeth Barrister e Richard DeBlass com respeito e dignidade.
— Deliberadamente, Eve mostrou indignação. — Nosso

encontro aconteceu com o consentimento deles, e total cooperação.

Não fui informada de que receber permissão do senhor ou do senador para conduzir meu trabalho conforme achasse necessário era uma condição para esse caso. — E eu não vou tolerar a imprensa especulando e

insinuando que este Departamento perturba pais de luto, ou querendo saber por que a investigadora principal resistiu a uma ordem para se submeter aos testes de praxe, após eliminar um criminoso.

— Os testes da Tenente Dallas foram adiados por ordem minha —

disse Whitney, com fúria quase incontrolável. — E com a sua

aprovação!

— Estou ciente disso. — Simpson girou a cabeça. — Estou apenas

falando das especulações da imprensa. Vamos estar, todos nós, sendo analisados por um microscópio, até que esse assassino seja preso. Os procedimentos da Tenente Dallas e todos os seus atos serão vasculha-dos, e serão dissecados pela opinião pública.

— Meus procedimentos aguentam isso.

— E os seus atos? — perguntou Simpson, com um sorriso leve. —

Como vai conseguir justificar o fato de que está prejudicando o caso e a sua posição nele, ao embarcar em uma relação pessoal com um suspeito? E qual você acha que deverá ser a minha posição oficial quando vier à tona que você passou a noite com esse suspeito?

O controle a manteve no lugar, fez seus olhos ficarem vazios e sua voz firme.

— Tenho certeza de que o senhor colocaria a corda no meu pescoço para se

livrar, Senhor Secretário.

— Sem hesitar — concordou ele. — Esteja na Prefeitura. Meio-dia.

Em ponto.

Quando a porta se fechou atrás dele, o Comandante Whitney se sentou novamente, comentando:

— Cagão, filho da mãe! —A seguir os seus olhos, afiados como

navalhas, se viraram para Eve. — E você, que merda é essa que anda fazendo?

Eve aceitou — foi forçada a aceitar — que a sua privacidade não

tinha mais importância.

— Passei a noite com Roarke. Foi uma decisão pessoal, e fora do

horário de trabalho. Na minha opinião profissional, como investigadora principal, ele foi eliminado como suspeito. Não nego que o meu comportamento foi desaconselhável.

— Desaconselhável? — Whitney explodiu. — Por que não tenta

defini-lo como burro? Ou como uma tentativa de suicídio para sua carreira? Mas que droga, Dallas, será que você não consegue segurar seus hormônios? Não esperava isso de você.

Nem ela esperava isso de si mesma.

— Isso não afeta a investigação, ou minha capacidade de continuar nela. Se o senhor pensa diferente, está errado. Se me tirar do caso, vai ter que levar meu distintivo também.

Whitney ficou olhando fixamente para ela por mais um instante e

então xingou de novo.

— Certifique-se, Dallas, com absoluta firmeza, de que Roarke está realmente fora dessa lista pequena de suspeitos. Obtenha certeza total disso, ou então faça uma autuação contra ele em trinta e seis horas. E

depois faça a si própria uma pergunta especial.

— Já me fiz essa pergunta — ela interrompeu, sentindo um alívio

inesperado que só ela conhecia ao ver que ele não exigiu o seu distintivo, por mais algum tempo. — Como é que Simpson soube onde eu passei a noite? Estou sendo seguida e monitorada. A outra pergunta é o porquê disso. Será por ordem de Simpson ou de DeBlass? Ou será que alguém deixou vazar essa informação para Simpson a fim de atingir a minha credibilidade e, por conseguinte, a investigação?

— Espero que você descubra. — Ele apontou a porta com o poleg-

ar. —Agora tente se segurar na coletiva com a imprensa, Dallas.

Eles não tinham dado nem três passos pelo corredor quando Feeney entrou em erupção.

— Mas que diabos você está fazendo, Dallas? Meu Deus!

— Não foi nada planejado, certo? — Apertou o botão do elevador

com força e enfiou as mãos nos bolsos. — E veja se não me enche!

— Mas ele está na nossa lista, que já é curta. É uma das últimas pessoas, pelo que sabemos, que viu Sharon DeBlass viva. Tem mais dinheiro do que Deus, e pode comprar qualquer coisa, inclusive

imunidade.

— Ele não se encaixa nesse perfil. — Entrou ventando no elevador e berrou o número do seu andar. — Eu sei o que estou fazendo.

— Sabe, nada! Em todos esses anos que conheço você, nunca a vi

ter sequer uma quedinha por um cara suspeito. De repente, leva um tombo completo e trepa com um.

— Foi só sexo. Nem todos nós temos uma vida boa e confortável,

com um parceiro bom e agradável. Eu queria que alguém me tocasse, e ele estava a fim. Não é da sua conta com quem eu durmo.

Ele a agarrou pelo braço antes que ela pudesse sair do elevador, porta afora.

— Pare com isso! Eu me preocupo com você!

Eve lutou para controlar a raiva por estar sendo questionada, por estar sendo testada, por ter seus momentos mais íntimos invadidos.

Virou-se e abaixou a voz, para que as pessoas que estavam passando pelo corredor não os escutassem.

— Eu sou uma boa policial, Feeney?

— É a melhor com quem já trabalhei. É por isso que eu...

— O que é que determina um bom policial? — Ela levantou a mão.

— Cérebro, coragem, paciência, sangue-frio, instinto. — Ele

suspirou.

— Meu cérebro, minha experiência e meus instintos me dizem que

não foi Roarke. Todas as vezes que me viro para apontar para ele, bato em uma parede. Não foi ele. Tenho a paciência, também, Feeney, e o sangue-frio para manter minha posição até descobrirmos quem foi.

— E se você estiver errada dessa vez, Dallas? — Os olhos dele

grudaram nos dela.

— Se eu estiver errada, eles não vão nem precisar pedir o meu distintivo de

volta. — Ela teve que inspirar profundamente para se acalmar. — Feeney, se eu estiver errada a respeito disso, a respeito dele, então estou acabada. Acabada de vez. Porque, se eu não sou uma boa policial, eu não sou nada.

— Nossa, Dallas, não...

— Pesquise aquela lista de policiais para mim, está bem? — Ela

balançou a cabeça. — Tenho que dar alguns telefonemas.

CAPÍTULO DOZE

Entrevistas coletivas deixavam Eve com um gosto amargo na boca.

Estava em pé na escadaria da Prefeitura da cidade, sobre um pa-

lanque armado por Simpson, que estava com a sua gravata patriót-

ica e o alfinete de ouro com o símbolo da campanha “Eu Amo

Nova York” pregado na lapela. Com seu jeito de irmão mais velho da cidade, sua voz se elevava e abaixava enquanto lia a

declaração.

Uma declaração, Eve pensou com desgosto, cheia de mentiras,

meias-verdades e um monte de elogios a si mesmo. De acordo com

Simpson, ele não sossegaria até que o assassino da jovem Lola Starr fosse levado aos tribunais.

Quando questionado sobre se havia alguma ligação entre o caso

Lola Starr e a morte misteriosa da neta do Senador DeBlass, negou com segurança.

Não era o seu primeiro erro, Eve pensou, aborrecida, e

certamente não seria o último.

As palavras mal haviam saído de sua boca, quando ele foi interpelado aos gritos pela competente repórter do Canal 75, Nadine Furst.

— Secretário Simpson, eu possuo informações que mostram que o homicídio de Lola Starr está ligado ao caso DeBlass, e não só pelo fato de as duas mulheres terem a mesma profissão.

— Ora, Nadine. — Simpson exibiu o seu sorriso paciente de no boa-praça. — Todos nós aqui sabemos que algumas informações são frequentemente passadas a você e aos seus colegas, muitas vezes de forma inexata. Foi por isso que eu criei o CVD, Centro de Verificação de Dados, logo no primeiro ano de meu mandato como Secretário de Segurança. É só verificar no CVD que você vai obter dados precisos.

Eve conseguiu segurar um sorriso irônico, mas Nadine, com seus astutos olhos de gata e cérebro rápido, não se intimidou.

— Minha fonte assegura que a morte de Sharon DeBlass não foi um acidente, como afirma o CVD, e sim assassinato. Tanto Sharon DeBlass quanto Lola Starr foram mortas pelo mesmo método, e pelo mesmo homem.

Essa declaração causou furor no mar de repórteres, uma

saraivada de perguntas e exigências que fizeram Simpson começar

a suar por baixo da camisa bordada com monograma.

— O Departamento mantém sua posição de que não há ligação

entre esses dois lamentáveis incidentes — berrou Simpson, mas

Eve notou pequenos sinais de pânico cintilarem em seus olhos. —

Meu gabinete apoia totalmente os investigadores.

Todos os olhares agitados se voltaram na mesma hora para Eve, e

ela soube, naquele instante, que estava na hora de ser atirada aos lobos de corpo inteiro.

— A Tenente Dallas — completou o secretário —, uma

policial veterana com mais de dez anos de experiência na Força, está encarregada do caso Lola Starr. Ficará feliz em responder às suas perguntas.

Presa na armadilha, Eve deu um passo à frente, enquanto

Simpson se abaixava para ouvir de um assessor com cara de fuinha um conselho rápido ao pé do ouvido.

As perguntas choveram sobre ela, e Eve ficou aguardando,

filtrando cada uma delas, até encontrar uma que pudesse responder.

— Como Lola Starr foi assassinada?

— A fim de proteger a credibilidade das investigações, não es-

tou autorizada a divulgar o método usado. — Ela aguentou os

gritos, xingando Simpson por dentro. — Posso apenas afirmar que

Lola Starr, uma acompanhante autorizada com dezoito anos de idade, foi assassinada, com violência e premeditação. As provas mostram que foi morta por um cliente.

Aquilo os acalmou por algum tempo, Eve notou. Vários repórteres se conectaram com suas bases para passar a informação.

— Foi um crime sexual? — gritou alguém, e Eve levantou uma sobrancelha.

— Acabei de afirmar que a vítima era uma prostituta e que foi morta por um cliente. Junte os dados.

— E Sharon DeBlass também foi morta por uma cliente? — quis saber Nadine. Eve se virou e manteve os olhos fixos no rosto felino da repórter.

— O Departamento não divulgou nenhuma nota afirmando que Sharon DeBlass foi assassinada.

— Minhas fontes afirmam que a senhorita é a investigadora principal dos dois casos. Esta informação é correta?

Terreno com areia movediça. Eve entrou nele.

— Sim. Sou a investigadora principal em vários casos que estão em aberto.

— Por que razão eles designariam uma investigadora quali-

ficada e veterana, com dez anos de serviços, para um caso de morte acidental?

— Quer que eu defina a palavra burocracia? — Eve sorriu.

Isso arrancou alguns risos do grupo, mas não tirou Nadine da

trilha.

— O caso DeBlass ainda está em aberto?

Qualquer resposta poderia virar um ninho de marimbondos.

Eve optou pela verdade.

— Sim, e vai permanecer em aberto até que eu, como invest-

igadora principal, esteja satisfeita com os resultados. Entretanto

— continuou ela, fazendo a voz abafar os gritos —, não darei

mais ênfase à morte de Sharon DeBlass do que a qualquer outra, incluindo Lola Starr. Qualquer caso que caia em minhas mãos é tratado igualmente, independente da posição familiar ou social da vítima.

Lola Starr era uma jovem de família simples. Não tinha *status* social, nem influência política, ou amigos importantes. Agora, depois de chegar a Nova York há poucos meses, está morta. Assassinada.

Merece o melhor que eu puder lhe dar, e é isso que vai obter.

Eve deu uma olhada panorâmica na multidão e fixou o olhar

em Nadine.

— Você quer uma história, Senhorita Furst. Eu quero um

assassino. No meu modo de ver, o que eu quero é mais importante

do que o que a senhorita quer, então isso é tudo o que eu tenho a dizer.

Eve girou nos calcanhares, lançou um olhar fulminante para

Simpson e foi embora. Ainda podia ouvir quando ele lutava com

outras perguntas enquanto ela se dirigia para o carro.

232/393

— Dallas! — Nadine, usando sapatos de salto baixo para criar

estilo e dar mais agilidade, saiu correndo atrás dela.

— Já disse que terminei. Pergunte ao Simpson.

— Olhe, se eu quiser ficar patinhando nessa lengalenga, posso ir pegar material no CVD. Aquela foi uma declaração muito

apaixonada, Dallas. Não me pareceu algo escrito pelo assessor de discursos do Secretário Simpson.

— Gosto de falar por mim mesma. — Eve chegou ao carro e

começou a abrir a porta quando Nadine tocou-lhe o ombro.

— Você gosta de jogar limpo — disse Nadine. — Eu também. Es-

cute, Dallas, nós duas ternos métodos diferentes, mas os objetivos são os mesmos. — Satisfeita por ter conseguido captar a atenção

de Eve, sorriu. Quando seus lábios se curvaram, o rosto formou um triângulo perfeito, dominado por oblíquos olhos verdes.

Não vou apelar para aquela velha ladainha de que a opinião

pública tem o direito de saber.

— Ainda bem, porque ia perder seu tempo.

— O que vou lhe dizer é que temos duas mulheres mortas no inter-

valo de uma semana. Minhas informações e meu instinto me

dizem que ambas foram assassinadas. Não acredito que você vá me

confirmar isso.

— Acertou.

— O que eu proponho é um acordo. Você me diz se eu estou na

pista certa, e eu seguro qualquer informação que possa estragar a sua investigação. Quando tiver algo sólido e estiver pronta para atacar, você me dá um aviso. E eu consigo imagens exclusivas da prisão,

ao vivo.

Achando aquilo quase divertido, Eve se encostou ao carro.

— E o que você vai me dar em troca de tudo isso, Nadine? Um

aperto de mão e um sorriso?

— Em troca, vou lhe passar tudo o que a minha fonte já me

trouxe. Tudinho.

— Inclusive o nome da fonte? — Naquele momento, Eve ficou

interessada.

— Não poderia fazer isso, mesmo que quisesse. O caso é que eu

também não sei. O que eu tenho, Dallas, é um disco, que foi

entregue no estúdio, aos meus cuidados. Nesse disco estão cópi-

as de todos os seus relatórios, incluindo as autópsias das duas vítimas, e dois vídeos horrendos de duas mulheres sendo mortas.

• Aqui, ó!... — Se você tivesse metade do material que está

me dizendo, já teria colocado no ar em um piscar de olhos.

— Pensei nisso — Nadine admitiu. — Mas esse caso é mais do que apenas uma questão de pontos no ibope. Muito mais. Quero uma história completa, Dallas, uma bem grande, que possa me garantir um Pulitzer, um Prêmio Internacional de Imprensa e algumas outras distinções.

Os olhos dela mudaram, e ficaram mais sombrios. Não estava mais sorrindo quando continuou.

— Acima de tudo, eu vi o que alguém fez com aquelas mulheres. Talvez a história tenha mais importância, mas isso não é tudo. Tentei encostar Simpson na parede, e tentei colocar você também. Gostei do jeito com que você escapou. Pode fazer esse acordo comigo, ou eu posso continuar por conta própria. A escolha é sua.

Eve esperou um pouco. Uma frota de táxis passou ao largo, e também um maxiônibus, com o motor elétrico zumbindo.

— Combinado, Nadine. — Antes que os olhos da repórter pudessem se acender de triunfo, Eve se virou para ela. — Se você me trapacear, Nadine, se pensar, sequer, em me aprontar alguma, pode preparar o enterro.

— Parece justo.

— Encontre-me no Esquilo Azul, então, em vinte minutos.

A multidão da tarde no clube estava entediada demais para algo além de simplesmente curtir seus drinques. Eve conseguiu uma mesa de canto, pediu uma Pepsi Classic e uma macarronada com molho vegetariano. Nadine se sentou em frente a ela. Escolheu o especial de frango acompanhado de batatas fritas sem óleo. Uma indicação, Eve pensou com tristeza, da imensa diferença de salário entre uma policial e uma repórter.

— O que você conseguiu? — quis saber Eve.

— Uma imagem vale mais do que centenas de milhares de palavras. — Nadine tirou um computador de mão de dentro da bolsa. Uma bolsa vermelha, de couro, Eve notou com inveja. Ela tinha uma fraqueza por couro e cores vivas, fraqueza que raramente tinha condições de satisfazer.

Nadine colocou o disco e entregou o pequeno computador para Eve. Não adiantava muito soltar palavrões, decidiu Eve enquanto via seus próprios relatórios desfilando pela tela. Pensativa, deixou o disco rodando até chegar aos dados confidenciais de Código Cinco, os relatórios médicos oficiais, as descobertas do Instituto Médico Legal. Parou quando os vídeos começaram a aparecer. Não havia necessidade de ela olhar mortes enquanto comia.

— Está tudo aí, certinho? — perguntou Nadine, quando Eve

devolveu o computador.

— Está.

— Então, o cara é alguém que é ligado em armas antigas, espe-

cialista em sistemas de segurança e usa os serviços de prostitutas. —

As provas apontam para esse perfil.

— E até que ponto você já conseguiu diminuir a lista de suspeitos?

— Obviamente, não consegui muito.

Nadine esperou enquanto seu prato era servido, antes de falar.

— Deve estar havendo um bocado de pressão política em cima de

você, por parte do Senador DeBlass.

— Não faço esse jogo político.

— O seu chefe faz. — Nadine deu uma garfada no frango. Eve

deu um sorriso forçado ao ver a repórter franzir os olhos. — Meu Deus, isso é terrível. — Filosoficamente, começou a comer as

batatas fritas. — Não é segredo para ninguém que o Senador

DeBlass é o principal nome para a indicação do Partido Conser-

vador, neste verão. Nem que o idiota do Simpson está sonhando

em ser governador. Pelo que eu vi no *show* de ainda há pouco, parece que eles estão querendo abafar tudo.

— Até agora, oficialmente, não há nenhuma ligação entre os

dois casos. Mas eu estava sendo sincera quando falei em igualdade, Nadine. Não me importa quem é o vovô de Sharon DeBlass. Vou

descobrir quem a matou.

— E quando descobrir, ele vai ser acusado dos dois assassinatos, ou só da morte de Lola Starr?

— Isso vai depender do promotor. Pessoalmente, eu não ligo a mínima, desde que o veja executado.

— É esta a diferença entre nós duas, Dallas. — Nadine bal-

ançou uma batata frita com o garfo e acabou colocando-a na boca.

— Eu quero tudo. Quando você o agarrar e eu soltar toda a história, o promotor não vai ter escolha. Os estilhaços vão deixar DeBlass ocupado durante meses.

— Agora, quem é que está fazendo jogo político?

— Ei, eu só faço a reportagem, não planejo a história. —

Nadine levantou os ombros. — E esta aqui tem de tudo: sexo,

violência e dinheiro. Ainda por cima, ter um nome como o

de Roarke envolvido vai levantar o ibope até as nuvens.

Muito lentamente, Eve engoliu o macarrão e disse:

— Não há provas ligando Roarke aos crimes.

— Ele conhecia Sharon DeBlass, é amigo da família. Puxa,

ele é o dono do prédio em que ela foi morta. Tem uma das

maiores coleções de armas do mundo, e dizem que tem ótima

pontaria.

— Só que não conseguimos rastrear nenhuma das armas dos crimes até ele. E ele não tinha ligação com Lola Starr.

— Pode ser que não; mas, mesmo como personagem secundário, Roarke é sempre manchete. E também não é segredo de estado que ele e o senador andaram se desentendendo no passado. O cara tem gelo nas veias — acrescentou, encolhendo os ombros. — Não acho que fosse ter algum problema em se ligar a dois assassinatos a sangue-frio. No entanto... — Ela fez uma pausa para levantar o seu drinque. — Ele também é fanático por manter a sua privacidade. É difícil imaginá-lo como alguém que ia sair se exibindo, enviando discos com as imagens dos assassinatos para uma repórter. Quando alguém faz isso, quer publicidade, mas também precisa muito escapar impune.

— Teoria interessante. — Eve já aguentara demais. Uma dor de cabeça estava começando a se insinuar por trás dos olhos, e aquele macarrão não ia cair bem. Levantou-se e se inclinou sobre a mesa até chegar bem perto da repórter. — Vou lhe dar

outra teoria, formulada por uma policial. Quer saber quem é a sua fonte, Nadine?

— Claro que quero! — Seus olhos brilharam.

— Sua fonte é o assassino. — Eve fez uma pausa, para obser-

var a luz se apagar nos olhos de Nadine. — Se eu fosse você, ia

começar a tomar muito cuidado, amiga.

Eve saiu a passos largos. Foi direto para os fundos do palco.

Tinha esperança de que Mavis estivesse no cubículo estreito que

servia de camarim. Naquele momento, precisava de um rosto familiar.

Eve a encontrou enrolada em um cobertor e espirrando em um

lenço de papel esfarrapado.

— Peguei uma droga de um resfriado. — Mavis olhou com os olhos

vidrados e inchados, e assoou o nariz como se fosse uma corneta.

— Devo ser maluca, sem usar nada no corpo, a não ser a porcaria de uma tinta, por mais de doze horas, no meio deste inverno horroroso.

Cautelosa, Eve manteve distância.

— Está tomando alguma coisa?

— Estou tomando tudo. — Ela apontou para a mesa, cheia de remé-

dios que dispensavam receita e alguns cosméticos, para disfarçar o rosto vermelho. — Isso é uma tremenda conspiração da indústria farmacêutica, Eve. Conseguimos acabar com praticamente todas as

doenças conhecidas, pragas e infecções. Bem, é claro que de vez em quando aparece alguma nova, para dar aos pesquisadores algo para fazer. Mas nenhum desses médicos com olhar brilhante e nenhum

desses computadores especializados em diagnósticos conseguem

descobrir como curar a porra do resfriado. E você sabe por quê?

Eve não conseguiu prender o riso. Esperou até que Mavis

acabasse com outra rodada de espirros.

— Por quê?

— Porque a indústria farmacêutica precisa vender remédios.

Sabe quanto é que custa um simples envelope de comprimidos

contra sinusite? É mais caro do que as injeções anticâncer. Juro.

— Vá ao médico e pegue uma receita para diminuir os sintomas.

— Já fiz isso, também. A droga do remédio só funciona por

oito horas, e eu tenho que me apresentar hoje à noite. Vou ter que esperar até às sete horas para poder tomar.

— Devia estar em casa, na cama.

Estão dedetizando o prédio. Um engraçadinho falou que viu

uma barata. — Ela espirrou de novo, olhando em seguida para

Eve com olhos pequenos de coruja, atrás de cílios sem rímel. —

E você, o que está fazendo aqui?

— Tinha alguns assuntos para resolver. Olhe, veja se descansa.

Nós nos vemos mais tarde.

— Não, fique um pouquinho. Estou chateada. — Pegou a

garrafa de um líquido rosa de aspecto nojento e bebeu um

pouco daquilo pelo gargalo. — Ei, que blusa legal. Ganhou algum bônus, ou algo assim?

— Algo assim.

— Venha, sente-se aqui. Eu ia ligar para você, mas estava muito ocupada detonando os pulmões. Era o Roarke aquele cara que veio em nosso refinado estabelecimento na noite passada, não era?

— É, aquele era o Roarke.

— Quase desmaiei quando ele se sentou junto de você à mesa. Qual é o lance? Você o está ajudando com alguma coisa relacionada com segurança ou algo assim?

— Dormi com ele. — Eve deixou escapar, e Mavis respondeu a isso com um engasgo incontrolável na garganta.

— Você... Roarke. — Com os olhos cheios d'água, pegou mais lenços de papel. — Meu Deus, Eve. Minha Nossa, você nunca dorme com ninguém. E agora está me dizendo que dormiu com Roarke?

— Essa informação não é muito exata. Nós não dormimos. — Não dormiram. — Mavis soltou um gemido. — Por quanto tempo?

— Sei lá. — Eve levantou o ombro. — Passei a noite lá.

Oito, nove horas, eu acho.

— Horas. — Mavis estremeceu ligeiramente. — E você

aguentou firme.

— Aguentei.

— Ele é bom? Pergunta idiota — completou, depressa. —

Se não fosse, você não teria ficado a noite toda. Puxa, Eve, que bicho pegou você? Além daquele bicho incrivelmente energético

dele?

— Não sei. Foi burrice. — Ela passou a mão pelos cabelos. —

Nunca tinha sido desse jeito comigo, antes. Não pensei que isso

pudesse... que eu pudesse. Nunca tinha sido importante, e então de repente... merda.

— Meu amor. — Mavis puxou a mão de dentro do cobertor e agar-

rou os dedos tensos de Eve. — Você tem bloqueado suas necessidades normais a vida inteira por causa de coisas que mal lembra. Alguém acabou de encontrar um jeito de penetrar nessa barreira. Você devia estar feliz.

— Mas isso o coloca na cadeira do piloto, não é?

— Ah, isso é besteira — interrompeu Mavis antes que Eve

pudesse continuar. — Sexo não tem que ser uma corrida de poder.

E com certeza também não precisa ser um castigo. É para ser

divertido. E de vez em quando, se você tiver sorte, acaba se tornando algo

especial.

— Talvez. — Eve fechou os olhos. — Ah, Deus. Mavis,

coloquei minha carreira na marca do pênalti.

— De que você está falando?

— Roarke está envolvido em um caso que estou investigando.

— Ai!... que merda! — Teve que interromper a conversa de

novo para assoar o nariz. — Você não vai ter que prendê-lo por

alguma coisa, vai?

— Não. — Depois, repetiu, com mais ênfase. — Não! Mas, se eu

não acertar as coisas direitinho, e bem depressa, com um lindo

laço de enfeite, estou fora. Ferrada. Alguém está me usando, Mavis.

— Seus olhos se afiaram novamente. — Estão deixando livre um

dos caminhos, e bloqueando a passagem em outros. Não sei por

quê. E, se eu não descobrir bem depressa, isso vai me custar tudo o que eu tenho.

— Então você vai ter que descobrir, não é? — Mavis apertou os dedos de Eve.

Ela ia descobrir, Eve prometeu a si mesma. Já passava das dez da noite quando finalmente entrou na portaria de seu prédio. Se não queria pensar em mais nada naquele momento, não era crime algum.

Acabara de engolir uma repreensão vinda do gabinete do secretário, por se desviar do comunicado oficial durante a entrevista coletiva.

O apoio extraoficial do comandante não ajudava muito a

diminuir a dor da ferroada.

Ao chegar em casa, foi verificar seus *e-mails.* Sabia que era bobagem, aquela esperança irritante de que poderia encontrar alguma mensagem de Roarke.

Não havia nenhuma. Mas o que encontrou lhe causou um

calafrio na espinha.

A mensagem em vídeo veio sem remetente, e tinha sido envi-

ada de um posto público. A garotinha. Seu pai morto. O sangue.

Eve reconheceu os ângulos da gravação oficial do laboratório

da polícia, feita para documentar o local do assassinato e justificar a morte do criminoso.

O áudio entrou. Uma reprodução da gravação que ela

mesma fizera dos gritos da menina. O momento em que ela

bateu na porta. O aviso, e todo o horror que se seguiu.

— Seu canalha — balbuciou. — Você não vai conseguir me at-

ingir com isso. Não vai conseguir usar essa menina para me

atingir.

Mas seus dedos estavam tremendo no momento em que saiu do

e-mail. E deu um pulo quando o interfone tocou.

— Quem é?

— É o Hennessy, do apartamento 2-D. — O rosto pálido e

honesto do seu vizinho de baixo apareceu na tela. — Des-

culpe, Tenente Dallas. Não sabia ao certo o que fazer. Está hav-

endo um problema aqui embaixo, no apartamento dos Finestein.

Eve suspirou e se lembrou visualmente do casal de idosos.

Calmos, amigáveis, viciados em TV.

— Qual é o problema?

— É que o Senhor Finestein está morto, tenente. Emborcou na

cozinha, enquanto a mulher estava fora, jogando *mah-jongg* com as amigas. Achei que talvez a senhorita pudesse vir até aqui embaixo.

— Claro. — Suspirou de novo. — Vou descer. Não toque em

nada, Senhor Hennessy, e tente manter as pessoas afastadas. — Pela força do hábito, ligou direto para a Central, fez o rápido aviso de

um caso de morte ainda não comunicado e avisou que estava indo

para o local.

Encontrou o apartamento calmo, com a Senhora Finestein sen-

tada no sofá da sala de estar, com as mãos pequenas e brancas cruzada, pousadas no colo. Seu cabelo era todo branco, também, como uma

nevasca em volta de um rosto que estava começando a se enrugar,

apesar dos cremes e tratamentos antienvelhecimento.

A velha senhora sorriu gentilmente ao avistar Eve.

— Sinto muito por incomodar você, querida.

— Não se preocupe. A senhora está bem?

— Sim, estou bem. — Seus olhos azuis se encontraram com os de

Eve. — Era a noite do nosso jogo semanal, meu com as meninas.

Ao chegar em casa, encontrei-o caído sobre a mesa da cozinha. Ele andou comendo torta de ovos. Joe era louco por doces, até demais. — Ela olhou para Hennessy, que estava em pé, trocando o

peso do corpo de um pé para o outro, desconfortável. — Não sabia bem o que fazer, e fui bater na porta do Senhor Hennessy.

— Fez bem. O senhor pode ficar aqui junto com ela por um

minuto, por favor? — perguntou a Hennessy.

A disposição, dos aposentos era igual à do apartamento de Eve.

Tudo estava meticulosamente arrumado, apesar da abundância de

pequenos enfeites, bibelôs e lembranças.

Na mesa da cozinha, junto do arranjo de flores de porcelana,

Joe Finestein perdera a vida, e parte considerável da dignidade.

— Sua cabeça estava desmoronada, metade para dentro e

metade para fora de uma tigela de torta de ovos. Eve tentou

sentir-lhe a pulsação, sem encontrar nenhuma. A pele já es-

tava bem fria. Seu palpite era de que ele já estava morto há

uma hora e quinze, um pouco mais, ou um pouco menos.

Joseph Finestein — ela recitou para o gravador, conforme as re-

gras. — Homem, aproximadamente cento e quinze anos.

Sem sinais de entrada forçada no apartamento, nem violência.

Não há marcas no corpo.

Eve chegou mais perto, verificou os olhos surpresos e ainda es-

bugalhados de Joe, e cheirou a torta. Depois de terminar as an-

otações preliminares, voltou para a sala, a fim de liberar Hennessy e conversar com a viúva.

Já passava de meia-noite quando conseguiu chegar na cama. A ex-

austão parecia estar grudada nela como uma criança chata e

teimosa. Esquecer tudo era o que ela queria naquele momento,

rezava por isso.

Sem sonhos, ordenou ao subconsciente. Tire a noite de folga.

Acabara de fechar os olhos quando o *tele-link*, ao lado da cama, apitou.

— Frite no inferno, quem quer que seja — murmurou, e então

cuidadosamente levantou o lençol para cobrir os ombros

nus e ligou o monitor.

— Tenente. — A imagem de Roarke sorriu para ela. —

Acordei você?

— Mais cinco minutos e teria me acordado. — Ela se ajeit-

ou na cama enquanto o áudio sibilou devido à interferência

espacial. — Estou vendo que você já chegou no lugar para onde

ia, afinal.

— Cheguei. A viagem atrasou só um pouquinho. Pensei

em ligar antes que você se deitasse.

— Por algum motivo em particular?

— Porque gosto de olhar para você. — O sorriso dele desa-

pareceu quando observou melhor o rosto dela. — O que há de

errado, Eve?

Por onde você quer que eu comece?, pensou ela, mas encol-

heu os ombros.

— Tive um dia puxado que acabou com um dos meus vizinhos e

seu inquilino batendo as botas em cima do lanche noturno. Caiu de cara em cima de uma torta de ovos.

— Bem, há maneiras piores de morrer, imagino. — Virou a

cabeça e falou com alguém perto dele. Eve viu uma mulher passar rapidamente por trás dele e sair da tela. — Acabei de dispensar

minha assistente — explicou. — Queria que ficássemos a sós para perguntar se você está usando alguma coisa no corpo, por baixo

desse lençol.

Ela olhou para baixo e levantou uma sobrancelha, respondendo:

— Parece que não.

— Por que não tira o lençol?

— De jeito nenhum. Não vou satisfazer seu tesão descontrolado

através de uma transmissão interespacial, Roarke. Use a

imaginação.

— Estou usando. Estou imaginando o que vou fazer para

agradá-la da próxima vez em que colocar as mãos em você. Meu

conselho é que descanse bastante, tenente.

— Roarke, precisamos ter uma conversa, depois que você voltar.

— Ela queria sorrir, mas não conseguiu.

— Podemos conversar, também. Sempre achei conversar com

você muito estimulante, Eve. Agora veja se dorme um pouco. —

Sim, vou mesmo. A gente se vê, Roarke.

— Pense em mim, Eve.

Ele terminou a transmissão, mas continuou sentado sozinho,

olhando com o rosto franzido para o monitor apagado. Havia algo

nos olhos dela, pensou. Ele já conhecia os sinais daquele olhar, e conseguia atravessar o disfarce e atingir as emoções.

Aquele algo era preocupação.

Girando a cadeira, olhou para a vista lá fora, um espaço gi-

gantesco de estrelas respingadas. Eve estava longe demais para que ele pudesse fazer mais do que simplesmente matutar sobre o que

poderia estar havendo com ela.

E se perguntou, novamente, por que ela importava tanto para ele

CAPÍTULO TREZE

Eve analisou, frustrada, o relatório da busca por algum cofre particular de Sharon DeBlass nos bancos da cidade. Sem registro, sem registro, sem registro.

Nada em Nova York, nem em New Jersey ou Connecticut. Nada em

Washington, nem na Virgínia.

Ela devia ter alugado algum espaço, em algum lugar, pensou. Shar-on mantinha diários, e os tinha enfiado em algum lugar onde pudesse acessá-los em segurança, e bem depressa.

Naqueles diários, Eve estava convencida, havia um motivo para

assassinato.

Como não estava com vontade de mandar Feeney fazer outra busca

ainda mais ampla, ela mesma começou a pesquisar, iniciando com a Pensilvânia, depois indo para oeste e norte, até chegar ao Canadá e Quebec. Em pouco menos do dobro do tempo que Feeney teria levado, ela encerrou a busca sem achar nada.

A seguir, indo para o sul, seguiu por Maryland, e foi descendo até a Flórida. O computador começou a fazer um barulho estranho enquanto

trabalhava. Eve deu um urro de advertência e chutou a torre. Jurou que ia enfrentar a complicação de requisitar uma máquina nova se aquela ali aguentasse pelo menos até o fim daquele caso.

Mais por teimosia do que por esperança, fez uma busca pelas re-

giões do interior do país, e já estava indo para os estados da Costa Oeste.

Você era muito esperta, Sharon, Eve pensava, enquanto os resultados negativos continuavam a aparecer. Mais esperta do que devia.

Garanto que não ia guardar nada fora do país, nem fora do planeta, onde tudo teria que passar pela Alfândega, a cada viagem. Para que ir tão longe, em algum

lugar onde você precisasse de transporte especial ou documentos de viagem? Você ia querer acesso imediato.

Se a sua mãe sabia que você mantinha diários, talvez outras pessoas soubessem, também. E você se vangloriava disso porque gostava de deixar as pessoas desconfortáveis. E porque sabia que eles estavam muito bem escondidos.

Mas tinha que ser em algum lugar bem perto, droga, pensou Eve,

fechando os olhos para focar em sua mente a mulher que estava

começando a conhecer tão bem. Bem perto, para poder sentir o poder, para usá-lo e brincar com as pessoas.

Mas não podia ser nenhum lugar tão fácil de achar que qualquer um pudesse rastrear, ter acesso ao material e estragar a brincadeira. Então, você usou um nome falso. Alugou um cofre em um banco usando um

outro nome, só para garantir. E, sendo esperta o suficiente para usar um nome diferente, escolheria um que fosse básico, que fosse familiar.

Um que não fosse lhe dar muita dor de cabeça.

Era tão simples, Eve compreendeu, enquanto digitava no teclado o nome de Sharon Barrister. Tão simples que tanto ela quanto Feeney tinham deixado passar.

Eve se deu bem na lista do Banco Brinkstone Internacional, em Ne-wark, New Jersey.

Sharon Barrister tinha não apenas um cofre particular, mas também uma carteira de ações no valor de trezentos e vinte e seis mil dólares, e oitenta e cinco centavos.

Sorrindo para a tela, acionou sua ligação direta com o gabinete do promotor.

— Preciso de um mandado de segurança — anunciou.

Três horas depois, já estava de volta ao gabinete do Comandante Whitney, tentando não ranger os dentes.

— Ela tem outro cofre, em algum lugar — insistiu Eve. — E os

diários estão nele.

— Ninguém a está impedindo de continuar procurando, Dallas.

— Ótimo, eu sei. — Ela circulava em volta de toda a sala enquanto falava. A energia estava sendo bombeada em todo o seu corpo, e ela queria ação. — E o que vai fazer a respeito disso? — Agitou a mão para a pasta que estava sobre a mesa do comandante. — Já lhe trouxe o disco que peguei no cofre do banco e a listagem que imprimi. Está tudo aqui, comandante, uma lista de gente chantageada, com nomes e

valores. E o nome do Simpson está nela, direitinho, em ordem

alfabética.

— Eu sei ler, Dallas. — Whitney resistiu à vontade de massagear a base do crânio, que estava tensa. — O Secretário de Segurança não é a única pessoa com o sobrenome Simpson desta cidade, muito menos do país.

— É ele! — Eve estava soltando fumaça, e não havia onde colocar

o vapor. — Nós dois sabemos disso. E há também um monte de outros nomes interessantes aí. Um governador, um bispo católico, a líder

respeitável de uma Organização Internacional de Defesa da Mulher, dois policiais de alta patente, um ex-vice-presidente...

— Já vi todos os nomes — Whitney interrompeu. — Será que você

está consciente da sua posição, Dallas, e das consequências? — Ele levantou a mão para mantê-la calada. — Alguns nomes e números colocados arrumados em duas colunas não significam nadinha. Se estes dados saírem deste gabinete, já era. Você está liquidada, e a investigação também. É isso o que você quer?

— Não, senhor.

— Consiga os diários, Dallas, ache uma ligação entre Sharon

DeBlass e Lola Starr, e então a gente vê para onde vai a partir daí.

— Simpson está todo sujo. — Ela se inclinou sobre a mesa. — Ela

conhecia Sharon DeBlass; ele estava sendo chantageado. E está

fazendo tudo o que pode para prejudicar a investigação.

— Então vamos ter que passar por cima dele, não é? — Whitney

colocou a pasta dentro do seu cofre pessoal. — Ninguém pode saber o que temos aqui, Dallas. Nem mesmo Feeney. Isto está claro?

— Sim, senhor. — Vendo que ia ter que se satisfazer com aquilo,

ela foi em direção à porta. — Comandante, gostaria de assinalar que há uma pessoa que não consta nessa lista. O nome de Roarke não está nela.

— Foi como eu disse, Dallas. — Os olhos de Whitney se encon-

traram com os dela e ele acenou com a cabeça. — Eu sei ler.

O indicador de mensagens estava piscando quando Eve voltou á sua sala. Uma olhada na lista de *e-mails* constatava duas chamadas do médico legista. Impaciente, Eve colocou sua batata quente de lado e respondeu ao chamado.

— Acabei de conferir os testes que fiz em seu vizinho, Dallas. Você acertou na mosca.

— Ah, que inferno! — Ela passou a mão no rosto. — Envie os res-

ultados para mim, que eu pego por aqui.

Quando Hetta Finestein abriu a porta, um aroma de sachê de

lavanda misturado com o cheiro fermentado de pão feito em casa envolveu Eve.

— Tenente Dallas.

Ela ofereceu um sorriso discreto e deu um passo para trás, convidando Eve a entrar. Na sala, a tela de projeção estava sintonizada em um programa de entrevistas e bate-papo, onde pessoas que estivessem assistindo em casa podiam se conectar e enviar imagens holográficas de si próprias até o estúdio, para interação completa. O tema parecia ser os altos salários pagos às mães profissionais. Naquele instante a tela estava cheia de mulheres e crianças de diferentes idades e opiniões.

— Que gentileza a sua, ter aparecido. Tive tantas visitas hoje. É

uma espécie de conforto. Gostaria de alguns biscoitos caseiros?

— Claro, obrigada. — Eve estava se sentindo uma pessoa podre.

Sentou-se no sofá e percorreu com os olhos o pequeno e bem- cuidado apartamento. — A senhora e o Senhor Finestein tinham uma padaria?

— Ah, sim. — A voz de Hetta vinha da cozinha, com os ruídos de

seus movimentos agitados. — Tivemos a loja até alguns anos atrás. Era um sucesso. As pessoas adoram comida de verdade, você sabe. E, sem querer me gabar, tenho uma mão muito boa para tortas e bolos.

— E a senhora prepara um bocado de coisas em casa, também.

Hetta voltou com uma bandeja cheia de *cookies* dourados.

— Sim. É um dos meus prazeres. Muitas pessoas não fazem ideia

da alegria que dá saborear um *cookie* feito em casa. Há um monte de

crianças que jamais experimentaram açúcar de verdade. É extrema-

mente caro, sim, mas vale a pena.

Eve experimentou um dos *cookies* e foi obrigada a concordar.

— Imagino que foi a senhora mesma que preparou a torta de ovos

que seu marido estava comendo quando ele morreu.

— Certamente. Não admiro comidas prontas ou feitas com ingredi-

entes artificiais em minha casa — informou Hetta, com orgulho. — É

claro que Joe avançava em tudo o que eu fazia e devorava tudo, mal saía do forno. Não existe um AutoChef no mercado que seja tão confiável e completo, nem que tenha a criatividade e os instintos de uma boa cozinheira ou doceira.

— Então a senhora realmente preparou a torta, Senhora Finestein.

— Sim, preparei. — Ela piscou, acabando por fechar os olhos.

— Senhora Finestein, a senhora sabe o que foi que matou o seu

marido?

— Sim, eu sei. — Ela sorriu com suavidade. — Gulodice. Eu avisei para ele não comer aquilo. Avisei especificamente para que ele não tocasse naquela torta. Expliquei que era uma encomenda para a Senhora Hennessy, do outro lado do corredor.

— Senhora Hennessy. — Essa informação fez Eve recuar vários

passos, mentalmente. — A senhora...

— É claro que eu sabia que ele ia acabar comendo a torta, de

qualquer jeito. Era muito egoísta no que se referia a comida.

— Será que nós poderíamos, ahn... — Eve limpou a garganta —

desligar esse programa?

— Hein? Ah, desculpe. —. A agitada anfitriã deu pequenos tapas no próprio rosto. — Isso foi tão grosseiro. Estou tão acostumada a deixar a tela ligada o dia

todo que nem reparei. Ahn... Programa... não... Tela, desligar!

— O som também — disse Eve, pacientemente.

252/393

— É claro. — Balançando a cabeça enquanto o som continuava a

encher o ambiente, Herta pareceu envergonhada. — Jamais consegui me acostumar com essa coisa desde que trocamos o aparelho para

comando de voz, em vez de controle remoto. Som, desligar, por favor!

Pronto, agora está melhor, não está?

A amável senhora era capaz de preparar uma torta envenenada, mas não conseguia controlar a própria televisão, Eve pensou. Existia mesmo todo tipo de gente.

— Senhora Finestein, não quero lhe dizer mais nada até acabar de ler os seus direitos. Até ter certeza de que a senhora os compreendeu bem. Não é obrigatório que a senhora faça nenhuma declaração agora

— começou Eve, enquanto Hetta continuava a sorrir com ternura.

Herta esperou até que Eve acabasse de recitar seus direitos legais, antes de falar.

— Eu sabia que não ia escapar. Sabia mesmo. E nem contava com

isso.

— Escapar do quê, Senhora Finestein?

— Da punição por ter envenenado Joe. No entanto... — apertou os

lábios, como uma criança. — Tenho um neto que é advogado, um

rapaz muito esperto. Acho que ele vai explicar que, uma vez que eu avisei a Joe, muito especificamente, para que ele não comesse aquela torta, a culpa na verdade foi mais dele do que minha.Enfim... — disse ela, e esperou com paciência.

— Senhora Finestein, a senhora está me dizendo que adicionou um

composto de Cianeto sintético à receita de uma torta de ovos, com a intenção específica de matar o seu marido?

— Não, querida. O que estou lhe dizendo é que adicionei cianeto e uma dose extra de açúcar em uma torta, e avisei a meu marido para não tocar nela. “Joe”', eu fui bem clara, “não pegue nem um pedacinho

daquela torta de ovos. Eu a preparei com ingredientes especiais, e não é para você. Entendeu bem, Joe?”

— Ele me disse que tinha entendido direitinho, sim. — Hetta sorriu mais uma vez. — Depois, bem na hora de sair para o meu jogo com as meninas, avisei a ele mais uma vez, para ter certeza absoluta. ‘Estou falando sério, Joe. Não toque naquela torta!’ Sabia que ele ia acabar comendo, mas isso cabia a ele decidir, não é? Deixe que eu lhe fale a respeito de Joe — continuou ela, em tom de conversa descontraída, e pegou na bandeja de *cookies* para oferecer mais um a Eve. Ao ver que ela hesitava em aceitar, Herta riu alegremente. — Ora, querida, estes aqui são totalmente seguros, juro para você. Acabei de dar uma dúzia deles àquele garotinho do andar de cima.

E, para provar o que dizia, pegou um ela mesma e o comeu, antes de continuar.

— Onde é que eu estava, mesmo? Ah, sim, falando de Joe. Ele é o

meu segundo marido, sabe? Íamos fazer cinquenta anos de casados

agora em abril. Era um bom companheiro, e excelente padeiro e con-feiteiro, também. Alguns homens, porém, jamais deviam se aposentar.

Nos últimos anos ele estava se tornando uma pessoa muito difícil de se conviver. Mal-humorado, vivia reclamando o tempo inteiro, sempre achando defeitos em tudo. E não deixava restinhos de comida nem na ponta dos dedos. Não conseguia passar ao lado de uma torta de amêndoas sem devorá-la inteira, na mesma hora.

Pelo fato de que aquilo parecia quase razoável, Eve esperou um

momento.

— Senhora Finestein, a senhora o envenenou porque ele comia

demais?

— Parece que foi por isso, mas a coisa vai mais longe. — As

bochechas rosadas de Herta se mexeram. — Você é tão jovem,

querida, e ainda não tem família, não é?

— Não.

— A família é uma fonte de conforto, e uma fonte de irritação. Ninguém de fora jamais conseguirá compreender o que se passa na privacidade de um lar. Joe não era um homem fácil de aturar, e acho, embora não goste de falar mal dos mortos, que ele tinha desenvolvido maus hábitos. Tinha um prazer especial em me aborrecer e magoar, e em estragar minhas pequenas alegrias. No mês passado, por exemplo, ele comeu, de propósito, metade do bolo Torre de Prazer que eu pre-parara especialmente para a Competição Internacional Betty Crocker.

Depois ainda veio me dizer que a massa estava muito seca. — Sua voz bufou de raiva, para provar o óbvio insulto daquilo. — Dá para

imaginar?

— Não — disse Eve, baixinho. — Não dá.

— Bem, ele fez isso só para me deixar louca. Era o jeito que tinha de sentir que exercia poder sobre mim, entende? Então eu preparei a torta, avisei para que ele não tocasse nela, e saí para jogar *mah-jongg* com as meninas. Não fiquei nem um pouco surpresa quando voltei e vi que ele não tinha me atendido. Era um glutão, como você pode ver. —

Fez um gesto com o *cookie* que tinha na mão, antes de dar a última dentada, com delicadeza. — Este é um dos sete pecados capitais, a gula. Pareceu-me justo que ele acabasse morrendo pela boca, pagando seu próprio pecado. Tem certeza de

que não quer mais um biscoitinho?

O mundo com certeza era um lugar completamente doido, decidiu Eve, se as velhinhas envenenavam tortas de ovos. E com aquele comportamento de vovó antiquada, calma e carinhosa, avaliou, a velha era bem capaz de escapar da cadeia.

E, no caso de ser condenada, ia acabar na cozinha da prisão, preparando alegremente bolos e massas para as outras detentas.

255/393

Eve completou o relatório, fez uma refeição rápida na lanchonete, e então voltou ao trabalho, para estudar a nova pista do caso Sharon, que estava em fogo brando.

Não tinha coberto nem metade dos bancos de Nova York quando a

mensagem chegou, e Eve atendeu:

— Sim, aqui é Dallas falando.

A resposta que obteve foi uma imagem que surgiu na tela. Uma

mulher morta, arrumada de modo familiar demais sobre lençóis em-

papados de sangue.

TRÊS DE SEIS

Eve ficou olhando fixamente para a mensagem colocada sobre o

corpo e rugiu para o computador:

— Faça o rastreamento da ligação. Descubra o endereço. Agora,

droga.

Assim que o computador respondeu, acionou a Equipe de

Emergência.

— Aqui fala Dallas, Tenente Eve, Identificação 5347BQ. Prioridade A. Qualquer unidade disponível dirija-se à Rua 89 Oeste, número 156, apartamento 2119. Não entrem no prédio. Repito, não entrem no pré-

dio. Detenham todas as pessoas que estiverem saindo do edifício. Ninguém entra no apartamento, seja civil ou militar. Estimativa de minha chegada no local: dez minutos.

— Registrado, Dallas, Tenente Eve. — O androide de plantão fa-

lava de modo frio e sem pressa. — As unidades cinquenta e trinta e seis estão disponíveis para apoio. Vão aguardar a chegada. Prioridade A. Emergência desconectando.

Eve agarrou a bolsa e o *kit* de trabalho e saiu.

* * *

Ao chegar ao apartamento, entrou sozinha, com a arma na mão e

pronta. A sala de estar estava bem arrumada, até mesmo aconchegante, cheia de almofadões convidativos e tapetes franjados. Havia um livro jogado no sofá e uma pequena depressão ao lado dele, indicando que alguém passara algum tempo ali, encolhida e lendo. Franzindo a testa diante daquela imagem, Eve se dirigiu para a porta que ficava adiante.

O pequeno aposento estava montado para ser um escritório, com

uma escrivaninha muito bem arrumada, e havia pequenos vestígios da personalidade da dona, representada pela cesta de flores de seda perfumadas, um vidro largo cheio de balas de goma e uma caneca branca decorada com um coração vermelho.

A escrivaninha ficava de frente para a janela, e esta dava para um outro prédio, onde ninguém se dera o trabalho de colocar telas protetoras de privacidade. Ao longo de uma das paredes estava uma única prateleira, com vários outros livros, uma caixa larga para discos, outras para *e-memos*, um pequeno baú de tesouro que funcionava como portalápis e blocos de papel reciclado. Ao lado havia uma

figura meio torta feita de barro, com a aparência de um cavalo, e que certamente fora feita por uma criança.

Eve se virou no cômodo e abriu a porta da parede oposta.

Já sabia o que a esperava. Seu estômago não reagiu. O sangue ainda estava bem fresco. Com um pequeno suspiro, guardou a arma no

coldre, sabendo que estava sozinha com a morta.

Através do *spray* protetor que espalhara nas mãos, sentiu a temperatura do corpo. Ainda estava quente.

A vítima tinha sido posicionada na cama com o revólver colocado

cuidadosamente entre as pernas.

Pareceu a Eve uma Ruger P-90, uma arma de combate feita de met-

al brilhante, muito popular como defesa doméstica, e usada durante a Revolta Urbana. Leve, compacta e totalmente automática. Não foi

usado um silenciador desta vez, mas ela era capaz de apostar que o quarto era à prova de som, e que o assassino sabia disso. Foi até a penteadeira redonda, bem feminina e cheia de objetos, e abriu uma

pequena bolsa rústica de juta, que estava na moda. Dentro, encontrou a licença de acompanhante sexual da morta.

Uma mulher bonita, avaliou. Sorriso agradável, olhos diretos, e uma atraente pele morena.

— Georgie Castle — Eve recitou para o gravador. — Mulher, cin-

quenta e três anos. Acompanhante sexual licenciada. A morte

provavelmente ocorreu entre sete e sete e quarenta e cinco da noite.

Causa da morte, ferimentos a bala, informação a ser confirmada pelo médico

legista. Três pontos visíveis de entrada dos projéteis: testa, peito e genitália. Muito provavelmente os tiros foram disparados por uma antiga arma de mão, estilo combate, deixada na cena do crime.

Não há sinais de estrangulamento, nem indícios de a entrada no apartamento ter sido forçada. Também não há sinais de roubo.

Um sussurro atrás dela fez Eve pular de lado e pegar na arma.

Agachada, com os olhos duros e frios, olhou para um gordo gato cinza que entrara de mansinho no quarto.

— Que susto! De onde é que você veio? — Ela soltou um longo

suspiro de alívio enquanto tornava a guardar a arma. — Há um gato no local — acrescentou para o gravador, e quando ele piscou os olhos para ela, fazendo brilhar um olho verde e outro dourado, abaixou-se para acariciá-lo.

O ronronar lhe pareceu o de uma máquina pequena e bem

lubrificada.

Colocando-o de lado, pegou no comunicador e ordenou a entrada da Equipe de Homicídios.

Pouco tempo depois, Eve estava na cozinha, observando o gato que farejava com delicado desdém uma tigela de comida que ela conseguira encontrar. Nesse instante, ouviu o som de vozes alteradas, do lado de fora do apartamento.

Quando foi investigar, encontrou a jovem policial que deixara de guarda na porta. Tentava impedir a entrada de uma mulher frenética e muito determinada.

— Qual é o problema, policial?

— Tenente. — Com óbvios sinais de alívio, a jovem se dirigiu à

oficial superior. — Esta civil exige entrar no apartamento. Eu estava...

— É claro que eu exijo entrar. — O cabelo ruivo escuro da mulher estava bem

cortado, com pontas que balançavam e rodavam em torno de seu rosto a cada sacudida do corpo. — Esta é a casa da minha mãe.

Quero saber o que vocês estão fazendo aqui.

— E como se chama sua mãe? — Eve a interpelou.

— Senhora Castle. Senhora Georgie Castle. Houve algum arromba-

mento? — A raiva se transformou em preocupação enquanto ela

tentava se espremer para passar por Eve. — Ela está bem? Mamãe!

— Venha comigo. — Eve pegou-a pelo braço, com firmeza, e a en-

caminhou pela sala até a cozinha. — Qual é o seu nome?

— Samantha Bennett.

O gato deixou a tigela de lado e veio para se enroscar entre as pernas de Samantha. Com um gesto que Eve reconheceu como automático e habitual, Samantha se abaixou para coçar a cabeça do animal, entre as orelhas.

— Onde está a minha mãe? — Naquele momento, a preocupação

começou a se transformar em medo, e a voz de Samantha ficou

entrecortada.

Não havia nada que Eve detestasse mais em seu trabalho do que

aquilo. Nenhum aspecto do trabalho da polícia afetava seus sentimentos com lâminas tão cegas e cruéis.

— Sinto muito, Senhorita Bennett. Sinto de verdade, mas a sua mãe está morta.

Samantha não disse uma palavra. Seus olhos, com o mesmo tom de

mel escuro dos olhos da mãe, perderam o foco. Antes que ela desabasse, Eve a

acomodou em uma cadeira.

— Deve haver algum engano — conseguiu dizer. — Tem que haver

um engano. Tínhamos combinado de ir ao cinema. Sessão das nove.

Sempre vamos ao cinema às terças. — Ela olhou para Eve com olhos desesperadamente esperançosos. — Ela não pode estar morta. Mal

completou cinquenta anos, e é muito saudável. É muito forte.

— Não há engano algum. Sinto muito.

— Foi um acidente? — Seus olhos se encheram de lágrimas, que

começaram a transbordar. — Ela sofreu algum acidente?

— Não, não foi um acidente. — Não havia outra maneira de contar, a não ser relatar toda a verdade. — Sua mãe foi assassinada.

— Não, isso é impossível. — As lágrimas continuavam a cair. Sua

voz tropeçava nos soluços com dificuldade, enquanto ela continuava a balançar a cabeça, em atitude de negação. — Todos gostavam dela.

Todos. Ninguém ia querer machucá-la. Quero vê-la. Quero vê-la,

agora.

— Não posso permitir que faça isso.

— Mas ela é minha mãe. — As lágrimas caíam-lhe no colo en-

quanto a voz ficava mais alta. — Tenho o direito de vê-la. Quero ver a minha mãe.

Eve apertou os ombros de Samantha com as duas mãos, forçando-a

a se sentar novamente na cadeira da qual se levantara bruscamente.

— Você não vai vê-la. Não ia ajudar em nada. Não seria bom para

você. O que vai fazer é responder às minhas perguntas, e isso vai servir para que eu encontre a pessoa que fez isso com ela. Agora, me diga, quer tomar alguma coisa? Quer que eu chame alguém para você?

— Não. Não. — Samantha remexeu na bolsa à procura de um lenço.

— Meu marido, meus filhos. Eu vou ter que contar a eles. E ao meu pai. Como vou contar a eles?

— Onde está o seu pai, Samantha?

— Ele mora... ele mora em Westchester. Meus pais se divorciaram

há uns dois anos. Ele ficou com a casa porque mamãe queria se mudar para a cidade. Ela queria começar a escrever livros. Sonhava em se tornar escritora.

Eve se virou para a máquina de água tratada sobre a bancada da pia e encheu um copo, entregando-o a Samantha.

— Você sabe o que a sua mãe fazia para ganhar a vida?

— Sim. — Samantha apertou os lábios com força, e amarrotou o

lenço úmido entre os dedos gelados. — Ninguém conseguia convencê-

la a largar essa vida. Ela costumava rir e dizer que já era tempo de fazer algo bem chocante na vida, e também que era uma maravilhosa fonte de pesquisa para seus livros. Minha mãe... — Samantha interrompeu a frase para beber um gole da água — se casou muito nova.

Alguns anos atrás, disse que precisava ir em frente com a vida dela, ver o que mais havia no mundo. Não conseguimos convencê-la do contrário, também. Jamais alguém conseguia convencê-la a fazer o que não quisesse.

Começou.a chorar de novo, cobrindo o rosto e soluçando baixinho.

Eve pegou no copo que ela mal tocara e esperou, deixando a primeira onda de choque e o pesar passarem.

— O divórcio foi complicado? Seu pai ficou zangado?

— Desconcertado. Confuso. Triste. Ele a queria de volta, e sempre falava que essa era apenas mais uma das fases passageiras dela. Ele...

— A pergunta que apareceu por trás do questionamento de Eve de repente a atingiu, e ela abaixou as mãos. — Ele jamais a machucaria.

Nunca, nunca, nunca. Ele a amava. Todos a amavam. Era algo

inevitável.

— Tudo bem. — Eve ,poderia lidar com aquilo mais tarde. — Você

e sua mãe eram amigas íntimas?

— Sim, muito íntimas.

— Alguma vez ela conversou com você a respeito dos clientes dela?

— *Às* vezes. Isso Me deixava um pouco sem graça, mas ela sempre achava uma maneira de fazer com que tudo aquilo parecesse escan-dalosamente engraçado. Conseguia esse tipo de coisa. Chamava a si própria de Vovó Sexy, e a gente tinha que rir.

— Alguma vez ela mencionou alguém que a fizesse se sentir

desconfortável?

— Não. Sabia lidar bem com as pessoas. Era parte do charme dela.

Pretendia levar essa vida só até conseguir ter seus livros publicados.

— Alguma vez ela mencionou os nomes de Sharon DeBlass ou

Lola Starr para você?

— Não. — Samantha começou a ajeitar o cabelo para trás, e então

sua mão parou em pleno ar. — Starr. Lola Starr. Já ouvi esse nome, no noticiário. Ouvi falar dela. Foi assassinada. Ah, meu Deus, ah, Deus!...

— Samantha abaixou a cabeça, fazendo os cabelos cair em cascata.

Eles cobriram seu rosto como duas asas.

— Vou pedir para um policial acompanhá-la até em casa,

Samantha.

— Não posso deixá-la. Não posso deixá-la aqui, sozinha.

— Sim, pode sim. Eu vou cuidar dela. — Eve colocou as duas mãos

sobre as mãos de Samantha. — Prometo a você que vou cuidar muito bem dela. Vamos lá. — Com gentileza, ajudou Samantha a se levantar.

Enlaçou o braço em torno da cintura da jovem ainda confusa e a levou até a porta. Queria que ela saísse antes que a equipe terminasse o trabalho no quarto.
— Seu marido está em casa?

— Sim, está em casa com as crianças. Temos dois filhos, um com

dois anos e o outro com seis meses. Tony ficou com eles em casa.

— Ótimo. Qual é o seu endereço?

O choque estava começando a sedimentar. Eve tinha a esperança de que o entorpecimento que podia notar no rosto de Samantha pudesse ajudá-la, enquanto ela recitava um endereço de alta classe cm

Westchester.

— Policial Banks!

— Sim, Tenente!

— Leve a Senhora Bennett para casa. Vou pedir para enviarem

outro policial para ficar de guarda na porta. Fique junto da família enquanto precisarem de ajuda.

— Sim, senhora. — Com cuidado e compaixão, a policial guiou

Samantha até os elevadores. — Venha por aqui, Senhora Bennett —

murmurou.

Samantha se encostou meio mole, como se estivesse embriagada, na policial, e perguntou a Eve:

— Você vai mesmo cuidar bem dela?

— Prometo! — Eve encarou fixamente os olhos destroçados de

Samantha.

Uma hora depois, Eve entrava na Central de Polícia com um gato debaixo do braço.

— Oi, tenente. Estou vendo que conseguiu agarrar um gato gatuno.

— O sargento de plantão riu gostosamente da própria piada.

— Assim você me mata de rir, Riley. O comandante ainda está

aqui?

— Esperando por você. Pediu para que você fosse ao gabinete dele assim que aparecesse. — Ele se inclinou para fazer um carinho no bichano, que ronronava. — Você encarou outro homicídio, não foi?

— Foi.

O som de um beijo estalado a fez virar o rosto e notar a presença de um sujeito bonitão, com olhar malicioso, que usava um macacão de paraquedista feito de fibra elástica. O macacão e o filete de sangue que escorria pela lateral de sua boca, eram aproximadamente da mesma cor. Seus acessórios eram duas algemas

finas e pretas, que o mantinham preso pelo braço, próximo a um banco comprido. O rapaz

algemado esfregou a mão livre pela parte da frente das calças e piscou para Eve.

— Ei, gata. Tem um presentinho aqui dentro para você.

— Avise ao Comandante Whitney que já estou subindo — ela pediu

a Riley, que já estava rolando os olhos, depois de ouvir a cantada.

Sem conseguir resistir, Eve foi até o banco e se inclinou para o rapaz, o suficiente para sentir um cheiro azedo de vômito.

— Essa foi uma proposta muito charmosa — murmurou ela, e de-

pois arqueou a sobrancelha quando o homem abriu a braguilha e bal-ançou a sua personalidade diante dela. Ao ver aquilo, Eve disse:

— Olhe ali, gatinha, que gracinha... um pênis bem pequenininho. —

Ela sorriu, chegando ainda mais perto. — É melhor guardar seu

pintinho, babaca, e cuidar bem dele, porque a minha gatinha aqui pode pensar que é um filhote de camundongo, dar uma dentada nele e

arrancá-lo fora.

Ficou se sentindo muito melhor ao ver que o que havia de orgulho e alegria murchou no rosto dele, antes mesmo de Fechar o zíper. O bom humor durou quase até o momento em que ela entrou no elevador e ordenou o andar do Comandante Whitney.

Ele já estava esperando, com Feeney, olhando o relatório que ela enviara diretamente da cena do crime. Pela própria natureza da repetição exigida pelos procedimentos policiais. Eve relatou tudo de novo, verbalmente.

— Então, esse aí é o gato — disse Feeney.

— Não tive coragem de entregá-lo à filha da vítima, do jeito que ela estava. — Encolheu os ombros. — E também não pude deixá-lo lá. —

Com a mão livre, pegou a bolsa. — Os discos dela. Está tudo

etiquetado. Dei uma olhada nos encontros assinalados para hoje. O último do dia estava marcado para as seis e meia. John Smith. Aqui está a arma. — Ela colocou o plástico selado com a arma do crime sobre a mesa de Whitney. — Parece que é uma Ruger modelo P-90.

— Está aprendendo, garota — disse Feeney, dando uma olhada e

concordando com a cabeça.

— Andei queimando as pestanas, estudando isso.

— É do início do século, provavelmente ano 2008 ou 2009. —

Afirmou Feeney enquanto revirava a arma selada nas mãos. — Está em excelentes condições. Número de série intacto. Não vai levar muito tempo para rastrear — acrescentou, mas mexeu com os ombros. — Só que ele é esperto demais para usar uma arma registrada.

— Mesmo assim, pesquise — ordenou Whitney, e apontou para a

unidade auxiliar do outro lado da sala. —Já ordenei vigilância constante no seu edifício, Dallas. Se ele tentar enviar outro disco para vo-cê, vamos filmá-lo.

— Se ele continuar fiel ao método, o disco vai chegar nas próximas vinte e quatro horas. Até agora ele manteve o mesmo padrão, embora

cada uma das vítimas tenha sido um tipo diferente: com Sharon

DeBlass temos uma vítima com glamour e sofisticação; com Lola

Starr, temos aquela do tipo principiante, quase infantil; agora, com esse novo ataque, temos o conforto. Uma mulher ainda jovem, mas madura.

— Estamos interrogando os vizinhos — continuou ela. — Vou con-

versar com a família novamente, pesquisar a ação do divórcio. Parece que ela aceitou receber esse cliente por impulso. Tinha um encontro marcado com a filha para todas as terças-feiras. Queria que Feeney pesquisasse as chamadas que ela recebeu, para ver se esse cliente a contatou pessoalmente. Esse, nós não vamos conseguir esconder da imprensa, comandante. E eles vêm com tudo em cima da gente.

— Já estou trabalhando no controle da mídia.

— Esse caso pode ser mais quente do que a gente imagina — disse

Feeney, olhando por cima do monitor. Seus olhos se encontraram com os de Eve, de um jeito que fez o sangue dela gelar.

— A arma do crime está registrada. Foi comprada em um leilão da

Sotheby's que aconteceu no último outono, por um comprador não declarado. Foi registrada em nome de Roarke.

Eve ficou sem fala por um momento, mas não se importou.

— O padrão foi quebrado — ela conseguiu dizer, por fim. — Isso é uma burrice, e Roarke não é um homem burro.

— Tenente...

— A arma foi plantada, comandante. Isso é óbvio. Arrematada em

leilão por um comprador não declarado. Qualquer *hacker* de segunda categoria conseguiria forjar a identidade de alguém e dar um lance.

Como é que foi feito o pagamento? — perguntou, virando-se para

Feeney.

— Vou ter que acessar os registros da Sotheby's quando eles abrir-em, amanhã.

— Aposto que foi em dinheiro, por transferência eletrônica. O

leiloeiro recebe a grana, por que iam querer saber de onde veio? — Sua voz podia parecer calma, mas sua cabeça estava a mil. — E a entrega.

Meu palpite é que foi feita em uma estação pública de retirada eletrônica automática. Não é necessário identificação para pegar a mercadoria. Tudo o que alguém precisa é da senha para o código de entrega.

— Dallas — pediu Whitney, com paciência —, traga-o aqui para

um interrogatório.

— Não posso fazer isso.

— Isso é uma ordem direta, Dallas. — Os olhos do comandante per-

maneceram inalterados e frios. — Se você tem algum problema pessoal, deixe para resolver em sua hora de folga.

— Não posso trazê-lo aqui — repetiu ela —, porque ele está na

Estação Espacial FreeStar, a uma distância bastante considerável do local do crime.

— Se ele simulou ter ido para a Estação FreeStar...

— Não simulou — interrompeu ela. — E foi aí que o assassino

cometeu um erro. A viagem de Roarke é totalmente confidencial,

pouquíssimas pessoas sabiam dela. Pelo que consta, para todo inundo ele está bem aqui, em Nova York.

O Comandante Whitney inclinou a cabeça.

— Então é melhor confirmar o paradeiro dele. Agora.

O estômago de Eve deu uma reviravolta no momento em que fez a

ligação do próprio *tele-link* de Whitney. Em poucos segundos, estava ouvindo a voz seca de Summerset.

— Summerset, aqui é a Tenente Dallas. Preciso entrar em contato

com Roarke.

— Roarke está em reunião, tenente. Não pode ser incomodado.

— Roarke disse a você para me colocar em contato com ele se eu

precisasse, droga. Isso é assunto da polícia. Informe o número de

acesso dele imediatamente, senão vou até aí para rebocar sua bunda magra até a delegacia, por obstrução da Justiça.

— Não estou autorizado a informar onde ele está. — O rosto de

Summerset se contraiu ao ouvir as palavras de Eve. — Posso, en-

tretanto, transferir a sua ligação para ele. Por favor, aguarde na linha.

As palmas das mãos de Eve começaram a suar enquanto a tela do

tele-link tomou a coloração azul do modo de espera, e uma melodia teve início. Ficou imaginando de quem tinha sido a ideia de colocar aquela música melosa para tocar. Certamente não era ideia de Roarke.

Ele tinha classe demais para isso.

Ah, Deus, o que é que ela ia fazer se ele não estivesse onde falou que estaria?

A tela azul se contraiu até se transformar em um ponto luminoso, e a seguir se abriu novamente. Lá estava Roarke, com um traço de impaciência no olhar e um pequeno sorriso nos lábios.

— Tenente. Você me pegou em um momento complicado Posso re-

tornar a ligação daqui a pouco?

— Não. — Ela podia ver com o canto do olho que Feeney já estava

rastreando a origem da transmissão. — Preciso confirmar seu

paradeiro, o local em que você está.

— Meu paradeiro? — Suas sobrancelhas se franziram. Ele devia, ter reparado alguma coisa no rosto de Eve, embora ela pudesse jurar que tinha mantido a expressão tão séria e ilegível como uma pedra. — O

que houve de errado, Eve? O que aconteceu?

— Seu paradeiro, Roarke. Por favor, me diga, eu preciso confirmar.

Ele permaneceu em silêncio, estudando-a. Eve ouviu alguém se di-

rigir a ele. Roarke dispensou a pessoa, com um gesto rápido.

— Estou no meio de uma reunião com a Câmara Presidencial da

Estação Espacial FreeStar, cuja localização é Quadrante Seis, Área de Conexão Alfa. Câmera, girar! — ele ordenou, e o *link* intergaláctico

circulou, exibindo toda a sala. Muitos homens e mulheres estavam sentados em volta de uma mesa larga e circular.

O espaçoporto comprido e em forma de arco apareceu ao longe, exibindo uma imensa quantidade de estrelas e o perfeito globo terrestre azul-esverdeado, ao fundo.

— Localização da transmissão confirmada — informou Emmy, a

meia voz. — Ele se encontra exatamente onde afirma estar.

— Roarke, por favor, coloque o *tele-link* no modo de privacidade.

Sem a mais leve mudança na expressão, ele colocou o fone de

ouvido com microfone.

— Sim, tenente, pode falar.

— Uma arma registrada em seu nome acaba de ser confiscada na

cena de um homicídio. Tenho que pedir a você que compareça para interrogatório na primeira oportunidade. Tem todo o direito de trazer o seu advogado. Na verdade, eu o aconselho a trazer o advogado —

acrescentou ela, com a esperança de que ele fosse compreender a ênfase. — Se você não comparecer nas próximas quarenta e oito horas, a Guarda Espacial da Estação vai escoltá-lo de volta até a Terra. Você compreendeu os seus direitos e as suas obrigações nesse caso?

— Certamente. Vou fazer os preparativos. Até logo, tenente. A tela se apagou.

CAPÍTULO QUATORZE

Mais abalada do que conseguia admitir, Eve entrou na sala da

Doutora Mira na manhã seguinte. A convite dela, sentou-se e cruzou as mãos, para evitar qualquer movimento de inquietação que pudesse trair seu estado.

— Doutora, já teve tempo de traçar um perfil?

— Você me pediu urgência. — De fato, Mira ficara acordada quase

a noite toda lendo relatórios e usando o seu treinamento e a sua capacidade de fornecer diagnósticos psíquicos para a formação de um perfil. — Gostaria de mais tempo para trabalhar nisso, mas posso lhe fornecer uma visão geral.

— Certo. — Eve se inclinou. — Como ele é?

— *Ele* é quase que certamente correto. Tradicionalmente, crimes dessa natureza não são cometidos por pessoas do mesmo sexo. É um homem com inteligência acima da média, tendências sociopatas e

voyeurísticas. É ousado, mas não se arrisca, embora provavelmente pense que sim. — Com seu jeito gracioso, ela uniu os dedos e cruzou

as pernas. — Seus crimes são bem planejados. Seu prazer e satisfação vêm da

seleção das vítimas, da preparação do plano e da sua execução.

— Por que prostitutas?

— Controle. Sexo é controle. Morte é controle. E ele sente ne-

cessidade de controlar pessoas, situações. O primeiro assassinato foi provavelmente por impulso.

— Por quê?

— Foi pego de surpresa pela própria violência, pela própria capacidade de ser violento. Teve uma reação forte, pelo solavanco que sentiu, pela inspiração ofegante e pela expiração trêmula. Recuperou-se e sistematicamente se protegeu. Não quer ser apanhado, mas quer, precisa mesmo, ser admirado e temido. Isso explica as gravações.

— Ele usa armas de colecionadores — continuou a médica, com a

mesma voz moderada. — Isso é um símbolo de *status*, de dinheiro.

Mais uma vez, poder e controle. Ele as deixa para trás no local do crime para poder mostrar como ele é especial entre os homens. Aprecia a violência visível das armas e o seu aspecto impessoal. Gosta do seu poder de matar de uma distância confortável, e da indiferença emocional disso. Decidiu o número de vítimas para mostrar que é organizado e tem precisão. É ambicioso.

— Ele poderia estar com as seis mulheres em mente desde o

começo? Seis alvos definidos?

— A única ligação confirmada entre as três vítimas é a sua profis-são — começou Mira, e viu que Eve já tinha chegado à mesma con-

clusão, mas queria uma confirmação. — Ele estava com a profissão em mente. Minha opinião é de que a escolha das mulheres é casual. É bem provável que ele tenha uma posição de alto nível, certamente um cargo de responsabilidade. Se for casado ou tiver um parceiro sexual, esse parceiro, seja ele ou ela, é subserviente. Tem um conceito muito baixo das mulheres. Ele as degrada e as humilha, depois de mortas, para

mostrar a sua repulsa e superioridade. Não tem a percepção desses atos como crimes, e sim como momentos de poder pessoal e autoafirmação.

— A prostituição, masculina ou feminina — continuou a médica —,

permanece como uma profissão de baixo padrão na mente de muitas

pessoas. As mulheres não são seres iguais a ele; uma prostituta está abaixo de sua qualificação, mesmo quando ele a usa para liberar a si mesmo. E ele gosta do trabalho que faz, tenente. Gosta muito.

— Ele considera isso um trabalho, doutora, ou uma missão?

— Não, ele não tem uma missão. Apenas ambições. Isso não tem a

ver com religião, não é uma declaração moral, nem uma postura social.

— Não, a afirmação é pessoal, e a postura é de poder.

— Sim, concordo — disse Mira, satisfeita com o funcionamento

franco e direto da mente de Eve. — Para ele, trata-se de um interessante, um novo e fascinante *hobby* do qual ele se descobriu adepto. É

um homem perigoso, tenente, não só porque não possui consciência, mas porque é bom naquilo que faz. E o sucesso o alimenta.

— Ele vai parar na sexta vítima — murmurou Eve. — Com esse

método. Mas vai encontrar outra forma criativa de matar. É vaidoso demais para voltar atrás na palavra que deu para as autoridades, mas está gostando demais do seu passatempo para desistir dele.

— Dá até para pensar, tenente — Mira virou um pouco a cabeça —,

que você já leu o meu relatório. Acho que está começando a entender o criminoso muito bem.

— Sim, peça por peça — concordou Eve. Havia mais uma pergunta

que ela queria fazer, uma pergunta que a deixara rolando na cama durante uma noite longa e insone. — Para se proteger e tornar o jogo ainda mais difícil, doutora, ele seria capaz de contratar alguém, pagar alguém para matar uma das vítimas que tivesse escolhido, enquanto ele próprio estivesse protegido por um álibi?

— Não. — Os olhos de Mira mostraram compaixão ao observar que

Eve fechara os olhos de alívio. — Na minha opinião, ele tem necessidade de estar lá. Para ver, para gravar, mas acima de tudo para passar pela experiência. Não quer satisfação indireta. Nem acredita que você vai ser mais esperta do que ele. Está adorando vê-la sofrer com esse problema, tenente. É um observador de pessoas, e creio que começou a se interessar por você no momento em que soube quem era a responsável principal pela investigação. Ele a observa, e sabe que você se importa. Na visão dele, isso é uma fraqueza a ser explorada; e ele faz isso oferecendo a você, de presente, a cena dos assassinatos; e não em seu local de trabalho, mas em sua própria casa.

— Ele já mandou o último disco. Estava na minha correspondência

da manhã, postado de uma agência automática do centro da cidade, mais ou menos uma hora depois do crime. Nós havíamos colocado o

prédio sob vigilância. Ele deve ter imaginado isso e achou um meio de contornar o problema.

— É um manipulador nato. — Mira entregou a Eve um disco e uma

pasta com o perfil inicial. — É um homem inteligente e maduro. Maduro o suficiente para refrear os impulsos, um homem com recursos financeiros, e imaginação. Quase nunca demonstra suas emoções, e raramente as deixa transparecer. Para ele, é uma questão de intelecto e, como você disse, de vaidade.

— Agradeço muito que tenha conseguido tudo isso para mim em

tão pouco tempo.

— Eve — disse Mira, antes que ela tivesse a chance de se levantar

—, há mais uma coisa. A arma que foi largada no local do último

crime. O homem que fez esses crimes não cometeria um erro tão tolo quanto o de deixar para trás uma arma que pudesse ser rastreada. O

diagnóstico do computador rejeitou essa ideia com uma probabilidade de 93,4 por cento.

273/393

— A arma estava lá — disse Eve, em tom neutro. — Eu mesma a

recolhi.

— Como estou certa de que era o que ele queria que você fizesse. É

muito provável que ele tenha apreciado implicar outra pessoa para acabar tumultuando a investigação, e dar um nó no seu desenvolvi-mento. E é igualmente provável que ele tenha escolhido uma determinada pessoa em particular para atingir você, distrair você, ou até para magoar você. Incluí tudo isso no perfil que montei. Agora, em nível pessoal, quero lhe dizer que estou preocupada com o interesse que ele tem por você.

— Vou fazer com que ele fique muito mais preocupado com meu

interesse por ele.. Obrigada, doutora.

Eve foi diretamente até o gabinete de Whitney para entregar o perfil psicológico. Com um pouco de sorte, a essa hora, Feeney deveria ter verificado suas suspeitas a respeito da compra e entrega da arma do crime.

Se ela estava certa, e ela tinha que acreditar que estava, aquilo e o peso do perfil que Mira traçara iriam livrar Roarke.

Ela já sabia, pelo jeito com que Roarke olhara para ela... através dela, durante aquele último contato entre eles, que seus deveres profissionais haviam destruído qualquer tipo de ponte pessoal que eles estivessem construindo.

Ficou ainda mais certa disso quando juntou tudo, entrou no gabinete e encontrou Roarke lá.

Ele deveria ter usado transporte particular, ela concluiu. Teria sido impossível, para ele, chegar tão depressa pelos caminhos nor. mais. Ele simplesmente inclinou a cabeça sem dizer nada, enquanto ela atravessava a sala para entregar o disco e a pasta ao Comandante Whitney.

274/393

— Aqui está o perfil construído pela Doutora Mira.

— Obrigado, tenente. — Seus olhos se desviaram para os de

Roarke. — A Tenente Dallas vai encaminhá-lo à área de interrogatório.

Agradecemos muito a sua cooperação.

Roarke continuou sem dar uma palavra. Simplesmente se levantou e esperou por Eve para ir com ela até a porta.

— Você tem o direito de estar com o seu advogado presente —

começou ela, enquanto chamava o elevador.

— Estou ciente do fato. Estou sendo acusado de algum crime,

tenente?

— Não. — Xingando-o mentalmente, entrou no elevador e pediu a

Área B. — Isto é apenas um procedimento padrão. — Seu silêncio

continuou até que ela ficou com vontade de gritar. — Droga, eu não tenho outra escolha.

— Não tem? — perguntou ele, em um murmúrio, e saiu na frente

dela quando as portas se abriram.

— É o meu trabalho. — As portas da área de interrogatório se abriram sozinhas e a seguir se fecharam, atrás deles. As câmeras de segurança que qualquer ladrão comum saberia que estavam escondidas em todas as paredes entraram em funcionamento automaticamente. Eve se sentou em uma mesa pequena e esperou

que ele se sentasse de frente para ela.

— Estes procedimentos estão sendo gravados. Você compreende

isso?

— Sim.

— Tenente Dallas, Identificação 5347BQ, entrevistadora. Entrev-

istado, Roarke. Dados iniciais e contagem de tempo. O entrevistado abriu mão da presença de um advogado. Esta afirmação é correta?

— Sim, o entrevistado abriu mão da presença de um advogado.

— O senhor tem alguma ligação com uma acompanhante sexual li-

cenciada, chamada Georgie Castle?

— Não.

— Já esteve no edifício de número 156 da Rua Oitenta e Nove

Oeste?

— Não, não acredito que tenha estado.

— O senhor possui uma Ruger modelo P-90, arma automática de

combate, fabricada em 2005?

— É provável que eu possua uma arma desta marca, modelo e ano

de fabricação. Para facilitar os trabalhos, vamos dizer que possuo.

— Quando adquiriu a citada arma?

— Mais uma vez, devo afirmar que teria que verificar. — Não pis-

cou, não tirou os olhos dos dela, nem por um momento. — Possuo uma coleção de armas bem completa, e não tenho todos os detalhes dela na cabeça, nem no computador de bolso.

— O senhor adquiriu a arma em questão em um leilão na Sotheby's?

— É possível. Frequentemente adiciono novas peças à minha

coleção através de leilões.

— Leilões com lances de comprador não declarado?

— Ocasionalmente.

O estômago dela, que já estava apertado, começou a rodar.

— O senhor aumentou a sua coleção com a arma citada adquirindo-

a pelo sistema de lance por comprador não declarado em um leão da Sotheby's que foi realizado no dia dois de outubro do ano passado?

Roarke pegou seu *palm computer* no bolso e procurou a data informada.

— Não. Não tenho registro desse fato. Estava em Tóquio nessa

data, envolvido em reuniões de negócios. A senhorita poderá verificar isso facilmente.

Droga, droga, pensou ela. Você sabe que isso não é resposta. — Representantes são muitas vezes utilizados em leilões.

— É verdade. — Olhando para ela sem demonstrar emoção,

guardou o pequeno computador no bolso, novamente. — Se a senhorita fizer uma verificação junto à Sotheby's, será informada de que eu não uso representantes. Quando decido adquirir algo, é porque já o vi com os próprios olhos. Uma avaliação pessoal da mercadoria já é o bastante para mim. Se e quando eu decido dar algum lance, sempre o faço pessoalmente. No caso de um leilão não declarado, eu estaria assistindo a ele diretamente, ou participando dele

através do *tele-link.*

— Não é tradição nesse ramo fazer um lance eletrônico fechado, ou autorizar um representante para chegar até um determinado teto?

— Não me preocupo muito com tradições. O fato é que eu poderia

mudar de ideia a respeito caso realmente desejasse adquirir alguma coisa. Por um motivo ou por outro, poderia perder interesse no objeto.

Ela compreendeu o significado indireto de sua declaração, e tentou aceitar que ele tinha acabado de terminar a ligação com ela.

— A citada arma — continuou Eve — registrada em seu nome e ad-

quirida em leilão por um comprador não declarado na Sotheby's, em outubro do ano passado, foi usada para assassinar Georgie Castle, aproximadamente às sete e meia da noite passada.

— Eu sei, e a senhorita também sabe que eu não estava em Nova

York às sete e meia da noite passada. — Seu olhar perscrutou o seu rosto. — A senhorita rastreou a transmissão, não foi?

Ela não respondeu à pergunta. Não podia.

— Sua arma foi achada na cena do crime.

— Já estabelecemos o fato de que ela é minha?

— Quem tem acesso à sua coleção?

— Eu. Apenas eu.

— Seus empregados?

— Não. Como deve lembrar, os estojos onde elas ficam expostas

são trancados. Apenas eu possuo a senha para abri-los.

— Senhas podem ser descobertas.

— Pouco provável, mas possível — concordou ele. — Entretanto, a

não ser que a palma de minha mão seja utilizada para entrada, qualquer estojo aberto por qualquer outro meio faz soar um alarme.

Droga, me dê uma abertura. Será que ele não conseguia ver que ela estava do lado dele, tentando salvá-lo?

— Alarmes podem ser desativados — insistiu ela.

— É verdade. Só que, se qualquer estojo for aberto sem a minha

autorização, todas as entradas da sala se fecham e se trancam automaticamente. Não há como sair, e a segurança é notificada de imediato.

Posso lhe assegurar, tenente, que é bem seguro e à prova de riscos.

Costumo proteger o que me pertence.

Ela olhou quando Feeney entrou, fazendo um sinal com a cabeça.

Eve se levantou.

— Com licença.

Quando as portas se fecharam atrás deles, Feeney colocou as mãos nos bolsos.

— Você acertou em cheio, Dallas. Lance eletrônico, transação em

dinheiro, mercadoria enviada para uma estação pública de retirada eletrônica automática. O figurão da Sotheby's confirma que este é um procedimento incomum para Roarke. Ele sempre participa em pessoa, ou por *tele-link* direto. Nunca usou esse tipo de transação antes, em mais de quinze anos em que trabalha com eles.

— Isso confirma o que Roarke acabou de declarar. — Ela se permi-

tiu expirar de satisfação. — O que mais?

— Fiz uma pesquisa no registro da arma. A Ruger só apareceu nos

arquivos sob o nome de Roarke há uma semana. Não há como segurá-

lo diante disso. O comandante mandou que nós o liberássemos.

— Obrigada, Feeney. — Ela não podia se permitir o sentimento de

alívio, pelo menos por enquanto, e simplesmente concordou Entrando novamente na sala, afirmou:

— Você está liberado.

— Simples assim? — Ele levantou-se quando ela já estava voltando para a porta aberta.

— Não temos motivos, neste momento, para detê-lo aqui, nem lhe

causarmos nenhum outro inconveniente.

— Inconveniente? — Foi até perto dela, e a porta se fechou depois que ele saiu. — É assim que você chama isso? Um inconveniente?

Ele tinha, Eve disse a si mesma, todo o direito de estar com raiva, de estar sentindo aquele amargor. Ela, por sua vez, estava sendo obrigada a fazer o trabalho dela.

— Três mulheres estão mortas. Todas as possibilidades têm de ser exploradas.

— E eu sou apenas uma das suas possibilidades? — Ele esticou o

braço. A súbita violência do movimento de suas mãos segurando-a

pela blusa a deixou surpresa. — Afinal de contas, é só isso que existe entre nós?

— Sou uma policial. Não posso deixar passar nada, nem supor coisa alguma.

— Não pode confiar — ele interrompeu. — Em nada nem em nin-

guém. Se as coisas tivessem se inclinado para o outro lado só um pouquinho, você teria me prendido? Teria me colocado atrás das

grades, Eve?

— Chega pra lá! — Com os olhos em fogo, Feeney surgiu no

corredor. — Largue-a, agora!

— Deixe-nos sozinhos, Feeney.

— De jeito nenhum. — Ignorando Eve, ele empurrou Roarke. —

Não venha para cima dela, não, seu figurão. Ela quase se ferrou por sua

causa. E, do jeito que as coisas ficaram, podia ter até mesmo perdido o emprego. O Secretário Simpson já a estava preparando para oferecer como cordeiro de sacrifício, por ter sido burra o bastante para dormir com você.

— Cale a boca, Feeney.

— Ora, que droga, Dallas!

— Mandei calar a boca. — Mais calma, e se sentindo longe de

Roarke, ela olhou para ele. — O Departamento agradece muito pela sua cooperação — disse a Roarke e, arrancando a sua mão que ainda agarrava sua blusa, virou-se e foi embora.

— Que diabo você está dizendo com isso, Feeney? — quis saber

Roarke.

— Olhe, eu tenho mais o que fazer do que perder meu tempo com

você. — Feeney simplesmente bufou.

Roarke o atirou de encontro a uma parede.

— Sinta-se à vontade para me fichar por atacar um policial, Feeney, mas me conte o que quis dizer a respeito de Simpson.

— Quer mesmo saber, figurão? — Feeney olhou em volta, à pro-

cura de um local onde houvesse uma relativa privacidade, e então apontou com a cabeça para a porta do banheiro dos homens. — Venha até a minha sala e eu lhe conto.

Eve ficou com o gato como companhia. Lamentava o fato de ter que devolver o felino gordo e inútil para a família de Georgie. Já teria feito isso, mas encontrou conforto e companheirismo até mesmo naquela

patética bola de pelos.

Apesar de tudo, ficou irritada pelo som do interfone. Companhia

humana não era bem-vinda. Particularmente, como ela verificou pela tela do aparelho, Roarke.

Estava sensível demais e bancou a covarde. Deixando o interfone

tocar, sem atender, voltou para o sofá e se enroscou ali com o gato. Se tivesse um cobertor à mão, teria se enfiado debaixo dele, com a cabeça e tudo.

O som de sua fechadura se abrindo momentos depois a fez pular do sofá.

— Seu filho da mãe — disse ela, ao ver Roarke entrar. — Você ul-

trapassa limites demais.

— Por que você não me contou? — Ele simplesmente enfiou a sua

chave mestra de volta no bolso.

— Não quero ver você. — Ela se odiou ao sentir que a voz

mostrava mais desespero do que raiva. — Veja se você se manca e vai embora.

— Não gosto de ser usado para magoar você.

— Você já faz isso muito bem sem precisar de ajuda.

— E você espera que eu não tenha reação alguma quando você me

acusa de assassinato? Quando acredita nisso?

— Eu jamais acreditei. — A voz saiu entre os dentes, quase um sibilo passional de raiva. — Nunca acreditei nisso — ela repetiu. Só que coloquei os sentimentos pessoais de lado e fiz o meu trabalho. Agora, caia fora.

E foi andando em direção à porta. Quando ele a agarrou, ela jogou o braço para trás e o atingiu, de modo rápido e brusco. Ele nem sequer tentou se desviar do golpe. Calmamente limpou o sangue que escorria da boca com as costas da mão enquanto ela permanecia em pé, rígida, com a respiração rápida e audível.

— Vá em frente — convidou ele. — Dê outro golpe. Não precisa se

preocupar. Eu não bato em mulheres, e nem as mato.

— Deixe-me sozinha. — Ela se virou e agarrou o encosto do sofá

onde o gato ainda estava deitado, observando-o com frieza. As

emoções estavam transbordando, e parecia que seu peito ia explodir.

— Você não vai me fazer sentir culpada por algo que eu tinha

obrigação profissional de fazer.

— Você me partiu em dois, Eve. — Aquilo o enfureceu novamente,

admitir isso, saber que ela podia devastá-lo com tanta facilidade. —

Você não poderia ter me dito que acreditava em mim?

— Não. — Ela apertou os olhos com força. — Meu Deus, será que

você não percebe que poderia ter sido pior se eu tivesse feito isso? Se Whitney não conseguisse acreditar que eu seria objetiva, se Simpson tivesse a mais leve desconfiança de que eu ia demonstrar algum grau de tratamento preferencial, teria sido muito pior. Eu poderia não ter providenciado o perfil psicológico tão depressa. Poderia não ter colocado Feeney em prioridade total no rastreamento da arma, a fim de eliminar a causa provável.

— Não tinha pensado nisso — disse ele, baixinho. — Não tinha

pensado. — Quando colocou a mão sobre o ombro dela, Eve se des-

vencilhou, e se virou para ele com os olhos em fogo.

— Droga, eu disse a você para trazer um advogado. Avisei a você.

Se Feeney não tivesse apertado os botões certos, eles poderiam ter se-gurado você lá. Só conseguiu escapar porque Feeney fez um bom trabalho, e porque o perfil psicológico não se encaixou.

Ele a tocou de novo, e ela deu um novo puxão com o braço.

— Achei que eu não precisava de um advogado. Tudo o que eu pre-

cisava era de você.

— Não importa. — Ela lutou para se controlar. —Já está feito. O

fato de você ter um álibi indestrutível para a hora do crime e a prova de que a arma foi obviamente plantada tiram o foco de você. — Ela se sentia doente, insuportavelmente cansada. — Pode ser que isso não o livre completamente, mas os perfis traçados pela Doutora Mira valem

ouro. Ninguém questiona seus diagnósticos. Ela já eliminou você, e isso pesa muito junto ao Departamento e à Promotoria.

— Eu não estava preocupado com o Departamento, ou com a

Promotoria.

— Pois deveria.

— Parece que eu lhe dei muito trabalho. Desculpe.

— Esqueça.

— Já vi olheiras demais debaixo dos seus olhos desde que a con-

heci. — Ele passou a ponta do polegar sobre eles. — Não gosto de me sentir responsável por essas que estou vendo agora.

— Sou responsável por mim mesma.

— E eu não tive nada a ver com você colocar o seu emprego em

perigo?

Droga de Feeney, pensou ela, com ódio.

— Eu mesma tomo as minhas decisões. E pago pelas

consequências.

Não desta vez, pensou ele. Não sozinha.

— Na noite depois daquela em que estivemos juntos — disse ele

—, quando eu liguei para você, deu para perceber que estava preocupada, mas você afastou aquilo do rosto. Feeney me disse exatamente o porquê da sua preocupação naquela noite. Seu amigo zangado queria que eu sofresse por torná-la infeliz. Conseguiu.

— Feeney não tinha o direito de...

— Talvez não. E não precisaria ter feito isso se você tivesse confiado em mim. — Tomou os dois braços dela para parar os movimentos rápidos. — E não dê as costas para mim — ele avisou, com a voz

baixa. — Você é boa em jogar as pessoas para fora da sua vida, Eve.

Mas isso não vai funcionar comigo.

— E o que você esperava, que eu tivesse corrido para você chor-

ando? “Ai, Roarke, você me seduziu, e agora eu estou em apuros.

283/393

Socorro!” Ora, para com isso, você não me seduziu. Fui para cama com você porque quis. Quis tanto que não pensei em ética. Agora veio a rebordosa, mas eu estou aguentando bem. Não preciso de ajuda.

— Não quer ajuda, isso com certeza.

— Não preciso de ajuda. — Ela não queria se humilhar brigando

para escapar dele naquele momento, mas permaneceu passiva.

— O comandante ficou satisfeito por você não estar envolvido com os assassinatos. Você está limpo, então o Departamento vai oficialmente registrar tudo como um erro de julgamento de minha parte, eu também vou. Se estivesse errada a respeito de você, aí seria diferente.

— Se estivesse errada a respeito de mim, isso lhe teria custado o distintivo.

— Sim. Teria me custado o distintivo. Eu perderia tudo o que tenho.

E teria merecido. Só que nada disso aconteceu, então acabou. Vamos em frente.

— E você acha realmente que eu vou simplesmente sair e ir

embora?

Isso a enfraqueceu, a cadência suave e gentil que surgiu em sua voz.

— Não posso me permitir ficar com você, Roarke. Não posso me

dar ao luxo de me envolver com alguém.

Ele deu um passo à frente, colocou as mãos no encosto do sofá e a deixou presa entre os dois braços.

— Eu também não posso me dar ao luxo de ficar com você, mas

isso não parece me importar.

— Olhe...

— Desculpe por ter magoado você — murmurou ele. — Sinto de

verdade por não ter confiado em você, e sinto também por tê-la acusado de não confiar em mim.

— Eu não esperava que você achasse algo diferente disso, ou agisse de modo diferente.

Aquilo o machucou mais do que o golpe no rosto.

— Não. Sinto muito por isso, também. Você arriscou muita coisa

por mim. Por quê?

Não havia respostas fáceis.

— Eu acreditei em você.

— Obrigado. — Ele beijou-lhe a sobrancelha.

— Foi um apelo ao meu senso de julgamento — começou ela, deix-

ando escapar um suspiro trêmulo quando ele tocou seu rosto com os lábios.

— Vou ficar com você esta noite. — Então beijou-lhe a têmpora. —

Quero ter certeza de que você vai dormir bem.

— Sexo como sedativo?

— Ele franziu os olhos, mas esfregou os lábios suavemente sobre os dela.

— Se você quiser. — Levantou-a do chão, deixando-a envergon-

hada. — Vamos ver se conseguimos encontrar a dose certa.

Mais tarde, com as luzes ainda baixas, ele a observou. Ela dormia com o rosto para baixo, esparramada e mole de cansaço. Para agradar a si mesmo, deslizou a mão de leve pelas costas dela abaixo, sobre a pele lisa, os ossos finos e a musculatura delgada. Ela não se moveu.

Experimentalmente, deixou os dedos passarem pelos cabelos dela,

como se estivesse penteando-os. Eram grossos como pelo de marta, com tons de conhaque forte e ouro velho, e com um corte lamentável.

Sentiu vontade de sorrir enquanto traçava os dedos sobre os lábios dela. Cheios, firmes e impetuosamente reativos.

Embora estivesse surpreso por ter sido capaz de levá-la ainda mais além do que ela experimentara antes, ele estava impressionado pelo conhecimento que tinha, inesperadamente, se apossado dele.

Quanto mais longe, ele se perguntou, eles conseguiriam ir?

Sabia apenas que tinha se despedaçado quando acreditou que ela o julgara culpado. O sentimento de traição e desilusão foi imenso, en-fraquecedor, algo que ele não sentia há tantos anos, que já perdera a conta.

Ela o trouxera de volta a um ponto de vulnerabilidade do qual ele já escapara. Ela tinha o poder de magoá-lo. Eles conseguiam magoar um ao outro. Aquilo era algo a ser analisado com muito cuidado.

Naquele momento, porém, a questão mais premente era quem es-

tava querendo atingir a ambos. E por quê.

Ele ainda estava tentando decifrar o problema quando tomou- lhe a mão, juntou os próprios dedos com os dela e se deixou escorregar para o mundo dos sonhos, ao seu lado.

CAPÍTULO QUINZE

Ele já tinha ido embora, quando ela acordou. Era melhor assim. As manhãs

traziam uma espécie de intimidade casual que a deixava

nervosa. Ela já estava mais envolvida com ele do que jamais estivera com alguém. Aquela química que havia entre eles tinha o potencial, ela sabia, de reverberar pelo resto de sua vida.

Eve tomou uma chuveirada rápida, enfiou-se em um robe e foi até a cozinha. Lá estava Roarke, de calças e com a camisa ainda des-abotoada, analisando o jornal da manhã pelo monitor.

Parecia perfeitamente à vontade, ela notou com uma fisgada de satisfação e horror.

— O que está fazendo?

— Hein? — Ele olhou para cima e esticou o braço para trás para abrir o AutoChef. — Preparando café para você.

— Preparando café para mim?

— Ouvi você se movimentando pelo apartamento. — Pegou as xí-

caras e as levou até o lugar em que ela estava, ainda encostada no portal. — Você não faz isso com muita frequência.

— Eu me movimentar pelo apartamento?

— Não. — Ele riu e tocou os lábios dela com os dele. — Sorrir para mim. Simplesmente sorrir para mini.

Então ela estava sorrindo? Nem havia notado.

— Achei que você já tinha ido embora. — Dando a volta na

pequena mesa, olhou para o monitor. Cotações da Bolsa, naturalmente.

— Você deve ter se levantado cedo.

— Tinha umas ligações a fazer. — Ele a observou, apreciando o

jeito com que passava os dedos pelos cabelos úmidos. Um tique

nervoso que ele tinha certeza de que ela mesma desconhecia. Pegou o *tele-link* portátil que colocara sobre a mesa e o colocou de volta no bolso. — Era uma conferência que estava marcada com o grupo da

Estação Espacial para hoje, às cinco da manhã, pelo nosso horário.

— Ah... — Ela provou o líquido, perguntando-se como conseguira

viver sem o sabor do café de verdade logo pela manhã. — Sei como essas reuniões eram importantes para você. Sinto muito.

— Conseguimos bater o martelo na maior parte dos detalhes. Posso resolver o resto por aqui mesmo.

— Você não vai voltar para lá?

— Não.

Eve se virou para o AutoChef, e dedilhou o teclado, vendo que o

seu cardápio estava muito limitado.

— A maioria das coisas está acabando. Quer uma rosca, ou algo

assim?

— Eve. — Roarke pousou a xícara de café e colocou as mãos sobre

os ombros dela. — Por que não quer que eu saiba que você ficou feliz por eu não precisar mais viajar hoje?

— Bem, o seu álibi está de pé. Não é da minha conta se você... —

Ela parou de falar quando ele a virou para encará-lo. Ele estava com ar zangado. Ela podia ver em seus olhos e se preparou para a briga que

vinha. O que ela não esperava era o beijo, o modo com que a sua boca se fechou

com firmeza sobre a dela, o jeito com que seu coração

começou a bater mais devagar, sonhando dentro do peito dela.

Então, deixou que ele a segurasse, deixou que sua cabeça se anin-hasse na curva de seu ombro e disse:

— Não sei como lidar com isso, Roarke — murmurou. — Não

tenho precedentes nessa área. Preciso de regras. Regras sólidas.

— Eu não sou um dos casos que você precisa resolver.

— Não sei o que você é. Só sei que tudo isso está indo rápido demais. Não deveria nem ter começado. Eu não deveria ter permitido que isso começasse.

— Por quê? — Ele a afastou um pouco para que pudesse analisar o

seu rosto.

— É complicado. Tenho que me vestir. Tenho que ir para o

trabalho.

— Ofereça-me ao menos uma dica, alguma coisa. — Seus dedos

apertaram com mais força os ombros dela. — Não sei o que você é, também.

— Sou uma policial — ela soltou, — É isso o que eu sou. Tenho

trinta anos e só consegui me sentir chegada a duas pessoas, durante toda a minha vida. E mesmo com elas, é mais fácil de me segurar.

— Segurar o quê?

— Deixar que se tornem muito importantes. Quando algo se torna

importante demais, pode moer você, até não sobrar nada. Eu já me senti assim. Não quero me sentir da mesma forma novamente.

— Quem machucou você?

— Não sei. — Mas sabia. Ela sabia. — Não me lembro e não quero

me lembrar. Fui uma vítima; quando você passa por isso, tem que fazer tudo o que for necessário para que não aconteça de novo. Isso era tudo o que eu era antes de entrar para a Academia de Polícia. Uma vítima,

sempre com outras pessoas apertando os botões, tomando as decisões, me atirando de um lado para o outro.

— E é isso que você acha que eu estou fazendo?

— É isso que está acontecendo.

Havia perguntas a serem feitas. Perguntas, ele podia ver no rosto dela, que iam ter que esperar. Talvez fosse a hora de assumir um risco.

Enfiou a mão no bolso e pegou o que carregava lá dentro.

Desconcertada, Eve olhou para baixo, para o simples botão cinza

que estava na palma da mão dele.

— Isso é do meu paletó.

— É. Pertence a um paletó que não fica muito bem em você. Você

precisa de cores mais fortes. Encontrei-o em minha limusine. Estou querendo lhe devolver há algum tempo.

— Oh... — Mas, quando ela esticou a mão, ele fechou os em volta

do botão.

— Uma pequena mentira. — Com ar divertido, riu para si mesmo.

— Na verdade, não tive a mínima intenção de devolvê-lo para você.

— Você tem alguma tara por botões, Roarke?

— Ando carregando isto comigo de um lado para o outro, como um

garotinho carrega um cacho do cabelo da namorada.

Os olhos dela voltaram a se encontrar com os dele, e algo muito

doce circulou por dentro dela. Ainda mais doce porque ela notou que ele tinha ficado sem graça.

— Isso é esquisito — disse ela.

— Também acho. — Mas guardou o botão de novo no bolso. — E

sabe mais o que eu acho, Eve?

— Não faço ideia.

— Acho que estou apaixonado por você.

Ela sentiu a cor sumir completamente do seu rosto, e sentiu os músculos ficarem moles, ao mesmo tempo que o coração subiu como um

míssil para bater na garganta.

— Isso é...

— Sei, é difícil encontrar a palavra certa, não é? — Ele passou as mãos pelas costas dela de cima a baixo, e depois para cima de novo, mas não a puxou para mais perto. — Estive pensando muito a respeito disso, e eu mesmo não consegui encontrar a palavra exata. Mas devo agora voltar ao que queria provar.

— E você quer provar alguma coisa? — Ela umedeceu os lábios.

— Quero provar um ponto muito interessante e importante. Estou,

ponto por ponto, tanto em suas mãos quanto você está nas minhas.

Estou igualmente desconfortável, embora talvez não tão resistente à ideia, por me encontrar nessa posição. Não vou deixar você ir embora até conseguir

descobrir o que fazer a respeito disso.

— Isso... ahn... complica as coisas.

— Tremendamente — ele concordou.

— Roarke, nós nem ao menos conhecemos um ao outro. Fora do

quarto.

— Conhecemos, sim. Somos duas almas perdidas. Nós dois

voltamos as costas para algo e nos transformamos em outra coisa. Não é de admirar que o destino tenha decidido fechar o círculo do que até então havia sido, para nós, um caminho reto. Temos que decidir agora até que ponto queremos continuar acompanhando a curva.

— Tenho que me concentrar nessa investigação. Isso tem que ser a minha prioridade.

— Eu compreendo. Mas você também tem direito a uma vida

pessoal.

— A minha vida pessoal, esta parte dela, nasceu a partir da investigação. E o assassino a está transformando em algo ainda mais pessoal.

Plantar aquela arma para que as suspeitas caíssem diretamente sobre você foi uma resposta direta ao nosso envolvimento. Ele está focado em mim.

— O que quer dizer? — A mão de Roarke desdobrou a lapela do

robe dela.

Regras, ela lembrou a si mesma. Havia regras. E ela estava a ponto de quebrá-las.

— Vou lhe contar tudo o que puder, enquanto me visto. — Eve en-

trou no quarto, com o gato se enroscando em suas pernas e andando na sua frente. — Você se lembra daquela noite em que você estava aqui quando eu cheguei em casa? O pacote que encontrou no chão?

— Sim, aquilo a deixou preocupada.

— Olhe, tenho até um agente por ser boa atriz. — Com uma espécie de sorriso, despiu o robe. — Sou quem melhor disfarça as emoções, a melhor cara de pôquer em toda a polícia.

— Ganhei meu primeiro milhão no jogo.

— Sério? — Enfiou uma suéter por cima da cabeça, tentando se

lembrar de não mudar de assunto. — O pacote era uma gravação do assassinato de Lola Starr. Ele também já tinha me trazido um disco com a morte de Sharon DeBlass.

— Ele esteve dentro do seu apartamento. — Uma flecha gelada o

atravessou.

Ela estava ocupada, pois acabara de descobrir que não tinha nen-

huma roupa de baixo limpa, e não notou o tom gelado de sua voz.

— Pode ser que tenha entrado, pode ser que não. Não houve sinais de arrombamento. Pode ter enfiado por baixo da porta. Foi o que fez da primeira vez. O disco de Georgie, esse ele enviou pelo correio. Tínhamos colocado o prédio sob vigilância. — Resignada, colocou as

calças sobre a pele, sem nada por baixo. — Ou ele sabia ou sentiu que estávamos à espera. Mas fez questão que eu recebesse os discos, todos

os três. Já sabia que eu era a responsável pelas investigações, quase que antes de mim mesma.

Ela saiu catando duas meias, teve sorte, e achou um par cuja cores eram as

mesmas.

— Ele ligou para mim e transmitiu o vídeo da cena do assassinato de Georgie Castle poucos minutos depois de ter acabado com ela. —

Sentou-se na beira da cama e colocou as meias. — Plantou uma arma e se certificou de que ela podia ser rastreada. Para atingir você. Sem contar como seria inconveniente uma acusação de assassinato e o que ela faria à sua vida, Roarke; se eu não tivesse o apoio do comandante nisso, já estaria fora do caso, e fora do Departamento, em um piscar de olhos. Ele sabe de tudo o que se passa na Central de Polícia. Sabe de tudo o que acontece na minha vida.

— Felizmente, ele não sabia que eu não estava nem mesmo no

planeta.

— Isso foi um refresco para nós dois. — Ela localizou as botas, e as calçou. — Só que isso não vai fazê-lo parar. — Levantando-se, pegou o coldre. — Ele ainda vai tentar me pegar, e fazer isso através de você é a melhor aposta dele.

Roarke a observou enquanto verificava o *laser* em um gesto automático, antes de prendê-lo, e perguntou:

— Por que você?

— Ele não tem uma opinião muito elevada a respeito das mulheres.

Eu diria que o está incomodando demais o fato de ser uma mulher que está à frente das investigações. Isso diminui o *status dele*. — Encolhendo os ombros, passou os dedos pelos cabelos, para ajeitá-los. —

Pelo menos, esta é a opinião da psiquiatra.

Pensativamente, ela arrancou o gato que estava começando a subir pela sua perna e o atirou na cama, onde ele se virou de costas para ela e começou a se lamber.

— E é também a opinião da psiquiatra que ele possa tentar eliminar você através

de algum modo mais direto?

— Não combina com o padrão.

— E se ele quebrar o padrão? — Roarke enfiou as mãos nos bolsos

para tentar evitar a ponta de medo que sentia.

— Eu consigo me defender sozinha.

— E vale a pena arriscar a sua vida por causa de três mulheres que já estão mortas?

— Sim. — Ela percebeu a fúria que pulsava na voz dele e a en-

frentou. — Vale a pena arriscar a minha vida para obter justiça para três mulheres que já estão mortas, e para tentar evitar que as outras três sejam assassinadas. Ele está só na metade do caminho. Deixou uma nota junto de cada um dos corpos. Queria que soubéssemos, desde o início, que ele tinha um plano. E está nos desafiando a impedi-lo. Uma de seis, duas de seis, três de seis. Vou fazer tudo o que puder para evitar que ele cometa o quarto assassinato.

— Coragem com força total. Foi essa a primeira coisa que admirei em você. Agora é o que me aterroriza.

Pela primeira vez ela foi até ele e colocou a mão em seu rosto.

Quase no mesmo instante, deixou cair a mão e recuou, sem graça.

— Já fui policial por dez anos, Roarke, e jamais consegui mais do que algumas escoriações e marcas roxas. Não se preocupe com isso.

— Acho que você vai ter que começar a se acostumar a ter alguém

se preocupando com você, Eve.

Não foi isso que ela planejara. Saiu do quarto para apanhar o casaco e a bolsa.

— Só estou lhe contando tudo isso, Roarke, para que você entenda contra o que eu estou lutando. O porquê de não poder dividir as minhas energias para começar a analisar o que está acontecendo entre nós.

— Sempre vão aparecer outros casos.

294/393

— Só peço a Deus que não sejam sempre casos como este. Não se

trata de assassinato por dinheiro, ou algo passional. Não é nada desesperado nem um ato frenético. É frio e calculado. É...

— Diabólico?

— Sim. — Ela ficou aliviada por ele ter dito a palavra antes dela.

Não ficou parecendo tão tolo. — Por mais que tenhamos avançado na área de Engenharia Genética, tecnologia *in vitro* e programas sociais, ainda não conseguimos controlar as falhas básicas do ser humano: viol-

ência, luxúria, inveja.

— Os sete pecados capitais.

— É verdade. — Ela se lembrou da velha senhora e sua torta en-

venenada. Agora, tenho que ir.

— Você vai me procurar quando sair do trabalho, logo mais?

— Não sei a hora em que vou poder sair da Central. Seria...

— Mas você vem?

— Sim.

Então Roarke sorriu, e Eve sabia que ele estava esperando que ela tomasse a iniciativa. Tinha certeza de que ele sabia o quanto era difícil para ela ir até onde ele estava, colocar os lábios para cima, e apertá-los de encontro aos dele, ainda que de forma casual.

— A gente se vê.

— Eve. Você devia usar luvas.

— Eu sei. — Ela digitou o código para abrir a porta, e lançou um sorriso rápido para ele, por cima dos ombros. — Só que eu vivo perdendo as luvas.

* * *

Seu bom humor durou até La entrar em sua sala e encontrar DeBlass e seu assessor à espera dela.

295/393

Deliberadamente, DeBlass olhou para seu relógio de ouro.

— Seu horário de entrada no serviço mais parece o de um banqueiro do que o de uma policial, Tenente Dallas.

Ela sabia muito bem que passavam poucos minutos das oito, mas

arrancou fora o casaco, respondendo:

— É verdade. É que por aqui nós levamos uma vida muito despre-

ocupada e exuberante. Há algo que eu possa fazer pelo senhor,

senador?

— Soube que aconteceu mais um assassinato. Estou obviamente in-

satisfeito com os seus progressos. Entretanto, vim aqui para amenizar os danos. Não quero o nome de minha neta ligado ao das duas outras vítimas.

— Então deve procurar pelo Secretário Simpson, ou pela sua as-

sessora de imprensa.

— Não me lance esse sorrisinho debochado, minha jovem. —

DeBlass se inclinou para a frente. — Minha neta está morta. Nada pode mudar isso. Mas não vou aturar ver o nome DeBlass sujo e en-lameado pela morte de duas prostitutas comuns.

— O senhor me parece ter uma opinião muito baixa sobre as mul-

heres, senador. — Teve o cuidado de não sorrir desta vez, e ficou observando-o, pensativa.

— Muito pelo contrário; eu as reverencio. E é exatamente por isso que aquelas que se vendem, aquelas que desrespeitam a moralidade e a decência comum me causam revolta.

— O senhor inclui a sua neta?

Ele quase caiu da cadeira, com o rosto vermelho e os olhos

saltando. Eve tinha quase certeza de que ele a teria agredido se Rockman não tivesse se colocado entre eles.

— Senador, a tenente está apenas provocando o senhor. Não lhe dê esta satisfação.

— Não admito que você emporcalhe o nome da minha família. —

DeBlass estava respirando muito rápido, e Eve ficou se perguntando se ele tinha algum antecedente de problemas cardíacos. — Minha neta pagou muito caro pelos seus erros, e não vou ver as outras pessoas que eu amo arrastadas e expostas ao ridículo publicamente. E não vou tolerar as suas insinuações desprezíveis.

— Estou apenas tentando colocar as coisas no devido lugar. — Era fascinante assistir à sua batalha interna para se recompor. E estava sendo muito difícil conseguir, ela notou, pois as mãos dele tremiam e o peito arfava. — Estou tentando encontrar o homem que matou Sharon, senador. Suponho que isso também seja prioritário em sua agenda.

— Encontrá-lo não vai trazer de volta a minha neta. — sentou novamente, obviamente exausto pela explosão. — O me importa agora é

proteger o que restou. Para conseguir isso, o caso de Sharon deve ser desvinculado das outras mulheres.

Eve não gostava da opinião dele, mas também não se importava

com a coloração vermelha do seu rosto.

— Quer que eu lhe sirva um pouco de água, Senador DeBlass?

Ele concordou com a cabeça e acenou para ela. Eve saiu para o

corredor e pegou um copo de água mineral. Ao voltar, a respiração dele já estava mais regular, e suas mãos estavam mais firmes.

— O senador anda exigindo demais de si mesmo — comentou

Rockman. — O seu projeto de lei para regulamentação de questões

morais vai ser apresentado ao Senado amanhã. A pressão dessa tragé-

dia familiar representa um peso enorme.

— Compreendo isso. Estou fazendo tudo o que posso para resolver

o caso. — Eve virou um pouco a cabeça para o lado. — Pressão política também é um peso muito grande sobre uma investigação. Não me agrada ser monitorada em meu tempo livre.

— Como disse? — Rockman sorriu com suavidade, — Poderia ex-

plicar melhor?

— Eu fui seguida, e o meu relacionamento pessoal com um civil foi relatado ao Secretário Simpson. Não é segredo algum que Simpson e o senador são muito ligados. — O senador e o Secretário Simpson di-videm uma aliança pessoal e política — confirmou Rockman. — En-

tretanto, não seria ético, e muito menos serviria aos interesses do senador, monitorar um membro da força policial. Eu lhe asseguro, tenente, que o Senador DeBlass está envolvido demais com sua própria dor e as responsabilidades que tem diante da nação para se preocupar com as suas... relações pessoais. Chegou ao nosso conhecimento, porém, através do Secretário Simpson, que a senhorita teve vários contatos com Roarke.

— Um oportunista amoral. — O senador colocou o copo de lado com um empurrão. — Um homem que não se deteria diante de nada a fim de aumentar o próprio poder.

— Um homem — acrescentou Eve — que foi investigado e se comprovou isento de qualquer conexão com esta investigação.

— O dinheiro compra a imunidade — disse DeBlass, com cara de nojo.

— Não nesta sala. Estou certa de que o senhor vai solicitar o relatório do caso ao comandante. Nesse meio tempo, quer isso suavize ou não o seu pesar, pretendo achar o homem que matou sua neta.

— Imagino que eu deva fazer elogios à sua dedicação. — DeBlass

se levantou. — Tenha cuidado apenas para que a sua dedicação não prejudique a reputação da minha família.

— O que o fez mudar de ideia, senador? — quis saber Eve, intri-

gada. — Na primeira vez em que conversamos, o senhor me ameaçou

de perder o emprego, caso eu não levasse o assassino de Sharon às barras da Justiça, e depressa.

— Ela está enterrada — foi tudo o que ele disse, e saiu.

— Tenente — Rockman mantinha a voz baixa —, quero repetir que

a pressão sobre o Senador DeBlass é enorme, capaz de esmagar um

homem menos forte. — Ele soltou o ar lentamente. — A verdade é que tudo isso arrasou com a esposa dele. Ela teve um colapso.

— Sinto muito.

— Os médicos não sabem se ela vai conseguir se recuperar. Essa

tragédia adicional fez o filho deles enlouquecer de dor; a sua filha já se isolara do resto da família e vivia afastada. Para o Senador, a única esperança de restaurar a sua família é deixar a morte de Sharon, e o horror de tudo isso, passar.

— Então seria uma atitude mais sábia, para o senador, recuar e

deixar os procedimentos devidos com o Departamento de Polícia.

— Tenente... Eve — disse ele, com um raro e rápido lampejo de

charme. — Gostaria de poder convencê-lo disso. Mas acredito que isso seria tão infrutífero quanto tentar convencê-la a deixar Sharon descansar em paz.

— Pode ter certeza disso.

— Bem, então — ele colocou a mão sobre o braço dela, por um

breve instante —, temos que fazer tudo o que pudermos para acertar as coisas. Foi bom revê-la.

Eve fechou a porta atrás de si e ficou considerando o caso, DeBlass certamente tinha o tipo de temperamento estourado que podia levar à violência. Quase sentiu pena por saber que ele não tinha também o controle e o cálculo para ter planejado meticulosa mente três

assassinatos.

De qualquer modo, ela teria que passar por um mau pedaço se con-

ectasse um radical senador linha dura de direita com duas prostitutas de Nova York.

Talvez ele estivesse protegendo a sua família, ela avaliou. Ou talvez estivesse protegendo Simpson, um aliado político.

Isso era podridão demais, decidiu Eve. Ele até poderia trabalhar em favor de Simpson, se o secretário estivesse envolvido com os homicídi-os de Lola Starr e Georgie Castle. Mas um homem jamais protegeria o assassino da própria neta.

Era uma pena que ela não estivesse procurando por dois homens

diferentes, Eve meditou. Mesmo assim, ela ia dar algumas beliscadas, pesquisando as bases de Simpson.

De modo objetivo, avisou a si mesma. Não podia se esquecer de que havia uma forte possibilidade de que DeBlass não soubesse que um dos seus amigos

políticos favoritos estivesse sendo chantageado por sua única neta.

Tinha que descobrir isso.

Por ora, no entanto, tinha outro pressentimento para seguir.

Localizou o número de Charles Monroe e ligou para ele.

Sua voz estava pastosa de sono, e seus olhos pareciam pesados.

— Você passa o tempo todo na cama, Charles?

— O máximo que posso, Tenente Docinho. — Ele passou a mão

sobre o rosto e sorriu para ela. — É assim que eu penso em você.

— Bem, pois não pense. Tenho algumas perguntas.

— Ora, você não pode vir até aqui para fazê-las pessoalmente?

Estou quentinho, nu e muito só.

— Cara, não sabe que existe uma lei que proíbe o assédio sexual a uma policial?

— Estou falando de um trabalho avulso, autônomo. Já lhe disse que podemos manter as coisas em nível estritamente pessoal.

— Não, vamos mantê-las no nível estritamente impessoal. Você

tinha uma colega de profissão chamada Georgie Castle. Por acaso a conhecia?

— Bem, na verdade, conhecia. — O sorriso sedutor sumiu de seu

rosto. — Não muito bem, mas eu a conheci em uma festa, há cerca de um ano. Era nova no ramo. Divertida, atraente. Legal, você sabe. A gente emplacou.

— Emplacou, de que modo?

— De um modo amigável. Tomávamos um drinque de vez em

quando. Uma vez, Sharon estava sem hora para atender alguns clientes, e eu arranjei para que ela os enviasse para a Georgie.

— Então elas se conheciam. — Eve deu um pulo. — Sharon e

Georgie?

— Não, não acredito. Pelo que me lembro, Sharon entrou em con-

tato com Georgie, perguntou se ela estava interessada em alguns clientes novos. Georgie deu o sinal verde, e isso foi tudo. Ah, sim, Sharon comentou alguma coisa a respeito de Georgie ter lhe enviado uma

dúzia de rosas. Rosas de verdade, como presente de agradecimento.

Sharon adorava essas regras de etiqueta à moda antiga.

— É que ela era apenas uma garota à moda antiga — Eve, entre

dentes.

— Quando eu soube que Georgie estava morta, aquilo doeu muito,

pode acreditar. Com Sharon foi um susto, mas não se pode dizer que tenha sido uma grande surpresa. Ela vivia na beira do abismo. Mas Georgie era totalmente centrada, entende?

— Pode ser que eu precise de mais alguma coisa, Charles. Fique

pela área.

— Se for para você...

— Ai, cai fora — ordenou ela, antes que ele pudesse se meter a engraçadinho. — O que sabe a respeito dos diários de Sharon?

— Ela nunca deixou que eu lesse nem um deles, sequer — disse,

descontraído. — Costumava brincar com ela a respeito daquilo. Acho

que uma vez ela me contou que fazia diários desde criança. Você conseguiu algum? Ei, eu apareço em alguma história?

— Onde é que ela os guardava?

— Dentro do apartamento, eu acho. Onde mais?

Essa era a questão, Eve meditou.

— Se você se lembrar de mais alguma coisa a respeito de Georgie

ou sobre os diários, entre em contato comigo.

— De dia ou de noite, Tenente Docinho. Pode contar comigo.

— Certo. — Ela ficou rindo depois que cortou a ligação.

O sol já estava se pondo quando ela chegou na casa de Roarke. Eve não estava se considerando fora de serviço. O favor que ia pedir ficara fervilhando em sua cabeça o dia todo. Ela decidira fazer, depois desi-stira, e ficou vacilando a respeito, ate se sentir enojada.

Por fim saiu da Central de Polícia, pela primeira vez em muitos

meses, na hora exata do seu final de turno. Com o pouco progresso que fizera ficando ali, não precisava ficar por mais tempo.

Feeney não achou nada, e deu em um beco sem saída em sua pro-

cura por um segundo cofre bancário. Trouxera, com óbvia relutância, a lista que Eve pedira com os nomes dos policiais. Ela tinha a intenção de fazer uma pesquisa sobre cada um deles, no momento certo e

quando tivesse tempo.

Com uma ponta de remorso, compreendeu que ia usar Roarke.

Summerset abriu a porta, com seu usual desdém.

— A senhorita chegou antes do momento em que era aguardada,

tenente.

— Se ele não estiver, posso esperar.

— Ele está na biblioteca.

— E onde fica, exatamente?

302/393

Summerset se permitiu um quase imperceptível bufar. Se Roarke

não lhe tivesse ordenado que levasse Eve assim que chegasse, ele a teria enfiado em alguma sala pequena e mal iluminada para esperar.

— Queira me acompanhar, por favor.

— O que, exatamente, eu tenho, Summerset, que faz com que seu

santo não cruze com o meu?

— Não faço ideia do que a senhorita quer dizer, tenente. — Com

suas costas retas, ele a conduziu, subindo um lance de escadas e a seguir continuando por um largo corredor. — A biblioteca — anunciou ele, com ar reverente, e abriu a porta para ela.

Eve jamais vira tantos livros juntos em toda a sua vida. Nem mesmo achava que pudessem existir tantos assim, fora de museus. As paredes estavam literalmente revestidas por eles, de modo que a sala de dois andares positivamente cheirava a livros.

No andar de baixo, sentado no que certamente era um sofá de couro, Roarke estava reclinado, bem à vontade, com um livro nas mãos e o gato no colo.

— Eve. Você chegou cedo. — Colocou o livro de lado e pegou o

gato enquanto se levantava.

— Nossa, Roarke, onde foi que você arranjou tudo isso?

— Os livros? — Deixou o olhar circular pela sala. A luz da lareira dançava e se modificava sobre as lombadas coloridas. Outro de meus interesses. Você não gosta de ler?

— Claro, de vez em quando. Mas os discos são muito mais práticos.

— E muito menos estéticos. — Acariciou o cangote do gato,

levando-o ao êxtase. — Sinta-se à vontade para pegar emprestado

qualquer um que queira.

— Acho que não.

— Que tal um drinque?

— Isso eu aceito.

303/393

Seu *tele-link* começou a tocar.

— Deve ser a ligação que estou esperando. Por que não nos serve

um pouco do vinho que deixei respirando em cima da mesa?

— Certo. — Eve pegou o gato dos braços de Roarke e foi atender

ao pedido. Como queria ficar escutando a conversa, ela se forçou a manter uma distância estratégica do lugar onde ele ficara murmurando.

Isso lhe deu a oportunidade de dar uma olhada de perto nos livros e analisar os títulos. Alguns eram de autores dos quais ela já ouvira falar.

Mesmo estudando em escolas públicas, ela foi obrigada a ler Steinbeck e Chaucer, Shakespeare e Dickens. O currículo escolar a levara também a conhecer Stephen King, John Grisham, Toni Morrison e Sue

Grafton.

Mas ali havia dezenas, talvez centenas de nomes dos quais ela

nunca ouvira falar. Ficou imaginando como alguém seria capaz de or-ganizar tantos livros, quanto mais lê-los.

— Desculpe-me — disse ele, quando desligou o *tele-link.* — Era uma coisa urgente.

— Tudo bem.

— O gato está ficando muito agarrado com você, Eve. — Ele tomou

o vinho que ela servira.

— Não acredito que ele seja particularmente leal a alguém. — Mas ela tinha que admitir que gostava do jeito com que o bichano se enro-scava debaixo da sua mão, quando ela o acariciava. — Não sei o que vou fazer com ele. Liguei para a filha de Georgie, e ela disse não tinha coragem de vir pegá-lo. Quando eu insisti, acabei fazendo-a chorar.

— Você poderia ficar com ele.

— Não sei. Bichos de estimação precisam de cuidados.

— Os gatos são admiravelmente autossuficientes. — Roarke se sen-

tou no sofá e ficou esperando que ela fosse para junto dele. — E então, quer me contar como foi o seu dia?

— Não muito produtivo. E o seu?

— Muito produtivo.

— Aqui tem um bocado de livros — falou Eve, sem saber o que

dizer e sabendo que estava adiando o assunto importante.

— Tenho um carinho especial por eles. Mal conseguia ler o meu

nome quando tinha seis anos, e então encontrei um exemplar muito velho de um livro de Yeats. É um escritor irlandês bastante conhecido

— acrescentou quando viu o olhar vazio de Eve. — Fiquei morrendo de vontade de compreender tudo aquilo, então comecei a aprender

sozinho.

— Você não freqüentou a escola?

— Não quando conseguia evitar. Estou vendo problemas no fundo

dos seus olhos, Eve — murmurou.

Ela soltou o ar com força. De que adiantava ficar adiando o problema quando ele conseguia ver através dela?

— É que eu tenho mesmo um problema. Quero fazer uma invest-

igação completa sobre o Secretário Simpson. Obviamente, não posso usar os caminhos normais, nem usar o computador da minha casa e

nem o da Central. No minuto em que eu tentasse remexer na vida do chefão, seria descoberta.

— E você está se perguntando se eu tenho algum sistema de dados

seguro e que não esteja registrado. É claro que tenho.

— É claro — ela concordou baixinho. — Um sistema de dados não

registrado é uma violação do Código 453-B, parágrafo 35.

— Você não faz ideia de como eu fico excitado quando você recita esses números de leis e parágrafos de cor, tenente.

— Não tem graça. E o que eu vou pedir a você é ilegal. É uma contravenção muito grave violar eletronicamente a privacidade de um policial do estado.

— Você pode prender a nós dois depois que acabarmos.

— Isto é sério, Roarke. Eu sempre sigo as regras, e agora estou

pedindo a você que me ajude a fazer algo contra a lei.

— Eve, minha querida — ele se levantou e a colocou em pé — , vo-

cê não faz ideia da quantidade de leis que eu já violei. — Pegou garrafa de vinho e a deixou pendurada entre dois dedos, enquanto en-laçava Eve pela cintura. — Já tomava conta de um jogo de dados

clandestino aos dez anos — começou ele, levando-a para fora da biblioteca. — Foi a herança de meu velho e adorado pai, que acabou com a garganta cortada em um beco de Dublin.

— Sinto muito.

— Não éramos muito chegados. Ele era um canalha, e ninguém

gostava dele, muito menos eu. Summerset, vamos jantar às sete e trinta

— acrescentou Roarke enquanto se viravam em direção à escada. —

Mas ele me ensinou, com a ajuda de alguns socos na minha cara, a jogar os dados, as cartas, a aprender as probabilidades. Era um ladrão, não muito bom, como ficou provado pelo fim que teve. Eu era melhor.

Roubava, trapaceava, e passei algum tempo aprendendo as artes do contrabando. Portanto, como vê, não pense que você está me cor-rompendo com esse pedido tão trivial.

Ela não olhou para ele, que digitava o código para abrir uma porta do segundo andar, no momento em que perguntou:

— Você ainda?...

— Você quer saber se eu ainda roubo, trapaceio e faço contrabando até hoje? — Virou-se e tocou o rosto dela com a mão. Você ia odiar se fosse assim, não é? Chego a ter vontade de dizer que sim, e que pretendo desistir de tudo só por causa de você. Mas aprendi há muito tempo que há jogos ainda mais excitantes por.serem legais. E que ganhar é muito mais gostoso quando você consegue a vitória sem precisar preparar o baralho. — Ele beijou a sobrancelha de Eve e entrou no quarto. Temos, no entanto, que nos manter sempre em forma.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Comparada com as outras partes da casa que ela já conhecia, aquela sala era espartana, projetada rigorosamente para o trabalho. Não havia estátuas sofisticadas, nem lustres pendentes. O console largo, em forma de U, os equipamentos eram totalmente pretos, cheios de controles e pontos para conexão de monitores.

Eve já ouvira que o Centro Internacional de Pesquisas Crimin-

alísticas, o CIPC, tinha o mais avançado sistema de banco de dados do país. Suspeitava que o de Roarke estava no mesmo nível.

Ela não era nenhuma especialista em computação, mas viu logo de

cara que aquele equipamento era incomparavelmente superior a

qualquer um que a Polícia de Nova York e a Secretaria de Segurança usavam, ou tinha condição de ter, mesmo na arrogante Divisão de

Detecção Eletrônica.

A parede comprida que ficava de frente para o console estava totalmente tomada por seis imensas telas. Uma segunda estação de trabalho auxiliar exibia uma pequena central de *tele-link* revestida de metal brilhante, um segundo aparelho de fax a *laser,* uma unidade de envio e

recepção de hologramas, e vários outros equipamentos de informática que ela não identificou.

O trio de estações de comunição tinha monitores individuais, ligados a *tele-links* próprios.

O piso era feito de placas vitrificadas, com padrão em forma de

diamantes e em cores neutras que se misturavam uns com os outros, como se

houvesse um líquido entre eles. Uma única janela mostrava imagens da cidade, e pulsava com as últimas cores do sol que desa-parecia lentamente.

Parecia que, mesmo ali, Roarke fazia questão de uma atmosfera

especial.

— Que aparelhagem! — comentou Eve.

— Não é tão confortável quanto a do meu escritório, mas tem o

básico. — Roarke se pós atrás do console principal e colocou a mão es-palmada na tela de identificação. — Roarke. Ligar equipamento.

Ouviu-se um zumbido discreto, e todas as luzes do console se

acenderam. — Este é um novo sistema de identificação por impressão palmar conjugado a identificados vocal — continuou, e fez um gesto para que Eve se aproximasse. — Liberar dados no nível de segurança amarelo.

Após o leve aceno de cabeça que ele fez, Eve espalmou a mão na

tela e sentiu o leve calor do raio de leitura.

— Dallas.

— Pronto. —Roarke se sentou ao lado dela. — Agora, o sistema vai aceitar seus comandos de voz e mão.

— O que é nível de segurança amarelo?

— O suficiente para lhe oferecer todos os dados que você precisa pesquisar — ele sorriu —, mas sem autonomia para anular um

comando meu.

— Humm... — Eve olhou para os controles, todas aquelas luzes piscando pacientemente, e a miríade de pequenas telas e mediadores. Ela desejava que Feeney estivesse ali, com seu cérebro que parecia computadorizado. — Quero

uma pesquisa sobre Edward T. Simpson,

Secretário de Segurança de Nova York dados financeiros.

— Direto no coração — murmurou Roarke.

— Não tenho tempo a perder. Este equipamento pode ser rastreado?

— Não apenas ele é impossível de ser rastreado, como também não

deixa vestígios da pesquisa que é feita.

— Simpson, Edward T. — anunciou o computador, com uma voz

feminina e sensual. — Dados financeiros sendo pesquisados.

Ao ouvir a voz, Eve levantou a sobrancelha e Roarke sorriu.

— Prefiro trabalhar com vozes melodiosas — explicou ele.

— O que eu ia perguntar — retornou ela — é como você consegue

acessar os dados sem que apareça, no Compuguard, o programa de

proteção do sistema.

Nenhum sistema é totalmente resistente à invasão ou quebra de

sigilo, nem mesmo o onipresente Compuguard. Ele é excelente para barrar o *hacker* de nível médio, ou a maioria dos ladrões eletrônicos.

Com o equipamento certo, no entanto, fica comprometido. Eu tenho o equipamento certo. E aqui estão os dados. Tela um — ordenou.

Eve olhou para a frente e viu o relatório financeiro completo de Simpson aparecer no monitor grande. Ali estavam todas as movimentações usuais: aluguel de carros, financiamentos, extratos de cartões de crédito, e todas as suas transações eletrônicas automáticas.

— A conta do American Express é salgada — ela avaliou. — acho

que ninguém sabe que ele possui uma casa em Long Island.

— Só que esses não são motivos para assassinato. Ele mantém um

padrão bancário de Categoria A. Isso quer dizer que ele paga tudo o que deve. Ah, e aqui está um extrato bancário. Tela dois.

310/393

Eve estudou os números, mas não ficou satisfeita.

— Não há nada de errado. Depósitos e retiradas na média esperada, pagamento de contas por transferência, tudo batendo com o relatório de crédito. O que é Jeremy's?

— Vestuário masculino — explicou Roarke, com um quase imper-

ceptível sorriso de desdém. — Roupas de segunda classe.

— Só que é muito dinheiro para gastar em roupas — comentou ela,

torcendo o nariz.

— Querida, assim vou ter que corromper você. Essa quantia só é

exagerada pelo fato de serem roupas de qualidade inferior. — Ela fungou e enfiou os polegares no bolso da frente das calças largas.

— E aqui está a conta de investimentos. Tela três. Pouca personalidade — acrescentou Roarke, depois de dar uma rápida olhada.

— Como assim?

— Olhe os investimentos, estão todos aí. Tudo de baixo risco. Títulos públicos, alguns fundos mútuos, um punhado de *blue chis.* E tudo aqui mesmo no planeta.

— E o que há de errado com isso?

— Nada, se você se contenta em deixar o dinheiro parado, acumu-

lando poeira. — Deu uma olhada para ela, de lado. — Você investe seu dinheiro,

tenente?

— Sim, claro. — Eve ainda estava tentando compreender as abrevi-

ações e pontos percentuais na tela. — Acompanho o índice das ações duas vezes por dia.

— Não é um bom padrão para o seu dinheiro. — Ele quase tremeu

ao dizer isso.

— E o que devo fazer?

— Coloque o que você tem nas minhas mãos e eu dobro o valor

para você em seis meses.

— Não estou aqui para ficar rica. — Ela simplesmente franziu os

olhos, ainda tentando ler o relatório de investimentos.

— Ora, querida — corrigiu ele, com aquele leve sotaque irlandês.

— Todos nós estamos.

— E quanto às contribuições políticas e humanitárias, esse tipo de coisa?

— Acesso à lista de gastos para isenção fiscal — ordenou Roarke.

— Mostrar na tela dois.

Eve aguardou e começou a bater com a mão na perna, impaciente,

enquanto os dados começaram a aparecer.

— Ele coloca o dinheiro onde o coração está — murmurou ela, an-

alisando os pagamentos feitos ao Partido Conservador e ao fundo de campanha do Senador DeBlass.

— Fora isso, não é muito generoso. Humm... — A sobrancelha de

Roarke se levantou. — Interessante.., temos aqui uma contribuição muito importante para a Organização dos Valores Morais.

— Esse é o nome de um grupo extremista, não é?

Eu a chamaria assim, mas os adeptos preferem pensar nela como

uma organização dedicada a salvar a nós, pobres pecadores, de nós mesmos. DeBlass é um dos seus defensores ferrenhos.

Eve estava concentrada, como se estivesse pesquisando em seu ar-

quivo mental, e disse:

— Eles são suspeitos de sabotar os principais bancos de dados, de várias das grandes clínicas de controle de natalidade.

— Imagine, todas aquelas mulheres decidindo por si próprias se

querem ou não engravidar, e quantos filhos desejam. — Roarke estalou a língua. — A que ponto o mundo está chegando? Obviamente, alguém precisa fazê-las voltar à realidade.

— Claro. — Ainda insatisfeita, Eve enfiou as mãos nos bolsos, —

Essa é uma ligação perigosa para alguém como Simpson. Ele gosta de ficar em cima do muro e posar de moderado.

— Para disfarçar suas tendências e conexões conservadoras. Nos últimos anos, vem removendo com cautela as camadas mais radicais.

Quer ser governador, e talvez acredite que DeBlass consiga colocá-lo lá. Política é um jogo de toma lá dá cá.

— Política. O disco de chantagem de Sharon DeBlass estava cheio

de políticos. Sexo, assassinato, política — murmurou Eve. — Quanto mais as

coisas mudam...

— Sim, mais continuam como sempre foram. Os casais ainda se en-

tregam a rituais para se cortejarem, os seres humanos seguem se

matando, e os políticos continuam a beijar bebês e a mentir.

Algo não estava certo, e ela desejou mais uma vez que Feeney estivesse ali. Assassinatos típicos do Século XX, pensou, cometidos por motivos típicos do Século XX. E ainda havia mais uma coisa que não mudara desde o último milênio: impostos.

— Dá para conseguirmos a Declaração do Imposto de Renda dele?

Os últimos três anos?

— Isso é um pouco mais complicado. — A boca de Roarke se abriu

quase em um sorriso diante do desafio.

— E também é um delito federal. Escute, Roarke...

— Espere um instante. — Apertou um botão, e um teclado manual

surgiu da parte de baixo do console. Um pouco surpresa, Eve observou enquanto os dedos dele bailavam sobre as teclas. — Onde foi que você aprendeu a fazer tudo isso? — Mesmo com todo o treinamento exigido pelo Departamento, ela ia pouco além das pesquisas manuais.

— Um pouco aqui, um pouco ali — respondeu ele, distraído —,

durante a minha juventude perdida. Tenho que passar pelo sistema de

segurança para conseguir invadi-lo, e isso vai levar algum tempo. Por que não pega um pouco mais de vinho para nós?

— Olhe, Roarke, eu não devia ter pedido. — Com um ataque de

consciência, ela chegou mais perto dele. — Não posso deixar que isso prejudique você...

— Shhh... — Suas sobrancelhas se franziram, em concentração, en-

quanto tentava achar um caminho através do labirinto da segurança do sistema.

— Mas...

— Nós já abrimos a porta, Eve. — Levantou a cabeça, e um forte ar de impaciência lhe encheu os olhos. — Agora, ou a gente entra ou de-siste e vai embora.

Eve pensou nas três mulheres mortas, porque ela não conseguira

impedir. Não sabia o suficiente para ter impedido. Balançando a

cabeça para a frente, ela se virou. O batuque sobre as teclas

recomeçou.

Depois de servir o vinho, ela foi até o console e ficou em pé diante das telas. Estava tudo em ordem, meditou. Avaliação de crédito com a categoria mais elevada; pagamento das contas rigorosamente em dia; quantidade de investimentos relativamente pequena e, supôs, bem conservadora. É claro que ele gastava mais dinheiro do que a média das pessoas nos quesitos roupas, vinhos e joias. Mas não era crime ter um gosto refinado e caro. Pelo menos quando a pessoa pagava por tudo o que comprava. Nem mesmo a segunda casa era uma infração, ou

crime.

Algumas das contribuições políticas eram inesperadas para alguém que se dizia moderado, mas mesmo assim não havia nada, de criminoso nisso.

Eve escutou Roarke xingando baixinho e olhou para trás. Era como se ela nem estivesse ali. O estranho é que ela não imaginava que ele

tivesse os requisitos técnicos para acessar os sistemas manualmente.

Pelo que Feeney comentava, aquela era uma arte quase perdida, exceto para pessoas da área técnica e os *hackers.*

No entanto, ali estava ele, rico, privilegiado e sofisticado,

quebrando a cabeça sobre um problema normalmente delegado aos

empregados mal pagos que faziam hora extra em serviços de escritório.

Por um instante, ela se permitiu esquecer o que estavam fazendo e sorriu para ele.

— Sabe, Roarke, você é uma gracinha.

Ela compreendeu então que, pela primeira vez, tinha conseguido

realmente surpreendê-lo. Levantando a cabeça, ele mostrou um olhar espantado que durou quase dois segundos. Então, o sorriso astuto voltou ao seu rosto. O sorriso que fazia o coração dela disparar.

— Você vai ter que me agradar bem mais do que isso, tenente.

Consegui colocá-la lá dentro.

— Está brincando? — Uma forte excitação se espalhou por seu sis-

tema enquanto ela girava o corpo de frente para as telas. — Mostre logo.

— Telas quatro, cinco e seis.

— Chegamos no fundo do pote. — Eve franziu a testa ao ver o total de ganhos brutos. — Parece que tudo está, como direi... dentro do esperado para o salário que ele ganha.

— É... Um pouco de juros e dividendos adquiridos através de investimentos — Roarke estava analisando todas as páginas. — Alguns

pagamentos recebidos por palestras e discursos. Ele vive perto do limite, mas dentro de suas posses, de acordo com o que os dados estão mostrando.

— Droga! — Ela entornou o resto do vinho com um gole só. —

Que outros dados pode haver?

315/393

— Vindo de uma mulher esperta, essa é uma pergunta incrivelmente ingênua. Contas clandestinas — explicou ele. — Dois conjuntos de livros contábeis são o método mais consagrado e tradicional de se esconder entrada ilícita de dinheiro.

— Mas se é dinheiro ilícito, quem é que seria burro o bastante para documentá-lo?

— Uma pergunta muito antiga. O caso é que as pessoas fazem isso.

Ah, como fazem! Sim — acrescentou ele, respondendo à pergunta que não chegou a ser feita sobre seus próprios métodos contábeis. — É

claro que eu também faço.

— Não quero nem saber dessas coisas — retrucou Eve, lançando-

lhe um olhar duro.

— O caso é que, pelo fato de fazer, sei bem como se faz. — Movi-

mentou os ombros. — As cartas dele estão todas aqui na mesa, não é o que parece? — Com alguns comandos, Roarke fez com que todos os

relatórios da Receita Federal se reunissem em uma só tela. — Agora vamos um pouco além. Computador, quero as contas, no exterior, de Simpson, Edward T.

— Não há outros dados conhecidos — respondeu a máquina. —

Sempre há outros dados — murmurou Roarke, sem desistir. Voltou a atacar as teclas, e algo começou a zumbir.

— Que barulho é esse, Roarke?

— É a máquina me dizendo que cheguei em uma parede maciça...

— Como se fosse um operário, abriu os punhos da camisa e arregaçou as mangas. O gesto fez Eve sorrir. — Quando existe uma parede,

sempre há algo por trás dela.

Continuou a trabalhar com uma só mão, enquanto bebia o vinho

com a outra. Quando repetiu o comando, a resposta foi diferente.

— Dados protegidos.

— Ah, agora estamos nos entendendo.

— Como é que você consegue...

— Shh... — ordenou ele de novo, e Eve se deixou a fundar em um

silêncio impaciente. — Computador, faça uma varredura numérica e alfabética de todas as combinações de senha. — Satisfeito com o progresso da pesquisa, ele se recostou na cadeira. — Isso vai levar algum tempo. Por que não vem até aqui?

— Você me mostra como é que consegue... — Ela parou falar, pega

de surpresa, quando Roarke a colocou em seu colo. — Ei, isso é

importante.

— Isso também. — Tomou-lhe a boca, fazendo a mão subir devagar

do quadril até pouco abaixo da curva do seio. — Pode levar uma hora, talvez mais, até achar a senha correta. — Aquelas mãos ágeis e espertas já estavam se movimentando sob o suéter dela. — Pelo que eu me lembro, você não gosta de perder tempo.

— Não, não gosto. — Aquela era a primeira vez em toda a sua vida que ela se sentava no colo de alguém, e a sensação não era nem um pouco desagradável. Começou a afundar, mas um zumbido mecânico a fez se colocar reta de novo. Completamente muda, observou o momento em que uma cama veio deslizando,

saindo de um painel na

parede lateral. — Ora, o homem que tem tudo — conseguiu falar.

— Vou ter. — Ele enganchou um dos braços sob as pernas dela,

levantando-a no ar. — Logo, logo.

— Roarke. — Ela se viu obrigada a admitir que, pelo menos por

essa vez, estava apreciando ser levantada e carregada.

— Fale.

— Eu achava que a sociedade, a propaganda, os filmes e a mídia

colocavam ênfase demais no sexo.

— Você achava isso?

— Achava. — Sorrindo, ela movimentou o corpo, de modo rápido e

ágil, deixando-o desequilibrado. — Só que mudei de ideia - completou, enquanto os dois caíam em cima da cama.

Ela já aprendera que o ato de fazer amor podia ser intenso, arrebata-dor, até mesmo perigosamente excitante. Só não sabia que também podia ser divertido. Foi uma revelação para si própria descobrir que era capaz de rir e brincar de luta sobre a cama, como se fosse uma criança.

Beijos rápidos e beliscados, cócegas, risinhos descontrolados que a deixavam sem respirar. Ela nem se lembrava de alguma vez ter dado risinhos tolos como aqueles em toda a sua vida, enquanto prendia Roarke de costas no colchão.

— Peguei você.

— Pegou mesmo. — Deliciado com ela, ele deixou que ela o

mantivesse preso enquanto cobria seu rosto de beijos. — Agora que me

imobilizou, o que vai fazer a seguir?

— Usar você, é claro. — Ela mordeu, com pouca delicadeza, o lá-

bio inferior dele. — Curtir você. — Com as sobrancelhas arqueadas, puxou a camisa dele para fora da calça, desabotoou-a e a abriu para os lados. — Você tem um corpo fantástico. — Para se satisfazer, correu as mãos pelo peito dele. — Costumava achar que essas coisas também eram valorizadas em demasia. Afinal, qualquer pessoa que tenha dinheiro pode ter um corpo sarado.

— Mas eu não comprei o meu — disse Roarke, surpreso por se ver

defendendo o próprio físico.

— Não, mas você tem uma academia de ginástica privativa neste

lugar, não tem? — Dobrando-se para a frente, fez os lábios percorrer-em os ombros dele. — Quero que você me mostre, uma hora dessas.

Acho que gostaria de ver você suar.

Ele rolou por cima dela, trocando as posições. Sentiu-a se petrificar e a seguir relaxar o corpo sob as mãos que a prendiam. Sinal de progresso, pensou. Um começo de confiança.

— Estou pronto para malhar junto com você, tenente, a qualquer

hora. — Ele puxou o suéter por cima da cabeça dela. — Quando você quiser.

— Ele liberou as mãos dela, e se comoveu ao sentir que ela le-

vantava o corpo e trazia o dele com ela de volta, para abraçá-lo.

— Ela era tão forte, pensou, enquanto o tom de seu ato de amor mudava da brincadeira para a ternura. Ela era tão macia. Tão problemática. Ele a tomou com todo o vagar e muito cuidado depois da primeira subida e a viu se elevar, escutando seu gemido baixo e melodioso enquanto seu corpo absorvia cada choque aveludade.

— Ele precisava dela. Saber o quanto ele precisava dela ainda tinha o poder de deixá-lo abalado. Ele se ajoelhou, levantando-a. As pernas dela o envolveram como laços de seda, e seu corpo se arqueou, lar-gado, para trás. Conseguiu colocar a boca sobre a dela, saboreando a carne quente enquanto se movia dentro de seu corpo de modo. compas-sado, lento e constante.

— Cada vez que ela estremecia, uma nova onda de prazer o atravessava. A garganta dela era um banquete branco e delgado ao qual ele não podia resistir. Ele a banhava com os lábios, mordiscava e cheirava enquanto a pulsação sob aquele pedaço de pele sensibilizada latejava como um coração.

— E ela chamou por ele com a voz entrecortada, envolvendo sua

cabeça com as mãos e trazendo-o de encontro ao seu corpo, que bal-ançava, balançava e balançava.

319/393

Eve descobriu que fazer amor a deixava mole e aquecida. A lenta excitação e depois a suave e longa finalização a deixaram energizada.

Não se sentiu estranha ao vestir novamente as roupas, ainda sentindo o cheiro dele em sua pele. Sentiu-se orgulhosa.

— Eu me sinto bem quando estou perto de você. — Dizer isso em

voz alta a deixou surpresa, pois essas palavras davam a ele, como dari-am a qualquer pessoa que as ouvisse, uma vantagem sobre ela, ainda que pequena.

— E ele compreendeu que, para ela, admitir isso era o equivalente a um grito declarado de devoção, vindo de outra mulher.

— Fico feliz. —Traçou uma linha com a ponta do dedo ao longo do

rosto dela, e o enfiou na pequena covinha de seu queixo. — Também gosto da ideia de ficar perto de você.

Ela se virou depois de ouvir isso, e se atravessou na cama para

acompanhar as sequências de números que passavam rapidamente pela tela do

console.

— Por que você me contou a respeito de sua infância em Dublin,

sobre o seu pai e as coisas que fazia?

— Você não ficaria com alguém que não conhecesse. — Ele apre-

ciava as costas dela enquanto enfiava a camisa para dentro das calças.

— Você me contou um pouco da sua vida, eu lhe contei um pouco da minha. E espero que, em algum momento, você me conte quem

machucou você quando era menina.

— Já lhe disse que não me lembro. — Eve detestava o leve sinal de pânico que sentiu na voz. — Não preciso lembrar.

— Não fique tensa — murmurou ele ao se aproximar para

massagear-lhe os ombros. — Não vou pressionar. Sei exatamente o

que significa ter que se reconstruir, Eve. Afastar-se do que havia antes.

De que serviria explicar a ela que não importa para onde a pessoa fuja, ou a velocidade com que corra, o passado está sempre dois passos atrás dela?

Em vez disso, Roarke a envolveu, colocando os braços em torno de sua cintura, e ficou satisfeito quando ela fechou a mão sobre a dele. Sabia que ela estava prestando atenção nos monitores do outro lado da sala. E notou o instante em que ela percebeu algo.

— Filho da mãe, olhe só para aqueles números, Roarke: rendimen-

tos e gastos. Estão muito parecidos. São praticamente iguais.

— São exatamente iguais — Roarke corrigiu, e a liberou, sabendo

que a policial que havia nela ia querer se sentir livre. — Iguais até o último

centavo.

— Mas isso é impossível. — Ela tentava fazer os cálculos

matemáticos de cabeça. — Ninguém gasta exatamente o mesmo que

ganha, não no papel. Todo mundo sempre carrega pelo menos um pou-co de dinheiro no bolso, para comprar alguma coisa no camelô, ou pegar uma Pepsi na máquina, dar uma gorjeta para o entregador de pizza. Tudo bem, reconheço que quase todas as despesas são feitas por cartão ou transferência eletrônica, mas sempre tem que haver algum dinheiro vivo circulando. — Ela parou de falar e se virou para ele. —

Você já sacou o que há. Por que diabos não me diz nada?

Achei que seria mais interessante esperar até encontrarmos o escon-derijo dele. — Ele viu o momento em que a luz amarela pesquisa, que piscava, se tornou verde. — E parece que consegui mos. Ora, um

homem tradicional, o nosso Simpson. Como eu suspeitava, ele confia nos respeitáveis e discretos bancos suíços. Exiba os dados na tela cinco

— comandou.

— Cacete! — Eve perdeu a fala ao ver as quantias nos relatórios

dos bancos.

— Os valores estão em francos suíços — explicou Roarke. Con-

verta para dólares americanos e mostre na tela seis. Veja só, a carteira de rendimentos e impostos dele quase triplicou, não acha, tenente?

— Eu sabia que ele andava levando algum. — O sangue de Eve es-

tava acelerado. — Droga, eu sabia. E olhe só para as retiradas no ano passado, Roarke. Vinte e cinco mil dólares por trimestre, em todos os trimestres. Dá cem mil dólares. — Virou-se para ele, e seu sorriso es-maeceu. — Isso bate com os

valores da lista de Sharon... Simpson, cem mil dólares. Ela estava sugando dinheiro dele.

— Pode ser que você consiga provar isso.

— E com certeza vou provar. — Começou a andar de um lado para

o outro. — Ela o tinha na mão. Talvez fosse algo relacionado com sexo, talvez um caso de suborno. Provavelmente uma combinação de pequenos e terríveis pecados. Então ele pagava a ela para ficar calada.

— Eve enfiou as mãos nos bolsos e as tirou de novo. — Talvez ela tenha aumentado o cacife. Talvez ele tenha ficado cansado e cheio de ser descascado em cem mil dólares por ano só para se garantir. Então acabou com ela. Alguém está tentando melar as investigações, o tempo todo. Alguém que tem o poder e as informações necessárias para com-plicar as coisas. Tudo aponta direto para ele.

— E quanto às outras duas vítimas?

Eve estava com a cabeça a mil. Droga, ela estava trabalhando as

ideias.

— Ele usava os serviços de uma prostituta. Podia ter usado outras.

Sharon e a terceira vítima se conheciam, ou pelo menos sabiam uma da outra. Uma delas pode ter conhecido Lola, ou mencionado o nome

dela, talvez até mesmo tê-la sugerido como opção para ele. Ai, inferno, ela pode também ter sido uma escolha aleatória. Ele se empolgou com as emoções do primeiro assassinato. Ficou assustado, mas também se sentiu ligado.

Parou de andar pela sala por um tempo, o suficiente para lançar um olhar para Roarke. Ele pegara um cigarro, o acendera, e estava olhando para ela.

— DeBlass é um dos aliados de Simpson — continuou ela. — E

Simpson tem se mostrado totalmente a favor do projeto de lei em defesa da

moral, que DeBlass vai apresentar no Senado. As vítimas são apenas prostitutas, ele pensa. Para ele, são simplesmente piranhas legalizadas, e uma delas o está chantageando. Quanto perigo a mais ela poderia representar para ele, assim que saísse a sua candidatura para governador? — Ela parou de andar novamente e se virou. — Ah, estou falando um monte de besteiras.

— Para mim, tudo pareceu bem razoável.

— Não quando você avalia o sujeito. — Lentamente, ela esfregou

os dedos entre as sobrancelhas. — Simpson não tem cabeça para isso.

Sim, eu até acho que ele seria capaz de matar, Deus sabe o quanto ele adora se sentir no controle de tudo, mas conseguir executar uma série de assassinatos tão bem planejados? Ele é um burocrata, um administrador, uma imagem, não é um policial. Não consegue nem se lembrar do número de um Código Penal, a não ser que um auxiliar sopre no ouvido dele. Suborno é fácil, é apenas um negócio. E matar tomado por pânico, paixão ou fúria, sim, é possível. Porém, planejar e executar um plano como este, passo a passo? Não. Ele não é esperto o bastante nem para lidar com suas aparições públicas.

— Então, teve ajuda de fora.

— Pode ser. Se eu conseguisse pressioná-lo, talvez descobrisse.

— Posso ajudar você nisso. — Roarke deu unta última tragada

pensativo, antes de apagar o cigarro. — O que você acha que a mídia faria se recebesse uma transmissão anônima com todas as contas

clandestinas de Simpson?

Eve abaixou a mão que levantara para passar nos cabelos.

— Iriam pendurá-lo numa corda. E se ele souber de alguma coisa,

mesmo com uma legião de advogados em volta, pode ser que a gente consiga sacudi-lo até ele deixar cair alguma coisa.

— É isso aí. A bola está com você, tenente.

Eve pensou nas regras, nos processos adequados, no sistema do qual ela se tornara parte integrante. E pensou então nas três mulheres mortas, e nas outras três que talvez conseguisse salvar.

— Há uma repórter. O nome é Nadine Furst. Mande tudo para ela.

Ela resolveu não passar a noite com ele. Sabia que ia receber um telefonema, e era melhor estar em casa e sozinha quando isso acontecesse.

Pensou que nem conseguiria dormir, mas acabou deslizando para o

mundo dos sonhos.

Sonhou primeiro com assassinatos. Sharon, Lola, Georgie, cada

uma delas sorrindo ao olhar para a câmera. Viu o instante de medo em seus olhos, rápido como um relâmpago, antes de serem atiradas para trás sobre os lençóis recém-aquecidos pelo sexo.

Papai. Lola o chamara de papai. E Eve foi atirada então em um

sonho mais doloroso, mais antigo e aterrorizante.

Ela era uma boa menina. Tentava ser boa, sem causar problemas.

Quando você causava problemas, a polícia vinha, levava você e a

colocava em um buraco fundo e escuro, cheio de insetos e aranhas que passeavam por cima de seu corpo, com patas pegajosas.

Ela não tinha amigos. Quando você tinha amigos era obrigada a inventar histórias para explicar de onde tinham vindo aquelas marcas roxas. Ou tinha que dizer que era desastrada, quando na verdade não era. Ou contar como levara um tombo, mesmo sem ter caído. Além do mais, eles nunca moravam no mesmo lugar por muito tempo. Se mor-assem, as malditas assistentes sociais começavam a aparecer, metendo

o bedelho, fazendo perguntas. E eram as malditas assistentes sociais que iam chamar os policiais para colocá-la naquele buraco escuro cheio de insetos rastejantes.

Seu pai já havia avisado.

Então, ela era uma boa menina que não tinha amigos e se mudava o tempo todo de um lugar para o outro, sempre que a levavam. Mesmo assim, parecia não fazer diferença.

Ela podia ouvi-lo chegar. Sempre o ouvia. Mesmo quando estava

em sono profundo, o contato dos pés descalços dele com o piso a acor-dava mais depressa do que o ribombar de um trovão.

Oh, por favor, por favor, por favor. Ela rezava, mas não chorava. Se chorasse, apanhava, e ele acabava fazendo as coisas secretas do mesmo jeito. As coisas dolorosas e escondidas que ela sabia, de algum modo, mesmo aos cinco anos, que eram erradas.

Ele dizia que ela era uma boa menina. Durante todo o tempo em que ele fazia as coisas secretas com ela, ficava dizendo que ela era uma boa menina. Mas ela sabia que era má, e que um dia seria punida.

Às vezes ele a amarrava. Sempre que ouvia a sua porta abrir, ela se lamuriava baixinho, rezando para que ele não a amarrasse daquela vez.

Ela não tentaria resistir, não tentaria, se pelo menos ele a deixasse solta. Se pelo menos ele não tapasse a sua boca com a mão, ela não ia gritar, nem pedir ajuda.

— Onde está a minha garotinha? Onde está a minha boa garotinha?

As lágrimas se acumulavam no canto dos olhos enquanto as mãos

dele entravam por baixo dos lençóis, apalpando, sondando, apertando.

Ela conseguia sentir o hálito dele em seu rosto. Um cheiro doce, de bala.

Os dedos dele se cravavam, dentro dela, e a outra mão descia sobre a boca, apertando-a sempre que ela se preparava para gritar. Ela não conseguia evitar

aquilo.

325/393

— Fique quieta. — A respiração dele ficava mais rápida, em uma

aceleração enjoativa que ela não compreendia. Seus dedos apertavam-lhe as bochechas, no lugar em que, pela manhã, havei ia marcas roxas.

— Seja uma boa menina. Isso... Boa menina.

Ela já não conseguia ouvir os grunhidos dele por causa da gritaria que havia dentro de sua cabeça. Por dentro, ela berrava sem parar.

Não, papai. Não, papai.

— *Não!*— O grito saiu pela garganta de Eve no mesmo instante em que ela se levantou da cama. Sentiu arrepios em toda a pele suada, e começou a tremer sem parar enquanto puxava as cobertas, para cima.

Ela não se lembrava. Não queria se lembrar de nada. E confortou a si mesma encolhendo os joelhos até apertar a testa de encontro a eles.

Foi só um pesadelo, e já estava passando. Ela ia fazer com que ele passasse, já havia feito isso antes. Até que não restava nada, a não ser uma leve sensação de enjoo.

Ainda trêmula, ela se levantou e se agasalhou com o robe para combater o frio. Durante o banho, deixou a água escorrer pelo rosto até conseguir respirar pausadamente outra vez. Sentindo-se mais firme, pegou uma lata de Pepsi, enfiou-se de novo na cama e ligou o monitor em um dos canais de notícias.

E se acomodou para esperar.

Era a notícia principal do telejornal das seis da manhã, e ap-

resentada por uma Nadine que, naquele momento, parecia ter olhos de gata. Eve já estava completamente vestida quando recebeu a ordem para se apresentar imediatamente à Central de Polícia.

CAPÍTULO DEZESSETE

Qualquer satisfação pessoal que Eve pudesse estar sentindo ao tomar parte da equipe que interrogava Simpson, ela escondeu muito bem.

Em consideração à posição dele, usaram a sua própria sala da Secretaria de Segurança, em vez da sala de interrogatório.

As amplas janelas e a brilhante mesa de acrílico não conseguiam

esconder o fato de que Simpson estava em sérios apuros. As pequenas gotas de suor acima do seu lábio superior indicavam que ele conhecia muito bem a extensão do seu problema.

— A mídia está tentando desacreditar a Secretaria de Segurança —

Simpson começou, usando a declaração meticulosamente preparada

por seu principal assessor. — Diante do fracasso visível das investigações sobre a morte brutal de três mulheres, a imprensa está tentando provocar uma caça às bruxas. Como Secretário de Segurança, sou um alvo óbvio.

— Secretário Simpson. — Nem mesmo pelo tremular de um cílio o

Comandante Whitney demonstrou o seu júbilo interior. Sua voz era grave, e seu olhar, sombrio. Seu coração celebrava o momento. —

Independente dos motivos, será necessário que o senhor explique as divergências demonstradas em suas declarações financeiras.

Simpson estava sentado, petrificado, enquanto, um de seus ad-

vogados se inclinava e murmurava algo em seu ouvido.

— Não admiti haver nenhuma divergência em minhas contas. Se

existe alguma, não é do meu conhecimento.

— Não é do seu conhecimento, Secretário Simpson, a existência de mais de dois

milhões de dólares?

Já requisitei a presença de meus contadores. Obviamente, se existe um erro de qualquer natureza, foi cometido por eles.

— O senhor confirma ou nega que a conta corrente com número

4.789.112.749-9 pertence ao senhor?

Após outra breve consulta com o advogado, Sirnpson concordou

com a cabeça.

— Eu confirmo essa informação. — Mentir a respeito disso só ser-

viria para apertar o laço.

Whitney lançou um olhar para Eve. Eles já haviam concordado

entre eles que a questão da conta era assunto para a Receita Federal.

Tudo o que queriam é que Simpson confirmasse que a conta era sua.

— Poderia nos explicar, Secretário Simpson, a retirada de cem mil dólares, em quatro parcelas de vinte e cinco mil dólares, uma a cada trimestre, no decorrer do ano passado? — quis saber Eve.

Simpson puxou, com desconforto, o nó da gravata.

— Não vejo motivo para lhe dar satisfações sobre como gasto o

meu dinheiro, Tenente Dallas.

— Então talvez possa esclarecer como é que essas mesmas quantias foram listadas por Sharon DeBlass e relacionadas com o seu nome.

— Não sei do que a senhorita está falando.

— Temos provas de que o senhor pagou a Sharon DeBlass a quantia

de cem mil dólares, em quatro parcelas de vinte e cinco mil, no

intervalo de um ano. — Eve esperou um instante e completou. — É

uma quantia bem grande para ser gasta com uma pessoa que o senhor mal conhecia. Não tenho nada a declarar a respeito desse assunto.

— Ela o estava chantageando?

— Não tenho nada a dizer.

— As provas dizem pelo senhor — afirmou Eve. — Ela chant-

ageava, o senhor pagava. Tenho certeza de que o senhor está ciente de que existem apenas duas maneiras de acabar com a extorsão,

Secretário Simpson. Uma é cortar o suprimento. A outra... é eliminar o chantagista.

— Isso é um absurdo. Eu não matei Sharon DeBlass. Estava pa-

gando tudo a ela, religiosamente. Eu...

— Secretário Simpson! — O homem mais velho da equipe de ad-

vogados colocou a mão sobre o braço de Simpson e o apertou. Depois, voltou o olhar suave para Eve. — Meu cliente não tem nenhuma declaração a fazer com relação a Sharon DeBlass. Obviamente, iremos colaborar de todas as maneiras com as investigações da Receita Federal quanto às declarações de renda de meu cliente. Até este momento, no entanto, nenhuma acusação foi feita, oficialmente. Estamos aqui apenas por cortesia, em uma demonstração de boa vontade.

— O senhor conhecia uma mulher chamada Lola Starr? — disparou

Eve.

— Meu cliente não tem nada a declarar.

— O senhor conhecia uma acompanhante autorizada que se

chamava Georgie Castle?

— A resposta é a mesma — disse o advogado, pacientemente.

— O senhor fez de tudo para dificultar ao máximo a investigação

desses assassinatos, desde o princípio. Por quê?

— Esta é uma declaração de fatos oficiais, Tenente Dallas? — perguntou o advogado. — Ou apenas uma opinião?

— Pois vou lhe dar os fatos. O senhor conhecia Sharon DeBlass, intimamente. Ela o estava sugando em cem mil dólares por ano. Agora ela está morta, e alguém está deixando vazar informações confidenciais a respeito da investigação. Duas outras mulheres estão mortas. 'Todas as vítimas ganhavam a vida exercendo a prostituição legalizada, uma coisa à qual o senhor se opõe.

— Minha oposição à prostituição é uma questão política, moral e

pessoal — retrucou Simpson com vigor. — Vou sempre dar apoio

total, de todo o coração, a qualquer legislação que a declare fora da lei.

Só que não é muito provável que eu resolvesse acabar com o problema eliminando pessoalmente as prostitutas, uma de cada vez.

— O senhor possui uma coleção de armas antigas? — persistiu Eve.

— Possuo — concordou Simpson, ignorando o advogado. Uma

coleção pequena e limitada. Totalmente registrada, segurada e invent-ariada. Ficarei mais que satisfeito em liberá-la para o Comandante Whitney, para a realização de qualquer teste.

— Agradeço muito por isso — disse Whitney, deixando Simpson

chocado por ter concordado tão depressa. — Obrigado pela sua

cooperação.

O secretário se levantou, e no seu rosto havia um turbilhão de

emoções.

— Quando todos esses assuntos forem esclarecidos, não vou me es-

quecer desta reunião. — Seus olhos pousaram por um breve instante em Eve. — Não vou me esquecer de quem invadiu a sala do Secretário de Segurança do estado.

O Comandante Whitney esperou até Simpson sair, acompanhado

pelo seu séquito de advogados.

— Quando toda essa poeira baixar — comentou —, ele não vai con-

seguir chegar nem a cem metros da sala do Secretário de Segurança do estado.

— Eu precisava de mais tempo para trabalhar nele. Por que deixou que ele fosse embora?

— O nome dele não é o único na lista de Sharon DeBlass — Whit-

ney lembrou. — E ainda não temos nenhuma ligação, até agora, entre ele e as outras duas vítimas. Reduza a lista de suspeitos, me consiga uma conexão, e eu vou poder lhe dar todo o tempo de que precisar. —

Fez uma pausa, arrumando as folhas e os documentos que haviam sido transmitidos para a sua sala. — Dallas, você me pareceu muito bem preparada para este interrogatório. Foi quase como se já estivesse esperando por ele. Acho que não preciso lembrar a você que ficar remexendo nos documentos privados é contra a lei.

— Não, senhor.

— Não achei que precisasse. Está dispensada.

Ao se dirigir para a porta, pensou ter ouvido Whitney murmurar

“Bom trabalho”, mas pode ter se enganado.

Já estava entrando no elevador para ir para a sua sala quando seu comunicador tocou.

— Dallas — ela atendeu.

— Ligação para você. Charles Monroe.

— Vou retornar a ligação para ele mais tarde.

Pegou um copo de lodo marrom que se fazia passar por café e o que deveria ser uma rosquinha, enquanto entrava na área cercada da Seção de Registros. Levou quase vinte minutos para conseguir fazer a requisição dos discos relativos aos três homicídios.

Trancando-se em sua sala, ela os estudou mais uma vez. Fez uma

revisão nas anotações que havia, e colocou outras, novas.

A vítima estava sobre a cama em cada uma das vezes. Os lençóis

estavam amarrotados em cada uma das vezes. Estavam sempre nuas.

Seus cabelos estavam sempre em desalinho.

Com os olhos apertados, ordenou que a imagem de Lola Starr ficas-se em pausa na tela, e pediu ao sistema que lhe desse um *close.*

— Marcas vermelhas na nádega esquerda — murmurou. — Não tinha reparado nisso. Espancamento? Relação de dominação? Ela não parece ter marcas roxas ou arranhões. Peça a Feeney para ampliar a imagem e examinar melhor. Troque para a gravação de Sharon

DeBlass.

Mais uma vez, Eve assistiu a tudo. Sharon rindo para a câmera,

zombando dela, tocando em si própria, se remexendo.

— Congele a imagem. Mostre quadrante número... droga... tente o

dezesseis. Amplie a imagem. Sem marcas — disse. — Continue.

Vamos lá, Sharon, me mostre o lado certo, só para eu ter certeza.

Um pouco mais... Congele. Quadrante doze, amplie a imagem. Não há marcas em você. Talvez você é que tenha espancado, hein? Mostre o disco de Georgie Castle. Vamos lá, Georgie, vamos ver você.

Viu a mulher sorrir, flertar, levantar a mão para alisar os cabelos de-sarrumados. Eve já sabia o diálogo de cor: *"Foi tudo maravilho, você foi fantástico."*

Ela estava se ajoelhando, e se sentou sobre os calcanhares, com um olhar simpático e amigável. Em silêncio, Eve começou a torcia para que ela se movesse, só um pouquinho, e se colocasse de lado. Então Georgie bocejou delicadamente, e se virou para ajeitar os travesseiros.

— Congele. Aí... Então, ele deu umas palmadas em você, não foi?

Alguns caras se excitam brincando de menina má que apanha do papai.

E então sentiu um clarão, como uma faca que estivesse sendo enfiada no cérebro. As lembranças começaram a desfilar por dentro dela, o tapa sólido de uma mão forte no seu traseiro, a fisgada de dor, a respiração pesada. *"Você tem que ser castigada, garotinha. Depois, o papai vai beijar você. Ele vai beijar você todinha."*

— Meu Deus! — Ela esfregou as mãos trêmulas no rosto. — Pare.

Saia da minha cabeça. Saia daí.

Apanhou a xícara de café frio, mas só havia sedimentos escuros no fundo. O que passou, passou, lembrou a si mesma, e aquilo não tinha nada a ver com ela. Nada a ver com o trabalho que estava realizando.

— Vítimas Dois e Três apresentam marcas de espancamento nas

nádegas. Não há marcas na Vítima Um. — Soltou um longo suspiro, e depois respirou pausadamente, até ficar mais calma. — Quebra no

padrão. Uma aparente reação emocional durante o primeiro assas-

sinato, ausente nos seguintes. O *tele-link* tocou, mas ela o ignorou.

— Teoria possível: o criminoso ganhou confiança e encontrou al-

gum divertimento nos assassinatos subsequentes. Detalhe: não havia segurança no caso da Vítima Dois. Lapso de tempo na gravação das câmeras de segurança: no caso da Vítima Três, trinta e três minutos a menos que no caso da Vítima Um. Teoria possível: o criminoso estava mais desenvolto, mais confiante, menos inclinado a brincar com a ví-

tima. Queria que a emoção viesse mais depressa.

Possível, possível, ela pensou, e o computador concordou com ela, dando um zumbido agitado e apresentando uma possibilidade de 96,3

por cento para a ideia. Só que alguma coisa a mais estava discordante quando ela passou as imagens dos três discos ao mesmo tempo, altern-ando a ordem das imagens.

— Divida a tela — ordenou ela. — Mostre Vítimas Um e Dois,

desde o início.

O sorriso felino de Sharon, o beicinho de Lola. As duas mulheres olhavam para a câmera, para o rosto do homem que estava atrás delas.

Falavam com ele.

— Congele as imagens. — Disse Eve isso tão baixinho que só

mesmo os delicados sensores do computador conseguiriam ouvi-la. —

Ora, meu Deus, o que ternos aqui?

Era um detalhe pequeno, imperceptível, e, com os olhos focados na brutalidade dos assassinatos, ela deixara passar. Mas conseguia ver naquele momento, através dos olhos de Sharon. Através dos olhos de Lola.

O olhar de Lola estava voltado para um ponto mais acima do que o de Sharon.

A altura das camas poderia ser a causa disso, disse Eve para si mesma enquanto adicionava a imagem de Georgie na tela. Cada uma das mulheres estava com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. Afinal, estavam sentadas, e ele, muito provavelmente, estava em pé. Mas o ângulo dos olhos, o ponto exato para onde eles estavam olhando... Só o de Sharon era diferente.

Ainda olhando fixamente para a tela, Eve ligou para a Doutora Mira.

— Não quero saber o que ela está fazendo — respondeu Eve à voz monótona da recepção. — É urgente.

Resmungou, ao ser colocada em espera e sentir os ouvidos invadidos por uma música açucarada e apática.

— Tenho uma pergunta — soltou, no momento em que Mira entrou na linha.

— Sim, tenente.

— É possível que sejam dois assassinos?

— Um imitador reproduzindo novos assassinatos? Não é muito provável, tenente, visto que mantivemos muitos detalhes do método e estilo dos assassinatos em sigilo.

— Mas pode ter vazado. Achei quebras no padrão. Pequenas, mas

bem definidas. — Impaciente, ela as enumerou. — A teoria, doutora, é que o primeiro assassinato foi cometido por alguém que conhecia Sharon bem, matou por impulso e então conseguiu controle suficiente para limpar tudo sem deixar traços. Os outros dois são reflexos do primeiro

crime, aprimorados e bem planejados, cometidos por alguém frio, calculista, sem conexão com as vítimas. E, droga, mais alto que o

primeiro.

— É uma teoria, tenente. Sinto muito, mas também é bem provável, talvez até mais, que todos os três crimes tenham sido cometidos pelo mesmo homem, que se tornou mais calculista a cada novo sucesso. Na minha opinião profissional, ninguém que não estivesse completamente familiarizado com o primeiro crime e seus detalhes de encenação

conseguiria tê-lo reproduzido com tamanha perfeição nos dois

seguintes.

O computador de Eve também recusara a teoria, com um índice de

apenas 48,5 por cento.

— Tudo bem, obrigada. — Desanimada, Eve desligou. Era besteira

sentir-se desapontada, disse a si mesma. Que diferença fazia se ela estava atrás de dois homens em vez de um? O *tele-link* tocou de novo.

Com os dentes rangendo, aborrecida, ela atendeu. — Dallas. Que foi?

— Ei, Tenente Docinho, assim as pessoas vão achar que você não

se importa com elas.

— Não tenho tempo para brincadeiras, Charles.

— Não desligue na minha cara. Tenho algo para você.

— Não tenho tempo para insinuações idiotas, também.

— Não, é de verdade. Caramba, a gente flerta com uma mulher uma

ou duas vezes e ela nunca mais leva a gente a sério. — Seu rosto perfeito mostrava que ele estava magoado. — Foi você mesma que pediu para eu ligar se me lembrasse de alguma coisa, não foi?

— Foi. — Mantenha a paciência, falou para si mesma. — E então,

você se lembrou de algo?

— Foi a história dos diários que me deixou pensando. Você lembra que eu comentei que Sharon sempre deixava tudo registrado. Como

você estava em busca dos diários, saquei que eles não estavam no apartamento dela.

— Puxa, você devia ser detetive.

— Não, eu gosto do meu trabalho. Enfim, fiquei matutando em que

lugar ela poderia tê-los escondido, para que ficassem em segurança. E

me lembrei do cofre que ela alugava em um banco.

— Já verificamos isso. De qualquer modo, obrigado.

— Ah... Mas, escute, como foi que você conseguiu chegar no cofre sem a minha ajuda? Sharon está morta.

Eve já estava quase desligando, mas parou.

— Sem a sua ajuda? Como assim?

— Há uns dois ou três anos, ela me pediu para alugar um no meu

nome, para ela. Disse que não queria que o nome dela aparecesse.

— Mas então, no seu nome, como é que ela poderia usar? — O cor-

ação de Eve começou a disparar.

— Bem... — O sorriso de Charles era meio envergonhado e char-

moso. — Tecnicamente, eu a coloquei no contrato como minha irmã.

Eu tenho mesmo uma irmã em Kansas City. Então, listei Sharon como Annie Monroe. Ela pagava o aluguel, e eu nem me lembrei mais disso.

Nem sei ao certo se ela ainda mantinha o cofre, mas achei que você gostaria de saber.

— E onde é o banco?

— É o First Manhattan, na agência da Avenida Madison.

— Escute, Charles. Você está em casa, certo?

— Estou.

— Fique aí, bem quietinho. Vou chegar em quinze Vamos até o

banco, nós dois.

— Se é só isso que eu posso fazer... Ei, essa foi uma dica, Tenente Docinho?

— Não saia daí. — Já estava em pé agarrando o casaco, quando o

tele-link tocou mais uma vez. — Dallas. — Ela atendeu.

— Transferência para você, Dallas. Ternos uma transmissão em es-

pera. O sinal de vídeo está bloqueado, e a pessoa não quer se

identificar.

— Já rastrearam?

— Estamos rastreando.

— Então me ponha na linha. — Ela colocou a bolsa no ombro, ou-

vindo o sinal de áudio. — Alô, aqui é a Tenente Dallas.

— Você está sozinha? — Era uma voz Feminina, trêmula.

— Sim. Você está precisando de ajuda?

— Olhe, a culpa não foi minha. Você tem que saber que a culpa não foi minha.

— Ninguém a está culpando de nada. A experiência fez Eve

começar a sentir medo e pena. — Simplesmente me conte o que

aconteceu.

— Ele me estuprou. Não consegui evitar. Ele me estuprou. Depois a estuprou, também. Em seguida, a matou. Poderia ter me matado,

também.

— Diga-me onde você está. — Observando a tela, Eve estava à es-

pera do sinal de localização da ligação. — Eu quero ajudá-la, mas primeiro preciso saber onde você está.

— Ele disse que tudo era para ficar em segredo. — Sua respiração começou a ficar entrecortada, e ela começou a choramingar. — Eu não podia contar. Ele a matou para que ela não contasse. Agora, sou eu.

Ninguém vai acreditar em mim.

— Eu acredito em você. Vou ajudá-la. Diga-me apenas... — Xingou

no momento em que a ligação caiu. — Conseguiram achar o local? —

ela quis saber, depois de voltar para a telefonista.

A ligação veio de Front Royal, na Virgínia. Numero 703-555-3908.

O endereço é...

— Não precisa. Chame o Capitão Ryan Feeney na Divisão de

Detecção. Depressa.

Dois minutos de espera não era sua ideia de “depressa”. Eve quase fez um buraco na têmpora, apertando-a enquanto aguardava. —

Feeney, pintou algo aqui, e é importante.

— Que foi?

— Não dá para explicar, mas preciso que você vá pegar Charles

Monroe.

— Caramba, Eve, achamos o assassino?

— Ainda não. Charles vai levar você até um outro cofre em um

banco. Tome conta dele direitinho, Feeney. Vamos precisar dele. E

tome muito cuidado com o que encontrar no cofre.

— Para onde você está indo?

— Tenho que pegar um avião. — Ela desligou, chamando Roarke

logo em seguida. Passaram-se mais três preciosos minutos antes que ele conseguisse atender.

— Estava para ligar para você, Eve. Parece que vou precisar voar agora mesmo para Dublin. Quer me acompanhar?

— Roarke, preciso do seu avião. Agora. Tenho que chegar na Vir-

gínia, bem depressa. Se eu for pelos métodos normais, ou pegar um transporte publico...

— O avião vai estar pronto para você. Terminal C, Portão 22.

— Obrigada — disse ela, fechando os olhos. — Estou devendo essa

a você.

Sua gratidão durou até chegar ao portão de embarque indicado e encontrar Roarke esperando por ela.

— Não tenho tempo para conversar agora. — A voz dela estava

áspera, e suas pernas compridas estavam devorando a distância entre o portão e a área de embarque.

— Então conversamos no avião.

Você não vai comigo. Isso é um assunto oficial, e....

— O avião é meu, tenente — interrompeu ele de modo suave, en-

quanto o elevador se fechava com os dois dentro e subia

silenciosamente.

— Você consegue fazer alguma coisa sem usar as rédeas?

— Consigo, mas esta não é uma dessas coisas. -- A porta do avião se abriu. A aeromoça estava à espera, eficiente.

— Sejam bem-vindos a bordo, senhor... tenente. Vão querer beber

alguma coisa?

— Não, obrigado. Avise o piloto para decolar assim que a pista estiver livre. Roarke se sentou, enquanto Eve continuou em pé, furiosa.

— Não vamos poder decolar enquanto você não se sentar e colocar o cinto.

— Achei que você estava indo para a Irlanda. — Ela podia brigar

com ele enquanto se sentava.

— Não era nada prioritário. Isto aqui, é. Escute, Eve, antes que você comece a explicar o caso, deixe-me dizer uma coisa. Você está indo para a Virgínia com muita pressa. Isso aponta para alguma coisa ligada ao caso DeBlass, e alguma nova informação. Beth e Richard são meus amigos, amigos chegados. Não tenho muitos amigos chegados, como

você também não tem. Agora, coloque-se no meu lugar. O que você

faria?

Ela tamborilou com os dedos no braço da poltrona enquanto o avião começava a se movimentar na pista.

— Roarke, isso não pode se tornar uma coisa pessoal.

— Para você, não. Para mim, tudo é muito pessoal. Beth entrou em contato comigo assim que eu comecei a ordenar os preparativos para aprontar o avião. Ela me pediu que eu fosse até lá.

— Por quê?

— Não quis dizer. Nem,precisava, bastou pedir.

Lealdade era uma qualidade que Eve não conseguia atacar.

— Não posso impedi-lo de ir comigo, Roarke, mas estou lhe avis-

ando: isso é assunto da polícia.

— E a polícia está mais agitada do que nunca, esta manhã — re-

spondeu ele, no mesmo tom —, devido a algumas informações que

vazaram para a imprensa... através de uma fonte anônima.

E eu estou grata pela sua ajuda — disse ela, soltando um suspiro.

Nada como se ver encostada na parede.

— Grata o suficiente para me contar o que houve?

— Acho que a bomba vai estourar até o fim do dia. — Movimentou

os ombros, inquieta, olhando para fora da janela e querendo que a distância passasse depressa. — Simpson vai colocar a culpa do negócio todo nas costas dos contadores. Não o imagino fazendo outra coisa. A Receita Federal vai enquadrá-lo por fraude fiscal. Imagino que as investigações internas vão descobrir de onde vinha o dinheiro. Considerando a falta de imaginação de Simpson, aposto que eram as comissões usuais, propina e suborno.

— E quanto à chantagem?

— Ah, ele estava pagando a ela, sem dúvida. Ele admitiu isso antes de o advogado fazê-lo calar a boca. Só que ele vai se agarrar nisso, porque vai descobrir que responder por pagamento a uma chantagista é bem menos arriscado do que aparecer como cúmplice de assassinato.

Ela pegou o comunicador e requisitou o número de Feeney.

— Oi, Dallas.

— Pegou os diários?

— Todos etiquetados e datados. — Feeney levantou uma caixinha,

que apareceu na pequena tela. — Temos uns vinte anos de pesquisa, aqui.

— Comece com o último registro e vá andando para trás. Devo

chegar ao meu destino em vinte minutos. Volto a falar com você assim que puder, para contar em que pé estamos.

— Ei, Tenente Docinho. — Charles apareceu com a cara no canto

da tela e sorriu para ela. — Como é que eu me saí?

— Muito bem. Obrigada, Charles. Agora, até que eu lhe avise o

contrário, esqueça tudo a respeito do cofre do banco, dos diários, de tudo.

— Que diários? — perguntou, dando uma piscada. A seguir atirou-

lhe um beijo antes que Feeney o empurrasse para o lado.

— Estou voltando para a Central de Polícia, Eve. Mantenha contato.

— Tchau. Eve desligou e enfiou o comunicador de volta no bolso.

Roarke esperou um segundo, antes de perguntar:

— Tenente Docinho?

— Não enche, Roarke. — Ela fechou os olhos para ignorá-lo, sem

conseguir apagar o sorriso do rosto.

Quando aterrissaram, ela foi obrigada a admitir que o nome de Roarke fazia efeito mais depressa do que um distintivo. Em poucos minutos eles estavam em um possante carro alugado, devorando os quilômetros que os separavam de Front Royal. Eve pensou em fazer objeções por ter sido relegada ao banco do carona, mas não podia reclamar da velocidade com que ele dirigia.

— Você já correu na Fórmula Indy?

— Não. — Olhou para ela de lado enquanto continuavam com a ve-

locidade de uma bala pela Rodovia 95, a cento e sessenta quilômetros por hora.
— Mas já participei de algumas corridas.

— Dá para perceber. — Apertou com força a barra lateral acima da porta quando ele embicou o carro para cima, decolando e voando baixo de modo ousado e ilegal por sobre um pequeno engarrafamento um

pouco à frente, — Você falou que Richard é um bom amigo. Como o

descreveria?

— Inteligente, dedicado, calmo. Quase não fala, a não ser quando tem algo a dizer. Sempre à sombra do pai, e muitas vezes divergindo dele.

— Como descreveria as relações entre ele e o pai?

Roarke trouxe o veículo novamente para o piso da estrada, com as rodas tocando suavemente o solo, quando aterrissou.

— Pelo pouco que ouvi de sua própria boca, e pelo que Beth deixou escapar, eu diria que era uma relação de combate, e frustrada,

— E o relacionamento dele com a filha?

— As escolhas que ela fez estavam em oposição direta ao estilo de vida do pai e, digamos, à sua moral. Ele é um forte defensor da liberdade de escolha e de expressão. Mesmo assim, não consigo imaginar um pai que goste de ver a filha virar uma mulher que vende o corpo para ganhar a vida.

— Ele não esteve encarregado da segurança da última campanha do

pai para o Senado?

Roarke fez o veículo levantar vôo mais uma vez, manobrando-o por uma região fora do traçado da estrada, balbuciando que ia pegar um atalho. Durante o tempo em que ficou passando entre algumas clareiras acima de algumas casas até descer novamente, aterrissando em uma rua tranqüila de um bairro residencial, permaneceu em silêncio.

Eve parou de contar as infrações de tráfego.

— A lealdade à família transcende a política — voltou ele. — Um

homem com as ideias de DeBlass, ou é muito amado ou muito odiado.

Richard podia discordar do pai, mas é claro que não o queria ver morto. Como é especialista em legislação de segurança, era natural dar assistência ao pai neste

assunto.

Um filho sempre protege o pai, pensou Eve.

— E até que ponto DeBlass aceitaria ir para proteger o filho?

— Do quê? Richard é o maior dos moderados. Costuma se manter

discretamente afastado, apóia as suas causas sem alarde. Ele... — O

significado da pergunta de Eve finalmente o atingiu. — Não, você está longe do alvo — Roarke disse entre dentes. — Completamente fora do alvo.

— É o que veremos.

A casa na colina parecia em paz. Sob o céu frio e azul, mostrava-se serena, acolhedora, com alguns valentes arbustos de açafrão

começando a apontar na grama sofrida do inverno.

As aparências, pensou Eve, realmente enganavam. Ela bem sabia

que aquele não era um lar de riqueza confortável, felicidade tranquila e vidas ajustadas. E estava mais certa disso do que nunca, agora que sabia o que ocorrera por trás da fachada cor-de-rosa e das vidraças brilhantes.

Elizabeth abriu, ela mesma, a porta. Se é que era possível, estava ainda mais pálida e abatida do que quando Eve a vira da outra vez. Os olhos estavam inchados de chorar, e o terninho de corte masculino que usava estava largo nos quadris, devido à recente perca de peso.

Ah, Roarke. — Quando Elizabeth se atirou nos braços dele, Eve

pareceu ouvir os seus frágeis ossos se chocando uns contra os outros.

— Sinto muito por tê-lo arrastado até aqui. Não devia ter incomodado você.

— Deixe de bobagem. — Ele levantou-lhe o queixo com uma del-

icadeza que tocou o coração de Eve, apesar de sua luta para não se deixar envolver. — Beth, você não anda se cuidando.

— Parece que eu não consigo funcionar, pensar ou agir. Tudo

parece estar desmoronando aos meus pés, e eu... — parou de falar de repente, lembrando-se de repente de que eles não estavam sozinhos. —

Como vai, Tenente Dallas?

Eve percebeu o rápido ar de acusação em Elizabeth quando ela ol-

hou para Roarke.

— Não foi ele que me trouxe, Senhora Barrister. Eu o trouxe. Re-

cebi uma ligação esta manhã, feita aqui desta casa. Foi a senhora que a fez?

— Não. — Elizabeth recuou. Suas mãos se entrelaçaram e se retor-

ceram. — Não, não fui eu. Deve ter sido Catherine. Ela chegou ontem à noite, de surpresa. Estava histérica, esgotada. Sua mãe foi hospitaliz-ada, e o prognóstico não é dos melhores. Acho que o estresse das últimas semanas foi demais para ela. Foi por isso que eu pedi para você vir, Roarke. Richard está nas últimas. Parece que eu não consigo ajudá-

lo. Precisávamos de alguém.

— Por que não entramos e nos sentamos?

— Eles estão na sala de estar. — Com um movimento tenso, Eliza-

beth se virou para olhar na direção da sala. — Ela não quer tomar um tranqüilizante, e não explica nada. Recusa-se a fazer qualquer coisa. Só permitiu que avisássemos ao marido e ao filho que ela estava aqui, e pediu para que eles não viessem. Está apavorada com a ideia de que possam estar em algum tipo de perigo. Imagino que o que aconteceu com Sharon a fez ficar mais preocupada com o próprio filho. Está ob-cecada com a ideia de salvá-lo, sabe lá Deus de quê.

— Se foi ela que me ligou — interrompeu Eve —, talvez converse

comigo.

— Sim, sim, está certo.

Ela os conduziu pelo saguão, até a sala impecável e banhada pela luz do sol. Catherine DeBlass estava sentada em um sofá, agarrada aos braços do irmão. Eve não conseguiu descobrir se era para confortá-lo ou segurá-lo.

Richard levantou os olhos golpeados para saudar Roarke.

— Foi bom você ter vindo. Estamos arrasados, Roarke. — A voz

tremeu, abalada. — Completamente arrasados.

— Elizabeth. — Roarke se agachou diante de Catherine. — Por que

não pede um pouco de café?

— Ah, é claro. Desculpe.

— Catherine. — Sua voz era suave, como a mão que pousou em seu

braço. O toque, porém, fez Catherine dar-lhe um empurrão, e seus olhos se arregalaram.

— Não. O que... o que você está fazendo aqui?

— Vim visitar Beth e Richard. Sinto muito que você não esteja

bem.

— Bem? — Ela soltou o que pareceu uma gargalhada nervosa, en-

quanto se encolhia. — Nenhum de nós jamais vai conseguir ficar bem novamente. Como poderemos? Estamos todos manchados. E somos todos culpados.

— Pelo quê?

— Não posso dizer a você. — Ela balançou a cabeça, afastando- se ainda mais, até ficar na ponta do sofá.

— Deputada DeBlass, eu sou a Tenente Dallas. A senhora me ligou

ainda há pouco.

— Não, não liguei. — Em pânico, Catherine cruzou os braços com

força em torno do peito. — Não liguei. Não disse nada.

345/393

Ao ver que Richard se inclinava para tocá-la, Eve lançou-lhe um olhar para impedi-lo. Deliberadamente, ela se colocou entre eles, sentou-se e pegou na mão gelada de Catherine.

— A senhora me pediu que a ajudasse. E eu vou ajudá-la.

— A senhorita não pode me ajudar. Ninguém pode. Foi um erro lig-

ar. Temos que manter tudo em família. Tenho um marido um filho

pequeno. — Lágrimas começaram a aparecer em seus olhos. —

Preciso protegê-los. Tenho que fugir para bem longe, a fim de protegê-

los.

— Nós vamos protegê-los — disse Eve com calma. — Vamos pro-

teger a senhora. Era tarde demais para proteger Sharon. A senhora não deve se culpar por isso.

— Eu nem mesmo tentei impedir — disse Catherine, em um sus-

surro. — Talvez tenha até mesmo ficado feliz, porque já não acontecia mais comigo. Já não era mais eu.

— Senhora DeBlass, eu posso ajudá-la, sim. Posso protegê-la, e à sua família. Conte-me quem a estuprou.

— Meu Deus. — Richard deixou escapar um suspiro de choque. —

Sobre o que você está falando? O que...

— Fique quieto — disse Eve, com ferocidade nos olhos. — Não há

mais segredos aqui.

— Segredo — disse Catherine, com os lábios trêmulos. — Isso tem

que ficar em segredo.

— Não, não tem. Esse tipo de segredo machuca. Rasteja por dentro de você e a consome. Ele a deixa apavorada, e a faz sentir culpa.

Aqueles que querem que tudo permaneça em segredo usam isso, a

culpa, o medo, a vergonha. O único modo de reagir é contando tudo.

Conte-me agora quem a estuprou.

346/393

A respiração de Catherine quase parou. Olhou para o irmão, com

terror brilhando nos olhos. Eve virou o rosto dela para encará-la, e a ficou segurando pelo queixo.

— Olhe para mim. Olhe apenas para mim. Diga-me quem a es-

tuprou. E quem estuprou Sharon?

— Meu pai. — As palavras saíram de sua boca como um uivo de

dor. — Meu pai. Meu pai. Meu pai. — Enterrou o rosto nas mãos e

começou a soluçar.

— Meu Deus! — Do outro lado da sala, Elizabeth recuou e esbar-

rou no pequeno robô que trazia uma bandeja. A porcelana se espatifou.

O café escuro empapou o maravilhoso tapete. — Ai, meu Deus. Minha filhinha.

Richard se levantou do sofá, correu até a mulher que oscilava para o lado e a segurou. Apertou-a com força bem junto dele.

— Vou matá-lo por isso — disse. — Vou matá-lo. — Ele apertou o

rosto contra os cabelos dela. — Beth, oh, Beth.

— Faça o que puder por eles dois — murmurou Eve para Roarke,

enquanto puxava Catherine para junto de si.

— Você achou que era Richard — disse Roarke, baixinho.

— Achei. — Seus olhos estavam sem vida e foscos quando ela os

levantou e olhou para ele. — Achei que era o pai de Sharon. Talvez no fundo estivesse me recusando a acreditar que algo tão terrível pudesse acontecer por duas gerações.

Roarke se inclinou para a frente, o rosto rígido tomo uma rocha.

— De um jeito ou de outro, DeBlass é um homem morto.

— Ajude seus amigos — disse Eve, no mesmo tom. — Tenho tra-

balho a fazer aqui.

CAPÍTULO DEZOITO

Eve deixou que Catherine chorasse, embora soubesse muito bem

que as lágrimas não iam lavar-lhe a ferida. Sabia, também, que ela não teria sido capaz de lidar com a situação por si mesma. Foi Roarke que acalmou Elizabeth e Richard, e foi ele que ordenou ao robô doméstico que recolhesse a louça quebrada; foi ele que ficou segurando as mãos deles; e, quando achou que o momento era certo, também foi ele que sugeriu com delicadeza que pedissem um pouco de chá para Catherine.

Elizabeth foi buscar o chá ela mesma, e fechou cuidadosamente as portas da sala

de estar antes de trazer a xícara para a cunhada. — Aqui está, querida. Beba um pouco.

— Sinto muito. — Catherine colocou as mãos trêmulas em volta da

xícara, para aquecê-las. — Sinto muito. Eu achei que aquilo havia parado. Obriguei-me a acreditar que havia parado. Não podia viver, se fosse de outra forma.

— Está tudo bem. — Com o rosto sem expressão, Elizabeth voltou

para perto do marido.

— Senhora DeBlass, preciso que a senhora me conte tudo.

Deputada DeBlass. — Eve esperou pacientemente até que Catherine

conseguisse focar os olhos nela de novo. — A senhora compreende

que esta nossa conversa está sendo gravada?

— Ele vai impedir você.

— Não, não vai. Foi por isso que a senhora me ligou, porque sabia que sou eu que vou impedi-lo.

— Ele tem medo da senhorita — sussurrou Catherine. — Tem

medo, eu pude perceber. Ele tem medo das mulheres em geral. É por isso que as machuca. Acho que ele deve ter dado alguma coisa para a minha mãe, algo que quebrou seu espírito. Ela sabia.

— A sua mãe sabia que seu pai abusava da senhora?

— Sabia. Fingia não saber, mas dava para ver em seus olhos. Ela

não queria saber, queria que tudo fosse calmo e perfeito, para que pudesse dar as festas dela e bancar a esposa do senador. — Levantou a mão, fazendo um escudo sobre os olhos. — Quando ele vinha até o

meu quarto à noite, eu podia ver no rosto dela, na manhã seguinte.

Sempre que tentava conversar com ela, no entanto, para pedir que ela fizesse com que ele parasse, fingia que não sabia sobre o que eu estava falando. Dizia para eu parar de inventar histórias. Mandava que eu fosse boa, que respeitasse a família.

Abaixou a mão novamente, envolveu a xícara de chá com as duas

mãos, mas não bebeu.

— Quando eu era pequena, aos sete ou oito anos, ele vinha à noite e ficava me tocando. Dizia que estava tudo bem, porque ele era o papai, e eu tinha que fingir que era a mamãe. Era uma brincadeira, dizia ele, uma brincadeira secreta. Ele me dizia que eu tinha que fazer coisas...

tocar nele. Tinha que...

— Tudo bem. — Eve a consolava, enquanto Catherine voltava a

tremer violentamente. — Não precisa me dizer. Conte-me o que

conseguir.

— A gente tinha que obedecer a ele. Éramos obrigados. Ele era uma força em nossa casa, não é, Richard?

— Sim. — Richard pegou a mão da irmã, envolveu-a com a dele e

apertou com força. — Eu sei.

— Eu não podia contar a você porque tinha vergonha, e tinha medo, e mamãe sempre olhava para o outro lado; então, eu achei que tinha que fazer aquilo. — Ela engoliu em seco. — No dia do meu aniversário de doze anos, tivemos uma festa em casa. Um monte de amigos, um bolo imenso e os pôneis. Você se lembra dos pôneis, Richard?

— Lembro. — Lágrimas começaram a descer silenciosamente pelo

seu rosto. — Eu me lembro.

— E então, naquela noite, na noite do meu aniversário, ele veio.

Disse que eu já estava grande o bastante. Disse que tinha um presente para mim, um presente muito especial, porque eu já era uma mocinha.

E me estuprou. — Ela colocou o rosto entre as mãos e ficou se bal-ançando para a frente e para trás. — Ele disse que era um presente. Oh, meu Deus! E eu implorava para que ele parasse, porque estava me

machucando. E também porque eu já era grande o suficiente para saber que aquilo era errado, que era demoníaco. Que eu era diabólica. Mas ele não parou. E continuou voltando, depois desse dia. Durante anos, até eu conseguir fugir. Fui para a faculdade, bem longe, onde ele não poderia me tocar. E disse a mim mesma que nada daquilo acontecera.

Jamais, jamais acontecera.

Depois de uma pausa, continuou.

— Tentei me fazer de forte, construir minha vida. Resolvi me casar porque pensei que seria seguro. Justin era tão gentil, tão meigo. Jamais me machucou. E eu jamais contei a ele. Achava que se ele descobrisse

ia me desprezar. Então, continuei a dizer a mim mesma que aquilo jamais acontecera.

Baixou as mãos e olhou para Eve.

— Eu chegava a acreditar naquilo, às vezes. Na maior parte do

tempo. Conseguia me envolver com o trabalho, com a família. Mas en-tão consegui enxergar, e soube que ele estava fazendo a mesma coisa com Sharon. Eu queria ajudar, mas não sabia como. Então empurrei o problema para o lado, da mesma forma que minha mãe. Ele matou

Sharon. Agora, vai me matar.

— Por que você acha que foi ele que matou Sharon?

— Porque ela não era fraca como eu. Ela se virou contra ele, usava aquilo para ameaçá-lo. Ouvi os dois discutindo, no dia de Natal.

Aquele era o dia em que todos nós íamos para a casa dele, para fingir que éramos uma família. Vi os dois entrarem no escritório dele, e os segui. Entreabri a porta e fiquei vendo e ouvindo tudo pela fresta. Ele estava furioso com Sharon, porque ela estava zombando publicamente de tudo o que ele defendia. E ela respondeu: “Foi você que me fez ser assim, seu canalha.” Ouvir aquelas palavras me fez bem. Fiquei com vontade de aplaudir. Ela o enfrentou, ameaçou espalhar toda a verdade, a não ser que ele lhe pagasse muito dinheiro. Tinha tudo documentado, ela disse, cada detalhe sórdido. Então ele ia ter que pagar a ela, jogar pelas regras dela. Eles lutaram, atirando palavras duras um ao outro. E

então...

Catherine lançou um olhar para Elizabeth e para o irmão, e depois desviou o rosto.

— Ela tirou a blusa. — O gemido de dor que Elizabeth soltou fez

com que Catherine começasse a tremer novamente. — Ela disse que

ele poderia tê-la, se quisesse, como qualquer cliente. Só que pagaria um preço mais alto. Muito mais alto. Ele estava olhando para ela. Eu conhecia o jeito com que ele estava olhando para ela, com os olhos

vidrados e a boca frouxa. Ele agarrou os seios dela. E ela olhou para mim. Direto para mim. Ela sabia que eu estava ali, e olhou para mim com desprezo. Talvez até mesmo com ódio, porque sabia que eu não ia fazer nada. Fechei a porta, fechei e fugi. Eu me senti enojada. Ah, Elizabeth.

— Não é culpa sua. Ela deve ter tentado me contar. Eu jamais vi

nada, jamais escutei nada. Nunca imaginei. Eu era a mãe dela, e não a protegi.

— Tentei conversar com ela — Catherine apertou as mãos uma con-

tra a outra —, quando estive em Nova York para uma campanha de arrecadação de fundos. Ela me disse que eu escolhera o meu caminho, e ela escolhera o dela. E falou que o dela era melhor. Eu brincava de política e mantinha a cabeça enterrada, enquanto ela brincava com o poder e mantinha os olhos abertos.

— No momento em que eu soube que ela estava morta, tive certeza

— continuou. — No funeral eu o observei, e ele me olhou enquanto eu o observava. Veio até onde eu estava e colocou os braços em volta de mim, puxando-me para junto dele, como se fosse para me consolar. E

sussurrou, dizendo que eu devia prestar atenção. Devia me lembrar e ver o que acontecia quando as famílias não guardavam seus segredos.

E me disse então que o Franklin era um belo rapaz, e que grandes planos ele tinha para ele. Disse que eu teria muito orgulho, mas devia também ter muito cuidado. — Ela fechou os olhos. — O que eu poderia fazer? Ele é meu filho.

— Ninguém vai machucar o seu filho. — Eve envolveu a mão rí-

gida de Catherine com a sua. — Eu lhe prometo.

— Jamais vou saber se eu conseguiria ter salvo Sharon. A sua filha, Richard.

— Mas pode saber que está fazendo todo o possível, agora. — Sem

perceber que ainda estava segurando a mão de Catherine, Eve a

apertou com força, para tranquilizá-la. — Vai ser muito difícil superar tudo, Senhora DeBlass, e passar por tudo isso mais uma vez, como vai acontecer. Encarar a imprensa e toda a publicidade. Testemunhar, se houver um julgamento.

— Ele jamais vai permitir que isso chegue a um tribunal — disse

Catherine, com ar cansado.

— Não vou lhe dar escolha. — Talvez não por assassinato, pensou

Eve. Ainda não. Mas ela ia enquadrá-lo, certamente, por abuso sexual.

— Senhora Barrister, acho que a sua cunhada deveria descansar um pouco, agora. Pode ajudá-la a subir para o quarto?

— Sim, claro. — Elizabeth se levantou e foi até Catherine, para

ajudá-la a se levantar. Vamos deitar um pouco agora, querida, venha comigo.

— Sinto muito. — Catherine se apoiou pesadamente em Elizabeth,

enquanto era levada para fora da sala. — Deus me perdoe, eu sinto muito.

— Temos um serviço de aconselhamento psiquiátrico, com uma

médica do Departamento de Polícia, Senhor DeBlass. Acho que a sua irmã deveria ir vê-la.

— Sim — disse ele de modo distraído, olhando para a porta que se fechara. — Ela vai precisar de alguém. De algo.

Todos vocês vão, pensou Eve.

— O senhor está disposto a responder a algumas perguntas?

— Não sei. Ele é um tirano, uma pessoa difícil. Mas isso o transforma em um monstro. Como posso aceitar que meu próprio pai seja um monstro?

— Ele tem um álibi para a noite em que a sua filha foi morta Eve assinalou. — Não posso acusá-lo de nada sem ter algo a mais.

— Um álibi?

— Meus registros dizem que Rockman estava em companhia de seu

pai, trabalhando com ele em Washington, até quase duas da manhã, na noite do assassinato.

— Rockman é capaz de dizer qualquer coisa que meu pai lhe

ordene.

— Inclusive para encobrir um assassinato?

— Trata-se apenas da maneira mais fácil de escapar. Por que al-

guém acreditaria que meu pai tem relação com o crime? — Seu corpo tremeu, como se tivesse sido atingido por uma corrente de ar gélido. —

A declaração de Rockman afasta inteiramente o patrão de qualquer suspeita.

— Como é que seu pai faria para viajar de Washington para Nova

York, ida e volta, se não quisesse que sua viagem ficasse registrada?

— Não sei. Se a aeronave dele saiu de Washington, deve estar marcado no diário de bordo.

— Diários de bordo podem ser adulterados — disse Roarke.

— Sim. — Richard levantou os olhos como se apenas naquele mo-

mento tivesse se lembrado de que o seu amigo estava ali. — Você sabe mais a respeito dessas coisas do que eu.

— Esta foi uma referência aos meus dias de contrabandista — ex-

plicou Roarke a Eve. — Essa fase já ficou para trás há muito tempo.

Bem, a adulteração pode ser feita, mas seria necessário molhar algumas mãos. A do piloto, talvez a do mecânico, e certamente a do engenheiro de voo.

— Então, agora, eu já sei a quem devo pressionar. — Se Eve con-

seguisse provar que a aeronave do senador fez a viagem naquela noite, seria capaz de abrir um processo. Seria o suficiente para quebrá-lo. —

O que você sabe a respeito da coleção de armas do seu pai?

— Mais do que gostaria. — Richard se levantou, com as pernas

bambas. Foi até o bar e colocou um pouco de bebida em um copo.

Bebeu de um gole só, como se fosse remédio. — Ele gosta de suas

armas, vive exibindo-as. Quando eu era mais jovem, ele tentou fazer com que eu me interessasse por elas. Roarke pode lhe contar que não funcionou.

— Richard acredita que armas são símbolos perigosos do abuso de

poder. E posso também lhe dizer que sim, DeBlass ocasionalmente

fazia uso do mercado negro.

— E por que você não mencionou isso antes?

— Você não perguntou.

Ela deixou passar, por ora.

— Seu pai possui conhecimentos de segurança? Conhece os aspec-

tos técnicos?

— Certamente. Sente orgulho por saber como se proteger. Essa é

uma das poucas coisas que conseguimos discutir sem acabar brigando.

— O senhor o consideraria um perito?

— Não — respondeu Richard, devagar. — Apenas um amador

talentoso.

— E o relacionamento dele com o Secretário Simpson? Como o

senhor o descreveria?

— Era para se auto-satisfazer. Ele considerava Simpson um tolo.

Meu pai gosta de usar os tolos. — De repente, Richard se atirou na poltrona. — Sinto muito, não posso mais continuar com isso. Preciso de algum tempo.

Preciso da minha mulher.

— Tudo bem, Senhor DeBlass. Vou providenciar para que seu pai

seja vigiado. O senhor não vai conseguir alcançá-lo sem ser monitorado. Por favor, não tente fazer isso.

— A senhorita acha que eu vou tentar matá-lo? — Richard deu um sorriso melancólico e ficou olhando fixamente para as próprias mãos.

— Gostaria de fazer isso. Pelo que ele fez com a minha filha, com a minha irmã, com a minha vida. Só que eu não teria coragem.

Quando estavam mais uma vez do lado de fora da casa, Eve caminhou direto para o carro, sem olhar para Roarke.

— Você suspeitava disso? — perguntou ela.

— Que DeBlass estava envolvido? Sim, suspeitava.

— Mas não me disse nada.

— Não. — Roarke a fez parar antes que ela pudesse abrir a porta do carro. — Era apenas um palpite, Eve. Não fazia ideia do que aconteceu com Catherine. Não tinha ideia absolutamente de nada. Apenas suspeitava que Sharon e DeBlass estivessem tendo um caso.

— Essa é uma palavra muito limpa para isso.

— Eu suspeitava — continuou ele —, pela maneira com que ela se

referiu ao avô durante aquele nosso único jantar juntos. No entanto, era mais um sentimento, eu não tinha fatos. Era um sentimento que não serviria de nada para ajudar no seu caso. Além do mais — acrescentou ele, virando-a de frente para ele —, depois que eu passei a conhecer você melhor, resolvi guardar aquele sentimento para mim mesmo,

porque não queria magoá-la. — Eve puxou o rosto para o lado. Roarke o puxou

de volta pacientemente, com a ponta dos dedos. — Você não teve ninguém que a ajudasse?

— Não se trata de mim. — Soltou um suspiro entrecortado. — Não

posso pensar a respeito disso, Roarke. Não posso. Vou acabar es-

tragando tudo; e, se eu estragar tudo, ele pode conseguir escapar. Escapar dos estupros e do assassinato; escapar do abuso sexual das crianças que ele deveria estar protegendo. Não vou deixar que ele escape.

— Você não disse a Catherine que a única forma de lutar contra isso era contar tudo?

— Tenho muito trabalho pela frente.

Ele disfarçou a frustração, dizendo:

— Imagino que você vai querer ir até o Aeroporto de Washington,

onde DeBlass mantém sua aeronave.

— Vou. — Ela entrou no carro enquanto Roarke dava a volta para

se sentar no banco do motorista. — Pode me deixar na estação mais próxima.

— Vou com você, Eve.

— Tudo bem, ótimo. Preciso mesmo entrar lá.

Enquanto ele dirigia pela estrada sinuosa, ela fez uma ligação para Feeney.

— Consegui algo bem quente aqui — disse, antes mesmo que ele

tivesse a chance de falar alguma coisa. — Estou a caminho de

Washington.

— Você conseguiu algo quente? — A voz de Feeney era quase me-

lodiosa. — Não precisei nem procurar além do último registro do

diário, Dallas, que foi gravado na manhã do assassinato. Só Deus sabe por que motivo ela levou o diário para o banco. Foi pura sorte. Ela tinha um encontro com um cliente para a meia-noite. Você jamais vai adivinhar quem era.

— O avô dela.

— Mas que droga, Dallas. Feeney arregalou os olhos e esbravejou.

— Como é que você sabia?

— Quero que você apenas me diga que isto está documentado,

Feeney. — Ela fechou os olhos por um instante. — Diga-me que ela especificou o nome dele.

— Ela o chamou de senador, e se referiu a ele também como o

velho peidão que era avô dela. E também falou com alegria a respeito dos cinco mil dólares que cobrava dele por cada transa. Abre aspas:

“Quase vale a pena deixar que ele babe em cima de mim, e olha que ainda há um bocado de energia no meu vovozinho. O canalha. Cinco mil dólares a cada duas semanas não é assim um acordo tão mau. Pelo

menos faço tudo para que o dinheiro que ele gasta valha a pena. Não é como quando eu era criança e ele me usava. Virei a mesa. Não vou me transformar em uma ameixa seca como a pobre tia Catherine. Estou me dando bem nessa história. E qualquer dia, quando eu me enjoar disso, vou mandar todos os meus diários para a imprensa. Cópias múltiplas.

O canalha fica louco sempre que eu ameaço fazer isso. Talvez esta noite eu enfie a faca um pouco mais fundo. Vou dar um susto daqueles no senador. Por Deus, é maravilhoso ter o poder de fazê-lo se contorcer todo de medo, depois de tudo o que ele fez comigo.”

— Isso já vinha de longe, Dallas. — Feeney balançou a cabeça. —

Pesquisei vários registros. Ela ganhava uma grana alta com chantagem, cita nomes e fornece provas. Só que tudo isto coloca o senador no apartamento dela na noite do crime. Agora, ele está com o traseiro na reta.

— Você pode me conseguir um mandado de prisão?

— As ordens do comandante eram para emitir um mandado e envi-

ar, no instante em que você ligasse. Mandou que você fosse pegá-lo.

Assassinato em primeiro grau, três crimes.

— Onde é que eu vou encontrá-lo? — Eve soltou um suspiro

profundo.

— Ele está no Senado Federal, neste instante, apregoando seu projeto de lei em defesa da Moral e dos Bons Costumes.

— Nossa, mas isso é perfeito! Já estou indo para lá. — Desligando, ela se virou para Roarke. — Não dá para isso aqui ir mais rápido, não?

— Vamos descobrir.

Se junto com o mandado não tivessem vindo algumas ordens de

Whitney, instruindo-a para que fosse discreta, Eve teria entrado marchando pelo salão do Senado e o teria algemado na frente dos seus

aliados políticos. Mesmo assim, ainda havia uma satisfação consider-

ável na forma como a coisa aconteceu.

Eve esperou até que ele completasse o seu discurso apaixonado a respeito do declínio moral do país, a corrupção insidiosa que brotara da promiscuidade, do controle da natalidade e da engenharia genética. Ex-punha a falta de moralidade dos jovens, a morte da religião organizada nos lares, nas escolas e nos locais de trabalho. A nação, que sempre tivera a proteção de Deus, se tornara herege. O direito constitucional de portar armas tinha sido destruído pela direita liberal.

Apresentava números que falavam de crimes violentos, decadência urbana, drogas contrabandeadas, tudo isso um resultado claro, como clamava o senador, do nosso crescente declínio moral, nossa tolerância com os criminosos,

nossa

indulgência

com

a

liberdade

sexual

sem

responsabilidade.

Ouvir tudo isso estava deixando Eve com enjoo.

— No ano 2016 — disse ela baixinho —, no final da Revolta Urb-

ana, antes da proibição das armas, tinha havido dez mil mortos e feridos por armas de fogo, só nas imediações de Manhattan.

Ela ainda estava assistindo DeBlass, que vendia a sua panaceia,

quando sentiu Roarke colocar a mão na base das suas costas.

— Antes de legalizarmos a prostituição, havia um estupro ou tentativa de estupro a cada três segundos. É claro que ainda temos casos de estupro, porque é algo que tem muito menos a ver com sexo do que com poder, mas os números baixaram. As prostitutas licenciadas e legalizadas não têm cafetões, portanto não são mais agredidas, espancadas ou mortas. E não podem usar drogas. Houve um tempo em que as mulheres iam a açougueiros para se livrar de uma gravidez indesejada. Ar-riscavam a própria vida ou destruíam a vida dos filhos. Bebês nasciam cegos, surdos e deformados, antes que a engenharia genética e as pesquisas tornassem possível fazer operações *in vitro.* Não é um

mundo perfeito, mas quando você o ouve, entende que poderia ser

ainda muito pior.

— Você sabe o que a mídia vai fazer com ele quando a bomba

estourar?

— Crucificá-lo — murmurou Eve. — Espero em Deus que isso não

o transforme em um mártir.

— A voz dos direitos da moral como suspeito de incesto, nego-

ciações com prostitutas, e cometendo assassinato? Acho que não. Ele está acabado. — Roarke assentiu com a cabeça. — De várias formas.

Eve escutou os estrondosos aplausos da galeria. Pelo som entusias-mado, a equipe de DeBlass tinha tido o cuidado de misturar gente do seu grupo com os espectadores usuais.

Dane-se a discrição, pensou ela enquanto ouvia o martelo do presidente da sessão bater, anunciando uma hora de recesso. Atravessou um mar de assessores, assistentes e auxiliares, até chegar a DeBlass. Ele estava sendo parabenizado por sua eloquência, e recebia tapinhas nas costas dados por seus aliados políticos.

Eve esperou até que ele a visse, e aguardou enquanto o seu olhar passava do rosto dela para o de Roarke, e seus lábios se apertavam.

— Tenente. Se a senhorita precisa falar comigo, podemos nos en-

contrar por alguns instantes em meu gabinete. A sós. Posso lhe conceder dez minutos.

— O senhor vai dispor de bastante tempo. Senador DeBlass, o sen-

hor está sendo preso neste instante pelos assassinatos de Sharon DeBlass, Lola Starr e Georgie Castle. — Quando ele explodiu em

protestos e os murmúrios começaram, ela levantou a voz. —Acusações adicionais incluem os estupros incestuosos de Catherine DeBlass, sua filha, e de Sharon DeBlass, sua neta.

360/393

Ele ainda estava em pé, paralisado com o choque, no momento em

que ela colocou uma das algemas no seu pulso esquerdo, virou-o, e prendeu as duas mãos, colocadas nas costas.

— O senhor não está obrigado a dar nenhuma declaração neste mo-

mento — continuou Eve.

— Isto é um ultraje! — Ele explodiu ao ouvir as declarações

padronizadas e atualizadas a respeito dos seus direitos legais de permanecer em silêncio. — Eu sou um senador dos Estados Unidos. Este aqui é um território federal.

— E estes dois agentes federais vão acompanhá-lo — acrescentou

ela. — O senhor tem direito a um advogado ou representante. — Enquanto continuava a recitar os direitos dele, ela deu uma olhada feroz que fez os policiais federais e os curiosos recuarem no mesmo instante.

— O senhor compreendeu bem todos os seus direitos?

— O que eu vou conseguir é o seu distintivo, sua piranha. — Ele começou a resmungar enquanto ela o empurrava a través da multidão.

— Vou aceitar esta declaração como um sim. Fique frio, senador.

Não queremos que o senhor tenha algum problema cardíaco. — Ela se inclinou perto do ouvido dele. — E você não vai conseguir o meu distintivo, seu canalha. Eu é que vou conseguir o seu traseiro. — E o empurrou nos braços dos agentes federais. — Estão esperando por ele em Nova York — encerrou ela.

Eve mal conseguia ser ouvida agora. DeBlass estava aos berros, exigindo

liberação imediata. Todo o prédio do Senado entrou em erupção com vozes e corpos que se misturavam. Através de tudo isso, ela avistou Rockman. Ele veio na direção dela, com o rosto transformado em uma máscara gélida de fúria.

— Está cometendo um erro, tenente.

— Não, não estou. Você é que cometeu um erro em sua declaração.

No meu modo de ver, isso vai torná-lo cúmplice dos crimes. Vou

começar a trabalhar nisso assim que voltar a Nova York.

— O Senador DeBlass é um grande homem. Você, tenente, não

passa de um peão nas mãos do Partido Liberal e seus planos para

destruí-lo.

— O Senador DeBlass é um molestador sexual de crianças, e inces-

tuoso. É um estuprador e um assassino. E eu, meu chapa, sou a policial que o está prendendo. Quanto a você, é melhor procurar um advogado depressa, a não ser que queira afundar junto com ele.

Roarke teve que se segurar para não levantar Eve acima da mul-

tidão, enquanto ela se arrastava através dos salões glorificados do Senado. Integrantes da mídia já estavam pulando na sua frente, mas ela se desvencilhava como se eles não estivessem ali.

— Gosto do seu estilo, Tenente Dallas — disse ele, enquanto

lutavam para conseguir chegar no carro. — Gosto muito. E, a

propósito, não estou mais achando que estou apaixonado por você.

Agora, já tenho certeza.

Ela engoliu em seco devido ao enjoo que sentiu subir-lhe pela

garganta.

— Vamos sair daqui, Roarke. Vamos dar o fora daqui. Por pura

força de vontade, ela se manteve firme até chegar no avião. Conseguiu manter a voz no mesmo nível e sem expressão enquanto fazia o relatório ao seu superior. Em seguida cambaleou, e, livrando-se dos braços de Roarke, que a apoiavam, correu até o banheiro na parte da frente do avião, onde vomitou de modo penoso e violento.

Do lado de fora da porta, Roarke esperava de pé, sem saber o que fazer. Se ele a conhecia bem, já devia saber que tentar confortá-la só ia piorar as coisas. Murmurou algumas instruções para a aeromoça e foi para a poltrona. Enquanto esperava, olhava para o asfalto da pista.

Quando a porta se abriu, ele olhou para cima. Ela estava branca

como gelo, com os olhos muito grandes e sombrios. Seu caminhar,

normalmente rápido e desenvolto, estava rígido.

— Desculpe. Acho que isso tudo me derrubou.

Quando ela se sentou, ele lhe ofereceu uma caneca.

— Beba um pouco. Vai ajudá-la.

— Que é isso?

— Chá... com umas gotinhas de uísque.

— Estou de serviço — começou ela, mas a erupção violenta e

rápida de Roarke a fez parar de falar.

— Beba logo essa droga, senão vou lhe enfiar goela abaixo. —

Apertou um botão e ordenou ao piloto para decolar.

Dizendo a si mesma que era melhor beber do que discutir, Eve le-

vantou a caneca, mas suas mãos não estavam firmes. Mal conseguiu tomar um gole, com a boca entreaberta e os dentes rangendo, antes de colocar a caneca de lado.

Não conseguia parar de tremer. Quando Roarke correu para acudir, ela se recostou na poltrona. O enjoo continuava, penetrando sorrateiramente pelo estômago, e fazendo a sua cabeça latejar terrivelmente.

— Meu pai me estuprava — ela se ouviu dizendo. O choque da-

quilo, de ouvir sua própria voz dizendo aquelas palavras, se estampou em seus olhos. — Ele me estuprava repetidas vezes. E me surrava, repetidas vezes. Não importa se eu lutava para escapar ou não, mesmo assim ele me estuprava. Mesmo assim ele me batia. E não havia nada que eu pudesse fazer. Não há nada que você possa fazer quando uma pessoa que deveria cuidar de você abusa de seu corpo daquela forma.

Usa você. Machuca você.

— Eve. — Ele pegou a mão dela e a segurou com firmeza quando

ela tentou liberá-la. — Sinto muito. Sinto terrivelmente.

— Eles me contaram que eu estava com oito anos quando me en-

contraram, em um beco da cidade de Dallas. Eu estava sangrando, e meu braço estava quebrado. Ele deve ter me jogado ali. Eu não sei.

Talvez eu tenha fugido. Não me lembro. Só sei que ele nunca veio me buscar. Ninguém jamais veio me buscar.

— E a sua mãe?

— Também não sei. Não me lembro dela. Talvez estivesse morta.

Ou talvez ela fosse como a mãe de Catherine, e fingisse que não sabia de nada.

Tudo o que eu me lembro são visões, pesadelos, imagens das piores partes. Nem mesmo sei o meu nome. Eles não conseguiram me identificar.

— Mas você ficou em segurança, então.

— Você nunca deve ter sido atirado no meio do sistema. Não existe sensação de segurança. Só de impotência. Eles tiram toda a sua roupa, com boas intenções. — Suspirou, deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos. — Eu não queria prender DeBlass, Roarke. Queria matá-lo. Queria matá-lo com minhas próprias mãos, por causa do que aconteceu comigo. Deixei que o caso se tornasse pessoal.

— Você fez o seu trabalho.

— Sim, fiz o meu trabalho. E vou continuar fazendo. — Mas não

era no trabalho que ela estava pensando. Era na vida. Na vida dela, na vida dele. — Roarke, você tem de saber que eu tenho alguma coisa de muito ruim dentro de mim. É como um vírus que penetra em meu sistema e aparece quando a resistência cai. Não sou uma boa aposta para você.

— Eu gosto de correr grandes riscos. — Ele levantou a mão dela e a beijou. — Por que não deixamos rolar, para descobrir se nós dois não podemos sair ganhando?

— Eu nunca tinha contado isso a ninguém, antes.

— E ajudou?

— Não sei. Talvez. Cristo, eu estou tão cansada!

— Pode se encostar em mim. — Ele passou o braço em volta dela,

aninhando a sua cabeça na curva do próprio ombro. — Só por um in-stantinho — murmurou ela. — Só até a gente chegar em Nova York.

— Só por um instante, então. — Pressionou os lábios sobre os ca-

belos dela e torceu para que ela conseguisse dormir.

CAPÍTULO DEZENOVE

DeBlass não queria falar. Seus advogados haviam colocado uma

mordaça em sua boca, mais cedo, e a apertaram bem. O interrogatório foi lento e maçante. Havia momentos em que Eve achava que ele ia explodir; a raiva que tornava o seu rosto vermelho fazia a balança pender a favor dela.

Ela parara de negar que aquilo era pessoal. Não queria um julga-

mento cheio de truques e patrulhado pela imprensa. Queria uma

confissão.

— O senhor teve um envolvimento incestuoso com a sua neta,

Sharon DeBlass.

— Meu cliente não confirmou esta alegação. Eve ignorou o ad-

vogado e olhou para DeBlass.

— Tenho comigo a transcrição de um trecho do diário de Sharon

DeBlass, com data da noite de seu assassinato.

— Isto não prova coisa alguma, tenente, como estou certo de que a senhorita já sabe. Eram as fantasias destrutivas de uma mulher morta.

Uma mulher de reputação dúbia que há muito tempo já se afastara da família.

— Há um padrão aqui, Senador DeBlass. — Eve era teimosa e con-

tinuava a se dirigir ao acusado, em vez de falar com o seu cavaleiro armado. — O senhor já havia abusado sexualmente de sua filha,

Catherine.

— Que absurdo! — explodiu DeBlass, antes de seu advogado le-

vantar a mão para silenciá-lo.

— Tenho aqui uma declaração, assinada e com firma reconhecida,

feita diante de testemunhas pela Deputada Catherine DeBlass. Eve estendeu o papel, e o advogado o pegou correndo, antes que o senador tivesse a chance de se mover.

Lendo o documento com cuidado, cruzou as mãos bem cuidadas

sobre ele e disse.

— Talvez a senhorita não saiba, tenente, que existe um triste caso de problemas mentais aqui. A esposa do Senador DeBlass, inclusive, está sob observação, depois de sofrer um ataque de nervos.

— Sabemos disso. — Ela lançou um olhar para o advogado. —

Vamos investigar as condições dela e o que provocou esse estado.

— A Deputada DeBlass também já recebeu tratamento. No pas-

sado, já apresentou sintomas de depressão, paranoia e estresse — continuou o advogado, no mesmo tom neutro.

— Se esse é o caso, Senador DeBlass, vamos acabar descobrindo

que as raízes de tudo isso eram os abusos sexuais sistemáticos e contínuos que ela sofria quando criança. O senhor estava em Nova York na noite do assassinato de Sharon DeBlass — disse ela, mudando

sutilmente de tom. — Não estava, como afirmou anteriormente, em

Washington.

E antes que o advogado pudesse impedir, Eve se inclinou, com os

olhos grudados em DeBlass, e continuou:

— Deixe que eu lhe conte como tudo aconteceu. O senhor tomou

sua aeronave particular, pagando ao piloto e ao engenheiro de voo para adulterarem o registro da viagem. Foi até o apartamento de Sharon, fez sexo com ela e gravou tudo, para seus próprios interesses. Levou uma arma com o senhor, uma Smith & Wesson antiga, de calibre 38. E como ela zombou do senhor, como ela o ameaçou, como o senhor não podia mais aguentar a pressão de uma possível exposição

pública, atirou nela. Atirou nela três vezes. Na cabeça, no coração e na genitália.

Eve continuava a falar depressa, com o rosto colado no dele. Estava adorando o fato de poder até mesmo sentir o cheiro do seu suor.

— O último tiro foi muito esperto. Acabou com qualquer possibil-

idade de verificarmos se houve atividade sexual. O senhor a cortou ao meio, bem entre as pernas. Talvez um ato simbólico, talvez um ato de autopreservação. Por que o senhor levou o revólver com o senhor? Já tinha tudo planejado? Já tinha decidido acabar com aquilo de uma vez por todas?

Os olhos de DeBlass corriam da esquerda para a direita. Sua respiração começou a ficar ofegante e acelerada.

— O meu cliente não reconhece a posse da arma em questão.

— O seu cliente é escória.

— Tenente Dallas — o advogado se indignou. — A senhorita está

falando de um senador dos Estados Unidos.

— Isso o transforma em escória eleita pelo povo. Aquilo o deixou chocado, não foi, senador? Todo aquele sangue, o barulho do tiro, o jeito com que o impacto da arma jogou sua mão para trás. Talvez o senhor não tivesse acreditado realmente que conseguiria passar por aquilo. Não no momento em que o impulso se transformou em um empurrão e o senhor teve que apertar o gatilho. Mas já que tinha apertado, não havia mais volta. O senhor tinha que camuflar tudo. Ela

o

teria arruinado, jamais o teria deixado ter paz novamente. Ela não era como Catherine. Sharon não aceitaria ficar nos bastidores sofrendo a vergonha, a culpa e o medo. Ela usou tudo isso contra o senhor, e en-tão o senhor teve que matá-la. E depois teve que esconder a sujeira.

— Tenente Dallas...

Eve nem por um momento tirou os olhos de DeBlass e, ignorando o

aviso do advogado, continuou atacando com força.

— Aquilo foi excitante, não foi? E dava para escapar. O senhor é um senador dos Estados Unidos, e avô da vítima. Quem poderia acreditar que o senhor fez aquilo? Então, o senhor a arrumou na cama, af-agou o seu ego, curtiu aquilo. Poderia fazer de novo, e por que não? O

ato de matar fez surgir algo dentro do senhor. E que maneira melhor de esconder isso do que fazer tudo parecer obra de algum maníaco à solta?

Esperou enquanto DeBlass estendia a mão para pegar um copo com

água, que bebeu com sofreguidão.

— E havia realmente um maníaco à solta. O senhor escreveu a

nota, enfiou debaixo dela. E se vestiu, mais calmo então, mas excitado. Programou o *tele-link* para fazer a ligação para a polícia às duas e cinquenta e cinco. Precisava de tempo suficiente para descer e cuidar das gravações da segurança. Então, voltou à sua aeronave, voou de volta para Washington e ficou esperando pelo momento de bancar o avô indignado.

Durante todo esse tempo, DeBlass não disse uma palavra. Mas um

músculo em sua bochecha não parava de se repuxar e seus olhos, in-quietos, não conseguiam se fixar em nada.

— Esta é uma história fascinante, tenente — disse o advogado. —

Só que não passa disto: uma história. Uma suposição. Uma tentativa desesperada da polícia para conseguir escapar de uma situação difícil junto à imprensa e ao povo de Nova York. E, é claro, é também o

momento exato de lançar esta acusação danosa e ridícula contra o senador, bem na época em que seu projeto de lei sobre os valores morais está sendo colocado em debate.

— Como foi que o senhor escolheu as outras duas? Como selecion-

ou Lola Starr e Georgie Castle? Já escolheu a quarta, a quinta e a sexta? O senhor acha que ia acabar parando aqui? Conseguiria parar quando aquilo o fazia se sentir tão poderoso, tão invencível, tão justiceiro?

DeBlass já não estava mais vermelho. Estava cinza, e sua respir-

ação estava difícil e entrecortada. Quando tentou pegar o copo, de novo, sua mão sofreu um espasmo e o copo caiu no chão.

— O interrogatório acabou. — O advogado se levantou e ajudou

DeBlass a se colocar de pé. — A saúde de meu cliente está em estado precário. Ele requer cuidados médicos imediatos.

— Seu cliente é um assassino. Vai ter todos os cuidados médicos

na Colônia Penal, pelo resto da vida. — Apertou um botão. Quando as portas da sala de interrogatório se abriram, um guarda entrou. —

Chame um médico — ela ordenou. — O senador está se sentindo um

pouco estressado. E vai piorar — avisou ela, virando-se para DeBlass.

— Eu ainda nem comecei.

Duas horas mais tarde, depois de preencher relatórios e de se encontrar com o promotor, Eve estava lutando contra o tráfego. Já lera grande parte dos diários de

Sharon DeBlass. Era algo que precisava colocar de lado, agora. As imagens de um homem mentalmente deformado, que transformara uma garotinha em uma mulher quase tão

desequilibrada quanto ele.

Precisava colocar tudo de lado porque sabia que aquela poderia ter sido, facilmente, a sua própria história. As escolhas estavam ali, para

serem feitas, pensou, considerando os fatos. Sharon havia eliminado as dela.

Queria desabafar um pouco, repassar novamente todos os aconteci-

mentos passo a passo, com alguém que pudesse ouvir, apreciar e apoi-ar. Alguém que, por algum tempo, pudesse ficar entre ela e os fantas-mas do que lhe aconteceu no passado. E do que poderia ter

acontecido.

Foi direto para a casa de Roarke.

Quando o *tele-link* do carro tocou, ela rezou para que não fosse um chamado de trabalho.

— Dallas.

— Oi, garota. — O rosto cansado de Feeney apareceu na tela. —

Acabei de ver os discos com a gravação do interrogatório. Bom

trabalho.

— Não fui tão longe quanto gostaria de ter ido, cercada por aquela droga de advogado. Vou quebrá-lo, Feeney. Juro que vou.

— É, estou apostando em você. Só que, ahn... tenho que lhe dizer uma coisa que não vai lhe cair muito bem. DeBlass teve um pipoco no coração.

— Cristo, ele não vai cortar o nosso barato, vai?

— Não, não, já foi medicado. Ouvi um papo a respeito de con-

seguirem um novo coração para ele na semana que vem.

— Ótimo. — Ela exalou uma nuvem de vapor quando soltou a res-

piração. — Quero que ele ainda viva por muito tempo. Atrás das

grades.

— Temos um caso bem sólido. O promotor está pronto para canon-

izar você, mas por enquanto DeBlass está na rua.

Eve apertou o freio com força. Uma onda de buzinas zangadas atrás dela a obrigou a fazer uma mudança de pista, indo até a esquina da Décima Avenida e bloqueando a entrada do retorno.

— Que diabos você quer dizer com “DeBlass está na rua”?

Feeney se encolheu todo, mostrando empatia com a reação dela, e

explicou:

— Foi liberado em reconhecimento ao seu valor. É um senador dos

Estados Unidos, com uma vida inteira de serviços patrióticos, o sal da terra, com coração de ouro... e uma juíza no bolso.

— Ah, sem essa! — Puxou os cabelos com força até que a dor foi

equivalente à frustração. — Nós o pegamos por homicídio, três

crimes. O promotor falou que a juíza não ia liberá-lo, nem mesmo pagando fiança.

— Só que ela foi derrubada. O advogado de DeBlass fez um dis-

curso tão tocante que até os paralelepípedos choraram; um defunto chegou a se

levantar e saudou a bandeira. DeBlass já está de volta em Washington neste instante, com ordens médicas para repousar. Ganhou trinta e seis horas de descanso, até o próximo interrogatório.

— Merda. — Socou o volante com a mão. — Não vai fazer difer-

ença — disse com ar sombrio. — Ele pode bancar o velho estadista adoentado, pode até fazer um número de sapateado no monumento a

Lincoln, que eu já o agarrei.

— O comandante está preocupado com que esse prazo extra possa

dar uma chance para DeBlass reunir suas forças. Ele quer que você volte para trabalhar no caso com o promotor, e repasse tudo o que temos contra ele, amanhã cedo, às oito da manhã.

— Vou estar lá. Feeney, ele não vai escapar desse laço.

— Então certifique-se de que o laço está bem apertado, garota.

Vejo você às oito.

— Certo. — Com a cabeça fervendo, voltou ao fluxo do tráfego.

Chegou a considerar a ideia de ir para casa e mergulhar de cabeça na corrente de provas. Só que ela estava a cinco minutos da casa de

Roarke. Eve optou por usá-lo como caixa de ressonância para suas ideias.

Ela podia contar com Roarke para bancar o advogado do diabo, se

fosse preciso, ou para assinalar possíveis falhas. E, admitiu, também para acalmá-la, a fim de que pudesse raciocinar sem todas aquelas emoções violentas atravancando o caminho. Ela não podia se dar ao luxo de ter essas emoções, não podia permitir que o rosto de Catherine aparecesse em sua cabeça, como estava acontecendo o tempo todo. A vergonha, o medo e a culpa.

Era quase impossível separar as coisas. Só sabia que queria ver

DeBlass pagando cada centavo do que devia, tanto por Catherine

quanto pelas três mulheres mortas.

Passou pela segurança e entrou no portão de Roarke, dirigindo com rapidez pela alameda acima. Sua pulsação começou a acelerar enquanto subia as escadas da entrada. Idiota, disse a si mesma. Sentiu-se uma adolescente infestada de hormônios. Mas estava sorrindo quando Summerset abriu a porta.

— Preciso ver Roarke disse ela, entrando direto. — Sinto muito,

tenente. Roarke não se encontra em casa.

— Oh... — A sensação de anticlímax a fez se sentir ridícula. —

Onde ele está?

— Acredito que está em uma reunião. — Summerset assumiu o seu

rosto de jogador de pôquer. — Ele foi obrigado a cancelar uma importante viagem à Europa, e agora está sendo obrigado a trabalhar até mais tarde.

— Certo. — O gato veio descendo a escada, com arrogância, e

imediatamente começou a serpentear, caminhando entre as pernas de Eve. Ela o pegou e lhe fez um carinho na barriga. — Quando é que você acha que ele volta?

— O tempo de Roarke são os negócios dele, tenente. Não me cabe

especular o momento da sua volta.

— Escute aqui, meu chapa, eu não estou forçando Roarke a gastar

o valioso tempo dele comigo. Portanto, por que não arranca esse cabo de vassoura que está enterrado no seu traseiro e me conta por que é que você age como se eu fosse algum tipo de rato desagradável,

sempre que apareço aqui?

O choque fez o rosto de Summerset ficar branco como um papel.

— Não me sinto confortável com maneiras rudes, Tenente Dallas.

A senhorita, obviamente, se sente.

— Elas combinam comigo como feijão com arroz.

— Realmente. — Summerset se colocou mais aprumado. —

Roarke é um homem de bom gosto, de influência, e tem estilo. Tem ao seu dispor o ouvido de presidentes e reis. Já serviu de companhia a mulheres importantes, com educação impecável e linhagem elevada.

— E eu tenho pouca educação e nenhum *pedigree.* — Teria dado uma risada se as farpas não a tivessem atingido tão perto do coração.

— Pois parece que até mesmo um homem como Roarke consegue

ocasionalmente achar uma vira-latas, como eu, atraente. Diga a ele que eu levei o gato — acrescentou ela, e foi embora.

* * *

Ajudou dizer a si mesma que Summerset era um esnobe insuportável.

E o interesse silencioso do gato enquanto ela saiu ventando pela alameda curiosamente a acalmou. Ela não precisava da aprovação de um mordomo de bunda contraída. E como se concordasse com ela, o

gato foi para o seu colo e começou a massagear-lhe as coxas.

Ela franziu a testa enquanto via as pequenas garras beliscando suas calças, mas não o tirou dali.

— Acho que vamos ter que arrumar um nome para você. Eu nunca

tive um bicho de estimação antes — murmurou. — Não sei como é

que a Georgie chamava você, mas vamos começar do zero. Não se

preocupe, não vamos escolher nenhum nome sem personalidade,

como Mimi.

Chegando em sua garagem, estacionou o carro e viu a luz amarela

piscando na parede, no local da sua vaga. Um aviso de que o pagamento da vaga estava em atraso. Se a luz ficasse vermelha, um

parapeito ia se levantar e ela ficaria com o carro preso.

Xingou baixinho, mais pelo hábito do que por raiva. Ela não an-

dava com tempo nem de pagar as contas, droga, e viu que estava na hora de encarar uma noite tentando fazer malabarismos com seu orçamento para acertar a conta no banco.

Colocando o gato embaixo do braço, caminhou até o elevador.

— Fred, talvez. — Colocou a cabeça de lado, observando os olhos

com duas cores que não mostravam emoção. — Não, você não tem

cara de Fred. Nossa, você deve pesar uns dez quilos. — Trocando a bolsa de ombro, entrou no elevador. — Vamos pensar em algum nome interessante, Tubbo.

No minuto em que ela o colocou no chão, dentro do apartamento, o gato voou em direção à cozinha. Levando a sério as suas responsabilidades como dona de animal de estimação, e decidindo que aquele era um bom meio de adiar um pouco o momento de verificar suas contas, Eve o seguiu e arranjou um pires com leite e um pouco de sobras de comida chinesa que estavam com um cheiro estranho.

O gato aparentemente não era muito exigente em questões de com-

ida, e atacou a refeição com gosto.

Ela ficou observando o animal por um momento e deixou a mente

vagar. Ela queria Roarke. Precisava dele. Isso era mais uma coisa na qual ela ia ter que pensar, depois.

375/393

Não sabia até que ponto poderia levar a sério o fato de ele ter dito que estava apaixonado por ela. O amor significava coisas diferentes para pessoas diferentes. Jamais fizera parte da sua vida.

Serviu-se de meio cálice de vinho e ficou matutando naquilo.

Sentia algo por ele, certamente. Algo novo, e desconfortavelmente forte. Mesmo assim, achava melhor deixar as coisas ficarem do jeito que estavam. Decisões tomadas de modo apressado levavam quase

sempre a arrependimentos rápidos.

Por que diabos ele não voltara para casa?

Colocando de lado o vinho que não tinha sido tocado, passou a mão pelos cabelos. Aquele era o maior problema em ficar-se acostumado com alguém, pensou. A pessoa acabava se sentindo sozinha quando

esse alguém não estava perto.

Ela tinha trabalho a fazer, lembrou a si mesma. Um caso para en-

cerrar, uma pequena roleta-russa com seus cartões de crédito. Talvez se presenteasse com um banho quente e demorado, para deixar um

pouco do estresse se dissolver, antes de se preparar para a reunião com o promotor na manhã seguinte.

Deixou o gato engolindo a gororoba agridoce e foi para o quarto.

Os instintos, letárgicos depois do dia longo e das questões pessoais, ficaram em alerta um segundo depois do que deveriam.

Sua mão já estava na arma quando ela percebeu o movimento por

inteiro. Mas deixou o braço pender lentamente enquanto olhava para o cano

comprido do revólver.

Era um Colt, ela pensou. Colt 45. Aquele modelo que domou o

Velho Oeste americano com seis balas de cada vez, no tambor. — Isso não vai ajudar a livrar o seu patrão, Rockman.

— Não concordo, — Ele saiu detrás da porta e manteve o revólver

apontado para o coração dela. — Pegue sua arma devagar, tenente, e atire-a no chão.

Ela mantinha os olhos grudados nos dele. O *laser* era rápido, mas não ia ser mais rápido do que um 15 engatilhado. E, daquela distância, o buraco em seu peito ia deixar uma impressão muito desagradável.

Jogou a arma no chão.

— Chegue mais para perto de mim. Não, não! — Ele sorriu de

modo agradável quando a viu colocar a mão no bolso. — Jogue o

comunicador também. Prefiro que isso fique apenas entre nós dois.

Ótimo — disse ele quando o aparelho também caiu no chão.

— Há pessoas que poderiam achar admirável a sua lealdade ao sen-

ador, Rockman. Eu acho burrice. Mentir para fornecer um álibi a ele é uma coisa. Ameaçar uma policial é outra.

— Você é uma mulher admiravelmente brilhante, tenente. Mesmo

assim, comete erros admiravelmente tolos. Isto aqui não tem nada a ver com lealdade. Gostaria que tirasse o casaco.

Ela manteve os movimentos lentos e os olhos grudados nele.

Quando já havia despido um dos lados, ligou o gravador que estava no bolso.

— Se apontar uma arma para mim não tem nada a ver com lealdade

ao Senador DeBlass, Rockman, do que se trata, então?

— É uma questão de autopreservação, e um grande prazer. Eu já

esperava há muito tempo pela oportunidade de matá-la, tenente, mas não sabia bem ao certo como encaixar isso no plano.

— E que plano é esse?

— Por que não se senta? Na beirada da cama. Tire os sapatos e podemos conversar.

— Meus sapatos?

— Sim, por favor. Isto vai me dar a primeira e, tenho certeza, a única oportunidade de discutir a respeito das coisas que consegui realizar. Seus sapatos, por favor!

Ela se sentou, escolhendo o lado da cama que ficava mais perto do seu *tele-link.*

— Você vem trabalhando nisso junto com DeBlass o tempo todo,

não vem?

— Você quer arruiná-lo. Ele poderia ter sido presidente e, eventual-mente, o Chefe da Federação Mundial das Nações. A maré está su-

bindo, e ele poderia ter acompanhado essa subida para se sentar no Salão Oval. Até mais do que isso.

— Com você ao lado dele.

— É claro. E comigo ao lado, poderíamos ter levado o país, e de-

pois o mundo, a tomar uma nova direção. A direção certa. Uma

posição onde a moral seria mais forte, e a defesa também.

Ela levou algum tempo, deixando um dos sapatos cair antes de desfazer o laço do outro.

— Defesa... como os seus velhos amigos daquele grupo, a Rede de

Segurança?

O sorriso dele era duro, e seus olhos brilhavam.

— Este país foi governado por diplomatas durante muito tempo,

tempo demais. Nossos generais discutem e negociam, em vez de

comandar. Com a minha ajuda, DeBlass teria mudado tudo isso. Mas você estava determinada e derrubá-lo, e a mim junto. Não há chance de ele chegar à Presidência, agora.

— Ele é um assassino, um rnolestador sexual de crianças...

— Um estadista — Rockman interrompeu. — E você jamais vai

conseguir levá-lo ao tribunal.

— Ele vai ser levado ao tribunal e vai ser condenado, e me matar não vai impedir isso.

— Não, mas vai destruir o seu caso contra ele, de modo póstumo,

de ambas as partes. Veja só, quando eu o deixei, há menos de duas horas, o Senador DeBlass estava em seu gabinete em Washington.

Fiquei ao lado dele enquanto ele escolhia uma Magnum 457, uma

arma muito poderosa. E testemunhei o momento em que ele colocou o cano na boca e morreu como um patriota.

— Cristo! —A imagem lhe deu um sobressalto. — Suicídio.

— O guerreiro abatido pela própria espada. — A admiração bril-

hava na voz de Rockman. — Eu lhe disse que esta era a única saída, e ele concordou. Jamais seria capaz de tolerar a humilhação. Quando o corpo dele for encontrado, e quando o seu for encontrado também, a reputação do senador estará novamente intacta. Será provado que ele já estava morto há horas antes de você. Assim, ele não poderia tê-la matado, e o método será exatamente o dos outros assassinatos, e depois haverá mais dois, conforme prometido, e as provas contra ele vão deixar de ter importância. Ele será pranteado. Eu mesmo vou liderar a carga de fúria e indignação, e vou seguir seus passos ensanguentados.

— Não se trata de política, droga. — Ela se levantou e se preparou para levar o tiro. Ficou grata por ele não ter usado a arma, e sim as costas da mão para bater em seu rosto. Ela se desequilibrou com o golpe e caiu pesadamente sobre a mesinha de cabeceira. O copo que tinha colocado ali se espatifou no chão.

— Levante-se!

Ela gemeu um pouco. Na verdade, a fisgada da dor deixou-lhe o

rosto latejando e a visão embaçada. Fez força para se levantar e se virou, com todo o cuidado para manter o corpo na frente do *tele-link* que acabara de ligar manualmente.

— E que bem vai lhe trazer me matar, Rockrnan?

— Vai me fazer um bem imenso. Você era a ponta de lança da in-

vestigação. Está sexualmente envolvida com um dos primeiros suspeitos. Sua reputação e os seus motivos vão ser minuciosamente analisados, após a sua morte. Sempre é um erro dar autoridade a uma mulher.

— Você não gosta de mulheres, Rockman? — Eve limpou o

sangue da boca.

— Elas têm suas utilidades, mas por baixo de tudo são prostitutas.

Talvez você não tenha vendido o seu corpo a Roarke, mas ele a com-prou. A sua morte, na verdade, não vai quebrar o padrão que eu

estabeleci.

— Você estabeleceu?

— Você achou realmente que DeBlass fosse capaz de planejar tudo

e executar uma série tão meticulosa de assassinatos? — Esperou até que viu que ela o compreendeu, — Sim, ele matou Sharon.

Foi um impulso. Eu nem mesmo sabia que ele estava considerando

essa possibilidade. Depois do ato, ele entrou em pânico.

— Você estava lá. Estava com DeBlass na noite em que ele matou

Sharon.

— Estava esperando por ele no carro. Sempre o acompanhava nos

encontros dele com ela. Era eu que dirigia, de forma que apenas eu, em quem ele confiava, estava envolvido.

— A própria neta. — Eve não tinha coragem de se virar para ter

certeza de que o *tele-link* estava transmitindo a conversa. — Isso não deixava você com nojo?

— Ela me deixava com nojo, tenente. Usava a fraqueza dele. Todo

homem tem direito a ter uma fraqueza, mas ela usava isso, ela o ex-plorava, e depois o ameaçava. Depois que ela morreu, compreendi que tinha sido melhor assim. Ela era capaz de esperar até ele se tornar presidente, para só então enfiar a faca.

— Então você o ajudou a encobrir tudo.

— Claro. — Rockman levantou os ombros. — Estou feliz por es-

tarmos tendo esta oportunidade. Era frustrante, para mim, não ser capaz de levar os créditos. Estou adorando dividi-los com você.

Ego, ela se lembrou. Não apenas inteligência, mas ego e vaidade.

— Você teve que pensar rápido — comentou ela. — E foi o que

fez. Pensou rápido e de modo brilhante.

— Sim. — Seu sorriso se espalhou no rosto. — Ele me chamou

pelo *tele-link* do carro e me mandou subir, depressa. Estava quase louco de tanto medo. Se eu não o tivesse acalmado, ela poderia ter conseguido causar a ruína dele.

— Você ainda consegue culpá-la?

— Ela era uma prostituta. Uma prostituta morta. — Ele deu de om-

bros, mas manteve a arma firme. — Dei um tranquilizante para o senador, e limpei toda a sujeira. Conforme expliquei a ele, era necessário fazer com que Sharon fosse apenas uma parte do todo. Era preciso usar as fraquezas dela, e sua escolha patética de profissão. Tudo era simplesmente uma questão de adulterar os discos da segurança. A at-ração que o senador tinha por gravar as atividades sexuais me deu a ideia de usar aquilo como parte do padrão.

— Sim — disse ela com os lábios dormentes. — Isso foi esperto.

— Limpei todo o lugar, limpei a arma. E já que ele tinha sido

sensato o bastante para não usar uma arma que estava registrada, deixei-a para trás. Mais uma vez, com o intuito de estabelecer um padrão.

— Então você o usou — disse Eve, baixinho. — Usou a ele, e usou

Sharon.

— Só os tolos desperdiçam as oportunidades. Ele já estava de volta ao seu comportamento normal depois que fomos embora — Rockman

avaliou. — Eu consegui arquitetar o resto do plano. Usando Simpson para aplicar um pouco de pressão, deixando vazar informações. Foi um fato infeliz o

senador não se lembrar, até bem mais tarde, de me contar a respeito dos diários de Sharon. Tive que correr o risco de voltar lá. Mas, como sabemos agora, ela era esperta o bastante para escondê-los bem.

381/393

— Você matou Lola Starr e Georgie Castle. Matou as duas para en-

cobrir o primeiro assassinato.

— Foi. Só que, ao contrário do senador, eu curti aquilo. Do princí-

pio ao fim. Foi só uma simples questão de selecioná-las, escolher os nomes e os locais.

Era um pouco difícil naquele momento alegrar-se com o fato de

que ela estava certa, e o computador, errado. Dois assassinos, afinal.

— Você não as conhecia? Você nem sequer as conhecia?

— Você acha que eu deveria? — Ele riu dessa ideia. — Quem elas

eram não tinha a menor importância. Apenas o que elas eram. Prostitutas me ofendem. Mulheres que abrem as pernas para enfraquecer um homem me ofendem. Você me ofende, tenente.

— Por que os discos? — Onde diabos estava Feeney? Por que uma

das unidades em serviço não estava arrebentando a porta dela bem naquele instante? — Por que foi que você me enviou os discos?

— Gostava de ver você ficar andando de um lado para o outro

como um rato atrás do queijo. Uma mulher que acreditava que poderia pensar como um homem. Coloquei você na pista de Roarke, mas você deixou que ele a fizesse recuar. Muito típico. Fiquei desapontado.

Você foi muito emocional, tenente, a respeito das mortes, a respeito da garotinha que não conseguiu salvar. Mas acabou dando sorte. E é por esse motivo que agora está prestes a perder toda essa sorte.

Andou de lado até chegar à lateral do armário, onde uma câmera já estava esperando.

— Tire a roupa.

— Você pode me matar — disse ela, enquanto o estômago

começava a se remexer. — Mas você não vai me estuprar.

— Você vai fazer exatamente o que eu quiser que você faça. Elas

sempre fazem. Abaixou a arma até apontar abaixo da barriga. — Com as outras, dei um tiro na cabeça, primeiro. Morte instantânea,

provavelmente sem dor. Tem ideia do tamanho da dor que vai sentir com uma bala calibre 45 enterrada nas tripas? Você vai implorar para que eu a mate. — Seus olhos se acenderam, com um brilho estranho.

— Tire a roupa!

Eve deixou as mãos caírem para os lados do corpo. Ela conseguiria encarar a dor, mas não o pesadelo. Nenhum dos dois reparou quando o gato entrou sorrateiramente no quarto.

— A escolha foi sua, tenente — disse Rockman, e então deu um

pulo de susto quando o gato passou se esfregando em suas pernas.

Eve deu um salto para a frente com a cabeça baixa, e usou toda a força do corpo para atirá-lo contra a parede.

CAPÍTULO VINTE

Feeney deu uma parada quando voltava da lanchonete, com meio

hambúrguer de carne de soja na mão. Ficou circulando em volta da máquina de café, batendo papo com dois policiais sobre os detalhes de um roubo. Trocaram histórias, e Feeney decidiu que queria mais uma xícara de café antes de dar o dia por encerrado.

Quase passou direto por sua sala, e as visões de uma noite diante da tela de TV acompanhado por uma cerveja bem gelada passeavam por

sua cabeça. Sua mulher poderia até mesmo estar acordada para lhe dar um pouco de carinho, se ele estivesse com sorte.

Mas ele seguia a força do hábito. Deu uma entrada na sala para se certificar de que seu precioso computador estava bem seguro para passar a noite. E ouviu a voz de Eve.

Ei, Dallas, o que é que você está... — Ele parou, olhando em torno da sala vazia. — Ando trabalhando demais — murmurou ele, e então ouviu a voz dela novamente.

“Você estava com ele. Você estava com DeBlass na noite em que

ele matou Sharon.”

— Ai, meu Deus — disse ele.

Dava para ver pouca coisa na tela: as costas de Eve, a lateral da cama. Rockman estava fora do campo de visão, mas o som estava bem claro. Feeney já estava rezando quando ligou para a Emergência.

Eve ouviu o berro assustado do gato quando ela pisou em sua cauda, e ouviu também o barulho da arma no momento em que ela caiu no

chão. Rockman era mais alto do que ela, e mais pesado. E se recuperou do arremesso do corpo dela rápido demais. Provou na prática que tinha treinamento militar.

Ela lutou furiosamente, incapaz de se manter no campo limpo dos

movimentos eficientes de mão na mão. Usou as unhas e os dentes.

O soco curto que levou nas costelas roubou-lhe a respiração. Ela sabia que ia cair, e quis ter a certeza de carregá-lo com ela. Bateram no chão com força, e, embora ela tenha tentado rolar para o lado, ele acabou por cima dela.

Estrelas luziram por trás dos seus olhos quando a cabeça de Eve

bateu com violência contra o piso.

A mão dele estava em volta da garganta dela, esmagando sua tra-

queia. Ela tentou atingir os olhos dele e errou; fez então arranhões profundos com as unhas enterradas no rosto dele, que o fizeram urrar como um animal. Se ele tivesse usado a mão livre para dar mais um soco no rosto dela, poderia tê-la deixado completamente tonta, mas estava muito preocupado em recuperar a arma. Com os dedos unidos,

Eve deu um golpe no cotovelo dele, e isso o fez perder a força do braço, deixando trêmula a mão que a estrangulava. Lutando desesperadamente por um pouco de ar, ela se embolou com ele tentando pegar a arma.

A mão dele cobriu o revólver no chão antes da dela.

385/393

Roarke enfiou um pacote embaixo do braço no momento em que

entrou no saguão do prédio de Eve. Gostou quando soube que ela tinha ido procurá-lo. Era um hábito que ele não pretendia que ela perdesse.

Pensou que, agora que ela encerrara o caso, talvez conseguisse

convencê-la a tirarem alguns dias de folga. Ele tinha uma ilha no Caribe que achou que ela poderia curtir.

Apertou o interfone e começou a sorrir, imaginando os dois

nadando nus em uma praia de águas transparentes e fazendo amor sob o sol quente, quando ouviu um tumulto atrás dele.

— Saia da frente! — Feeney entrou com a força de um rolo com-

pressor, com mais de dez policiais atrás. — Assunto da policia.

— Eve! — O sangue de Roarke desapareceu do seu rosto enquanto

ele forçava a passagem até o elevador.

Feeney o ignorou e gritava no comunicador.

— Fechem todas as saídas. Coloquem os atiradores de elite em

posição.

Roarke colocou as mãos fechadas nos quadris, sem saber o que

fazer, e perguntou:

— DeBlass?

— Rockman — corrigiu Feeney, contando cada batida do próprio

coração. — Ele a pegou. Saia do caminho, Roarke.

— *Aqui* que eu vou sair!

Feeney olhou para Roarke de lado e avaliou a situação. Não ia usar dois policiais para segurar um civil, de jeito nenhum, e tinha um palpite de que aquele civil em particular faria qualquer coisa, como ele também, para salvar Eve.

— Então faça tudo conforme eu mandar.

386/393

Ouviram o barulho do tiro no momento em que as portas do el-

evador se abriram.

Roarke já estava dois passos na frente de Feeney quando se jogou com o ombro contra a porta do apartamento de Eve. Não conseguiu

arrombá-la, xingou e tomou distância novamente. Os dois acabaram arrombando a porta, juntos.

* * *

A dor foi em fisgada, como se um punhal de gelo tivesse sido enfiado em seu

corpo. Depois passou, amortecida pela fúria. Eve fechou a mão sobre o pulso que ele usava para segurar a arma, e enterrou as unhas afiadas, com toda a força, em sua carne. O rosto de Rockman estava colado no dela, e seu corpo por cima do dela a mantinha imóvel, em uma obscena paródia de um ato de amor. O pulso dele já estava pega-joso com o próprio sangue quando ela lhe enfiou as garras.

Eve xingou quando perdeu a força na mão, e ele começou a sorrir.

— Você luta como uma mulher, mesmo. — Balançou a cabeça para

trás para afastar os cabelos dos olhos, e o sangue em suas faces rasgadas transbordou dos arranhões, muito vermelho. — Vou estuprá-la. A última coisa que você vai descobrir antes de morrer é que não é melhor do que uma prostituta.

Ela amoleceu o corpo, e ele, excitado pela vitória, rasgou-lhe a blusa.

O sorriso no rosto de Rockman foi desmontado pelo soco que ela

lhe deu na boca. O sangue se espalhou sobre ela como uma chuva

quente. Ela o atingiu de novo, com força, e ouviu o barulho da cartil-agem do nariz dele se quebrando, fazendo jorrar mais sangue. Rápida como uma cobra, ela esperneou e conseguiu se levantar.

Novamente, deu um soco nele, enfiou o cotovelo em seu queixo,

sentiu os nós dos dedos contra o rosto dele e continuou berrando e xingando, como se as palavras pudessem golpeá-lo tanto quanto os punhos.

Não ouviu a porta sendo arrombada, nem o estrondo que fez quando caiu no chão. Tomada de raiva incontrolável, ela empurrou Rockman de costas no chão, montou sobre sua barriga, com força, e continuou a socar-lhe o rosto sem parar.

— Eve. Meu Deus!

Foi preciso que Roarke e Feeney a segurassem ao mesmo tempo,

para arrancá-la de cima dele. Ela ainda lutava, grunhindo e rangendo os dentes, até que Roarke apertou o rosto sobre seus ombros.

— Pare. Você já conseguiu. Acabou.

— Ele ia me matar. Matou Lola e Georgie. Ia me matar também,

mas tentou me estuprar antes. — Levantou-se de cima dele e limpou o sangue e o suor do rosto. — Esse foi o grande erro dele.

— Sente-se. — As mãos dela estavam tremendo e lambuzadas de

sangue quando ele a recostou na cama. — Você está machucada.

— Ainda não. Vou deixar para ficar daqui a pouco. — Respirou

fundo e soltou o ar. Ela era uma policial, droga, **e** se forçou a lembrar disso. Era uma policial e ia agir como tal. — Você recebeu a transmissão — disse a Feeney.

— Recebi. — Ele tirou um lenço do bolso para enxugar o rosto

molhado.

— Então, por que diabos demorou tanto? — Conseguiu mostrar a

sombra de um sorriso. — Você me parece um pouco preocupado,

Feeney.

— É... Ossos do ofício. — Abriu o comunicador. —A situação está

sob controle. Precisamos de uma ambulância.

— Eu não vou para nenhum ambulatório.

— Não é para você, campeã. É para ele. — Olhou para Rockman,

ainda no chão, que conseguiu dar um leve gemido.

— Depois que limpar a cara dele, pode autuá-lo pelos assassinatos de Lola Starr e Georgie Castle.

— Tem certeza disso?

— Gravei tudo. — Suas pernas estavam um pouco bambas, mas ela

se levantou e pegou o casaco. — DeBlass matou Sharon, mas o nosso rapaz aqui foi cúmplice, depois do ocorrido. E quero que ele seja acusado também pela tentativa de estupro e assassinato de uma policial. E

complete com arrombamento e invasão de domicílio, só para dar um gostinho.

— Certo. — Feeney enfiou o gravador no bolso. — Caramba, Dal-

las, você está um desastre.

— Devo estar. Leve-o embora, por favor, Feeney.

— É pra já.

— Deixe-me ajudá-lo. Roarke se abaixou e levantou Rockman pela

lapela. Puxou-o para cima, e o equilibrou em pé. — Olhe para mim, Rockrnan. Está tudo bem, está conseguindo me enxergar?

Rockrnan piscou, com os olhos ensanguentados.

— Estou, estou conseguindo ver você — balbuciou ele.

— Ótimo. — O braço de Roarke se lançou para trás, rápido como

uma bala, e um violento soco atingiu o rosto já despedaçado de

Rockrnan.

— Opa... — disse Feeney, com toda a calma, quando Rockman des-

pencou no chão novamente. — Acho que ele ainda não está muito

firme para ficar em pé. — Agachou-se e prendeu as algemas. — Acho que é

melhor dois dos rapazes carregarem-no daqui. Segurem a ambulância para mim. Vou com ele. — Pegou um plástico para proteger as provas e guardou a arma nele, — Linda peça, com cabo de marfim.

Aposto que faz um estrago.

389/393

— Eu que o diga — disse Eve, levando a mão automaticamente

para o braço.

Feeney parou de admirar a arma e olhou espantado para ela. —

Droga, Dallas, você está ferida?

— Não sei. — Disse isso quase com ar sonhador, e se surpreendeu

quando Roarke acabou de rasgar a manga da blusa já esfarrapada. —

Ei!

— Pegou de raspão. — A voz dele estava abafada. Puxou a ponta

da manga mais uma vez e a usou para estancar a ferida. — Ela precisa de cuidados.

— Acho que posso deixar isso por sua conta — afirmou Feeney. —

É melhor você passar a noite em outro lugar, Dallas. Deixe que eu mando uma equipe para limpar toda esta bagunça aqui.

— Está bem. — Sorriu quando viu o gato pular em cima da cama.

— Pode ser.

— Dia complicado — sussurrou ele, entre dentes.

— É assim mesmo — murmurou ela, acariciando o gato. Galahad,

pensou, seu cavaleiro branco,

— A gente se vê, garota.

— Certo. Obrigada, Feeney.

Determinado a resolver aquilo, Roarke se colocou de cócoras na

frente dela, e esperou até que o assobio de Feeney não pudesse mais ser ouvido.

— Eve, você está em estado de choque.

— Pode ser. Estou começando a sentir tudo doer.

— Você precisa de um médico.

— Não, posso resolver com um analgésico — disse ela, movendo

os ombros. — E também preciso me lavar.

Olhou para si mesma e fez uma inspeção calma. A blusa estava

rasgada e manchada de sangue. Suas mãos estavam arrasadas,

arranhadas e com as juntas inchadas. Ela não conseguia nem fechar os punhos. Mil marcas roxas estavam começando a se apresentar, e a

ferida no braço, no lugar onde a bala pegara, ardia como fogo.

— Não acho que seja tão grave quanto parece — decidiu ela —,

mas é melhor dar uma olhada.

Quando começou a se levantar, ele a pegou no colo.

— Acho que gosto quando você me carrega assim, Roarke. Fico

toda bamba por dentro. Depois, me sinto idiota. Devo ter alguma coisa no banheiro.

Como ele queria ver o estrago pessoalmente, carregou-a até lá e a colocou

sentada sobre a tampa da privada. Encontrou analgésicos fortes, coisa da polícia, no armário de remédios quase vazio. Pegou um e ofereceu a ela com um pouco d'água, e a seguir umedeceu um pano.

Ela levantou o braço bom e passou a mão pelos cabelos, dizendo:

— Esqueci de contar a Feeney. DeBlass está morto. Suicídio.

Comeu bala, como se costuma dizer. Uma tremenda figura de

linguagem.

— Não se preocupe com nada disso, agora. — Roarke estava

limpando o ferimento da bala, primeiro. Era um machucado feio, mas o sangue já estava estancando. Qualquer paramédico competente poderia dar alguns pontos e fechar a ferida em minutos. Isso não fazia com que as mãos dele ficassem mais firmes.

— Havia dois assassinos — disse ela, e franziu a testa olhando para a parede. — Foi esse o problema. Cheguei a pensar nisso, mas depois deixei a ideia pra lá. Os dados indicavam pouca probabilidade. Burra!

Roarke enxaguou o pano e começou a limpar o rosto dela. Ficou

completamente aliviado ao ver que a maior parte do sangue não era de Eve. Ela tinha um corte na boca, e o olho esquerdo já estava

começando a inchar. Havia também arranhões ao longo do maxilar.

Ele conseguiu dar uma inspiração profunda, já mais calmo. — Você vai ficar com uma tremenda marca roxa.

— Já passei por isso antes. — O remédio estava começando a fazer efeito, transformando a dor em uma sensação enevoada. Ela simplesmente sorriu quando ele a despiu até a cintura e começou a procurar por outros ferimentos. — Você tem mãos maravilhosas. Adoro quando você me toca. Ninguém jamais me tocou assim, já lhe contei isso?

— Não. — E duvidava que ela fosse se lembrar de que estava cont-

ando naquela hora. Ia fazer questão de lembrar a ela.

E você é tão bonito! Tão bonito — repetiu, levantando a mão en-

sanguentada até o rosto dele. — Vivo me perguntando o que está

fazendo aqui.

— Já me fiz a mesma pergunta. — Tomou a mão dela e a enfaixou

com uma gaze, suavemente.

Ela riu de modo tolo, e se deixou flutuar. Preciso fazer meu re-

latório, pensou meio tonta. O mais rápido possível.

— Roarke, você não acha, de verdade, que a gente vai construir alguma coisa a partir desse relacionamento, acha? Roarke e a policial?

— Acho que vamos ter que descobrir. — Havia muitos machuca-

dos, mas as marcas roxas ao longo das costelas dela eram as mais preocupantes.

— Certo. Talvez fosse melhor eu descansar agora. Podemos ir para a sua casa, porque Feeney vai mandar uma equipe para gravar a cena, a minha casa, e tudo o mais. Queria só tirar um cochilo, antes de ir para a Central fazer o meu relatório.

— Você vai é para o hospital mais próximo.

— Não, negativo! Não suporto nada disso. Hospitais, ambulatórios, médicos. — Ela lançou-lhe um sorriso com o olhar vitrificado, levantando os braços. — Deixe-me só dar uma dormidinha na sua cama,

Roarke, pode ser? Aquela grandona, em cima da plataforma e sob o céu.

Por falta de outra coisa disponível, ele tirou o próprio paletó e o colocou em volta dela. Quando a pegou no colo novamente, a cabeça dela se apoiou em seu

ombro.

— Não se esqueça de Galahad. Aquele gato me salvou a vida.

Quem diria?

— Se foi assim, ele vai ganhar caviar pelo resto das sete vidas dele.

— Roarke estalou os dedos e o gato acertou o passo com ele,

alegremente.

— A porta está quebrada. — Eve soltou uma risada quando Roarke

rodeou a porta caída e chegou no corredor. — O dono do apartamento vai ficar pau da vida. Mas eu sei como lidar com ele.

— E deu um beijo na garganta de Roarke. — Estou contente por es-

tar tudo resolvido — disse, suspirando. — E estou contente por você estar aqui. Vai ser legal se você continuar.

— Pode contar com isso. — Ajeitando-a no colo, ele se abaixou e

pegou o pacote que deixara cair no corredor quando correu para a porta, ao chegar. Havia meio quilo de café fresco dentro do pacote. Ele imaginou que ia precisar daquilo como uma espécie de suborno quando ela acordasse e se visse em uma cama de hospital.

— Não quero nem sonhar esta noite — murmurou ela, enquanto

apagava.

Ele entrou no elevador, com o gato atrás.

Não. — Ele esfregou de leve os lábios sobre os cabelos de Eve, —

Sem sonhos esta noite.

Document Outline

- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS
- CAPÍTULO TRÊS
- CAPÍTULO QUATRO
- CAPÍTULO CINCO
- CAPÍTULO SEIS
- CAPÍTULO SETE
- CAPÍTULO OITO
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO QUATORZE
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE